



MATE O PRÓXIMO

Federico Axat





Federico Axat

MATE o PRÓXIMO

Tradução
Marcelo Barbão



VERUS
EDITORIA

Editora

Raïssa Castro

Coordenadora editorial

Ana Paula Gomes

Copidesque

Lígia Alves

Revisão

Raquel de Sena Rodrigues Tersi

Capa, projeto gráfico e diagramação

André S. Tavares da Silva

Foto da capa

Jake Hegel/Arcangel Images

Título original

La última salida

ISBN: 978-85-7686-634-3

Copyright © Federico Axat, 2016

Todos os direitos reservados.

Edição publicada mediante acordo com Pontas Literary & Film Agency

Tradução © Verus Editora, 2017

Direitos reservados em língua portuguesa, no Brasil, por Verus Editora. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da editora.

Verus Editora Ltda.

Rua Benedicto Aristides Ribeiro, 41, Jd. Santa Genebra II, Campinas/SP, 13084-753

Fone/Fax: (19) 3249-0001 | www.veruseditora.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

A975m

Axat, Federico, 1975-

Mate o próximo [recurso eletrônico] / Federico Axat; tradução Marcelo Barbão. - 1. ed. - Campinas, SP: Verus, 2017.
recurso digital

Tradução de: La última salida

Formato: epub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN: 978-85-7686-634-3 (recurso eletrônico)

1. Ficção argentina. 2. Livros eletrônicos. I. Barbão, Marcelo. II. Título.

17-43151

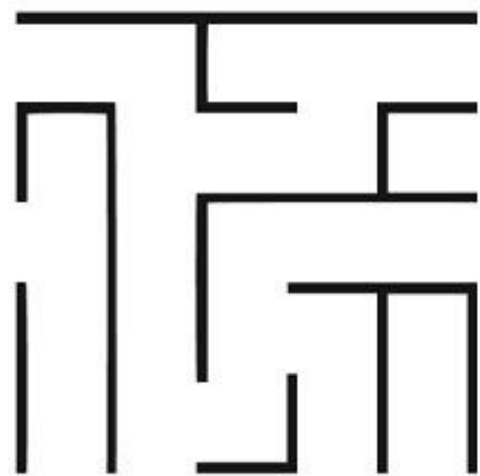
CDD: 868.99323

CDU: 821.134.2(82)-3

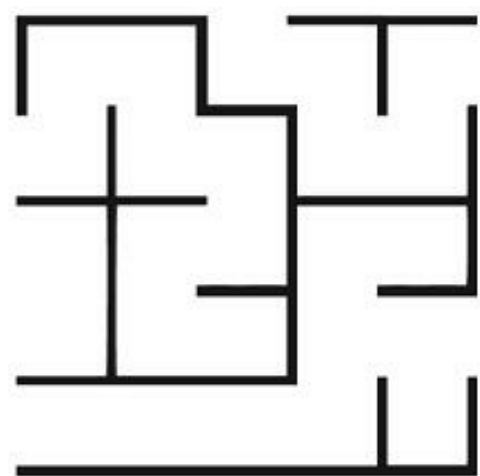
*Aos meus pais,
Luz L. Di Pirro e
Raúl E. Axat*

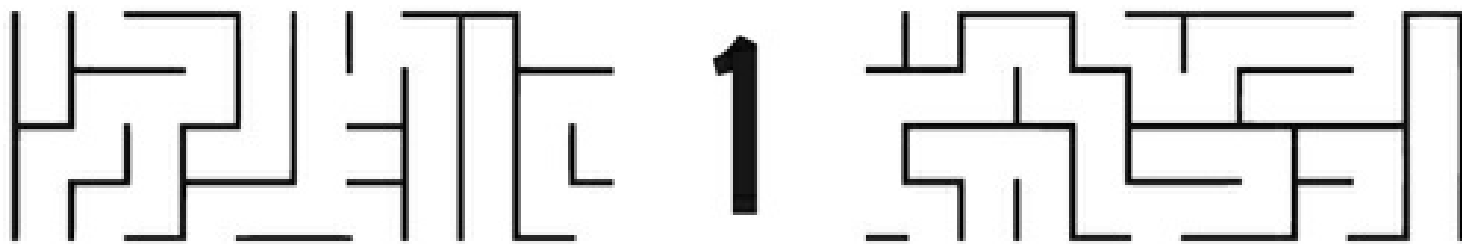
O dedo no aço
A pistola ficou pesada
Ele podia sentir o seu coração batendo
Batendo, meu amor.

— U2, “Exit”



PARTE I





TED MCKAY ESTAVA PRESTES A se matar com um tiro na cabeça quando a campainha de sua casa começou a tocar. Com insistência.

Esperou. Não podia apertar o gatilho com alguém lá fora.

Vá embora, quem quer que seja.

Outra vez a campainha, depois um homem berrou:

— Abra a porta. Eu sei que pode me ouvir!

A voz chegou até o escritório com uma clareza assombrosa, tanto que por um breve instante Ted duvidou de que tivesse sido real.

Olhou em volta, como se procurasse na solidão do cômodo uma prova da veracidade daquele grito. Ali estavam os seus livros de finanças, a reprodução do Monet, a mesa... e, por fim, a carta em que ele explicava tudo para Holly.

— Abra, por favor!

Ted continuava com a Browning a centímetros da cabeça; a arma começava a ficar pesada. O seu plano não funcionaria se aquele homem ouvisse o disparo e chamasse a polícia. Holly e as meninas estavam na Disney, e ele não permitiria que recebessem tal notícia tão longe de casa. Não, senhor.

Uma série de batidas na porta se juntou à campainha.

— Vamos! Não vou embora enquanto você não abrir!

O revólver começou a tremer. Ted o apoiou sobre a coxa direita. Passou os dedos da mão esquerda pelo cabelo e voltou a xingar o estranho. Seria um vendedor? Naquele bairro próspero eles não eram bem-vistos, e menos ainda se se apresentassem daquele jeito descarado.

Durante alguns segundos não houve mais gritos nem batidas, e Ted começou a levar a arma outra vez à cabeça, muito lentamente.

Começava a pensar que talvez o homem tivesse se cansado e ido embora quando uma enxurrada de batidas e berros confirmou o contrário. Ted não ia abrir, de jeito nenhum... Esperaria. O impertinente teria que se resignar em algum momento, certo?

Então algo na mesa captou sua atenção: um papel dobrado ao meio, idêntico ao que tinha deixado no centro da mesa para Holly, só que este não exibia o nome de sua esposa. Será que ele tinha sido tão estúpido a ponto de se esquecer de jogar algum dos rascunhos no lixo? Enquanto os berros continuavam na porta, ele se consolou pensando que pelo menos alguma coisa boa sairia daquela interrupção inesperada. Abriu o papel e leu o bilhete.

O que viu o deixou gelado. Era sua própria caligrafia. Mas não se lembrava de ter escrito nenhuma daquelas duas frases.

*Abra a porta
É sua última saída*

Teria escrito isso num contexto que agora não recordava? Seria alguma brincadeira com Cindy ou Nadine, talvez? Não conseguia encontrar explicação para o bilhete... não naquela situação maluca, com um lunático tentando derrubar a porta. Mas devia existir uma explicação, claro.

Engane-se quanto quiser.

A Browning pesava uma tonelada na sua mão direita.

— Abra de uma vez, Ted!

Tomou um susto, ficou alerta. Tinham chamado seu nome? Ted não tinha uma relação muito estreita com os vizinhos, mas pelo menos achava que conhecia a voz deles, e a desse homem não se parecia em nada com nenhuma delas. Levantou-se e pousou a pistola sobre a escrivaninha. Sabia que não teria escolha a não ser ir ver quem era. Pensando bem, não era o fim do mundo. Quem quer que fosse aquele cara impertinente, se livraria dele com rapidez e voltaria para o escritório para acabar com a sua vida de uma vez por todas; tinha planejado tudo durante semanas e não desistiria no último instante por causa de um vendedor mal-educado.

No canto do cômodo havia um pote com canetas, clipes, borrachas usadas e todo tipo de miudeza inútil. Ted se virou com um movimento rápido e viu a chave que tinha guardado no pote havia menos de dois minutos. Pegou-a entre os dedos e a olhou com a descrença típica de quem reencontra algo que achava que nunca mais veria na vida. Nesse momento, supunha-se que ele estaria encostado em sua poltrona reclinável, com restos de pólvora na mão e flutuando para a luz.

Quando se decide acabar com a própria vida — não importa que não se tenha dúvidas a respeito —, os minutos finais colocam à prova a vontade de qualquer um; Ted acabava de aprender a lição, e detestava ter que passar por isso de novo.

Seguiu até a porta do escritório verdadeiramente aborrecido, enfiou a chave e abriu. Sentiu outra pontada de ira ao ver o bilhete colado do outro lado, um pouco acima da altura de seu rosto. Era um alerta para Holly. “Amor, deixei uma cópia da chave em cima da geladeira. Não entre com as meninas. Eu te amo.” Parecia cruel, mas Ted tinha pensado em tudo cuidadosamente. Não queria que uma de suas filhas encontrasse seu corpo caído atrás da escrivaninha com um buraco na cabeça. Por outro lado, morrer no escritório fazia todo o sentido. Tinha considerado seriamente a possibilidade de se jogar no rio, ou viajar para longe e se deixar atropelar por um trem, no entanto sabia que para elas a incerteza seria pior. Especialmente para Holly. Ela precisaria vê-lo com os próprios olhos, ter certeza. Precisaria... do *impacto*. Era tão jovem e bonita, e poderia refazer sua vida. Seguiria em frente.

Começou uma sequência de batidas.

— Já vou! — Ted gritou.

As batidas pararam.

Abra a porta. É sua última saída.

Ele podia ver a silhueta do visitante atrás da janelinha ao lado da porta. Atravessou a sala com o andar lento, quase desafiador. Outra vez observava tudo, como tinha feito com a chave do escritório alguns instantes antes. Viu a televisão enorme, a mesa para quinze pessoas, os vasos de porcelana. Do seu jeito, tinha se despedido de cada um daqueles objetos mundanos. No entanto, lá estava ele, o bom e velho Teddy, andando na própria sala como se fosse um fantasma.

Parou. Seria essa a sua versão da *luz*?

Por um instante teve a absurda necessidade de voltar para o escritório e comprovar se via atrás da mesa o seu próprio corpo caído. Esticou o braço e passou os dedos pelo encosto do sofá. Sentiu o contato frio do couro, real demais para ser fruto da imaginação, pensou. Mas como ter certeza?

Abriu a porta e, ao ver o jovem na soleira, soube que poderia ter sobrevivido como vendedor apesar de seus modos. O homem tinha uns vinte e cinco anos, vestia uma calça branca impecável com um cinto de couro de cobra e camisa polo com faixas horizontais coloridas. Parecia mais um jogador de golfe do que um vendedor, embora a mão direita segurasse uma valise de couro tão desgastada que destoava da vestimenta. Tinha uma cabeleira loira que chegava até os ombros, olhos azuis e um sorriso obsceno que não ficava devendo nada ao próprio Joe Black. Ted imaginou Holly, ou qualquer outra mulher do bairro, comprando daquele cavaleiro alguma bugiganga que ele tentasse vender.

— Seja o que for, não estou interessado — Ted disse.

O sorriso cresceu.

— Ah, acho que não vim vender nada. — Ele falou isso como se fosse a coisa mais ridícula do mundo.

Ted deu uma olhada por cima do ombro do estranho. Não havia nenhum carro parado na rua, tampouco ao longo do Sullivan Boulevard. O calor não era tão intenso naquela tarde, mas

andar uma distância considerável sob o sol deveria ter deixado alguma sequela naquele jovem de beleza audaciosa. Além disso, por que ele estacionaria o carro tão longe?

— Não se assuste — o jovem disse, como se pudesse ler sua mente. — O meu sócio me deixou aqui na porta para não despertar suspeitas no bairro.

A menção a um *cúmplice* não afetou Ted. Morrer num assalto seria até mais honroso do que se dar um tiro.

— Estou ocupado. Preciso que você vá embora.

Ted começou a fechar a porta, mas o homem estendeu o braço e o impediu. Não foi uma atitude necessariamente hostil; seus olhos tinham um brilho suplicante.

— Meu nome é Justin Lynch, sr. McKay. Se me...

— Como sabe o meu nome?

— Se me deixar entrar e falar com o senhor dez minutos, eu explico.

Houve um instante de expectativa. Ted não permitiria que aquele homem entrasse na sua casa, isso estava mais do que claro. No entanto, devia admitir que sua presença despertava certa curiosidade. No fim, a razão se impôs.

— Sinto muito. Não é um bom momento.

— O senhor está enganado. Este é o mom...

Ted fechou a porta. As palavras finais de Lynch chegaram amortecidas do outro lado, perfeitamente audíveis. “É o momento perfeito.” Ted continuava diante da porta, ouvindo, como se soubesse que teria algo mais.

E foi exatamente isso que aconteceu. Lynch falou num tom mais alto, para ser ouvido.

— Eu sei o que você quer fazer com a nove milímetros que deixou no escritório. Prometo uma coisa: não vou tentar dissuadi-lo.

Ted abriu a porta.



TED FORA EXTREMAMENTE CAUTELOSO COM o planejamento do suicídio. Não tinha sido uma decisão de última hora, impulsiva, nem cheia de pontas soltas. Ele não ia ser daqueles que planejam tudo de maneira desencontrada para chamar atenção. Ou era o que achava. Porque, se fora tão cuidadoso com tudo, como era possível que Lynch soubesse? O visitante de sorriso largo e feições perfeitas tinha sido preciso em relação ao calibre da arma e ao lugar em que Ted a deixara. Se bem que conjecturar sobre a possibilidade de Ted tirar a própria vida no escritório não era algo disparatado; parecia uma especulação afortunada, e Lynch a formulara sem vacilação alguma.

Estavam sentados à mesa, um de frente para o outro. Ted experimentou uma sensação que era sua velha conhecida: o estremecimento por causa da descarga de adrenalina e a consequente agudez de pensamento com o objetivo de levar vantagem sobre o adversário da vez. Fazia anos que não jogava xadrez, no entanto a sensação foi inconfundível. E prazerosa.

— Então o Travis pediu para você me espionar — afirmou.

Lynch, que tinha colocado a valise de couro sobre a mesa e parecia disposto a abri-la, parou com certa consternação no rosto.

— O seu sócio não tem nada a ver com isso, Ted. Se importa se eu o chamar de Ted?

Ted deu de ombros.

— Não vejo fotos de suas filhas, Nadine e Cindy — Lynch disse, com o olhar voltado para o conteúdo da mala. Parecia estar procurando alguma coisa.

De fato, não havia fotografias de familiares. Ted tinha tirado todas da sala. Um conselho: se for se suicidar, tire do caminho as fotos da família. É mais simples planejar tudo sem a observação constante de seus entes queridos.

— Não volte a mencionar as minhas filhas.

Lynch exibiu um sorriso fabuloso. Ergueu as mãos.

— Eu só estava tentando ganhar a sua confiança, conversar um pouco. Já vi fotos das duas e sei que agora mesmo estão com a mãe na Flórida. Foram visitar os avós, não é mesmo?

O comentário parecia tirado de um filme de mafiosos. Nós sabemos onde está a sua família, não se ache tão esperto. No entanto, havia algo genuíno na atitude de Lynch, como se realmente procurasse se mostrar amável.

— Eu permiti que você entrasse na minha casa. Acho que isso já envolve certa confiança.

— Fico feliz.

— Fale o que mais sabe sobre a minha família.

Lynch tinha as mãos apoiadas na mala. Com uma delas, fez um gesto desinteressado.

— Ah, acho que não muito. Não gostamos de nos intrometer mais do que o necessário. Eu sei que elas voltam de viagem na sexta-feira, então nós temos três dias para nos ocuparmos dos nossos assuntos. Tempo mais do que suficiente.

— Nossos assuntos?

— É claro!

Lynch tirou da valise duas pastas finas e as colocou ao lado. Afastou a valise.

— Ted, você já pensou em matar alguém?

É incrível como esse cara gostava de ir direto ao assunto!

— Você é policial? Se for, deveria ter se identificado.

Ted ficou de pé. Aquelas pastas deviam estar cheias de fotos escabrosas. Ele havia sido espionado como suspeito de um assassinato, e o suicídio tinha sido a peça decisiva para assumirem sua culpa. Por isso a insistência de Lynch quando estava do lado de fora. Seria ele um agente do FBI?

— Não sou policial, Ted. Sente-se, por favor.

— Quero que você vá embora da minha casa agora mesmo. — Ted apontou para a porta, como se Lynch não conhecesse o caminho.

— Você quer mesmo que eu vá embora sem termos discutido como é que nós sabemos sobre o suicídio?

Aquele cara era bom. Efetivamente, Ted *queria* saber.

— Você tem cinco minutos para me explicar.

Ted não se sentou.

— Acho justo — disse Lynch. — Vou explicar agora mesmo. Eu trabalho para um grupo interessado em fazer pessoas como você conhecerem pessoas como as que eu tenho aqui. — Ele pousou a mão sobre as pastas. — Se você concordar, vou abrir uma destas pastas para que possamos dar uma olhada. Você vai entender muito rápido; é inteligente.

Lynch abriu uma delas e a colocou no centro da mesa, voltada para Ted, que continuava de pé, com as mãos na cintura.

A primeira folha exibia a cópia de uma ficha policial. No canto estavam as fotos de frente e de perfil de um homem de cerca de vinte e cinco anos. Ele tinha a pele bronzeada e o cabelo

impecavelmente penteado com gel. Olhava para a câmera com uma atitude desafiadora, o queixo levemente erguido e os olhos claros abertos ao máximo. O nome era Edward Blaine.

— Blaine teve condenações menores no passado, furtos e agressões — Lynch explicou enquanto virava a página. — Desta vez foi acusado de assassinar a namorada.

Ted não tinha errado em uma coisa: naquelas pastas havia, sim, fotos escabrosas. A que vinha em seguida era a de uma mulher brutalmente assassinada, deitada no espaço minúsculo entre a cama e o guarda-roupa; tinha pelo menos sete punhaladas no peito nu.

— O nome dela era Amanda Herdman. Ela e Blaine se viam ocasionalmente; não era nada muito formal. Ele conseguia droga barata e de tempos em tempos eles tentavam algo um pouco mais sério, mas, segundo os amigos dos dois, era um ciclo interminável de brigas e reconciliações. Quando a mulher apareceu morta no apartamento dela, a polícia foi direto em cima do Blaine. O cara admitiu ter discutido com Herdman por causa de um ataque de ciúme, mas claro que negou tê-la esfaqueado. Quer ouvir o final da história? Não conseguiram provar nada. Tiveram que liberá-lo.

Em algum momento Ted tinha sentado. Não conseguia tirar os olhos daquelas fotos. Lynch virou a página; havia alguns closes: o olho inchado de Amanda, cortes profundos no peito, machucados por toda parte.

— Inocente? — perguntou, perplexo.

— O filho da puta teve o cuidado de não golpeá-la com os punhos, e claro que não encontraram a arma do crime. Havia digitais dele em toda a casa, mas nenhuma no corpo.

— Mas ele praticamente confessou quando admitiu a discussão.

— A defesa alegou que a confissão foi obtida sob pressão, o que era parcialmente correto, e conseguiu provar. A questão técnica que inocentou o Blaine foi a análise do legista sobre a hora da morte. O perito da promotoria situou a hora da morte entre sete e dez da noite. Durante essa janela de tempo, várias testemunhas declararam ter visto o Blaine em um bar de má reputação chamado Black Sombrero. Parece que ele se preocupou especialmente em ser visto pela maior quantidade de pessoas possível; tinha mais de trinta testemunhas confiáveis e até imagens das câmeras do estacionamento.

Ted virou as páginas. Havia mais algumas fotografias do corpo de Herdman e cópias dos documentos com passagens destacadas.

— Já entendeu tudo, não é, Ted?

Ted de fato começava a entender.

— Como vocês sabem que o Blaine a assassinou?

— A organização que eu represento tem informantes dentro do sistema penal. Eu não me refiro a delinquentes; preferimos não nos meter com eles. São advogados, juízes ou assistentes que sabem quando um caso de assassinato cheira mal. Nós nos encarregamos de... *eliminar* as dúvidas. Quanto ao Blaine, a explicação é extremamente simples, embora seja quase seguro que para o cara foi um golpe de sorte. Nós contratamos um especialista e perguntamos como era possível uma falha tão grande na determinação da hora da morte. Ele disse que essas provas

dependem da temperatura corporal, medida no momento em que o corpo é encontrado. A curva da queda da temperatura de um cadáver é conhecida e...

— Eu sei como é o procedimento — Ted interrompeu. — Também assisto *CSI*.

Lynch riu.

— Eu vou direto ao ponto, então. Quando nós visitamos o local do crime, entendemos. Embaixo do apartamento da Amanda Herdman, que agora está vazio, há uma lavanderia industrial. O principal tubo de ventilação fica bem debaixo do lugar onde o cadáver da mulher foi encontrado, no primeiro andar. Dessa forma, o corpo foi mantido quente e a perda de temperatura foi mais lenta que o normal.

— Ou seja, o cara a matou antes.

— Exato. Umas seis ou oito horas antes. A morte não aconteceu à noite, mas por volta do meio-dia, antes do Blaine ir para o bar.

— E não foi possível reabrir o caso?

— Já houve apelação e ratificação no Tribunal. Nós não culpamos o sistema judiciário; preferimos pensar que às vezes algum filho da puta se aproveita das brechas que ele apresenta. Também acontece o contrário, infelizmente. Mas aqui não se trata de comparar, não acha?

Ted não precisava ouvir mais nada.

— E você quer que eu mate o Blaine, é isso?

Lynch exibiu seus dentes perfeitos.

— Eu já disse que o senhor é um homem inteligente.



ELE PAROU NA FRENTE DA GELADEIRA. Sustentada por um ímã em forma de maçã, havia uma fotografia de Holly que esquecera de tirar. As meninas tinham decorado as bordas com uma série de retângulos concêntricos de glitter. Holly saía do mar correndo, com um biquíni vermelho que durante muito tempo tinha sido o favorito de Ted. Ria, com a cabeça de lado e o cabelo ondulado comprido e loiro. A foto tinha sido tirada no momento exato em que uma de suas pernas desaparecia atrás do joelho, de modo que seu único apoio parecia violar as regras básicas do equilíbrio.

Fazia muito tempo que a foto estava ali. Ted olhou para ela, esquecendo a razão que o levara à cozinha em primeiro lugar. Pegou-a pela ponta e puxou. Quase conseguia escutar a risada de Holly e imediatamente depois seu choro, interrompido pelos gritos assustadores na porta do escritório... Como poderia fazer uma coisa dessas com ela?

Abriu uma gaveta qualquer e deixou a fotografia perto de uns utensílios desconhecidos para ele.

Na geladeira ainda havia duas cervejas. Agarrou-as pelo gargalo com uma única mão e fechou a porta com o pé. Ficou apoiado na pia. Lynch continuava na sala, e convidá-lo para beber tinha surgido como algo espontâneo, embora agora se arrependesse. Ted precisava pensar um instante sozinho, porque, assim que aquele estranho insinuara seu plano, a verdade é que havia sentido um formigamento inexplicável no corpo. Não era partidário da justiça pelas próprias mãos — não no sentido estrito da palavra —, embora acreditasse que o mundo funcionaria muito melhor sem parasitas como Blaine. Matar uma pessoa não o motivava; ele nem sequer apoiava a pena de morte — ou era o que dizia quando perguntavam. Às vezes, no estande de tiro, enquanto a silhueta de papel se deslocava e ele procurava acertar bem na cabeça, fantasiava que estava abatendo um dos *caras maus*, alguém que cometera uma

atrocidade ou um ato desprezível. Ted assentiu para si mesmo. Lynch podia não ser um vendedor no sentido estrito da palavra, mas tinha conseguido apertar o botão apropriado para que Ted considerasse seriamente sua oferta.

Continuava com o olhar fixo no ímã em forma de maçã. Agora que a fotografia de Holly estava fora de vista, podia pensar com clareza. As ideias de Lynch eram sedutoras; havia algo profundo, algo decisivo, a convicção de que, se Ted matasse um dos caras maus, então Holly e as meninas o veriam como um justiceiro, não como um covarde.

Enquanto voltava para a sala, teve a falsa ideia de que não encontraria ninguém. Lynch teria ido embora, ou, pior ainda, o encontro entre os dois teria sido fruto de sua imaginação.

Mas ele continuava ali, com as duas pastas diante de si. Levantou-se para pegar a garrafa que Ted oferecia e agradeceu com uma inclinação de cabeça. Bebeu um longo gole.

— Como vocês souberam? — Ted voltou a se sentar.

— Sobre o suicídio?

Ted assentiu.

— A organização tem seus métodos, Ted. Não sei se é prudente revelá-los.

— Acho que é o mínimo que eu mereço, se você está me pedindo para matar um homem.

Lynch refletiu.

— Isso significa que eu tenho um sim para a nossa proposta?

— Não significa absolutamente nada. Por enquanto, eu quero que você me conte como souberam.

— Parece justo. — Lynch bebeu outro gole e deixou a garrafa sobre a mesa. — Temos duas formas de selecionar os nossos candidatos. A primeira é a que nos fornece a maioria deles, mas é também a que demonstrou ser menos eficiente. Uma lástima, sem dúvida. Nós contamos com psicólogos comprometidos com a causa que nos alertam sobre casos potenciais; é uma liberdade que nos permitimos, os profissionais e nós, pois sabemos que viola parcialmente a confidencialidade dos pacientes. Apesar disso, nunca forçamos ninguém. Nós nos apresentamos, como eu fiz aqui na sua casa, e fazemos nossa oferta. Se não for aceita pelo candidato, desaparecemos sem deixar nenhum tipo de rastro. No seu caso, devo reconhecer, minha entrada foi um pouco mais intempestiva que o habitual. Achei que... bom, que tinha chegado tarde demais.

— Você esteve me espionando?

— Não exatamente. Quando chego à casa de um candidato, costumo dar uma olhada na propriedade. Embora no seu caso nós soubéssemos que a sua esposa e filhas estavam viajando, sempre pode haver um familiar ou amigo inesperado... ou um cachorro que não gosta de visitas. Enquanto eu caminhava pelo terreno para me assegurar de que tudo estava em ordem, vi pela janela do escritório o que você estava para fazer.

— Entendo. Então vocês estavam mesmo me espionando.

— Desculpe. Nós tentamos nos intrometer o mínimo possível.

— Qual é a outra forma de seleção?

— Ah, sim. Veja, Ted, muitas pessoas são gratas pela organização e, de alguma forma, se sentem *em dívida* conosco. Vários desses profissionais dos quais eu falei fazem parte desse grupo. Mas em geral se trata de...

— De pessoas ligadas às vítimas. — Ted apontou para as pastas.

Lynch parecia se sentir mais tranquilo com insinuações do que com referências diretas. Uma careta de desagrado apareceu durante um breve instante.

— Isso mesmo — reconheceu, disposto a mudar de assunto. — Agora me permita explicar o que tem na outra pasta.

Ele deixou de lado a pasta de Blaine. Abriu a outra, que era muito mais fina. Na primeira página havia a foto colorida de um homem de pé no convés de um barco. Tinha uns quarenta anos, usava colete salva-vidas e segurava uma vara de pescar com um peixe enorme.

— Quem é esse?

— O nome dele é Wendell. Talvez você tenha ouvido falar. É um empresário muito conhecido.

— Não conheço.

— Melhor assim.

Ted devolveu a fotografia. A pasta continha poucas folhas datilografadas e alguns mapas com direções. Pouca informação em comparação com a outra.

— Em quem o empresário deu fim? Na esposa?

Lynch sorriu.

— O Wendell não tem esposa. E não deu fim em ninguém. Ele não é como o Blaine, é como você.

Ted arqueou as sobrancelhas.

— Ele também ia tirar a própria vida — Lynch disse. — E, como você, sabe a dor e a incompreensão que isso traria para os seus entes queridos. O trato é o seguinte, Ted: você mata o Blaine e dessa forma garante a paz e a justiça para a família de Amanda Herdman. Nós, em agradecimento, permitimos que você seja parte de uma corrente na qual o Wendell é um elo, e você vem depois.

Ted meditou por um segundo. Entendeu rapidamente.

— Depois de matar o Blaine, devo matar o Wendell?

— Exato. Ele já sabe, vai estar esperando. Da mesma maneira que você, depois, vai esperar aqui na sua casa que o próximo elo da corrente se apresente. Pense nisso, Ted. Pense na diferença para sua família quando descobrirem que um desconhecido entrou na sua casa e atirou em você, em comparação com um suicídio.

— Não continue.

— Eu sei que você pensou em tudo — Lynch prosseguiu, ignorando o pedido de Ted —, que tirar a vida é melhor que desaparecer sem deixar rastro. Mas agora se apresenta a possibilidade perfeita de ser morto, de ser recordado como uma vítima, fruto de uma

fatalidade. Pense como será mais simples para as suas filhas superar algo assim. Não sei se você sabe, mas muitos filhos, especialmente se são pequenos, nunca se recup...

— Chega! Já entendi.

— E então, o que acha?

— Preciso pensar um pouco mais. O Wendell é inocente.

— Vamos, Ted. Eu fiz isso muitas vezes. Você já sabe a resposta. O acordo não é benéfico só para você; também vai ajudar o Wendell, que neste momento está esperando na sua casa do lago que se cumpra a última vontade dele.

— Por que vocês mesmos não cuidam dele?

Lynch nem se abalou. Seu sorriso mostrava que, efetivamente, e como ele mesmo acabava de dizer, havia protagonizado esse primeiro ato de convencimento muitas vezes. Ele sabia responder cada pergunta. Sua participação era como a de um atendente de telemarketing, que não faz outra coisa a não ser seguir um roteiro preestabelecido.

— Somos os caras bons da história, Ted. Acreditamos que quem mata deve morrer. Nós nos limitamos a conectar os que conseguiram burlar o sistema com aqueles que estão dispostos a dar a própria vida por uma razão justa. E escolhemos você. É a sua oportunidade. E temo que seja a última.

Ted olhou para o próprio colo. Do bolso da calça sobressaía o bilhete encontrado na mesa. Nem sequer se lembrava de tê-lo colocado ali. Pegou-o e abriu, fora do alcance de Lynch, que o observava, ansioso, à espera da resposta definitiva.

“É SUA ÚLTIMA SAÍDA”, leu.

Lynch acabara de utilizar praticamente as mesmas palavras.



EDWARD BLAINE VIVIA SOZINHO EM um bairro de classe média. Seus vizinhos o odiavam. Sua personalidade apática e os segredos em relação a suas atividades tinham deteriorado a relação até transformá-la em uma tensa e incômoda convivência. Blaine era um lixo, e o pior de tudo era que o filho da puta parecia se sentir satisfeito com isso, desafiando todos que ficassem em seu caminho com seus óculos espelhados e seu sorriso confiante. Tinham tentado falar com ele, de maneira conciliadora e também ameaçadora, mas nada havia funcionado. Como um menino rebelde — embora já tivesse passado dos trinta —, parecia obstinado em incomodar cada vez que alguém se aproximava ou pretendia chegar a algum tipo de acordo com ele. Não cumpria nenhuma norma de convivência, a começar pelo cuidado com o jardim ou com o cachorro, Magnus, um terrível rottweiler que tinha a infelicidade de passar horas preso e latindo para quem estivesse a seu alcance. As farras com amigos, o barulho estrondoso de sua motocicleta, a música a todo volume, tudo isso era rotina. Não era raro chegar em casa com prostitutas, alcoolizado ou drogado, e mais tarde expulsar as pobres mulheres, que caminhavam seminuas pela calçada esperando um táxi.

Quando a acusação de assassinato contra Blaine se tornou pública, muitos comemoraram e até mesmo se ofereceram para testemunhar sobre as condutas impróprias do vizinho. Vários lamentaram que Blaine tivesse escolhido matar a mulher na casa dela e não na dele, pois nesse caso poderiam afundá-lo ainda mais com um testemunho confiável que o deixaria atrás das grades por uns bons anos. Ninguém duvidava de que Blaine era o assassino da pobre garota. Os vizinhos comemoraram antecipadamente o que acreditavam ser um fato consumado: Blaine seria levado a julgamento e considerado culpado do assassinato de Amanda Herdman. Um sonho feito realidade.

Só que o promotor se viu obrigado a soltá-lo. Um álibi sólido como uma rocha foi o que possibilitou isso. Várias testemunhas viram o desgraçado em um bar na hora do assassinato, e algumas câmeras de segurança mostravam a impossibilidade de Blaine ser o assassino. Seus vizinhos não tinham a mesma opinião, claro; não sabiam como o filho da puta tinha conseguido burlar o sistema judiciário; talvez tivesse um irmão gêmeo ou coisa parecida, mas de alguma forma tinha enganado todo mundo. Agora teriam de lidar não só com um cara detestável, mas também com um assassino. Muitos consideraram seriamente a possibilidade de se mudar.

Enquanto degustava um hambúrguer, na mesa lateral de uma lanchonete, Ted leu com atenção o relatório que Lynch tinha entregado. Ninguém sentiria falta de Edward Blaine, pensava. Ele poderia entrar na casa pela porta principal sem se preocupar em ser visto; os vizinhos não fariam nada. Memorizou todos os dados de que precisava, como a cópia da chave que o cara escondia embaixo do tapete da entrada. O cachorro não seria um inconveniente.

Enquanto dava mordidas no hambúrguer, elaborou um plano simples; conseguiu esquecer seus próprios problemas entre goles de Coca-Cola e punhados de batata frita, o que não deixou de espantá-lo. As fotografias de Amanda Herdman e alguns detalhes escabrosos do passado e do presente de Blaine ajudaram Ted a *realmente* sentir o desejo de assassiná-lo. Ele acabava de entender o que Lynch dissera sobre os problemas do sistema. Havia algo revitalizante em poder retificar esse erro, e Ted podia sentir isso.

Na casa de Blaine, escondeu-se no armário do quarto de hóspedes do térreo, sentado confortavelmente entre algumas caixas que tinha se permitido reacomodar. Na parte inferior da prateleira, sobre sua cabeça, havia um adesivo do Buzz Lightyear que brilhava no escuro. Imaginou o menino que havia colado o adesivo ali para se trancar e apreciar seu brilho, tal como ele fazia nesse momento. Experimentou certa nostalgia, agora que o bom Buzz tinha sido esquecido pelo dono e estava condenado a brilhar na solidão.

Blaine chegou quatro horas depois. Ted tinha percorrido a casa antes de se esconder, e conseguiu imaginar onde estaria Blaine a cada instante. Veio da garagem, falando ao telefone, uma conversa engraçada, depois tomou banho. Existia a possibilidade nada remota de Blaine decidir sair essa noite, mas isso não inquietava Ted... ele esperaria. Já estava no armário havia horas, e poderia continuar ali o tempo que fosse preciso. Por alguns momentos, dormiu.

Repassou o plano, que decepcionaria qualquer produtor de Hollywood. Não haveria confrontos nem declarações vingativas, muito menos avisos de nenhum tipo. Ted esperaria que Blaine estivesse dormindo em seu quarto, sairia do armário e o liquidaria sem que o cara acordasse. Até tinha o seu lado piedoso.

Às nove e meia da noite — Ted controlava perfeitamente o tempo graças ao celular —, Blaine estava na sala vendo tevê, provavelmente jantando algo rápido, ocasionalmente insultando o concorrente de um jogo idiota de perguntas e respostas. O panorama era incerto. Blaine poderia ter saído para beber, e nesse caso a espera teria sido eterna, poderia ter recebido

visitas ou se comportado bem e ido para a cama cedo. No entanto, um detalhe nada pequeno podia complicar tudo. Ted percebeu antes mesmo do próprio Blaine e imediatamente ficou em alerta, aguçando o ouvido na escuridão que o envolvia, tentando escutar além dos aplausos gravados e da voz estridente do apresentador. Magnus começou a emitir uma série de uivos tristes do jardim da frente. Ted fez uma careta de frustração e balançou a cabeça. A dose que tinha usado para sedar o cachorro não fora suficiente.

A televisão ficou muda de repente. Depois de um longo silêncio, a porta da rua se abriu e pouco depois voltou a se fechar. Blaine falava ao telefone com alguém, mas o fazia em voz baixa, e era impossível escutá-lo do armário. Andava pela sala, até que finalmente sua voz foi ficando cada vez mais nítida e aconteceu o impensado: entrou no quarto de hóspedes onde Ted estava escondido. Acendeu a luz e fechou a porta. Ted havia aberto a porta do armário uns centímetros, e agora era tarde demais para fechar sem chamar atenção. Blaine estava a poucos metros, caminhando com impaciência do outro lado da cama, prestando atenção ao que dizia seu interlocutor.

— Estou dizendo, Toni. O Magnus está dopado, quase não se mexe. Fizemos algo com ele. Se foi algum dos filhos da puta da vizinhança, eu vou resolver isso agora mesmo... Humm, o quê? Não, não fiz. — Blaine parou. Então sentou-se na cama, de costas para o armário, e baixou o tom de voz. — Tem razão, Toni. Vou agora mesmo ver se está tudo no lugar. Claro que sim. Te ligo daqui a pouco. Tchau.

Saiu do quarto deixando as luzes acesas.

Em duas ocasiões Ted viu Blaine passar, avançando secretamente pelo corredor. Na segunda vez, pareceu notar um brilho proveniente de sua mão direita. Seria questão de tempo até que decidisse vasculhar o quarto de hóspedes. Ted tirou de seu casaco a faca com que pretendia matá-lo enquanto dormisse. Olho por olho, pensou.

Uns dez minutos depois, Blaine estava à porta; realmente tinha uma arma. Por um instante Ted teve certeza de que tinha sido descoberto, de que Blaine havia olhado diretamente para o armário e percebido que a porta estava um pouco aberta. Mas, quando entrou no quarto, voltou a se sentar de costas e pegou o telefone que tinha deixado sobre a cama.

— Oi, Toni. Está tudo no lugar. É, eu queria que você soubesse. Amanhã eu vou descobrir qual dos meus vizinhos fodeu o Magnus. Mas vai ter que ser amanhã. Estou morrendo de sono... faz dois dias que não durmo. Claro... eu já disse que sim. Não se preocupe. Tchau, Toni.

Saiu novamente. Dessa vez apagou a luz.

Ted não guardou a faca. Seria uma armadilha? Por que Blaine não tinha revistado o armário? Decidiu esperar trinta minutos mais para ter certeza de que o dono da casa estava completamente adormecido.

Abriu a porta do armário muito lentamente. Saiu do quarto de hóspedes e cruzou a sala na direção da escada. A luz que vinha do exterior era muito escassa. Magnus não uivava mais, e nesse momento os carros não passavam por Eagle. Um tropeço, um ruído, por mínimo que

fosse, alertaria Blaine. Subiu com cuidado, pisando nos degraus o mais próximo possível da parede. A madeira não o delatou. O mais difícil tinha passado, pensou; todo o andar de cima era acarpetado.

O quarto de Blaine ficava no fim de um estreito corredor. Ted viu a forma inconfundível do homem debaixo de um lençol branco. A luz que entrava pela janela permitiria que Ted avançasse pelo quarto sem medo de se chocar com nada. Ele apertou o cabo da faca e começou a descrever o arco quando...

— Mais um passo e eu estouro a sua cabeça.

A voz veio de suas costas. A ponta de um revólver encostou em sua nuca enquanto a luz artificial o cegava. Quando conseguiu se acostumar, viu o Blaine deitado na cama se transformar em um travesseiro.

Esta é a sua oportunidade. Vire-se e enfie a faca nele. Se ele der um tiro na sua cabeça, você vai ter o que queria, não? O seu cérebro não vai se importar muito com qual bala vai pulverizá-lo...

No bolso da calça estava o bilhete do escritório. *É SUA ÚLTIMA SAÍDA.*

— Jogue a faca no chão — Blaine falou. — Muito bem. Não se vire e levante as mãos.

Parecia que ia haver um diálogo hollywoodiano, afinal.

Ted não estava nervoso. O fato de Blaine não ter atirado já dizia muito sobre suas dúvidas. Estaria se perguntando quem seria a pessoa que tinha tentado matá-lo. Ele sabia, além disso, que o que menos precisava era de um cadáver em sua própria casa, sem mencionar que o disparo poderia chamar a atenção dos vizinhos. Ted se maravilhou com a quantidade de pensamentos que desfilavam por sua cabeça com total normalidade. Sentia-se um super-herói. E, no meio daquela série de raciocínios lúcidos, compreendeu que não tinha vontade de morrer nas mãos daquele sujeito. Havia algo indecoroso no fato de ser justamente Blaine; agora que estava na mira do revólver, de costas e indefeso, conseguia entender. Uma coisa era aceitar as condições de Lynch e morrer nas mãos de um estranho para, talvez, atenuar a culpa de sua família, mas Blaine? Talvez fosse o instinto de sobrevivência fazendo das suas. Talvez...

— Você me viu, não é? — Ted perguntou, com a voz firme. — Quando entrou no quarto para falar no telefone... você me viu.

— Quem te mandou aqui?

— Por que você acha que alguém me mandou?

— Se ninguém te mandou, é só falar e a sua vida acaba agora. Se me contar, vai viver um pouco mais. De uma forma ou de outra, você não sai vivo daqui.

— Não é um acordo muito conveniente para mim.

Ted começou a girar, muito lentamente.

— Eu mandei não se virar!

Ted parou.

— Desculpe. É que eu preciso que você veja o meu rosto. Nós nos conhecemos.

Um instante de dúvida.

— Eu não estou reconhecendo a sua voz.

— Eu sei. Quando vir o meu rosto, vai entender. Acredite em mim.

Ele já tinha mordido a isca. Só era preciso puxá-lo da água. Blaine estava intrigado, estaria pensando no rosto de Ted, ocupando sua mente com um problema sem solução.

— Está bem — Blaine assentiu. — Pode se virar. Devagar! E sem abaixar as mãos.

Ted começou a se virar, sem pressa. Calculou o instante preciso em que seus braços, a meia altura, estariam alinhados. Um truque simples. Blaine tinha os olhos na cabeça de Ted, que girava deliberadamente mais devagar que o resto. Foi numa fração de segundo que Ted fez seu rosto se revelar e, ao mesmo tempo, o braço oculto baixar discretamente e se enfiar, veloz, na jaqueta, onde estava a Browning. Blaine percebeu a manobra quando Ted terminava de se virar com a arma na altura do peito e atirava, tudo em um único movimento, sem hesitação. Foi um tiro complicado, com o braço flexionado e de uma altura incômoda, e mesmo assim acertou Blaine no meio da testa. O estrondo rompeu a tranquilidade da noite. *Essa bala estava reservada para mim*, Ted pensou, enquanto o corpo de Blaine caía feito uma marionete.

No bolso havia uma foto de Amanda Herdman. Ele a deixou sobre o peito de Blaine.

Ted ficou ali parado sem desviar o olhar do corpo; Blaine não morreu imediatamente; se retorceu durante alguns segundos até ficar imóvel.

Um barulho na sala o fez voltar ao estado de alerta. Ele não tinha certeza do que havia escutado exatamente, talvez uma cadeira se arrastando. Guardou a Browning e recuperou a faca. Caminhou pelo corredor até o corrimão e olhou com cuidado para ter uma visão aérea da sala. O que viu o impressionou de tal modo que anulou o ato reflexo de se esconder. No centro da sala havia um homem de pé. Era negro, muito magro, usava calça cinza e um jaleco de laboratório. Observava Ted como se soubesse que ele apareceria naquele instante. Esboçava um sorriso horripilante.

— Oi, Ted — disse, com a voz grave. Exibiu uma palma rosada em saudação.

Ele não achou estranho que o homem soubesse seu nome. Ultimamente essa parecia ser a regra com os desconhecidos.

Ted desceu a escada sem tirar os olhos do homem.

— Você trabalha para eles? — perguntou quando chegou ao térreo. Apoiou-se no corrimão, com a Browning na lateral do corpo. Algo lhe dizia que aquele homem não era uma ameaça.

Do lado de fora não havia movimento, embora fosse muito cedo para a polícia chegar. Magnus decididamente tinha sentido a presença de estranhos na casa, porque uivava de novo, de tempos em tempos. Saberia que seu dono estava morto? Um cachorro podia farejar sangue a essa distância? Possivelmente sim. Com evidente esforço, seus uivos se transformavam em latidos curtos.

— Quem diabos é você?

O homem sorriu.

— Eu sou o Roger, Ted.

— Roger do quê? Só Roger? O outro pelo menos disse o sobrenome. — Ted esfregou a testa com o dorso da mão livre. — Olha, eu não sei o que você está fazendo aqui, mas a polícia vai chegar a qualquer momento. Lá em cima tem um cara morto e do lado de fora um rottweiler bastante perturbado. Eu vou cair fora.

Roger esboçou um sorriso quase paternal.

— Não me ouviu? — Ted insistiu.

— Por que não conversamos um pouco naquela sala?

Ted o observou com perplexidade. O que aquele cara fazia ali? Para que controlá-lo dessa maneira?

— Acho que não. Você está louco. Não ouviu o disparo?

— Foi o Blaine, não foi? — Roger pronunciou a frase como se fosse a sequência de um programa de computador.

— Foi. Quem mais seria?

— Você atirou nele?

O cara devia ter ouvido o tiro. Ted não respondeu.

— Que sorte que você tinha o revólver — Roger sentenciou.

— É bom estar preparado... para emergências.

A essa altura Ted não tinha certeza do motivo de não ir embora de uma vez. Havia algo na forma de falar daquele homem, uma cadência hipnotizadora.

— Você também está usando luvas — recitou Roger enquanto apontava para as mãos de Ted —, uma faca e um revólver de emergência. Sedou o cachorro?

Roger movia a cabeça suavemente, afirmando com admiração.

— Vocês queriam que eu o matasse, não? — Ted indignou-se.

— Deixou uma fotografia em cima do corpo dessa vez?

Dessa vez?

— Deixei. — Ted estava resignado. Que sentido teria perguntar se aquele homem havia espionado ou possuía uma bola de cristal? — Se não se importa, sr. Roger, vou embora. Tudo bem? Eu, se fosse você, faria o mesmo.

Ted foi até a porta. Mas algo não estava bem. Através de uma janela pequena, conseguiu ver uma silhueta que saía do jardim e cruzava a rua a toda a velocidade em direção a um carro. Nesse momento, a luz de um poste o iluminou e a camisa polo com listras foi perfeitamente distinguível. Era Lynch.

Ele ligou o carro e saiu acelerando.

Por que o controlavam dessa maneira?

Ted se virou na direção de Roger, exigindo uma resposta, embora não tivesse formulado nenhuma pergunta em voz alta. O moreno encolheu os ombros.



O GAMBÁ TINHA ESCOLHIDO A mesa do jardim para devorar o membro amputado. O animal se sacudia o suficiente para ativar o sensor de movimento da varanda, por isso um cone de luz tornava o horroroso espetáculo visível da casa.

Ted estava de pé do outro lado da porta de vidro. Observava com incredulidade o gambá cravar os dentes pontiagudos na carne morta, com aqueles olhos artificiais mirando todos os lados, quase desinteressados, arrancando a pele rosada da perna de Holly. Porque ele sabia que aquela era a perna de sua esposa. Os dedos eram cerejas inchadas e ensanguentadas, o corte imperfeito debaixo do joelho, um maço esfiapado de tendões e osso fraturado. Mesmo assim, ele sabia. Não precisava de uma pinta ou de alguma marca diferente. Tinha acariciado essa perna, tinha beijado e vestido uma infinidade de vezes; poderia reconhecê-la em qualquer parte, até num sonho. O filho da puta do gambá mordiscava a perna de Holly! Ted bateu no vidro com a palma aberta. O gambá virou a cabeça imediatamente, ficou olhando a figura atrás do vidro, mas não se assustou. Um círculo vermelho rodeava seu rosto, feito uma maquiagem grotesca. Superada a curiosidade, o animal continuou mordendo a perna. Ted voltou a bater no vidro; dessa vez o animal nem se mexeu.

Então Ted ouviu o mar. O Atlântico ficava a vários quilômetros de sua casa, embora isso pouco importasse. Esticou o braço até ativar o interruptor da luz externa, e os postes do jardim revelaram que o mar estava de fato ali fora, em seu próprio jardim. A suave inclinação cheia de árvores da qual costumava desfrutar todas as manhãs enquanto lia o suplemento de negócios tinha sido substituída por uma massa de água barulhenta de risadas espumosas. À beira da areia e dos gerânios estava Holly, de pé, estática como uma estátua de cera. O gambá havia devorado um bom pedaço de sua batata da perna, deixando à mostra a ponta arredondada de um osso brilhante. Ela estava usando o biquíni vermelho — o preferido de Ted —, tinha os braços

soltos na lateral e o corpo meio inclinado para a esquerda. O cabelo flutuava perto da cabeça, como se repousasse em mãos invisíveis. Sua expressão era de júbilo, apesar da perna fantasma.

Ted abriu a porta de vidro. O gambá recuou até o ponto mais distante da mesa. Agora parecia realmente preocupado com a presença de Ted, embora não o suficiente para deixar seu alimento para trás. Continuou na expectativa, agachado e mostrando os dentes, preparado para fugir se preciso. Ted fez um movimento brusco que não serviu para nada, depois procurou ao redor alguma coisa para espantá-lo. Perto da churrasqueira havia uma caixa de madeira que ele reconheceu de imediato. Embora devesse ter ficado surpreso, porque não a via desde a infância, pareceu natural encontrá-la casualmente em sua casa de adulto. Aproximou-se e a agarrou como se fosse uma relíquia — de certa forma, era mesmo. A tampa e a parte inferior eram pintadas de modo que, quando a caixa se abria, formavam um tabuleiro completo. O interior era forrado de veludo verde, e cada peça tinha seu próprio nicho. Ted pegou um bispo e o atirou com uma chicotada do braço direito. Mas errou. Como era possível não acertar aquele animal hediondo a menos de dois metros de distância? Pegou outra peça e tentou de novo, agora com muito mais força que o necessário. E errou outra vez. Havia algo em cada um de seus lançamentos que o desconcertava. Os projéteis descreviam curvas imprevistas, cujo único propósito parecia ser se esquivar do gambá um instante antes de atingi-lo. Mas Ted não se deu por vencido e continuou atirando peças uma atrás da outra, como se estivesse possesso. O gambá deve ter percebido que as leis da física estavam a seu favor, pois retornou lentamente ao centro da mesa e continuou degustando seu manjar. O rabo grosso e branco serpenteava como uma víbora atrás do corpo peludo. Ted já havia feito uns cem lançamentos — todos fracassados — quando desistiu e deixou cair a caixa. Ao vê-la no chão, comprovou que todas as peças continuavam no lugar.

Ele observou Holly. Queria dizer que sentia muito, que tinha feito o possível para recuperar a perna dela. Que tipo de marido era ele que não podia atender às necessidades de sua família? Sentia-se mal, prestes a chorar, mas então entendeu que havia uma saída. Como não tinha visto antes? Seu braço direito foi ficando cada vez mais pesado; ele conseguiu sentir em sua mão o cabo da Browning. Levantou o revólver na altura do rosto e o observou com fascinação. Com lentidão quase poética, apontou com as duas mãos para o gambá, saboreando os instantes que antecederiam o disparo. O animal havia levantado a cabeça, como se intuísse que seu fim estava próximo. A bala o acertou em cheio no lombo e o fez explodir como um balão cheio de sangue e entranhas. Ted deixou cair o revólver e caminhou até a mesa, sem tirar os olhos da perna de Holly; pegou-a com as duas mãos, como faria um médico com um órgão que vai ser transplantado. Agora que podia examiná-la de perto, percebeu que a perna tinha um parafuso enroscado na ponta, como ele supunha. Tudo ficaria bem, pensou. Ele só teria que se aproximar de Holly e parafusar a perna no lugar. Seria um bom marido.

Desceu os dois degraus da varanda e levantou o olhar. Holly continuava ali, mas agora uma gigantesca moldura amarelo-brilhante levitava entre os dois. A parte mais baixa estava a uns cinquenta centímetros do chão, e Ted sabia que podia passar por cima sem problemas, mesmo

assim parou um momento antes de continuar. O mar se agitava atrás de Holly, a uns dez metros de distância, e a necessidade de devolver sua perna e abraçá-la foi insuportável. Levantou sua própria perna e a passou por cima da moldura amarela. Por um momento, teve a disparatada sensação de que não poderia atravessá-la, mas conseguiu. Sabia que, enquanto não tocasse nela, não teria problemas. Superada a moldura amarela, encontrou outra, agora verde, e outra vez repetiu a operação, e outra vez voltou a levantar o olhar e viu Holly na mesma posição, a dez metros, esperando por ele, e outra moldura, e outra, vermelha, roxa. Ted não precisava mais se fixar nelas para superá-las; fazia isso quase sem perceber, olhando para a frente, para Holly, amarela outra vez, azul, “já vou chegar, amor”, dez metros, uma moldura preta como a noite, “Holly”... Ted não andava mais, corria, pulando as molduras, que se repetiam em constante sucessão, uma atrás da outra, como um atleta de competição pulando barreiras, sem parar, Holly, sem parar, Holly...

A última moldura o engoliu, para devolvê-lo com um grito a alguma outra parte.

Ele estava no sofá.

Ted se levantou com uma sacudida. Levou as mãos à perna com veemência. Estava ali. Tinha sonhado que lhe faltava uma perna? Começava a esquecer. Olhou para a escuridão do quarto, depois para a camiseta enrugada e a incômoda calça jeans que estava usando. Levantou-se e, sem saber bem o motivo, caminhou até a porta de vidro que dava para a lateral da casa. Ali ficou um bom tempo, olhando para a colina que se perdia na noite. Ao se aproximar do vidro, ativou o sensor externo de movimento, iluminando a mesa e as cadeiras. Ted foi assaltado pela estranha visão de uma perna de mulher. Tinha sonhado que faltava uma perna em Holly? Sorriu e anotou mentalmente o dado para contar quando conversassem, mais tarde. Perguntou-se que horas seriam; certeza que antes das sete, porque não tinha amanhecido, pensou. Olhou instintivamente para o pulso, mas seu relógio não estava ali.

Então, uma lembrança abriu caminho como uma flecha furando o piedoso manto do esquecimento que sua mente pretendia estender. Olhou bruscamente para a base da churrasqueira. A caixa de madeira com as peças de xadrez não estava mais lá, no entanto a lembrança era muito nítida. Embora acabasse de ter um pesadelo no qual faltava uma perna em Holly, foi o detalhe da caixa de xadrez que gelou seu sangue.



SE IRIA ADIAR SUA PARTIDA deste mundo, melhor continuar com a rotina, e isso incluía falar com Laura Hill, sua terapeuta. De certa forma se alegrava, porque a relação com ela tinha melhorado com o tempo; o que começou como uma série de consultas prescritas pelo médico tinha se tornado uma experiência quase prazerosa. Ted nunca teria aceitado ver um terapeuta se não fosse por insistência de Carmichael, mas o médico foi insistente e persuasivo. “Uma pessoa que enfrenta uma notícia como essa, Ted, precisa de contenção”, tinham sido suas palavras exatas. Ted havia traduzido isso como: *Um homem com um tumor inoperável vai pensar em estourar a própria cabeça cedo ou tarde*. E nisso o dr. Carmichael não tinha se equivocado.

A rigor, o tumor não era inoperável. As chances de extirpá-lo eram as mesmas de fazer uma cesta a trinta metros de distância. O dr. Carmichael não usou essa metáfora porque procurou acender, com suas palavras, uma luz de esperança, embora Ted, analítico e pragmático, tenha rapidamente colocado as coisas em seu lugar. A decisão era dele, claro. Podia se arriscar com a operação e esperar um milagre, ou continuar como estava até agora. Ted não precisava pensar muito. Era uma dessas decisões que tinha tomado de antemão, sem refletir, muito tempo antes das dores de cabeça ou do resultado dos exames, que Carmichael expôs com o tom reservado que se usa para as notícias devastadoras. Talvez tivesse decidido décadas antes, quando viu o final de *Um estranho no ninho*, com Mac movendo a cabeça feito uma marionete sem dono, ou em outro momento, não importava quando. Viveria os últimos meses com dignidade. Se compareceu à primeira consulta com a dra. Hill, foi para que Carmichael acreditasse que as coisas seguiam o curso previsto; previsto por ele, claro, porque Carmichael era, como bom médico, daqueles que acreditam que é preciso fazer o possível para esticar a vida humana até o último instante. Não importava que fosse preciso acertar uma bola à distância de trinta metros, cem ou mil.

Laura Hill parecia ter vinte e poucos anos. A primeira vez que Ted a viu, sentiu compaixão por aquela garota, que devia estar dando os primeiros passos na profissão, com seus óculos retangulares e o cabelo preso, seu trato amável e sorriso contido. Quase brincando de terapeuta, pensou Ted, que se maravilharia mais tarde, quando descobrisse que Laura Hill, na verdade, já havia cruzado a barreira dos trinta. Ele não sabia sua idade exata; ela nunca tinha revelado.

A mulher conseguiu desarmá-lo com sua beleza juvenil, seu ar inocente e a franqueza que mostrou naquela primeira conversa. Ted foi seduzido pela possibilidade de evitar as armadilhas que ela colocaria a cada sessão, pois claro que não pensava em contar a ela — nem a Carmichael — as ideias suicidas que começavam a povoar sua mente.

— Oi, Ted — Laura disse. — Então a viagem de barco com o seu sócio acabou sendo cancelada.

— Isso mesmo. Obrigado por me receber.

— Lamento pela viagem. — Laura estava com o cabelo castanho preso em um coque. — Como está se sentindo?

Ontem eu matei um homem. Fui até a casa dele, esperei dentro de um armário e o matei. O mundo não vai sentir falta dele.

Ele saboreou a frase. Imaginou a transformação no rosto de Laura Hill se dissesse tal coisa. O certo é que ele nem sequer tinha se acostumado à ideia de ter matado um ser humano, muito menos ao fato de ter gostado.

— Ontem eu tive outro pesadelo — Ted disse. Falar de seus pesadelos era algo que fazia com frequência, basicamente porque acreditava que não faziam sentido e porque costumava omitir o que pudesse ser revelador. — Aconteceu uma coisa diferente.

Perto da única janela havia uma mesa que Laura raramente usava durante as sessões. Dessa vez ela ocupou a cadeira na frente de Ted. Entre eles havia uma mesinha baixa onde não havia nada exceto um copo plástico com água. Ted jamais bebia.

— Me fale do sonho.

— Eu estava na sala de casa, olhando para a varanda. Em cima da mesa havia um gambá comendo uma das pernas da Holly. A Holly não estava lá, só a perna dela, mas eu sabia que era dela. Eu saí imediatamente e procurei alguma coisa para jogar nele e espantá-lo, e nisso vi no chão uma caixa que reconheci de cara. Era a caixa do meu jogo de xadrez.

Se fosse um desses terapeutas que anotam detalhes em um bloquinho, Laura não teria conseguido evitar fazer isso nesse momento, pela gravidade no tom de voz de Ted. Mas Laura nunca anotava; sua memória era prodigiosa.

— Eu jogava as peças no bicho, mas nunca acertava — Ted continuou. — Ele conseguia se esquivar de um modo inexplicável. E as peças nunca pareciam acabar. Então eu encontrei a Holly no jardim, e acho que o mar estava atrás dela. Não é engraçado o que a mente humana pode inventar?

Ted omitiu o detalhe de ter estourado o gambá com a Browning. Parecia muito com o que tinha planejado fazer com seu próprio crânio se não fosse pela intervenção de Lynch. Era o tipo de detalhe que preferia guardar para si mesmo.

— Você não matou o gambá? — Laura perguntou, demonstrando, não pela primeira vez, um alarmante sexto sentido.

— Não.

A mulher assentiu.

— Quando foi a última vez que você sonhou com alguma coisa relacionada ao xadrez?

— Nunca.

Ela fez uma pausa reflexiva, procurando as palavras adequadas.

— Ted, nós precisamos falar sobre o que aconteceu naqueles anos. Você precisa me contar por que é que um garoto com uma aptidão notável para o xadrez decide abandoná-lo de um jeito tão abrupto. Você nunca mais voltou a jogar?

— Seriamente, não. Eu ensinei as minhas filhas e joguei com elas algumas vezes, mas agora elas jogam sozinhas.

— Conte por que você parou.

Não era a primeira vez que Laura tentava abordar esse tema. Ted tinha oferecido certa resistência no passado e ela não havia insistido, mas falar desses anos não chegava a inquietá-lo muito. Ele se acomodou na poltrona e começou:

— Foi o meu pai que me ensinou. Com sete anos eu ganhava dele com bastante facilidade. Ele me levou para ver um velho que morava em Windsor Locks, sua cidade natal, que tinha tido algum prestígio como jogador de xadrez no passado. — Ted fez uma pausa. Lembrar de seu mentor, possivelmente o único adulto pelo qual tinha sentido respeito e admiração na vida, provocava um misto de nostalgia e dor. — O nome dele era Miller; eu acho que já o mencionei antes. Quando o vi pela primeira vez, me pareceu um homem muito velho. Ele tinha o cabelo grisalho, comprido, abaixo das orelhas, o rosto enrugado. Não conversamos muito daquela vez. Sentamos na frente de um tabuleiro que ele tinha na garagem de casa, onde dava aulas para os garotos da região, e jogamos uma partida; o meu pai ficou observando. Nós fizemos poucos movimentos, menos de vinte, e depois o Miller puxou o meu pai de lado e os dois conversaram a sós. Eu fiquei esperando. Achei que Miller iria dizer que eu não servia, que eu devia voltar para casa com o meu pai e isso seria tudo. Mas aconteceu o contrário. Eu passei oito anos, até completar quinze, visitando a casa dele duas ou três vezes por semana.

— Com ele você fazia o ritual da ferradura, certo?

Ted não se lembrava de ter mencionado a ferradura. Era outra prova inquietante do assombroso arquivo mental de sua terapeuta.

— É. O Miller se tornou o meu treinador. Nós passávamos horas praticando variações em tabuleiros simultâneos.

Laura fez uma careta, enrugando a boca.

— Infelizmente os meus conhecimentos de xadrez não chegam a tanto.

— No xadrez existem algumas aberturas, muitas delas com o nome dos jogadores que as popularizaram, e há o que se chama de variações, que são formas de continuar essas aberturas. Digamos que existe um caminho principal e vários caminhos laterais. Cada um deles foi estudado e faz parte da aprendizagem. O xadrez não é só um jogo de lógica; é também de memória. Com o Miller eu recriava partidas famosas, analisando cada jogada. Lembre que eu era um menino e, apesar de gostar de xadrez, também era inquieto. O Miller devia ficar procurando maneiras de me manter entretido. Ele contava histórias de jogadores, de partidas memoráveis. Foi assim que me contou sobre um campeonato mundial, o de 1927, que aconteceu em Buenos Aires entre um cubano, José Raúl Capablanca, e um russo, Alexander Alekhine. O Miller era fascinado por essa série de partidas, e me transmitiu o seu entusiasmo. Capablanca era o campeão, um cara considerado imbatível, revolucionário pelo seu gênio excepcional. Alekhine, o desafiante, era um estudioso, um jogador meticuloso que poucos acreditavam ser capaz de vencer. Estou me alongando muito?

— De jeito nenhum. Eu gosto de ver como esse entusiasmo juvenil consegue animar você hoje em dia. Continue, por favor. Quero saber como terminou essa história do gênio excepcional contra o desafiante metódico. Sou muito ignorante por não saber?

Ted riu.

— Não, de maneira nenhuma. Nós estamos falando de xadrez e do ano de 1927! A questão é que naquela época não havia regras muito claras nos campeonatos mundiais. Eles chegaram ao seguinte acordo: quem ganhasse seis partidas seria o novo campeão. Mas no xadrez é muito comum que as partidas terminem empatadas, então, para conseguir seis vitórias, eles tiveram que jogar muitas partidas. No fim, foram trinta e quatro. Jogaram durante três dias!

— Quem foi o vencedor?

— Para surpresa de todos, foi Alekhine, o desafiante. A relação entre os dois jogadores sempre tinha sido muito ruim, e ficou ainda pior. Alekhine nunca mais aceitou enfrentar Capablanca pelo campeonato mundial, e morreu dez anos depois. O resultado surpreendeu a todos, e é aqui que entra em cena a famosa ferradura. Parece que, quando Alekhine chegou a Buenos Aires, achou uma ferradura na rua. Ele era um homem muito supersticioso, e sabia perfeitamente que aquele objeto era considerado um amuleto. Foi o que ele disse para a esposa, que o havia acompanhado ao campeonato, e decidiu conservá-la como amuleto. Comprou um jornal e a embrulhou cuidadosamente. Disse para sua esposa: “Ela estava me esperando”.

Ted estava com os olhos embaçados. Tinha se deixado levar. Miller havia contado aquela história muitas vezes, enfeitando-a com uma infinidade de detalhes reais. O velhinho tinha até mesmo um álbum com recortes da época, alguns de jornais argentinos que havia conseguido e traduzido em sua cuidadosa e pequena letra.

— O Miller tinha uma ferradura pendurada na parede — Ted continuou, com o olhar no vazio, como se realmente pudesse vê-la nesse momento. — Ele dizia que era a mesma que Alekhine tinha encontrado em Buenos Aires, que havia comprado em um leilão. Quando eu comecei a participar das primeiras competições estaduais, nós tirávamos a ferradura da parede,

embrulhávamos em uma folha de jornal e levávamos conosco. Normalmente era o meu pai que nos levava no carro dele, e nem ele sabia que estávamos levando a ferradura. Era o nosso segredo, meu e do Miller, de ninguém mais. Eu ia bem nas competições. Depois voltávamos a pendurar a ferradura na parede da garagem do Miller, como um ritual.

— Você fala do Miller com muito orgulho. Ele deve ter sido uma pessoa muito importante na sua vida.

— Exatamente. Durante aqueles anos o meu pai me levava de carro até a casa dele, uma viagem de pouco mais de uma hora. Eu passava três horas com o Miller, e o tempo voava. Como era vendedor, o meu pai aproveitava para trabalhar pela região. As coisas na minha casa não eram fáceis; a demência da minha mãe estava se agravando, e as brigas entre eles eram insuportáveis para mim. Windsor Locks era uma fuga, em mais de um sentido.

— O que aconteceu com o Miller?

— Ele devia ter uns setenta anos quando eu o conheci, talvez um pouco menos. Isso significa que oito anos depois estava perto dos oitenta. Eu tinha quinze, e o xadrez era a única coisa que conseguia acalmar o meu espírito rebelde. Fora da garagem do Miller eu tinha me tornado um adolescente impulsivo e provocador. Não sei quanto tempo poderia ter continuado assim, porque realmente tinha me transformado em duas pessoas diferentes. Era um jovem intolerante que odiava os pais e quase não falava com o pai, problemático na escola e contestador, mas também era o menino que continuava desfrutando das tardes com o Miller, escutando as histórias dele e analisando partidas.

Ted fez uma pausa. Não tinha falado tanto sobre Miller nem mesmo a Holly, muito menos revelado o que estava para relatar. Engoliu em seco.

— No dia em que o Miller morreu, eu estava com ele. Uma ou duas vezes por mês nós jogávamos, e no fim as partidas tinham ficado muito equilibradas. Era a vez dele. Ele sempre ficava na mesma posição quando pensava, os cotovelos em cima da mesa e o queixo sobre os punhos fechados. Eu mantinha as mãos debaixo da mesa, inclinado para a frente. E assim estávamos quando de repente o Miller caiu em cima do tabuleiro. Os braços dele se desarmaram e a cabeça caiu feito uma bola de aço, espalhando as peças. Eu levei um susto danado. O Miller era viúvo, tinha um filho que o visitava de vez em quando, mas nesse momento estávamos sozinhos na casa. O meu estado de alteração foi tamanho que eu nem pensei em me aproximar, em sacudi-lo para que ele reagisse; não pensei em ir ver o que tinha acontecido. Eu sei que isso não teria mudado nada, porque o Miller teve um infarto fulminante. Eu fiquei um bom tempo paralisado, de pé ao lado da mesa, respirando com dificuldade... No fim, eu saí correndo da garagem em busca de ajuda. Poderia ter ido até a casa de qualquer vizinho, mas não sei por que razão ridícula pensei que devia procurar o meu pai. O Mustang dele não estava na calçada, como eu já imaginava, e eu corri para uma direção qualquer. Cheguei até a esquina, virei arbitrariamente para a direita, correndo sem parar... e o acaso quis que eu visse o carro de longe, a uns duzentos metros, estacionado em frente a uma casa qualquer. O meu pai tinha que estar ali vendendo as enciclopédias ou os cursos a distância

dele, ou o que quer que estivesse vendendo naquele momento. Você já pode imaginar o resto, não é, Laura?

— Acho que sim.

— Quando entrei naquela casa, entendi que o meu pai não tinha me levado todos aqueles anos à casa do Miller para me aperfeiçoar no xadrez nem para escapar da minha mãe. Pelo menos não só para isso. A mulher que morava ali tinha sido a primeira namorada dele; o meu pai tentou explicar depois.

— O que você viu na casa, Ted?

— Eles estavam no quarto. Eu não vi os dois. Mas ouvi. Fiquei na sala, em silêncio, sentado em uma cadeira na frente da televisão desligada. Eu escutava a risada deles. Pensei no Miller, caído na garagem da casa dele, e tive um pensamento horrível. Lembro perfeitamente. Desejei que ele estivesse morto. Se não fosse assim, eu não poderia voltar àquela cidade. Além disso, a culpa seria do meu pai. E nesse momento a única coisa que eu queria era odiá-lo.

O barulho do telefone os assustou. Jamais interrompiam Laura no meio de uma sessão.

— Desculpe, Ted. Eu preciso atender. — Levantou-se e caminhou até a mesa.

Ele assentiu com a cabeça.

Laura escutou. Durante um breve instante, Ted percebeu a tensão no rosto dela, até que de repente relaxou e sorriu.

— Sim, claro que sim. Não tem nenhum problema. Eu autorizo.

Desligou.

— O meu filho é escoteiro — ela explicou a Ted. — Esqueci de assinar a autorização para uma das excursões dele e tiveram a delicadeza de me ligar.

Laura voltou a se sentar.

— Sinto muito pela interrupção, Ted — se desculpou mais uma vez.

— Não se preocupe. Não tenho muito mais para contar. Nunca mais falei sobre o assunto com o meu pai. Ele continuou se ausentando o máximo que podia, e eu fiquei em casa o odiando profundamente e lidando com a minha mãe. Eles se divorciaram e eu abandonei o xadrez para sempre.



TED SE AJOELHOU ATRÁS DE uns arbustos. Acabava de percorrer mais de um quilômetro de um bosque cheio de pernilongos. Ele sacudiu a cabeça e se concentrou no que havia do outro lado.

Uma melodia assobiada se misturava com o canto dos pássaros. Ele avistou um lago e um barco com um único ocupante: Wendell esperava com tranquilidade pelo seu ansiado destino. Segurava uma vara de pescar sem se mover.

Ted esmagou um pernilongo com um aplauso abafado e se sentou de costas para o lago, olhando para os arredores. E então a viu, resplandecente sob os feixes de luz que se filtravam entre os pinheiros, a forma inconfundível de uma ferradura. Estava a poucos metros e nem sequer se levantou para chegar até ela; se arrastou e a agarrou com as duas mãos, maravilhado pela semelhança com aquela que Miller tinha pendurada em sua casa (no fundo sabia que aquela *era* a ferradura de Miller).

O que fazia a ferradura naquele lugar? Continuou a observá-la por um longo tempo e depois a guardou no bolso da calça.

No final do caminho estava a casa de veraneio de Wendell, uma moderna sobreposição de blocos de concreto com grandes janelas. De um lado havia um deque de madeira que se estendia além da margem do lago e terminava em um cais estreito de poucos metros. Ted considerou suas opções. Depois que Wendell desse por terminada sua jornada de pesca, certamente atracaria naquele cais e percorreria o deque até a casa. Esperá-lo ali dentro parecia o mais razoável. Pelo menos a espera seria mais amena, sem o ataque dos pernilongos. Ele fez um rápido movimento com a mão e contemplou o punho cerrado com certa satisfação. Quando abriu, não havia nada.

Andou desimpedido pelo caminho privado. À medida que se aproximava da moderna construção, esta parecia aumentar de tamanho. O carro estacionado na frente, preto e

esportivo, revelou-se um Lamborghini conversível para dois passageiros. Ted não resistiu à tentação de se aproximar e dar uma olhada. Aquele era o carro dos seus sonhos; começava a simpatizar com Wendell. Quando se inclinou para olhar o interior, a jaqueta que estava usando se abriu com o peso da Browning, e isso o fez se lembrar da importância do que estava prestes a fazer. Fechou a jaqueta sem abotoá-la — o calor era insuportável, mas se sentia mais seguro com a arma ao alcance — e se levantou assim que notou um reflexo no vidro do carro. A princípio pensou que se tratasse de uma luzinha no painel, embora ao mudar ligeiramente de posição tivesse compreendido que era um reflexo na janela. Virou-se e olhou para um poste de iluminação parcialmente oculto entre as árvores. No ponto mais alto, uma câmera de segurança apontava diretamente para ele. Uma luzinha vermelha acendia e apagava. Ted sentiu um calafrio. A pasta de Lynch com os detalhes da casa não tinha informações sobre um sistema de segurança, e Lynch não havia dito nada a respeito. Não parecia o tipo de detalhe capaz de escapar a *eles*.

Enquanto a luz vermelha continuava piscando, Ted se perguntou se haveria alguém monitorando aquela câmera ou se seria um sistema de circuito fechado. Se fosse esse o caso, talvez por isso Lynch não tivesse se preocupado em comentar. Lynch e seu pessoal se encarregariam de eliminar as gravações, claro. Afastou o olhar da câmera de segurança com certo alívio.

Seguiu até a porta de entrada, que logicamente estava aberta. Um tapete retangular, talvez importado da Índia, convidou-o a dar os primeiros passos. O interior era como ele havia esperado: um ambiente espaçoso com terraços e passarelas elevadas onde predominavam a cor branca, os corrimões metálicos e o vidro, como se se tratasse da recepção de uma empresa e não de uma casa de veraneio. Havia duas escadas cujos degraus de madeira lustrosa pareciam levitar e várias colunas redondas e finas. Ted seguiu lentamente pela direita, rumo a uma grande mesa de vidro escuro que parecia nunca ter sido usada. Soube imediatamente que o melhor lugar para esperar Wendell seria ao lado da porta que, imaginou, deveria levar à cozinha.

La para lá quando foi tomado pela inconfundível sensação de estar sendo observado. Parou e olhou em todas as direções. Não viu câmeras dentro da casa, mas achou que devia ter algumas. No outro extremo do espaço havia uma televisão descomunal e algumas poltronas de couro, além de uma lareira com algumas fotografias no parapeito. Ted continuou examinando o aposento com desconfiança. Quando a sensação de ser observado passou, voltou a caminhar até a porta, embora sem poder eliminar totalmente o incômodo. Algo não estava certo. O que era?

Tirando o fato de estar prestes a assassinar um homem?

É.

Negou com a cabeça.

Outro homem.

Na cozinha, tirou a Browning do bolso da jaqueta e, ao sentir o peso da arma, se tranquilizou um pouco. Havia uma janela enorme, com vista para o lago, que serviria para

antecipar a chegada de Wendell. Aproximou-se e observou a massa de água depois do deque de madeira. Imaginou estar observando o lugar exato onde pouco antes avistara o barco, no entanto não havia mais rastro dele. Inquieto, procurou com o olhar atrás da fileira de árvores, mas ali tampouco avistou algo. Então ouviu o zumbido distante do motor de popa. Wendell estava voltando.

Caminhou de um lado para outro dando pequenos golpes na testa com a coronha do revólver. Quanto tempo tinha? Pouco, certamente. Embora terminar logo fosse o melhor que podia acontecer, a proximidade do fato despertou uma série de sensações inevitáveis. Não se sentia mais tão seguro. E se Wendell não estivesse esperando? E se, assim como as câmeras de segurança, as coisas não fossem exatamente como Lynch dissera? Parou e, com um movimento rápido, apontou a arma na direção de uma folhinha pendurada na parede. Na foto do calendário havia um mergulhador explorando um recife de coral. Ele apontou para o número quinze, bem no centro. *Vamos. Firme.* O cano da arma tremia ligeiramente, inclusive quando levantou a mão esquerda para sustentá-la.

— Vamos — murmurou.

O ruído do motor ficava cada vez mais forte. Wendell chegaria ao cais a qualquer momento e caminharia até a entrada, de onde poderia vê-lo atrás do vidro da cozinha. Mas Ted estava decidido a recuperar a calma e não se moveria antes de conseguir. O suor, que secara por causa da refrigeração da casa, começava outra vez a lhe umedecer a testa e a palma das mãos. Moveu os dedos, um por vez, adotando a posição de tiro como tantas vezes tinha feito no estande. Fechou os olhos.

Wendell precisa dessa bala tanto quanto você.

Abriu os olhos e se afastou da janela. Foi até a porta enquanto ouvia o motor parar com um barulho afogado. Wendell levaria dois minutos para chegar à porta principal. Ted se assegurou de que a arma não estava travada. Depois que Wendell fechasse a porta atrás de si, Ted sairia da cozinha com a arma no alto, avançaria dois ou três passos para minimizar a possibilidade de errar e dispararia. Se ele gritasse para Ted não atirar, pararia.

— Vamos, Wendell, abra a porta — Ted disse, em voz baixa.

Tinha se passado mais de um minuto quando Ted escutou os passos no deque de madeira.

Vamos, Wendell...

A porta se fechou.

Três, dois, um.

Ted saiu da cozinha a toda a velocidade, deu meia volta na mesa e levantou a arma.

Wendell estava na entrada, de costas, pendurando algo no cabideiro, e virou a cabeça ao escutar os passos. Seu rosto se transformou, possivelmente por causa da surpresa, mas ele não disse nada. Um círculo perfeito apareceu em sua testa, e então ele caiu.

Ted estava tão acostumado a atirar com o protetor auditivo que o estrondo o fez apertar os dentes com força. Aproximou-se do corpo, devagar. Wendell jazia sobre o tapete com os braços abertos e a expressão de surpresa ainda estampada no rosto. Embora seu aspecto fosse o de

alguém que descansa placidamente, Ted sabia que o disparo tinha sido perfeito e que a bala tinha ricocheteado dentro de sua cabeça até pulverizar o cérebro, quase sem dor.

Ia sair quando um celular começou a tocar na jaqueta de Wendell. Ted tinha a mesma musiquinha odiosa em seu celular, e esse fato o inquietou um pouco. Agachou-se e tirou um iPhone do bolso dianteiro do morto. Na tela aparecia um nome: Lolly. Ted quase deixou escapar um grito de horror. Era assim que ele chamava Holly no começo da relação. A coincidência era muito grande, mas não era o mais importante. O mais importante era que, supostamente, Wendell não tinha esposa nem namorada... Lynch garantira que o cara não tinha ninguém!

O celular parou de tocar.

Quem era Lolly? Por que Lynch não tinha falado dela?

A resposta chegou como que num passe de mágica. Ted sentiu uma única vibração curta na palma da mão. Era uma mensagem de texto de Lolly.

Estamos chegando. Hora de suspender a pesca por hoje 😊

Estamos?

Ted soltou o celular como se tivesse recebido uma descarga elétrica. O aparelho aterrissou sobre o peito de Wendell.

— Quem é Lolly? Pense. Pense. Pense.

Então finalmente entendeu, ou foi nisso que acreditou. Alívio.

Wendell ia dar uma festinha privê, e as *convidadas* chegariam a qualquer momento. Sem pensar, pegou o celular outra vez e respondeu a mensagem:

Visita cancelada. Estou ocupado. Sinto muito.

Outra mensagem:

Muito engraçado. Você sabe que eu odeio mandar mensagem enquanto dirijo. A gente se vê em dois minutos, amor.

Amor...

Então Wendell tinha uma namorada. Não parecia um detalhe que Lynch pudesse ter deixado passar.

A mancha de sangue sobre o tapete formava uma auréola vermelha ao redor da cabeça do homem.

— Merda.

Lolly tinha escrito que chegaria em dois minutos.

Lolly Holly

Podia ter sido em sentido figurado ou... Ted guardou o celular de Wendell em sua própria jaqueta e fez o mesmo com a Browning. De uma maneira ou de outra, tinha que ir embora rápido. Teria que esconder o corpo, algo que daria algum tempo até a mulher avisar a polícia, e depois desaparecer dali o mais rápido possível. Se conseguisse fazer isso, as coisas não teriam mudado substancialmente para ele. Ele estava bravo por desconhecer a existência de uma namorada, embora talvez essa fosse precisamente a razão pela qual Lynch não havia dito nada. Não devia perder de vista que era o próprio Wendell quem queria morrer, assim como ele. Sem dúvida, o homem tinha pensado no impacto em seus entes queridos, do mesmo modo que Ted tinha pensado em quanto sua ausência afetaria...

Lolly Holly

Chega! Ele tinha que se concentrar na questão de se desfazer do corpo. Era melhor escondê-lo dentro ou fora da casa? Era uma decisão difícil sem ter certeza do tempo que tinha à disposição. Deu uma olhada ao redor, como se procurasse a resposta no ar. E então parou de repente, como se alguém tivesse encostado o cano de um revólver em suas costas, embora claramente não houvesse ninguém ali.

Ele entendeu o que estava fora de lugar. Tinha deixado passar um detalhe que não encaixava no que sabia sobre o homem que tinha a seus pés, morto. Na lareira, do outro lado da imensa sala, estavam as fotografias. Ele cruzou a sala a toda a velocidade, desviando das poltronas e pulando os degraus dos diferentes desníveis. Quatro metros antes de chegar, parou; não queria vê-las em detalhe. Foi suficiente o que viu a essa distância: Wendell com uma mulher, abraçados em um bote; Wendell a cavalo (Ted apalpou a ferradura que tinha no bolso); nas outras... duas meninas, mais ou menos da idade de suas próprias filhas. Ted ficou tonto; se segurou em uma coluna. A sala dava voltas.

Estamos chegando.

Wendell tinha filhas? Lynch o enganara!

Nesse momento, ouviu o carro. Durante quase dez segundos olhou alternadamente para as fotografias, o cadáver de Wendell e a porta da casa. Continuava paralisado, incapaz de processar o que estava acontecendo. Por fim, voltou à entrada e abriu ligeiramente a cortina para observar. Uma van familiar avançava lentamente pelo caminho de terra e parava atrás do Lamborghini. Tudo acontecia muito rapidamente. *Mexa-se!* Mas Ted não se movia. Três das portas da van se abriram ao mesmo tempo. Lolly desceu do lado do motorista. Da parte

traseira apareceram duas meninas pequenas, com seus vestidos floridos e suas mochilas cor-de-rosa nas costas. Correram para a porta da casa. *Papai! Chegamos!*

Ted esfregou os olhos. Sua mente devia estar lhe pregando peças.



QUANDO TED TOMOU A DECISÃO de tirar a própria vida — uma ideia que prosperou com pavorosa velocidade —, soube que precisava recorrer a alguém de certa confiança para resolver alguns assuntos. Alguém que não pertencesse a seu círculo de amigos. O nome de Arthur Robichaud surgiu quase de imediato. Ele não o encontrava havia uma eternidade, e, embora tivessem estudado juntos por três anos no colégio, o contato entre os dois tinha sido praticamente nulo. Era perfeito. Ted sabia que seu escritório de advocacia era um dos melhores da cidade. Quando o visitou, além disso, percebeu que o laço que os unia era até mais poderoso que o acordo de confidencialidade entre advogado e cliente. Talvez houvesse algo inconsciente em caras como Robichaud, que passam em branco pela escola, ignorados pelos rapazes e pelas garotas populares e mendigando um espaço em grupos minúsculos de duas ou três pessoas, às vezes solitários, convencendo-se de que podem aguentar uma existência sofrida cheia de piadas de mau gosto e marginalização. Não importa que as coisas possam ser diferentes no futuro, que sua carreira floresça ou que depois de horas de esforço na academia consigam que seu corpo naturalmente redondo afine um pouco... Nada disso muda um fato crucial: para perdedores como Robichaud, sempre vai existir um mecanismo primitivo de submissão aos Ted McKay do mundo. A necessidade de ser levado em conta, de *fazer parte*, esperava como um vírus em estado de latência, como nos velhos tempos, quando se arrastavam no pátio da escola buscando um segundo de atenção.

Ted voltou a recorrer a ele depois do desagradável acontecimento na casa de Wendell.

O próprio Robichaud o recebeu. Usava uma camisa polo elegante e tinha um martíni na mão.

— Ted, você veio!

Atrás do advogado, vários rostos se viraram para inspecionar o recém-chegado. Os convidados estavam espalhados na sala, alguns de pé perto de um balcão e outros ocupando as poltronas. Na maioria eram casais. Ted tinha esquecido por completo o aniversário de Robichaud, que o homem tinha mencionado uma infinidade de vezes nas semanas anteriores. Para que se preocupar com um evento que aconteceria quando ele estivesse morto?

— Preciso falar com você, Arthur. Em particular. É importante.

Não era preciso esclarecer que ele não estava ali para comemorar o aniversário. Seu rosto era mais que eloquente.

— Claro. Entre.

Ted duvidou por um instante. Os convidados já tinham adivinhado que ele não estava ali pelo mesmo motivo que eles e esperavam em silêncio pelo próximo detalhe que poderia revelar o motivo de sua presença. Bem-vestidos, todos com um copo na mão, pareciam saídos de um anúncio de bebida alcoólica. Era evidente que pertenciam àquele lugar. E Ted detestou todos eles. Quando se fixou em cada um com um pouco mais de atenção, se surpreendeu ao reconhecer muitos de seus colegas de colégio. Meu Deus, aquilo parecia uma reunião de turma de escola!

Ele entrou na casa e ensaiou um sorriso. Robichaud o escoltou sem conseguir ocultar um orgulho infantil. Nesse dia completava trinta e oito anos — a mesma idade de Ted —, e seu cabelo tinha se despedido da cabeça alguns anos antes; era gorducho e tentava dissimular um maxilar pequeno demais com um cavanhaque que rodeava a boca como uma quantidade exagerada de limalha de ferro. Não usava mais os óculos fundo de garrafa dos tempos de colégio, mas não importava, porque nesse momento dava a sensação de ter retrocedido à época de estudante, observando Ted com a admiração quase reverencial de antes. Ted McKay em pessoa o visitava no dia de seu aniversário!

Depois de alguns cumprimentos generalizados, chegaram a seu escritório, no outro extremo da casa. No caminho, Robichaud apresentou sua esposa, uma mulher que evidentemente já tinha ouvido falar de Ted, porque se mostrou nervosa o tempo todo. Ted apertou a mão dela, distraído, esquecendo seu nome no mesmo instante em que o escutava.

— O que aconteceu, Ted? Você parece preocupado — o advogado disse.

Sentaram-se em duas poltronas de couro perto de uma estante bem nutrida. O escritório não era excessivamente grande, mas tinha sido decorado com certa suntuosidade. Ted tinha o olhar cravado na janela atrás de seu antigo colega de colégio, que oferecia uma vista parcial do jardim nos fundos, onde algumas crianças corriam de um lado para o outro. Mais perto havia uma árvore com um balanço de pneu. *Um detalhe que não combina em nada com a decoração interna, Arthur.*

— Ted? Você está bem?

Ele não conseguia parar de olhar para o pneu. Era porque parecia fora de lugar?

— Estou bem. Preciso da sua ajuda.

O homem se remexeu na poltrona. Outra vez apareceu por um instante aquela expressão primitiva de submissão.

— O que você precisar, Ted.

— Preciso contratar os seus serviços de novo, mas agora não tem a ver com o testamento. É algo mais complexo. A partir deste instante você é o meu advogado, e tudo que eu disser está coberto pelo acordo de confidencialidade.

Robichaud não pareceu inquieto, e Ted ficou contente por isso. Era preferível tratar com o advogado adulto que com o menino assustado do colégio.

— Estou ouvindo.

— Eu acabei de matar um homem.

Durante alguns segundos, o único som audível foi o dos convidados conversando na sala, abafado pela porta do escritório. Robichaud fez um movimento involuntário com o dedo indicador, deslizando-o sobre a ponte do nariz. Mas ali não havia mais óculos para acomodar.

— Foi um acidente, Ted?

— Não exatamente. Olha, Arthur, eu não tenho a intenção de explicar os pormenores do que aconteceu, pelo menos não agora; só posso dizer que tudo vai ser esclarecido em quarenta e oito horas.

Robichaud enrugou a testa.

Ele não estava entendendo. O advogado o observava como se ele estivesse louco. Ted se inclinou e apoiou a mão no joelho do homem, o que ele seguiu com a mesma expressão de incredulidade.

— Arthur — Ted disse —, eu sei que tudo isso parece absurdo. Eu preciso que você confie em mim.

— Ted, eu não posso te ajudar se você não me contar o que está acontecendo.

Ted balançou a cabeça. Tinha ido até ali com a ideia de contar o menos possível, mas agora compreendia que não podia obter a ajuda de Robichaud se não dissesse alguma coisa concreta. Até onde podia confiar nele? Não tinha tido tempo de pesar devidamente os riscos. Não tinha tido tempo para nada, na verdade. Desde a saída apressada da casa de Wendell, seus pensamentos eram caóticos. Não podia deixar de pensar nas filhas daquele homem, caminhando com alegria na direção da porta, com suas mochilas cor-de-rosa e seus cabelos loiros. Embora Ted tivesse fugido por uma porta lateral sem ter chegado a presenciar o momento em que as meninas encontraram o corpo do pai no chão da entrada, ele tinha se encarregado de recriar a cena em sua mente muitas vezes, como um filme em um loop infinito. Mais tarde, enquanto atravessava o bosque, fugindo como se estivesse sendo perseguido por uma matilha de cães, o espetáculo em sua cabeça tinha mudado ligeiramente. Não eram mais as meninas Wendell que descobriam o corpo com o orifício perfeito entre as sobrancelhas, mas Cindy e Nadine, suas próprias filhas. E o rosto não era mais o de Wendell, mas o seu. Faria suas filhas passarem por um horror semelhante? Tinha precisado matar um homem para perceber o dano que causaria a elas?

— Você está bem, Ted?

Era a segunda vez que ouvia a mesma pergunta em menos de um minuto.

Ted estava segurando a cabeça entre as mãos e mantinha os olhos no chão. Não lembrava havia quanto tempo estava nessa posição. Robichaud o observava da outra poltrona com preocupação genuína.

— Estou bem, Arthur. Preciso te pedir uma coisa.

— Diga.

— Eu preciso encontrar um homem. Ele se chama Justin Lynch. Tem uns vinte e poucos anos e é provável que seja advogado ou coisa parecida.

— Esse homem está relacionado com o *incidente*, ou é...?

— Está relacionado, mas não posso contar como.

— Já pesquisou na internet? Parece bobagem, mas ali há mais informação do que a gente imagina.

— Não encontrei nada — Ted mentiu. — Talvez você tenha mais sorte. Certamente vai poder usar alguns dos investigadores que colaboram com você.

— Claro. Amanhã de manhã eu vou colocar a minha equipe para trabalhar nisso.

Ted ficou em silêncio por alguns instantes.

— Eu preciso que faça isso agora, Arthur.

Disse isso com autoridade e de forma deliberada. Estava consciente de que daquela maneira colocaria em movimento mecanismos profundos que fariam Arthur desejar agradá-lo. O advogado ensaiou uma fraca defesa assinalando o óbvio: era seu aniversário e ele tinha a sala cheia de convidados que esperavam passar a tarde com ele. Mas Ted nem sequer precisou insistir. O próprio Arthur sinalizou que poderia dar alguns telefonemas naquele exato momento, cobrar alguns favores e tentar saber algo sobre o tal Lynch. Se fosse um jovem advogado ou detetive, iriam encontrá-lo logo.

— Você não sabe como eu fico grato — Ted respondeu. Voltou a apoiar a mão no joelho de seu ex-colega de colégio.

— Não se preocupe.

A porta do escritório se abriu.

— Vai demorar muito ainda? — a sra. Robichaud perguntou. No meio da frase, lançou um olhar fulminante a Ted.

— Não, querida. Só mais alguns minutos.

O rosto se escondeu e a porta se fechou. Até o último momento a expressão de censura estava presente.

— A Norma é uma boa mulher — Robichaud explicou, em tom de desculpa.

Ted diminuiu a importância do fato com um gesto de mão.

— Vamos fazer uma coisa — Robichaud sugeriu. — Vou dar uns telefonemas agora mesmo. Se o tal do Justin Lynch for um advogado vinculado ao sistema judiciário local, eu vou

descobrir. Também vou consultar detetives particulares e os funcionários do escritório; alguns deles estão aqui na sala. Tem certeza de que esse é o nome verdadeiro dele?

— Não.

— Isso dificulta a coisa, Ted.

— Eu sei.

Robichaud coçou a cabeça.

— Amanhã você vai ter que ser um pouco mais específico comigo. Foi legítima defesa? Pelo menos me diga isso.

— Desculpe. Prometo que amanhã te explico tudo.

Robichaud concordou.

— Vá beber alguma coisa com os outros; eu vou fazer essas ligações... e falar com a Norma, que não vai demorar para voltar e me dar uma bronca. — E se apressou a acrescentar: — Mas não se preocupe. Eu sei como lidar com ela.

Ted não se entusiasmou com a ideia de sair do escritório. Não estava com vontade de socializar, e teria preferido estar presente quando Arthur fizesse as ligações, mas entendia que o homem precisava de certa privacidade e decidiu não pressioná-lo.



A INTENÇÃO INICIAL DE TED era se abrigar no extremo mais distante da sala dos Robichaud e passar o tempo fingindo olhar pela janela. Mas o plano deu errado assim que ele saiu do escritório de Arthur. Norma se aproximou, ofereceu uma cerveja gelada com uma hospitalidade forçada e o escoltou até dois casais que conversavam ao redor de uma mesinha baixa, felizmente longe dos rostos familiares. Ele se perguntou vagamente por que a mulher teria escolhido aqueles sujeitos em particular.

Eram as mulheres que falavam, de maneira quase reservada, e um breve silêncio foi sua forma de receber o recém-chegado. Os homens, cuja participação na conversa parecia se limitar a assentir e nada mais, levantaram a cabeça e cumprimentaram Ted com um rápido movimento. Ele continuava de pé, sem intenção de ocupar um dos assentos vazios. Foi então que, por trás de uma espessa barba negra, Ted acreditou reconhecer em um daqueles homens outro ex-colega. Foram os olhos azuis que proporcionaram a confirmação definitiva, e não só porque se lembrava vagamente deles dos corredores do colégio, mas porque viu naqueles olhos um brilho fugaz de submissão, como o que vira em Robichaud poucos minutos antes. Meu Deus, por acaso havia alguém naquela sala que não fosse da escola? Sentiu uma pontada de inveja desse clube de marginalizados que continuavam se encontrando, quando os amigos dele não se viam fazia anos.

— Se salvou por causa da temperatura do chão — explicou uma das mulheres. Era a esposa do barbudo de olhos azuis. A frase captou de imediato a atenção de Ted, que levou a lata de cerveja à boca e deu um passinho curto para se aproximar um pouco mais.

— Não entendi — a outra mulher dizia.

— Explica você, Bobby.

Bobby Pendergast! Ted lembrou de repente, como se alguém tivesse disparado uma flecha do passado. Aquele homem era uma espécie de geniozinho que sempre sabia todas as respostas. Havia sido transferido para uma escola especial na quinta série, segundo Ted se lembrava.

— Você é o Pendergast — Ted disse, mais motivado pelo orgulho de lembrar o nome do que por outra coisa.

Os quatro rostos se viraram para ele, um pouco chocados. Bobby assentia em silêncio. *Ficou sem resposta, hein, Bobby!* Ted optou por ocupar a única cadeira vazia ao redor da mesinha. As vozes dos outros convidados fizeram com que o silêncio não fosse tão incômodo.

— Ted McKay — falou, enquanto estendia a mão.

Bobby se ocupou das apresentações.

— Este é Lancelot Firestar. — Ted tinha certeza de nunca ter escutado esse nome na vida. Impossível esquecê-lo. Apertou a mão sardenta daquele homem magro e ruivo. Depois fez o mesmo com as mulheres. — Estas são Teresa e Tricia.

Tricia tinha a mão macia como um pedaço de esponja, e por alguma razão — não era preciso ser Bobby Pendergast para imaginar uma — a mente de Ted viajou até o cadáver de Wendell. Já teria sido removido do tapete da sala?

— Ted e eu fomos colegas de escola — Bobby explicou.

Ted não queria que a conversa se desviasse.

— Há um instante... vocês estavam falando desse caso de polícia... Eu ouvi sem querer.

Tricia enrugou a testa por um segundo. Depois se lembrou.

— Sim, claro! O cara conseguiu se safar, e agora a família tem uma teoria sobre como ele fez isso, embora seja tarde demais. Eu não acredito que você não ouviu falar, Teresa.

— Eu não tenho visto TV.

— Você nunca fica sabendo de nada. Enfim, ele se safou. Acho que é um *latino*.

A palavra *latino* foi pronunciada com desprezo. Quando ela lembrou que naquele círculo havia alguém que acabara de conhecer, ficou vermelha, mas não muito. Ted queria continuar ouvindo, de modo que fez cara de paisagem e assentiu com resignação, como se ele e todos ao redor daquela mesinha não fossem também o legado de uns quantos imigrantes em busca de oportunidades.

— Como ele conseguiu enganá-los? — Teresa perguntou.

Ted sentiu um nó no estômago. Lynch tinha dito que aquelas informações eram o resultado de investigações feitas pela organização onde trabalhava. Se havia mentido nisso, por que não mentiria em todo o resto? Temeu pelo que viria.

— Eu já te falei: pela temperatura do chão — Tricia confidenciou, como se divulgasse um segredo. — No andar de baixo tinha uma lavanderia.

Ted perdeu o fôlego.

— Não estou entendendo — Teresa interveio.

O marido dela balançou a cabeça e olhou para cima, como se o fato de sua esposa não entender alguma coisa não o surpreendesse em nada.

— Não faça cara feia — Teresa reclamou, sem olhar para ele. Lancelot levantou a palma das mãos, em sinal de rendição.

— Pela temperatura do cadáver, determinaram o horário em que ela tinha morrido — Bobby completou, em tom professoral.

— O cara tinha um álibi perfeito — Tricia interrompeu. — No momento que os peritos determinaram como a hora da morte da pobre garota, ele estava em um bar e tinha um monte de testemunhas para provar. Por isso foi solto.

Ted acompanhava a conversa como se acontecesse em outra dimensão. Seus piores temores acabavam de se confirmar. Até onde havia chegado o engano de Lynch? Ele se perguntou várias vezes enquanto Bobby Pendergast relatava o restante da notícia:

— Segundo os familiares da garota, que contrataram um especialista para esclarecer o assunto, o chão do apartamento estava quente por causa do encanamento da ventilação da lavanderia. Isso fez a temperatura do cadáver diminuir muito mais lentamente que o normal, e levou os legistas a uma DHM equivocada.

— Não fale em código, Bobby!

— Desculpe, querida. É a determinação da hora da morte.

— Alguém lembra o nome do cara? — Ted interrompeu.

Os Pendergast se entreolharam.

— Ramírez — falou Tricia sem vacilar.

— Não é Ramírez — Bobby assegurou. — E não é latino. Você está confundindo com outra notícia, querida. O cara se chama Blaine. Edward Blaine.

— Você está enganado.

— Acho que não.

— É Ramírez, Bobby. Eu vou te provar quando chegarmos em casa. Não discuta comigo quando sabe que eu tenho razão.

Bobby baixou o olhar e assentiu em silêncio.

Edward Blaine.

Por que é que Lynch tinha se atribuído uma investigação que era de domínio público? Talvez ele e a organização tivessem se encarregado de fazer a informação chegar à família, mas era uma possibilidade absurda, e Ted estava cansado de se contentar com a explicação menos plausível para justificar o que tinha acontecido nas vinte e quatro horas anteriores. A verdade era muito mais simples: Lynch o havia enganado.

Quem você matou?

Ted se recostou na cadeira e olhou pela janela a alguns metros dali. Por que Arthur estava demorando tanto?



O QUE ACONTECIA DO LADO de fora estava mais interessante que a conversa entre os Pendergast e os Firestar, que tinha se transformado em uma desagradável fofoca sobre vizinhos novos. Ted achou que seria grosseiro se levantar e ir até a janela, mas se virou distraidamente para observar através dela. Arthur tinha um jardim amplo e bem cuidado, com um trepa-trepa, uma gangorra e um carrossel, que naquele momento era o centro das atenções. Um menino bastante parecido com Norma estava no controle e o fazia girar a toda a velocidade; duas meninas se agarravam a seus assentos metálicos, pedindo entre risadas e gritos que parasse, que por favor parasse! Ted ouvia suas vozes infantis atenuadas pela distância. Outros meninos menores esperavam sua vez ao redor do carrossel, pulando e aplaudindo o poderoso condutor, que, com braços ágeis e metódica concentração, fazia girar o brinquedo à velocidade da luz. Uma das meninas a bordo implorava a Timothy que por favor parasse, mas suas risadas deixavam absolutamente claro que ela queria qualquer coisa menos isso. Timothy teria um futuro diferente do de seu pai, que, naquela idade, era tímido e arredio com todo mundo.

A sessão de carrossel terminou. As duas meninas desceram cambaleando, para deleite de Timothy, que continuava na direção, dissimulando sua própria tontura e à espera das próximas vítimas de seus dotes de menino forte e da aceleração centrípeta. O papel de senhor do carrossel servia maravilhosamente para ele. Um menino e uma menina, menores que a dupla anterior, ocuparam dois dos assentos, um de cada lado de Timothy, que deu as instruções, embora àquela distância Ted não conseguisse ouvi-las com muita clareza. As duas crianças deixaram de sorrir à medida que recebiam as advertências, como os ocupantes de uma perigosa montanha-russa.

Do lugar onde estava, Ted também conseguia enxergar a árvore com o pneu que havia chamado sua atenção no escritório. Vendo o restante do jardim, o pedaço de borracha velha

parecia ainda mais fora de lugar. Ele não podia dizer que conhecia a dona da casa, mas, pelo pouco que havia visto dela, pela maneira como se preocupava em atender os convidados, inclusive ele, parecia uma mulher que dava bastante importância às aparências. Aquele pneu, visível de qualquer janela da sala, não parecia uma boa carta de apresentação para um lar que transpirava perfeição. Naquele momento o pneu balançava um pouco. A alguns metros da árvore havia um banco ocupado por duas mulheres. Elas podiam estar ali para supervisionar a brincadeira das crianças, mas pareciam muito mais interessadas na animada conversa entre elas. Ted via a silhueta de ambas, pois haviam girado o corpo sobre o banco para poder se olhar e fofocar. Uma menina de menos de um ano caminhava pelas proximidades; caía e voltava a se levantar.

Ted alternou sua atenção entre o pneu se movendo e a menina, que usava um vestido branco com bolinhas vermelhas e andava com dificuldade, se segurando no banco ou tateando no ar em avanços desengonçados que terminavam com ela sentada na grama. Ela ria sozinha e falava com sua mãe, embora esta não a ouvisse. O pneu parecia mover-se mais que antes. Era possível? Ninguém havia tocado nele. A menina se concentrou em uma florzinha, observou-a durante um bom tempo, ajoelhada a seu lado, movendo os lábios, possivelmente pedindo permissão para cortá-la, e finalmente pegou o fino caule entre os dedos com muito cuidado. Levou-a até sua mãe, que lhe dedicou só um instante de atenção antes de pegar a florzinha. A menina poderia ter dado uma dinamite acesa que a mãe teria segurado sorrindo da mesma forma. *Obrigada!* A garotinha não desanimou; parecendo satisfeita, arrumou o vestido e empreendeu uma nova exploração. O pneu decididamente estava se movendo muito mais que antes. Só uma rajada de vento forte poderia ser capaz de agitá-lo dessa maneira, e mesmo desse lado da janela Ted sabia que não havia nenhuma rajada capaz de conseguir aquilo. Ele se concentrou no pneu. Algo estava pendurado nele, algo que não estava ali antes. A princípio pensou que se tratasse de uma cobra, mas então o rosto do gambá surgiu por cima do pneu. O rabo estava pendendo do outro lado. Os olhos estavam fixos em Ted, que, sem conseguir evitar, deu um pulo. Tricia Pendergast olhou para ele, mal-humorada. Ted fingiu que tinha se assustado com seu celular, tirou o aparelho do bolso, olhou e voltou a guardá-lo. Concentrou de novo sua atenção no pneu. Seus olhos encontraram os daquele animal hediondo.

Foi assaltado por pedaços do sonho enquanto o gambá mordiscava o pneu com dois dentes afiados, sem tirar os olhos da janela. De Ted.

A menininha se aproximava perigosamente do animal, com os bracinhos para a frente, preparando-se para uma queda que não acontecia. Ted ficou de pé como se fosse acionado por uma mola e deu dois passos até a janela. Parou, consciente de que a conversa na sala diminuía e vários rostos se viraram para ele. O gambá colocara meio corpo por cima do pneu, segurando-se com as patas dianteiras; tinha garras horivelmente compridas. Por um momento pareceu que a menina viu o animal e parou — estava a uns dois metros —, deu passos atrapalhados no lugar, não parecendo muito convencida. *Vamos, vamos... volte para a sua mãe.* Aquelas criaturas eram muito perigosas: transmitiam doenças e podiam ser agressivas; a menina podia

confundir o gambá com um gato ou outro animal inofensivo e querer se aproximar para acariciá-lo. Finalmente, depois do instante de hesitação, a pequena reuniu coragem e se lançou em direção ao pneu. *Meu Deus!*

Ted bateu no vidro violentamente com a palma da mão.

— Cuidado! — gritou.

A sala ecoou a reação dele. Os convidados emudeceram todos ao mesmo tempo. Os mais rápidos correram na direção das janelas, dois ou três se posicionaram atrás de Ted. Alguns permaneceram em seus lugares, esperando, observando de um lado para outro sem compreender. Norma chegou da cozinha correndo, perguntando o que havia acontecido. Do lado de fora, nem as duas mulheres que conversavam no banco nem o resto das crianças escutaram a advertência. Muito menos a menina, que percorria o último metro com passos vacilantes. Ted forcejava a janela, que, além da maçaneta central, tinha dois trincos em uma das folhas.

— O que está acontecendo? — um homem perguntou da outra janela.

— A menina! — Ted disse, sem olhar. — Tem um gambá enorme naquele pneu!

O pânico contagiou os outros. As mulheres, que continuavam sentadas, se descongelaram e começaram a correr, algumas gritaram. Que horror! Como é possível!

— Não estou vendo! — uma mulher vociferou.

Não há muitos pneus aí fora, senhora.

Outras mãos se somaram, e os golpes no vidro atraíram finalmente a atenção das duas mães que conversavam. As duas se viraram ao mesmo tempo para a casa, com expressões preocupadas. O espetáculo com que se encontraram devia ser suficientemente alarmante, com dezenas de rostos desesperados tentando chamar sua atenção. Teria acontecido algo do lado de dentro? Nenhuma das duas parecia entender. Por sorte, a menina também parou por causa da gritaria; sua mão esticada estava a uns quarenta ou cinquenta centímetros do pneu pendurado.

Ted conseguiu abrir a janela.

— A menina! — gritou. — Tem um gambá no pneu!

O instinto maternal se manifestou de imediato. Uma das mulheres pulou do banco e correu na direção da criança.

— Rose!

Um grupo de homens que instantes atrás estava na sala chegou correndo. O primeiro segurava uma vassoura. A mãe pegou Rose pela cintura e a puxou com toda a força, deu meia-volta e correu, se afastando do pneu como se ele estivesse prestes a explodir.

Agora as três janelas estavam abertas, e todos observavam em silêncio o que acontecia lá fora. O gambá havia se escondido no pneu, mas não tinha outro lugar para ir, a não ser que corresse em alguma direção. Ted se perguntou se uma vassoura seria suficiente para detê-lo.

— Ei, vocês! — disse um dos homens do grupo de caçadores improvisados para o bando de crianças reunido ao redor do carrossel. — Subam no carrossel. Todo mundo!

Eram oito no total, e o carrossel tinha quatro lugares, mas todos conseguiram subir. Foi uma medida inteligente. O gambá poderia se sentir ameaçado na fuga e tentar morder a canela de alguém. As duas mulheres fizeram o mesmo e subiram no banco, levando Rose. Agora os únicos sobre a grama eram os quatro homens, avançando em um bando em formato de diamante, armados com uma vassoura.

— Ei, Steve... — o da vassoura disse —, vá buscar alguma coisa mais forte. Uma pá ou algo assim.

O da retaguarda saiu de cena. O tridente não parou. Os meninos no carrossel, as mulheres em cima do banco, os observadores na janela, todos acompanhavam a ação prendendo a respiração. O da vassoura parou a cerca de três metros, se agachou ligeiramente e, segurando a vassoura ao contrário, esticou o cabo o máximo que conseguiu.

— Espere o Steve voltar! — uma mulher gritou da janela.

O homem negou com a cabeça. O pneu não se movia mais.

A ponta do cabo empurrou suavemente o pneu, que oscilou, descrevendo círculos. Steve chegou nesse momento. Não tinha encontrado uma pá, mas trazia um taco de beisebol. Todos aprovaram a nova arma. O da vassoura deu as orientações, pediu a Steve que se aproximasse pelo outro lado e avisou que introduziria o cabo no pneu até que o animal saísse.

E assim fizeram, girando ao redor do pneu, introduzindo o cabo em diferentes lugares. O gambá podia estar se movendo na cavidade interior, e nesse caso eles nunca o fariam sair. Foram se aproximando pouco a pouco, até conseguiu ver o interior.

Não havia nenhum gambá.

O cara da vassoura levantou o pneu com as duas mãos, exibindo-o para a plateia aglomerada nas janelas, como um mágico faria com o fundo de uma cartola onde instantes antes havia uma pomba. Os olhares viajaram do pneu para Ted. Todos ao mesmo tempo. As crianças, ainda paradas na plataforma do carrossel, observavam com incredulidade aquele estranho que parecia o responsável pela confusão. Os adultos também. Os que o rodeavam dentro da sala se afastaram em silêncio, como se os delírios dele fossem contagiosos.

Ted quase não percebia essas reações. Ele era o único que não conseguia tirar os olhos daquele balanço. O gambá estava ali; impossível que tivesse escapado sem ser visto. Tinha abaixado a vista apenas por um instante para abrir o trinco da janela, mas nesse momento outras pessoas olhavam pelo vidro. Deu meia-volta. O silêncio na sala era completo. Os olhares estavam voltados para ele, talvez à espera de uma explicação. Lancelot e Teresa o observavam com reprovação; Bobby Pendergast, com certa decepção. Norma o fulminava com seus olhos de escopeta. Arthur Robichaud, que tinha saído do escritório em algum momento, possivelmente alertado pelo alvoroço, foi o primeiro a se aproximar e colocar uma mão em seu ombro. Ted não reagiu.

— Nós tivemos sorte com o Lynch — Arthur disse. A princípio, Ted não soube do que ele estava falando. — Ele é um advogado que trabalha por conta própria.

Estendeu um cartão escrito a mão.

— Os meus contatos me deram o endereço e o telefone do escritório dele. Espero que ajude. Me liga mais tarde para me contar como foi. Agora é melhor você ir embora.

Ted concordou.



O EDIFÍCIO EM QUE FICAVA o escritório de Lynch, na periferia da cidade, era um bloco decrepito de tijolos rodeado por um estacionamento, dois terrenos baldios e alguns becos perigosos decorados com carros abandonados e latas de lixo transbordando. Eram sete da noite e não havia mais movimento. A única janela iluminada era a do sétimo andar; a de Lynch ficava no quinto. Ted ligou do celular para o telefone no cartão e ouviu pela segunda vez a voz cansada de uma mulher mais velha anunciando que o horário de atendimento do escritório era das sete às dezesseis e que ele podia deixar uma mensagem depois do sinal. Ted não falou nada e desligou. Não tinha quase nenhuma esperança de encontrar o cara a essa hora, mas precisava tentar de qualquer maneira; talvez Lynch fosse daqueles que gostam de trabalhar até mais tarde.

Enquanto as últimas riscas cor-de-rosa cortavam o horizonte atrás daquele bloco de brutalidade arquitetônica, Ted traçou um plano que consistia em esperar até o dia seguinte. No trajeto para sua casa, conseguiu não pensar em nada. Quando chegou, no entanto, percebeu que alguma coisa não estava certa e imediatamente ficou em alerta. A porta da rua estava entreaberta; ao entrar, viu que estava tudo revirado. No caos de livros espalhados, almofadas arrebitadas e gavetas de cabeça para baixo, percebeu uma maldade manifesta que o deixou enfurecido. Os intrusos não tinham se limitado a procurar algo em particular, mas se preocuparam em deixar, em sua passagem, a maior destruição possível. Enfeites jogados no chão, um grande golpe no centro da televisão, manchas de comida na parede... Ted massageava a cabeça, sem se atrever a cruzar aquele campo minado de objetos de sua vida cotidiana. Chegou ao escritório como um robô. Ali a inspeção tinha sido mais exaustiva e agressiva: não havia ficado um único livro nas estantes, o computador era um resto de sucata espacial, as gavetas da mesa estavam espalhadas; o quadro de Monet, curiosamente, continuava no lugar. Ted se aproximou e o tirou, como tantas outras vezes, e contemplou o cofre, pensando que um

esconderijo tão idiota podia enganar alguém com pressa, mas não os autores de tamanha destruição. No mostrador havia um orifício perfeito de meio centímetro que confirmou suas suspeitas. Ele puxou o trinco e a caixa-forte se abriu. O pouco dinheiro que conservava para emergências tinha desaparecido, mas não as duas pastas de Lynch, que continuavam onde ele havia deixado, perfeita e provocativamente empilhadas. Quando abriu a de Wendell, comprovou que tinham deixado só umas poucas páginas. O resto desaparecera.

A informação falsa.

Quem tinha sido assassinado?

— Esqueceram alguma coisa — Ted disse, em voz alta. Ele estava quase seguro de que não havia microfones escondidos ali, mas uma parte dele esperava ser ouvida.

Amanhã eu vou acertar as contas com Lynch.

Não importava se Lynch tinha sido contratado por *eles* e se sua participação era a de um ator coadjuvante; Ted havia intuído que essa podia ser uma possibilidade mais que razoável; de outro modo, não se explicava que o charmoso advogado tivesse fornecido seu nome real. Por que não arranjar uma identidade falsa? Ted pensou em uma explicação bem simples: a organização tinha previsto que ele tentaria saber alguma coisa sobre o homem que tinha batido à sua porta com semelhante proposta. E há algo melhor que deixar um rastro *real*? Se Ted tivesse tomado a iniciativa de investigar Lynch *antes*, por intermédio de Robichaud ou de qualquer outra forma, teria chegado a ele com relativa facilidade, e isso teria dado credibilidade a todo o resto.

Quando caminhava pelo corredor de volta à sala, parou por um instante na frente da escada. Observou o patamar com desdém, sabendo que subir até seu quarto e o de suas filhas seria difícil, mas que teria que fazer isso para verificar se a destruição tinha chegado até lá. Faria isso mais tarde. Continuou até o sofá e afastou com impaciência tudo o que estava em cima dele: uma caixa de pizza, enfeites, uma lâmpada e duas almofadas. Deixou-se cair, cansado, repassando mentalmente a lista de assuntos pendentes, aos quais agora se acrescentava organizar e limpar toda a casa. Sua esposa já teria muitos problemas para resolver com a morte dele; o mínimo que podia fazer por ela era se assegurar de que isso acontecesse em um ambiente organizado. Sorriu ao pensar em como aquilo parecia estúpido. Tirou o celular do bolso e passou um dedo pela tela para que se iluminasse. Tinha falado com Holly pela última vez na terça-feira de manhã, contendo as lágrimas e fingindo um tom casual. Disse para ela que aproveitaria os dias até sua volta para ir pescar no barco de Travis. Holly lhe deu uma leve bronca por causa disso, pois Ted não viajara para a Disney por causa de algumas impostergáveis (e, claro, fictícias) reuniões de trabalho, ao que ele respondeu que um almoço com seu cliente tinha sido suficiente para fechar um acordo que acreditavam que seria muito mais difícil. Holly lamentou, embora tenha dito que dessa forma poderia passar uns dias com seu namorado da Flórida. Cindy deve ter escutado o comentário, porque imediatamente vociferou que mamãe não tinha nenhum namorado na Flórida e exigiu falar com seu pai. Ted falou com ela e então com Nadine, que depois das queixas de praxe sobre o comportamento da irmã, *que não ajuda a*

mamãe em nada, fez um relatório pormenorizado de tudo que haviam feito naquele dia, e Ted ouviu, satisfeito.

Ele tinha Holly ao alcance do dedo. Percorreu os contatos até que chegou ao nome dela, e esperou. A tela começou a perder intensidade até quase apagar, mas não aconteceu o mesmo com sua vontade de falar com ela. Levantou o polegar e deu dois golpes suaves.

A voz de Holly foi como uma baforada de ar quando ele estava prestes a se afogar.

— O que aconteceu com o passeio de barco?

— As garotas deram o cano no último minuto.

Holly riu.

— Se elas viram fotos suas, não me surpreende.

Uma pausa. Ted não tinha acendido as luzes, e a claridade do exterior começava a se diluir dentro da sala. Aquele caos em penumbras encontrava seu contraponto na voz de Holly.

Deus, que saudade.

— Oi, amor — Ted disse.

— Oi, Ted. O dia hoje foi sufocante. Elas não vão admitir, mas as suas filhas já estão se cansando desse calor infernal.

Ouviu a voz distante de Cindy:

— Mentira!

— Elas só devem estar com saudade do pai — Ted falou, e no mesmo instante se arrependeu.

— Não acho que seja isso. As meninas quase não falam de você.

— Mentira, papai! — ele ouviu ao longe.

— O Travis e eu decidimos voltar hoje à tarde — Ted mentiu, retornando ao tema da viagem de barco. — Eu não conseguia imaginar outra noite suportando os roncos do meu sócio em uma cabine dois por dois.

— Nós vamos jantar. As meninas não quiseram sair do hotel; quiseram que eu pedisse serviço de quarto, como nos filmes. Na verdade elas não querem sair do ar-condicionado.

— Mãe!

Era Nadine.

— O quê?

Aconteceu uma conversa entre mãe e filhas, depois Holly voltou ao telefone.

— Ted, a comida chegou. Nos falamos depois, está bem?

— Aproveitem o hambúrguer. — Ted não precisava perguntar. *Sabia* que suas filhas tinham pedido hambúrguer.

— Tchau, Ted. Meninas, deem tchau para o papai...

— Tchau, papai.

Ted se despediu, mas ninguém o ouviu. O braço que segurava o celular caiu na sua lateral. Mais uma vez não tinha conseguido se despedir bem de Holly, falar quanto a amava, nem que

fosse apenas para que ela se lembrasse mais tarde, quando encontrasse o corpo dele no escritório com uma bala na testa. Perguntou-se se seria uma espécie de mensagem do destino.

A sala estava escura.



POUCAS HORAS DE SONO POVADAS de pesadelos foi tudo o que ele conseguiu. Tomou uma ducha no banheiro do térreo, vestiu a mesma roupa do dia anterior e às cinco da manhã estava na cozinha procurando algo para comer. Normalmente o ritual matutino se completava com a voz de Jack Wilson de fundo, mas dessa vez ele duvidava de que o apresentador de notícias do Canal 4 seria uma companhia agradável. Ted achava que o assassinato de Wendell seria o assunto do dia, e temia especialmente que o foco nas primeiras horas se concentrasse muito nos familiares. Apertou o botão do controle remoto com resignação. Quando o aparelho ligou, lembrou do golpe na tela. Uma mancha cinza do tamanho de uma bola de futebol ocupava o rosto da apresentadora — o decote era suficiente para concluir que não se tratava de Jack Wilson. Na parte inferior da imagem, fora do alcance da mancha, a legenda mostrava que a voz que os telespectadores ouviam nesse momento pertencia ao policial que havia sido o primeiro a chegar à casa do lago.

— ... patrulhava as imediações quando recebi o aviso da central. Eu moro nesta região desde que nasci e sei perfeitamente chegar ao lago, e isso me permitiu chegar à casa em menos de dez minutos.

Ted se distraiu. Algo se moveu na sala. De canto de olho, captou uma forma escura que desapareceu atrás de um móvel caído.

— Oficial, é verdade que o assassino pode ter sido filmado pelas câmeras de segurança?

Um abajur de pé caiu com um estrondo. Ted se encolheu.

Maldito animal!

— Bom, a investigação está em curso... O que eu posso dizer é que a propriedade tem câmeras de segurança, embora não possa garantir nada.

A legenda mudou para: “Assassino filmado por câmeras de segurança”.

Ted tinha se aproximado da TV sem se dar conta, em parte atraído pela notícia, em parte prestando atenção ao que acontecia na sala, onde o gambá continuava escondido, mas seu avanço entre os destroços era perfeitamente audível.

A apresentadora estava falando.

— ... segundo o testemunho do oficial Garrett, que nós ouvimos com exclusividade há alguns instantes, o corpo de Wendell foi encontrado pela mulher e as duas filhas, que conseguiram se manter a salvo graças ao veículo blindado da família. São desconhecidas até o momento as razões por trás do terrível crime...

Ted temeu o pior.

— ... uma família foi destruída: sua esposa, Holly, e suas filhas, Nadine e Cindy, vão carregar essa marca nefasta pelo resto da vida. Voltamos com mais detalhes dentro de alguns minutos com a nossa equipe de repórteres. — Uma pausa. — Agora, a previsão do tempo. Uma onda de calor é esperada para o dia de hoje; o serviço meteorológico informou que...

Holly, Nadine, Cindy.



ESSA MANHÃ NINA ESTAVA CHEGANDO ao trabalho quinze minutos atrasada. Levava donuts, e esperava que Lynch estivesse mais interessado nos doces do que na pontualidade de sua secretária. Apesar de ter sido contratada por ele havia seis meses, ainda não tinha aprendido a prever suas reações. Lynch era um enigma para ela. Suas amigas tinham garantido que cedo ou tarde o homem tentaria seduzi-la, mas por enquanto ele não havia feito nada, e isso a deixava um pouco desconcertada. Ela tentara decotes pronunciados, poses sedutoras, sutis comentários insinuantes... e nada. Lynch era quinze anos mais velho que ela, mas era atraente, e se havia algo de que Nina precisava em sua vida nesse momento era alguém com os pés no chão.

Abriu a porta do escritório e se agachou para pegar os donuts que deixara no piso. Quando se levantou, percebeu à sua direita que a escuridão do canto aumentava na direção dela e adotava a forma de um homem. Em apenas um segundo ele estava em cima dela, com o braço esticado, empunhando um revólver que pareceu enorme para Nina.

— Entre — Ted ordenou. — Deixe a caixa e a bolsa em cima da mesa. Muito bem. Não se vire ainda. Faça o que eu disser e não vai acontecer nada com você.

Nina não lembrava de se sentir tão assustada em toda a sua vida. Ficou preocupada pelo fato de o homem estar com o rosto descoberto. Sabia o que isso significava.

— Não me mate — suplicou.

— Onde está o Lynch?

— Não... não sei.

— Pode se virar.

— Prefiro continuar assim.

Ted não se sentia confortável com aquela situação. Estava esperando Lynch e em seu lugar tinha aparecido aquela garota, certamente a secretária dele. Teve que agir rápido, seguindo o

impulso do momento. O que estava fazendo? Ameaçando secretárias indefesas com uma arma? A garota estava morta de medo e não tinha nada a ver com aquilo.

— Vou guardar a arma — ele anunciou, com um pouco mais de calma. — Não grite e eu te dou a minha palavra de que não vou fazer nada com você. Só quero falar com o seu chefe. É caso de vida ou morte.

As palavras pareceram surtir o efeito esperado na garota, que continuava com as mãos para o alto e arfava.

— Como você se chama?

— Nina.

— Eu peço desculpas pela situação, Nina. Agora pode se virar. Confie em mim. Não faz mal que você veja o meu rosto. Eu conheço o seu chefe.

Nina se virou lentamente. Não chorava, mas tinha ficado com vontade. Examinou Ted com o olhar, confirmando que a arma efetivamente não estava mais à vista.

— Desculpe pelo modo como eu apareci. Foi besteira minha.

Ela concordou com a cabeça. O temor não tinha desaparecido de seu rosto.

— Calma. Essa é a sua mesa?

— É.

— Sente-se aí. Eu vou ficar nessa cadeira e nós vamos esperar o Lynch juntos. Tudo bem?

Nina deu a volta na mesa, muito devagar. Sentou-se.

— Coloque as mãos em cima da mesa, por favor.

Ela obedeceu.

— Faz muito tempo que trabalha para o Lynch?

— Não. Comecei há alguns meses.

Ted assentiu.

— Entendo. Os escritórios ao lado estão ocupados?

Nina hesitou.

— Fale a verdade, Nina.

— Os outros dois do andar estão vazios.

— Melhor assim.

— Você me deu a sua palavra...

— Não vou fazer nada com você. Eu deveria ter me apresentado de outra forma, agora eu sei. A sua chegada me pegou de surpresa. Não sei por quê, mas eu não imaginei que o Lynch tivesse secretária. Foi burrice da minha parte.

Nina ficou em silêncio.

— Pode pegar um donut, se quiser — ela ofereceu, apontando com o queixo para a caixa de papelão.

Ted não pôde evitar um sorriso.

— Não, obrigado. Então o Lynch costuma chegar às nove?

Nina não se lembrava de ter dito isso, mas era possível. Os últimos minutos tinham se armazenado em seu cérebro como um caótico redemoinho de acontecimentos e emoções.

— Costuma — respondeu, sem rodeios.

Ted se reclinou até apoiar completamente as costas na cadeira e enfiou as mãos nos bolsos da jaqueta esportiva, que tinha escolhido para disfarçar a arma. Apalpou a culatra e fechou os olhos por um segundo. Voltou a fazer a mesma pergunta de pouco antes: *O que estava fazendo?*



LYNCH VIU A CAIXA DE Dunkin Donuts sobre a mesa de Nina, se aproximou e ergueu a tampa com um dedo. Examinou o conteúdo com certa displicência. Estava imaginando que talvez a garota tivesse ido ao banheiro quando ouviu um barulho em sua sala. Estaria ela aprontando alguma ali dentro? Ele esperava que não, porque do contrário os dois teriam que ter uma conversa desagradável sobre limites. Abriu a porta e a encontrou sentada atrás da mesa, rígida como uma tábua, os olhos bem abertos. Não estava nua nem em posição provocativa, e a palidez de seu rosto deixava perfeitamente claro que aquilo não era um joguinho de sedução. Lynch viu os olhos de Nina viajarem para o canto, onde havia um homem de pé.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou.

Ted o observava fixamente. Não conseguia se acostumar com a ideia. Aquele era Lynch, efetivamente, mas parecia muitos anos mais velho do que o jovem que tinha ido a sua casa. Tinha algumas rugas finas na testa e o cabelo parcialmente grisalho. Não havia perdido a beleza; a maturidade tinha sido benevolente com ele. Mas o brilho juvenil havia desaparecido completamente. Ted colocou a mão na cabeça e fechou os olhos por um instante. Ao abri-los, nada tinha mudado.

— Ele tem uma arma — Nina revelou.

— Mas não tenho a intenção de usá-la, se pudermos conversar como pessoas civilizadas.

— Ele te machucou? — Lynch perguntou a sua secretária.

— Não.

— Sente-se — Ted ordenou.

Lynch deu a volta na mesa e se sentou pesadamente na cadeira ao lado de Nina.

— Você viu o noticiário hoje? — Ted perguntou, enquanto caminhava até a porta do escritório e a fechava, dando deliberadamente as costas para seus dois reféns.

— Para quem você está perguntando? — Lynch ironizou.

— De agora em diante todas as perguntas são para você. A garota é só um dano colateral.

— Por que você não a deixa ir embora e nós dois resolvemos essa questão?

— Vamos ver.

Ted voltou a adotar a postura de antes, agora apoiado na porta do escritório.

— Eu não vi o noticiário — Lynch disse.

— O Wendell está morto. — Ted estudou a expressão do advogado, mas não percebeu nenhum traço de surpresa. — Foi assassinado.

— Por que não falamos desse assunto civilizadamente? — Lynch propôs, enquanto desviava as pupilas para a direita, onde estava Nina.

— Nem sonhe com isso.

— Ela não vai falar nada — Lynch indicou. — Não é mesmo, Nina?

A garota tinha perdido uma parte do diálogo, mas assentiu vigorosamente.

— Não vou falar nada.

— Agora que você sabe que o Ted e eu nos conhecemos — Lynch insistiu —, não tem por que avisar a polícia ou qualquer outra pessoa. Enquanto isso, o Ted e eu vamos resolver os nossos assuntos pendentes.

Ted refletiu por um segundo. Era verdade que não poderia falar abertamente da morte de Wendell com aquela garota presente. Não podia confessar um assassinato na frente de uma completa desconhecida.

— Vá para casa — Ted ordenou, de repente.

Nina se levantou como se fosse acionada por uma mola. Deu a volta na mesa a toda a velocidade e parou na frente de Ted, que, no entanto, não tinha se afastado da porta do escritório. Nina apertava sua bolsa com o olhar suplicante. Ted observava Lynch, que entendeu o que ele pretendia.

— Nina, não diga uma palavra a ninguém sobre isso — Lynch orientou. — O Ted e eu realmente precisamos resolver uns assuntos.

Ted se afastou. Nina saiu correndo e nem sequer se preocupou em fechar a porta. Ted fez isso por ela.

— Agora sim você vai me contar toda a verdade, Lynch. Você armou uma armadilha para mim, filho da puta maldito.

— Eu admito que omiti algumas informações, mas acredite: foi necessário.

Ted deu um pulo para a frente. Apoiou as mãos na mesa e aproximou o rosto do de Lynch.

— Foi necessário! Você omitiu que o Wendell era casado e tinha duas filhas. Desde que eu soube disso, não consigo deixar de vê-las como a minha própria família.

— Se eu contasse que ele tinha esposa e filhas, você nunca teria concordado — Lynch respondeu friamente.

Ted enfiou a mão no bolso do casaco. Sacou a Browning.

— E você, Lynch? Tem esposa e filhas? Pense no que vai responder, porque posso estourar sua cabeça agora mesmo.

— Por favor, Ted. Abaixe essa arma e me deixe explicar.

— Você já me explicou, filho da puta. — Ted sacudiu a cabeça. — É tudo tão confuso...

— Do que você está falando?

Ted abaixou a arma. Voltou a guardá-la. Puxou uma cadeira que estava perto dos arquivos e se sentou pesadamente.

— Diga o que tem para dizer, Lynch. Pare com os joguinhos, por favor.

O homem concordou.

— Eu vou te dar meu nome verdadeiro, Ted. Eu sabia que cedo ou tarde você viria me ver. Chegou o momento de ser sincero com você. — Lynch se remexeu em sua cadeira e soltou uma frase demolidora. — O Wendell não queria se suicidar.

Assim que Lynch formulou essa frase, algo se sacudiu dentro do arquivo, mais exatamente na gaveta inferior. Ted se virou instintivamente para aquela direção. O barulho não se repetiu. Lynch não deu sinais de ter ouvido.

— O Wendell e eu nos conhecemos na universidade — Lynch continuou — e nos tornamos bons amigos. A organização foi fundada naquela época, e o Wendell se envolveu rapidamente nela; se transformou em uma peça fundamental. Mas ele não estava interessado em fazer justiça, Ted. O Wendell é um assassino fodido. Ele matou durante anos.

Ted enrugou a testa. Lynch continuou a falar.

— Eu fiquei sabendo há pouco tempo das atividades paralelas do Wendell, quase por acaso. Acho que de alguma forma eu sempre suspeitei, mas não queria enxergar.

— Por que você não o denunciou?

— Você viu como é a vida dele? Tem muito poder, é bem relacionado e assessorado. Já teve problemas antes e se saiu muito bem. Isso sem mencionar que eu não poderia ter provado nada.

— A esposa e as filhas não foram as únicas coisas que você deixou de fora — Ted atacou. — Também omitiu as câmeras de segurança.

— Desculpe.

— Você pede desculpas... — Ted repetiu, com resignação. — Você sabe que está diante de um homem que não tem nada a perder, não é?

— Você vai entender. Me dê um tempo.

— E o Blaine? As informações sobre ele não serviram para nada. Todo mundo sabia que o cara era culpado. Se o seu objetivo era o Wendell, por que me mandou matar o Blaine?

Outro barulho no arquivo. Dessa vez mais forte. Foi como se um punho golpeasse o metal do lado de dentro. Ted deu um pulo.

— O que foi isso?

— O que foi o quê?

O coração de Ted palpitava com força.

— Posso te mostrar uma coisa? — Lynch perguntou. — Está bem aqui, na gaveta da mesa. Ted voltou a apontar para Lynch com a Browning.

— Abra devagar.

— Claro.

Lynch abriu a segunda gaveta.

— É esta pasta — anunciou.

— Pode pegar.

Ted voltou para a cadeira. A pasta era similar à que Lynch tinha entregado na casa dele. Ia abrir quando Lynch pediu que não o fizesse.

— Antes de abrir, me deixe explicar algo. Como acabei de falar, eu soube há pouco tempo das atividades do Wendell, dos assassinatos. Ele foi meu amigo há muito tempo, mas o dano que estava causando era grande demais. — Fez uma pausa. — Abra a pasta.

Ted guardou a Browning.

— Me diz o que tem dentro dela. — Não se atrevia a tocá-la.

— A Holly está te traindo — Lynch contou, sem preâmbulos. — Nesta pasta estão as provas irrefutáveis disso. Fotografias, registros telefônicos, hotéis.

Ted fez uma careta de desdém. Não era verdade. Esticou um braço para abrir a pasta, mas no último momento parou. Algo em seu rosto mudou.

— A Holly pediu o divórcio — Lynch continuou. — As coisas entre vocês não vão bem já faz um tempo.

— Isso é uma estupidez total.

— Pense por um segundo...

Ted voltou a recriar em sua cabeça a visão de Holly na casa de Wendell, as meninas correndo para a porta, com seus rostos sorridentes e as mochilas cor-de-rosa. Várias situações vividas com ela durante os últimos meses se juntavam em sua cabeça. Era verdade que, no geral, tinha sido ele que havia se mostrado esquivo, distante, usando o trabalho e outras coisas como desculpa. Ted não queria abrir a pasta.

— Eu investiguei o Wendell — Lynch disse —, e sem querer descobri a traição da Holly. É uma história um pouco longa.

Os golpes dentro do arquivo recomeçaram.

— Chega! — Ted gritou para o móvel metálico.

Lynch o encarou com a expressão horrorizada. Ted ficou de pé e deu dois passos até o arquivo. Desferiu um forte chute na lateral.

— Silêncio!

Voltou à mesa e, tomado por um repentino ataque de fúria, deu um tapa na pasta. Esta caiu perto do arquivo; algumas folhas impressas e uma das fotografias saíram para o lado. Ted gritou, deixou-se cair de joelhos perto da foto parcialmente oculta e a examinou, sobressaltado. Tinha sido tirada do lado de fora de um restaurante. Através de uma janela era possível ver Holly de perfil, inclinada ligeiramente sobre uma mesa, sorridente e com a boca aberta,

disposta a provar a comida que alguém oferecia do outro lado. Do homem só era visível parte do braço. Ted ficou de pé. Andava para trás, sem tirar os olhos da foto, quando se chocou com o arquivo. Uma série de golpes respondeu do interior.

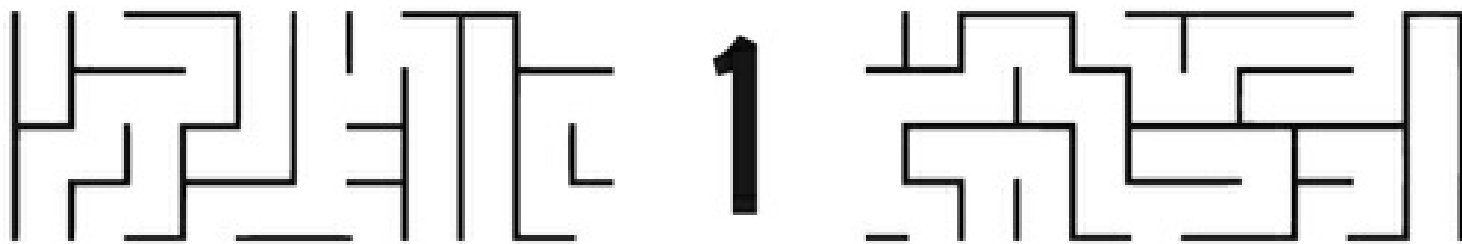
Ted se inclinou e abriu o arquivo. Afogou um grito, levando as mãos à boca.

— O quê? — Lynch perguntou.

O gambá saiu pela borda da gaveta, cheirou o ar do escritório, como tinha feito no dia anterior por cima do pneu na casa de Robichaud, se esticou até suas patas dianteiras ficarem no ar e saltou. Caiu pesado no chão.

Ted saiu do escritório cambaleando, sem se lembrar da arma, que se sacudia como uma prolongação de seu braço. Avançou pelo corredor, batendo em cada porta para se chocar com ela e retroceder. Onde estava o maldito elevador? Levou as mãos à cabeça e assim chegou ao final do corredor, de onde mergulhou por escadas estreitas e sujas cujos degraus iam se afinando à medida que avançava. Quase caiu duas vezes. O andar de baixo era mais tenebroso: não havia luzes acesas, e em várias das portas ele viu a correspondência acumulada e pisada. Empurrou uma porta qualquer e foi engolido por um escritório vazio com cheiro de fechado. Um velho arquivo de aspecto maciço, que nem mesmo os donos tinham se preocupado em levar, o observava com a expressão de surpresa de uma gaveta ausente. Ted o abraçou e se deixou cair lentamente ao lado dele. Observava fixamente a porta aberta; sabia que o gambá entraria a qualquer momento...





TED MCKAY ESTAVA PRESTES A se matar com um tiro na cabeça quando a campainha de sua casa começou tocar. Com insistência.

Abriu os olhos. A luz natural que entrava pela janela do escritório o deixou cego. As batidas na porta não demoraram a ser ouvidas, e com elas a voz do visitante, que supostamente não devia conhecer.

Ficou de pé e de imediato sentiu o peso em um dos bolsos da calça. Apalpou o vulto com a mão esquerda: a inconfundível forma semicircular da ferradura. Ted observava tudo com incredulidade. O escritório que lembrava estar todo revirado agora estava como sempre: a mesa organizada, os livros no lugar, o computador na mesinha lateral. Enquanto Lynch gritava para que abrisse a porta (Ted sabia que era Lynch), conseguiu esticar um dedo na direção do botão de ligar do computador, como se aquela fosse a prova definitiva de que era verdade o que estava acontecendo. O aparelho ligou com a característica mistura de leds e zumbidos. Ted, entre horrorizado e contrariado, desligou-o com urgência, mantendo apertado novamente o botão. Em sua cabeça conseguiu escutar o aviso de Nadine: *Não desligue assim, papai. Use o comando de desligar. A mamãe me ensinou.* Ted estremeceu. Sobre a mesa estava a carta para Holly.

— Abra, por favor!

Ted procurou as chaves, tateando enquanto os gritos se sucediam, à espera da frase conhecida que não demorou a chegar.

— Abra de uma vez, Ted!

Por que eu não estou surpreso que você saiba o meu nome, Lynch?

Abriu a porta do escritório. Leu o bilhete para Holly: “Amor, deixei uma cópia da chave em cima da geladeira. Não entre com as meninas. Eu te amo”. Era como se outra pessoa tivesse

escrito. Ted não podia tirar da cabeça a foto de Holly no restaurante, inclinada sobre a mesa para provar a comida que seu amante oferecia. Como era possível lembrar algo que ainda não tinha acontecido?

— Já vou! — Ted gritou.

Ao chegar à sala, reconheceu a silhueta do outro lado da janela. Também dessa vez observou tudo com um interesse inusitado, e não porque tivesse se despedido de todos aqueles objetos para não voltar a vê-los nunca mais, mas porque a última lembrança que tinha deles era de ter visto tudo destruído.

Quando abriu a porta, ali estava Lynch — a versão jovial de Lynch —, com seu sorriso, sua camisa polo de faixas coloridas horizontais e a valise fora de lugar.

— Seja lá o que quiser me vender, não estou interessado — Ted disse, parafraseando seu outro eu.

— Ah, acho que não vim vender nada.

Enquanto o diálogo se desenvolvia, Ted percebeu que Lynch não mostrava sinais de ter mantido essa conversa antes; seu comportamento era muito natural. Voltou a fechar a porta na cara dele, mas dessa vez não ficou ali para escutar Lynch dizer que sabia o que ele estava prestes a fazer com o revólver que tinha deixado sobre a mesa. Correu até a cozinha, até a geladeira, e ali estava a foto de Holly na praia, correndo naquela postura particular congelada, com a moldura de glitter que Cindy e Nadine tinham feito. Ficou ali por um instante, aliviado. Passou um dedo pelo corpo impresso de sua esposa, como se precisasse daquele tato escorregadio do papel para se certificar de que a fotografia realmente estava ali.

Enfiou a mão no bolso. A ferradura também era real. Apertou-a sem tirá-la quando a ponta dos dedos roçou um pedaço de papel. Com incredulidade, tirou o maltratado bilhete escrito com sua própria caligrafia. “ABRA A PORTA. É SUA ÚLTIMA SAÍDA.”

Voltou para a sala e recebeu seu insistente convidado. Lynch continuava de pé, sorridente sob o sol do meio-dia.



TED ESTAVA DE CÓCORAS. AGARRAVA a cabeça com as mãos, balançando-se suavemente para a frente e para trás, com os olhos na foto de Holly na praia, que colocara no chão a centímetros de seus pés. Precisava entender.

É o tumor...

O dr. Carmichael dissera que as dores de cabeça poderiam voltar, que ele até poderia chegar a ter tonturas ou alucinações. Ele não tinha dito isso?

Sim, o dr. Carmichael tinha dito que ele poderia ter alucinações. Mas uma coisa era imaginar um duende correndo pelo jardim, um arco-íris na privada ou qualquer merda psicodélica, e outra muito diferente era o que estava acontecendo.

Obrigou-se a ficar de pé, e, ao fazer isso, o peso da ferradura o fez lembrar que pelo menos uma coisa era diferente. Tirou-a do bolso e a contemplou por um longo instante. A lembrança de tê-la recolhido no caminho particular de Wendell era vívida; cada detalhe da casa do lago era. O bilhete também estava ali, bastante enrugado, dando a entender que estava no bolso havia um bom tempo.

Agachou-se por um instante e depositou a ferradura ao lado da foto; mais tarde decidiria se a deixaria ali ou se a levaria com ele. Agora a prioridade era falar com Holly. Com ela, o acordo tinha sido não voltar a conversar até a sexta-feira, quando ela voltasse para assinar os papéis do divórcio. Como ele pôde ter esquecido um detalhe como esse? Ele havia dito que precisaria de uns dias para que os advogados tivessem tudo pronto, e ela avisado que iria visitar os pais com as crianças, algo que Ted previra. Mantiveram uma última conversa amigável na sala e se despediram em paz, como se por um efêmero momento os velhos Holly e Ted tivessem renascido das cinzas. Mas foi uma ilusão que durou apenas um abraço rápido e um sorriso morno. Os acontecimentos dos últimos meses tinham arrasado com tudo; não havia

nada para recompor. Ted assumia sua parte da culpa... quase toda, na verdade. Tinha submergido demais no trabalho, diria mais tarde a Laura Hill, sem perceber que havia se distanciado e voltado a ser o Ted da adolescência, o rebelde, o incompreendido, aquele que conseguira domar por causa do que sentia por sua família. Começaram as dores de cabeça, o mau humor constante; até mesmo as meninas chegaram a observá-lo com desconfiança. “Com medo, Laura. Não há nada mais horrível do que perceber que um filho tem medo de você. É como se outra pessoa tivesse tomado o controle.” Foi então que visitou Carmichael, porque as dores de cabeça não o atormentavam mais uma vez por dia, mas três ou quatro, e aumentavam de intensidade. Ted temia o pior: um tumor maligno. Por outro lado era um alívio poder atribuir seu comportamento de merda a um punhado de células mortas.

A notícia, longe de deixá-lo contrariado, fez Ted vislumbrar seu destino com clareza. Laura o ajudou, precisava reconhecer. Ajudou-o a se desprender de algumas verdades que o acompanharam durante muito tempo. A relação com as meninas melhorou, e também com Holly. E foi então que ela pediu o divórcio. “Fazia tempo que eu queria conversar com você civilizadamente.” A conversa foi respeitosa. Ela disse que preferia assim, que não queria que ele ficasse sabendo pelo seu advogado, que mereciam terminar bem, como tinham começado. Ted concordou.

Agora ele entendia muito melhor os motivos de sua esposa.

— Oi, Ted — disse a voz de Holly do outro lado da linha.

— Oi...

Amor.

Sentiu uma pontada no peito. A seus pés estava a foto de Holly, sorridente na praia com seu biquíni vermelho. O favorito de Ted.

— Você está bem? — ela perguntou.

— Estou. Desculpe te ligar no celular.

— Não se preocupe. Houve algum problema com os papéis?

— Não. Os papéis estão quase prontos.

Silêncio.

— Holly, você está na casa dos seus pais?

Ou está com seu amante?

— Não preciso te dar satisfações.

— Você está com as minhas filhas, então eu acho que precisa sim.

Assim que a frase saiu de sua boca, ele se arrependeu.

— Desculpe.

— O que você quer, Ted? Estou ocupada.

Ted sentia uma grande confusão. Se Holly realmente o estava traindo, então ela podia estar correndo perigo. Wendell podia ser um cara perigoso.

Você não conhece o Wendell.

— Se cuida, Holly.

— Eu sempre me cuido. Do que você está falando? Aconteceu alguma coisa que eu deveria saber?

Ted soube que precisava inventar algo para justificar o telefonema.

— Eu recebi umas ligações estranhas em casa e fiquei preocupado.

— Ligações estranhas? Que tipo de ligação? Avisou a polícia?

— Acho que não é necessário. Mencionaram seu nome, por isso eu me preocupei.

— O meu nome? — Agora, sim, Holly pareceu realmente afetada.

— Não quero que se preocupe, mas você entende que eu precisava te ligar, não é?

— Sim, sim, entendo.

— Só se cuida.

— Pode deixar. Obrigada.

Ted não conseguiu evitar sorrir diante dessa demonstração mínima de agradecimento.

— Tchau, Holly.

— Até sexta-feira, Ted.



— **HOJE EU QUASE TIREI** a minha vida — Ted disse, com neutralidade.

Estava no consultório de Laura Hill, sentado na poltrona de sempre, contemplando o copinho de água no centro da mesa baixa. Levantou o olhar.

— Você não parece muito preocupada — comentou com a terapeuta, enquanto ensaiava um sorriso fraco.

— Você está aqui — ela respondeu, devolvendo o sorriso.

— Foi uma manhã louca. Nem sei por onde começar.

— Nós temos tempo.

Ted já estava com Laura havia vários minutos, mas seu nervosismo não tinha permitido que reparasse no aspecto dela.

— Você está com o cabelo solto — observou.

Laura ficou vermelha, moveu a cabeça e fez o cabelo acariciar seu rosto. O loiro estava um tom mais claro que antes.

— Ontem eu fui ao cabeleireiro. Decidi mudar.

Na alucinação dos últimos dias, Laura não tinha ido ao cabeleireiro. Evidentemente, os tumores não se ocupavam de detalhes cosméticos.

Não foi uma alucinação! Lynch veio te ver essa manhã.

O sorriso de Ted desapareceu. Se ele precisava de mais uma prova de que os últimos dias tinham acontecido, estava no bolso de sua calça. Tinha encontrado a ferradura na casa de Wendell, um lugar de onde se lembrava perfeitamente e que, no entanto, nunca tinha visitado na vida.

— O que aconteceu esta manhã, Ted?

— Eu estava no escritório de casa, apontando a minha Browning para a cabeça, quando de repente alguém começou a bater freneticamente na porta. Foi como se nesse momento eu tomasse consciência de onde estava, do que estava para fazer.

A expressão de Laura era indecifrável.

— Você não lembrava de ter pegado a arma?

— Pior. Eu não lembrava, nem lembro, quase nada dos últimos dias. São lembranças fragmentadas, muito confusas, em parte porque eu tenho... bom, é um pouco difícil explicar... eu tenho *outras* lembranças. É como se o tumor tivesse misturado tudo.

— Continue com o que aconteceu esta manhã. Você está no seu escritório. Ouve barulhos vindo da porta. O que está acontecendo?

— Em cima da mesa há uma carta para a Holly, escrita com a minha letra. Eu também deixei um aviso na porta do escritório para que ela não se aproximasse com as meninas. Evidentemente eu planejei tudo muito bem. É como se, à medida que vou descobrindo esses detalhes, algumas informações do passado fossem se revelando na minha cabeça.

— Você realmente acha que ia apertar o gatilho?

Ted abaixou a cabeça e massageou a testa. Laura esticou a mão e apertou seu ombro suavemente.

— Ted, continue falando comigo. Olhe para mim. Isso mesmo... Quem estava batendo na porta da sua casa?

— Um homem chamado Lynch — Ted respondeu. — Achei que fosse um vendedor e quis me livrar dele, mas ele disse que sabia o que eu ia fazer no escritório. Ele falou alguma coisa sobre a arma, não lembro bem o que era, mas foi bastante preciso. O mais absurdo de tudo é que eu lembrava de ter vivido essa situação, sabia tudo que o Lynch ia me dizer, o que ele ia me propor. Foi como ver um filme que eu já soubesse de cor.

— E você acha que realmente já tinha vivido essa situação?

— Não — Ted falou. — É o tumor, Laura. O dr. Carmichael disse que um tumor com essas características pode causar alucinações, que pode comprimir certas zonas do cérebro e isso pode causar...

— Espere, Ted. Podemos falar com o dr. Carmichael, se for preciso. O que eu quero saber é se existe a possibilidade de você ter conhecido o Lynch em outro momento. Talvez no passado, quando era mais jovem.

— É estranho você perguntar isso.

— Por quê?

— Porque, nessa fantasia de que eu estou falando, voltei a ver o Lynch uns dias depois e o cara parecia ter envelhecido dez ou quinze anos. Rápido assim. — Ted estalou os dedos. — Como em um sonho no qual as pessoas mudam de aspecto em um piscar de olhos.

Ted se lembrou de algo. Sacudiu a cabeça e riu.

— O quê? — Laura perguntou.

— Eu tenho a lembrança de ter estado aqui com você — Ted falou, olhando para as paredes ao redor. — O seu cabelo estava como antes; isso eu não teria como saber. Mas, meu Deus... eu me lembro de detalhes insignificantes. Você acha que é possível? Imaginar uma coisa assim?

— Do que nós falamos? Na sessão, quero dizer.

Ted enfiou a mão no bolso da calça. Apalpou a forma semicircular da ferradura.

— Sobre o motivo de eu ter abandonado o xadrez — respondeu.

Laura pareceu surpresa.

— O que você tem no bolso?

Ted tirou a ferradura. Apertou-a com as duas mãos e a contemplou por um bom tempo com a expressão de quem tenta resolver um problema complexo. Laura falou em voz baixa.

— O Miller te deu de presente antes de você abandonar o xadrez, não foi?

Ted levantou a cabeça de repente, os olhos bem abertos. Ela sorriu gentilmente.

— Eu tenho boa memória, o que posso fazer? — Laura disse. — Quando você me falou sobre o Miller e a ferradura, eu soube que de alguma maneira isso era importante para você. Não sabia que ainda a tinha.

— Ah, não é a mesma ferradura do Miller. Mas é bastante parecida. Eu a encontrei... não sei bem onde exatamente. Não lembro — Ted mentiu.

Na margem do lago de Wendell!

— Você disse que esse homem, o Lynch, te fez uma proposta. Qual foi?

— Nossa, é tudo tão absurdo... Ele contou que fazia parte de uma organização secreta que recruta pessoas como eu para fazer justiça; assassinos que ficaram em liberdade por algum erro do sistema e essas coisas. Em troca, eles me permitiriam entrar em uma espécie de círculo de suicidas, embora ele não tenha chamado dessa forma.

— E assim a sua família e a dos outros não sofreriam as consequências do suicídio — Laura refletiu, com certa admiração.

— Exato.

— Não posso dizer que não é engenhoso. E horripilante. É a primeira vez que você ouve falar disso?

— Com certeza.

— Quem ele queria que você assassinasse? Para fazer justiça, quero dizer.

— Um cara chamado Edward Blaine. Ele matou a namorada e ficou livre.

— Ah, sim, eu ouvi sobre esse caso na televisão. A irmã da mulher quer que ele seja julgado de novo, alega que os investigadores cometeram um erro.

Ted se lembrava de Tricia Pendergast explicando a questão na casa de Arthur Robichaud.

— Aparentemente, embaixo do apartamento havia uma lavanderia, e a temperatura da tubulação foi o que manteve o cadáver quente.

— O que você fez nessa *fantasia*, Ted?

— Fantasia... Parece tão ridículo.

— Eu sei.

— Você acha, Laura, que essas lembranças são, na verdade, parte do meu passado?

— Acho que é provável que alguns elementos sejam. Mas vamos nos concentrar no que você se lembra. O que você sentiu a respeito do Blaine?

— Que eu tinha que matá-lo. Assim como hoje eu pensei que seria a coisa mais ridícula do mundo, nessa outra realidade matar o Blaine era perfeitamente razoável. Tão razoável quanto me suicidar. Por isso eu fui até a casa dele; lembro de todos os detalhes do interior, e tenho certeza de que nunca estive ali. Me escondi em um armário e esperei o cara dormir. Então, fui até o quarto dele e o matei.

— Matou a sangue frio?

— Não. O Blaine percebeu a minha presença e tentou dificultar as coisas. Mas eu o matei.

— O que aconteceu depois?

— Bom, a partir desse ponto a coisa começa a parecer mais um sonho. Eu fui até a casa do outro sujeito que devia assassinar. O nome dele era Wendell, e supostamente estaria me esperando; no fim das contas ele seria parte do círculo. Morava em uma casa gigantesca, isolada no meio de um bosque e com um lago particular. Eu esperei por ele dentro da casa e, quando entrou, atirei. Eu acreditava que o Wendell não fosse casado nem tivesse filhos. Pelo menos foi isso que o Lynch falou. No entanto, poucos minutos depois chegou uma mulher com duas meninas.

— E você me disse que o Wendell não tinha filhos.

— Era o que eu pensava. O Lynch omitiu essa informação porque sabia que, do contrário, eu nunca aceitaria.

— Como você sabe?

— O Lynch confessou mais tarde.

— Então você o viu de novo.

— Exato. Quando eu suspeitei de que tinha sido enganado, recorri a um velho companheiro de escola, o Arthur Robichaud, que é advogado e que eu não via há anos. Na escola ele era um menino tímido, que não se relacionava com quase ninguém; eu e alguns outros o perseguíamos e fazíamos umas brincadeiras pesadas. Essas coisas que nos perseguem pelo resto da vida, eu acho. A questão é que eu fui até a casa dele e, por coincidência, era o seu aniversário. Havia outros colegas de escola, todos perdedores como Arthur, e eu não reconheci praticamente nenhum.

— Espere um momento — Laura interrompeu. — Na sua empresa devem trabalhar vários advogados. Por que você não os procurou?

— O Arthur tinha me ajudado com um testamento — Ted explicou. À medida que pronunciava a frase, percebia que não tinha ideia do que estava falando. Em sua fantasia, tinha aceitado isso como certo, e o próprio Robichaud tinha se comportado como se aquela não fosse a primeira vez que se encontravam depois de tanto tempo; no entanto...

— O Robichaud te ajudou a encontrar o Lynch?

— O que tem por trás de tudo isso, Laura? — Ted segurou a cabeça outra vez. — É como se eu tivesse sonhado acordado. Agora que estou pensando nisso, na festa de aniversário na casa do Robichaud... também havia um animal, um gambá que aparecia de vez em quando.

Laura se mexeu, alerta.

— Um gambá?

— Isso. Eu o vi várias vezes. A primeira vez foi na mesa da varanda de casa, mas eu não lembro bem. Depois eu o vi na casa do Arthur, escondido em um pneu velho, e também no escritório do Lynch, quando finalmente fui falar com ele.

— No escritório?

— Ele saiu de um arquivo. — Ted negou com a cabeça e riu. — Parece idiota, meu Deus. Eu gostaria de sentir que estou falando de um sonho.

— Vamos pensar que é exatamente isso que estamos fazendo, Ted. Me diga o que aconteceu quando você foi ao escritório do Lynch.

— O Lynch tinha envelhecido. Ele tinha a minha idade ou um pouco mais. Eu precisei ameaçá-lo, e ele me confessou que o Wendell realmente tinha esposa e filhas, e uma coisa muito pior.

— O quê?

— Que o Wendell não era, na verdade, um suicida que fazia parte da organização — Ted falava com o olhar fixo no copo de água —, mas que tinha... se desencaminhado.

— Matava gente do seu próprio grupo?

Ted se surpreendeu. A conjectura de Laura parecia absurda, e no entanto estava correta.

— Isso. Era preciso detê-lo.

— E por que você?

Tinha chegado o momento de enfrentar o cerne da questão. Se por acaso esse delírio tinha algum contato com a realidade, Ted temia que fosse a traição de Holly. O resto podia não ser mais que um subterfúgio macabro de seu inconsciente para desmascarar uma verdade demolidora.

— O Lynch seguiu o Wendell e descobriu que ele tinha uma amante.

Ted deixou a frase no ar. Apertava a ferradura com as duas mãos; sem estar totalmente consciente, puxava cada extremidade, como se quisesse endireitá-la.

— Era a Holly, certo?

Ted assentiu em silêncio.

— Quer um pouco de água, Ted?

— Não, obrigado.

— Você conversou hoje com a Holly?

— Sim, até que foi uma conversa bastante amigável. Eu não contei nada.

— Acho melhor pararmos por aqui hoje.

Ted pareceu ignorar a frase.

— O que é tudo isso, Laura? É possível que eu já soubesse? Sobre a Holly, quero dizer. Agora que eu penso, houve alguns indícios, e pode ser que...

— Chega. Paramos por hoje.

— Está bem.

— Eu quero que nos vejamos todos os dias, Ted.

— Perfeito.

— Tente descansar.

Ele ficou de pé. Laura o imitou.

— Ted?

Ele olhou para ela.

— Não saia de casa, entendido?

— Entendido — Ted respondeu. E então se lembrou de algo. Um detalhe daquela outra realidade disparatada: — O seu filho é escoteiro, não é?

— É.

— Nessa fantasia tinha algum tipo de problema com uma autorização para uma excursão. Alguém te avisava disso por telefone no meio da sessão.

Laura sorriu. Apontou para o telefone, que, claro, não tinha tocado nenhuma vez desde que Ted tinha entrado no consultório.

— Por sorte não aconteceu nada — ela disse.

Ted caminhou até a porta. Continuava segurando com força a ferradura.

— O Carmichael tinha razão quando falou que a terapia podia ajudar — observou, mais para si mesmo do que para sua terapeuta.



TED OLHAVA PARA O LUGAR exato em que tinha encontrado a ferradura. Estava no caminho de terra que levava à casa de Wendell. Era possível ver a construção ao longe entre a folhagem do bosque, e Ted levantou a cabeça para examiná-la. Havia estado ali antes, tinha certeza. Sabia que, se se aproximasse mais, se entrasse e percorresse a mansão, suas lembranças se misturariam com a realidade e ele não poderia mais distinguir entre as duas coisas.

Tinha prometido a Laura que ficaria em casa, mas a necessidade de saber fora muito intensa. Fechou os olhos e respirou fundo várias vezes, evocando todos os detalhes conhecidos: o cais particular, a imensa sala com vista panorâmica para o lago, a área de jogos na parte traseira. No entanto, supostamente essa era a primeira vez que pisava naquela casa.

Claro que você esteve aqui! Você assassinou o Wendell. Quando soube que ele era o amante da Holly, perdeu a cabeça e o matou. Simples assim. Depois ficou sócio do clube dos lunáticos para não enfrentar a verdade.

Se era assim, ele estava perto de descobrir. Cerca de cento e cinquenta metros o separavam da casa de Wendell. Deliberadamente tinha deixado a Browning em casa; na mão direita empunhava a ferradura, que bem podia servir como elemento de defesa, mas nesse momento servia sobretudo para dar coragem.

O Lamborghini estava no mesmo lugar de sempre, e isso o levou a pensar que encontraria Wendell no meio do lago, pescando placidamente. Não foi assim. Ted observou da margem, perto do cais, e olhou para a imensa massa de água esperando ver o colete salva-vidas laranja. Nenhum sinal de Wendell. Ele podia estar navegando do outro lado do lago, pensou. Ergueu a cabeça e viu uma das numerosas câmeras de segurança. Cumprimentou com um sorriso.

A porta de entrada estava fechada; outra mudança em relação a sua visita anterior. Ted se aproximou de uma das janelas fixas. Não eram transparentes, e foi preciso tapar a luz com as

mãos para conseguir enxergar algo. Não importava que Wendell o visse; na verdade ele queria precisamente isso. Ficou enfeitiçado com o tapete da entrada, o lugar onde Wendell tinha caído morto e que, no entanto, não mostrava nenhum sinal de que sobre ele um homem havia sangrado até a morte. Era esse tipo de detalhe que o deixava bravo. Ele podia aceitar ter visitado a casa do lago e não se lembrar, mas de onde vinha a imagem de Wendell morto sobre aquele tapete?

Deu a volta na casa em busca de outra entrada. Poderia ter tocado a campainha ou batido à porta, mas preferiu investigar um pouco antes de enfrentar Wendell. Se Lynch tinha dito a verdade, aquele cara era um assassino perigoso, e se o marido de sua amante aparecesse sozinho e desarmado não custava imaginar qual seria a reação dele. Durante um instante sentiu falta da Browning, embora a decisão de não levá-la tivesse sido bem pensada. Ele não era um assassino.

Wendell tampouco estava do outro lado do lago; seu bote esperava amarrado no cais. Ted percorreu a parte traseira e tentou a porta da imensa garagem com capacidade para vários carros. Não teve sorte. Pensava que talvez pudesse quebrar um vidro com a ferradura quando seu olhar pousou na área de jogos, sobre a suave inclinação na parte traseira da propriedade. Ali havia um bonito castelo cor-de-rosa, desses de madeira pintada que custam uma fortuna. Um caminho de pedras brancas ladeado por rochas conduzia até ele. Ted subiu o morro e ficou olhando para o castelo. Media uns dois metros, tinha quatro torres nas pontas e suas paredes tinham pinturas de várias das princesas da Disney. Bela, Tiana, Ariel... Ted conhecia todas elas. Não resistiu à tentação de se aproximar e espiar por uma das janelas. Dentro havia uma mesinha de plástico acompanhada por duas cadeiras.

— Quem é você? — disse alguém atrás dele.

Ted continuava com a cabeça enfiada na janela do castelo quando escutou a voz. Era Wendell. Nunca tinha escutado sua voz, no entanto havia nela uma familiaridade assombrosa, muito mais reveladora que seu aspecto. Ted levantou as mãos em sinal de não agressão e tirou a cabeça lentamente.

— Eu sou o Ted — falou, enquanto se virava. Não era preciso esclarecer, claro, pois Wendell o reconheceria assim que o visse, se é que já não o tinha feito e estava brincando com ele.

Mas Wendell levantou as sobrancelhas, desconcertado. Estava de pé no limite do bosque; usava a mesma roupa de que Ted se lembrava: jeans, camisa de flanela em tons de azul e o colete salva-vidas laranja. O que ele estava fazendo no bosque com o colete?

— O que você está fazendo na minha propriedade? Veio sozinho? — O desconcerto parecia genuíno. Havia algo em sua voz.

Por que você me parece tão familiar?

— Sim, eu vim sozinho.

Outra vez o desconcerto no rosto de Wendell. De tempos em tempos, ele verificava os arredores.

— Foi o Lynch que te mandou aqui?

Ted sorriu. Por fim começavam a se entender.

— Olha, Ted — Wendell disse —, eu não sei quem você é. Se o Lynch te mandou para me matar, é um idiota. Você não machucaria uma mosca.

Um revólver apareceu como num passe de mágica na mão direita de Wendell. Ted estava concentrado no rosto dele, e, ao baixar os olhos, ali estava a arma.

— Holly é minha esposa — Ted soltou, como defesa. Foi a primeira coisa que pensou.

O rosto de Wendell se transformou imediatamente. Massageou o cavanhaque com a mão livre.

— Interessante... — o homem falou. — Entre.

Ted apontou para o castelo.

— Aqui?

— Claro. Eu não vou deixar você entrar na minha casa. E isso é só por segurança — disse, referindo-se à arma. — Se nós nos entendermos, você sai daqui andando. Não quero arruinar o castelo das minhas filhas.

O castelo tinha uma porta dupla pela qual uma menina pequena podia passar sem se agachar, mas Ted quase teve que ficar de joelhos. O chão era de borracha. Além da mesa de plástico e de suas respectivas cadeiras, havia uma estante com um jogo de chá. Wendell entrou imediatamente depois, e os dois ocuparam as cadeiras como dois gigantes invasores. Ali dentro estava mais quente que no exterior, e não corria nenhum ventinho. Wendell deixou a automática sobre a mesa.

— Isso é ridículo — Ted desabafou.

— Então a Holly é sua esposa — Wendell começou, com o mesmo tom de fascinação de antes. — E o Lynch te enviou para me matar. Me deixe adivinhar: ele te disse que a sua esposa e eu somos amantes, não é?

— Ele me disse mais algumas coisas.

— Entendo.

Wendell refletiu por alguns segundos.

— Eu preciso que você me conte tudo que o Lynch falou sobre mim.

— Isso não vai acontecer.

— Curioso — Wendell disse. — Por um momento eu acreditei que não era eu quem tinha o revólver.

Ted suspirou. Sentia uma palpitação na cabeça. Tinha ido à casa do lago para ter certeza de que Wendell não estava morto e agora não sabia bem como proceder com o que tinha diante de si. A única coisa que estava clara era que, se aquele cara era perigoso, ele precisava descobrir, pelo bem de Holly.

— O Lynch me falou da organização, de corrigir os erros do sistema e distribuir justiça. Disse que você tinha perdido o rumo, que começou a atuar por conta própria, fora do protocolo. Me pediu para te matar.

Wendell negava com a cabeça. A ira ia moldando lentamente sua expressão.

— Filho da puta — disse para si mesmo.

— Por quê?

— Não existe nenhuma organização, Ted — Wendell soltou, com fúria. — Eu conheço o Lynch desde a universidade, e essa era uma ideia estúpida que ele tinha; naquela época nós éramos muito unidos. Foi há mais de vinte anos. Durante todo esse tempo nós continuamos nos encontrando ocasionalmente, embora a amizade fosse se apagando. Até que há uns meses ele quis me chantagear com alguma coisa do passado, não importa o quê. Foi burrice da parte dele, porque foi simples encontrar algo contra ele. Ele é inteligente, mas não soube se cuidar. Entende?

— Não.

— O Lynch é o amante da sua esposa, não eu.

— O quê?

— Eu contratei dois caras para encontrarem algo — Wendell explicou. — Descobriram que ele saía com uma mulher casada e tiraram muitas fotos. Eu mandei para ele e avisei que, da próxima vez que tentasse me chantagear, eu iria muito mais longe. Não soube mais dele.

— Descreva essas fotografias.

— Para quê?

— Por favor.

— Não sei. Não prestei muita atenção.

— Tinha alguma em um restaurante?

— Tinha. Era uma sequência tirada do lado de fora, através de uma janela. Eles estavam em uma mesa, um de cada lado, e ele estava dando alguma coisa para ela provar.

Ted se lembrava da foto, só que tinha visto parcialmente. Se o que Wendell dizia era verdade, então o homem que estava com Holly naquela fotografia era o próprio Lynch.

— Você não entende? — Wendell perguntou. — O Lynch foi te procurar, te enganou com essa história da organização para matar dois pássaros com um único tiro.

A ideia fazia sentido, e mesmo assim Ted não queria acreditar cegamente. Não tinha sido muito bom acreditar em Lynch, em primeiro lugar.

— Por que ele queria te ver morto? — Ted perguntou, acomodando-se na diminuta e incômoda cadeira.

— Além do fato de eu poder desmascarar o caso dele? Me deixe explicar. Justin Lynch não fez nada mais na vida a não ser me invejar desde que nos conhecemos, e cada vez com mais empenho e de modo mais evidente. O ressentimento dele foi corroendo a nossa amizade até desintegrá-la. Olhe para onde eu moro, veja o carro que eu dirijo, a família que eu tenho. A minha empresa fatura centenas de milhões de dólares por ano, e você certamente viu onde ele trabalha: aquele escritório sujo onde atende casos insignificantes de mulheres rejeitadas e outras ninharias. E ninguém pode dizer que a princípio eu não o ajudei... mas a cada decisão correta que eu tomei, ele tomou uma errada. Parecem motivos suficientes para me matar? Mas o covarde nem sequer se atreveu a fazer ele mesmo. Usou você e essa besteira de organização.

Ted refletiu. Havia questões essenciais que ele não conseguia resolver. Como Lynch soubera do suicídio? Era inverossímil ele ter criado a besteira do círculo de suicidas em tão pouco tempo. Ele devia ter percebido antes. A questão era como. E, se ele sabia antes, por que não permitir que Ted se suicidasse e deixar o caminho livre com Holly?

Você não queria se suicidar.

— No que você está pensando? — Wendell perguntou.

— É tudo muito confuso.

— É bastante simples, acredite em mim. O Justin nunca teria se atrevido a parar na minha frente e apertar o gatilho, ele não tem coragem. Ele precisava de alguém, e você era a pessoa que ele tinha à mão. Me admira que ele tenha pensado que você seria capaz disso; é evidente que ele não sabe escolher.

Ted se sentiu profundamente ofendido. Em sua fantasia, tinha matado Blaine e o próprio Wendell como um profissional. Tinha até mesmo sedado o cachorro de Blaine!

Infelizmente, nessa realidade Ted só tinha atirado nas silhuetas pretas do estande de tiro. Wendell tinha razão: ele era incapaz de matar um homem.

Só havia uma lacuna na teoria de Wendell: se eles realmente não se conheciam, como era possível que Ted se lembrasse de ter estado na casa dele?

Você não a conhecia. Hoje é a primeira vez que você vem aqui.

Novamente o mesmo pensamento desesperador. Ele queria se agarrar ao que havia experimentado ao chegar, de pé no caminho de terra que conduzia até a casa, quando poderia evocar cada detalhe da mansão sem ter se aproximado ainda. Esse pensamento tinha sido real. Ele precisava se agarrar a isso. Subitamente pensou na ferradura; pensou que, se a apertasse com força, poderia apagar todo tipo de dúvida. Enfiou a mão no bolso.

Wendell ficou alerta. Agarrou a arma com a velocidade de um raio.

Mas Ted entendeu rapidamente que a razão daquela manobra intempestiva não tinha sido sua tentativa de pegar a ferradura. Enquanto apontava para ele, Wendell observava por uma das janelas do castelo.

— Achei que você tivesse vindo sozinho! — acusou, sem tirar os olhos da janela.

— Eu vim sozinho.

— Então alguém te seguiu.

De onde estava, Ted não conseguia ver a quem Wendell se referia. Inclinou-se ligeiramente e observou... Ficou petrificado. Um homem negro com um jaleco branco caminhava por um lado da casa. Era Roger, o cara estranho de quem Ted se lembrava da visita à casa de Blaine. Tinha se encontrado com ele na sala antes de ir embora.

— Você o conhece? — Wendell não tinha deixado de apontar a arma. — O que esse cara está fazendo na minha casa?

— Não tenho certeza se o conheço.

— Não tem certeza?

Roger caminhava despreocupado, com as mãos nos bolsos. Ao chegar ao canto da casa, virou na direção do lago, afastando-se de onde eles estavam.

— Acho que ele está indo embora.

— Para onde? Não tem nada num raio de três quilômetros. O que esse cara está fazendo aqui?!



A APARIÇÃO DE ROGER VAGANDO pela propriedade de Wendell foi a segunda conexão direta entre a *fantasia* (Ted não se sentia bem chamando aquilo dessa forma, mas que importância tinha?) e o presente. A outra conexão era a ferradura e o bilhete encontrado na mesa.

Wendell praticamente o empurrou para fora do castelo.

— Você conhece aquele cara ou não?

— Sim, eu acho que o conheço de algum lugar.

Wendell suspirou, levantando o olhar para o céu, como se ali estivesse a resposta para o comportamento de Ted. Segurou-o pela gola da jaqueta.

— Concentre-se! — Wendell aproximou o rosto do de Ted e o encarou intensamente. — Você acha que esse cara te seguiu ou está te caçando às cegas?

— Acho que é a segunda hipótese.

Wendell o soltou. Massageou o queixo, deu uma olhada para uma das laterais do castelo e meditou, olhando para o cascalho branco da área de jogos.

— Venha comigo.

Juntos, entraram no bosque.

— Aonde vamos?

— Eu quero te mostrar uma coisa que tenho no meu carro. Mas é melhor que aquele cara não nos veja.

Entraram no bosque o suficiente para ficarem ocultos e rodearam a casa até chegar ao caminho particular. Naquele momento Roger devia estar atrás da casa, de modo que não poderia vê-los. Foram até a traseira do carro. Antes que chegassem, o porta-malas se abriu automaticamente.

Dentro dele havia uma série de caixas bem organizadas. Wendell escolheu uma e levantou a tampa. Pegou uma pasta e a entregou a Ted.

— O que é isso?

— Vamos — Wendell insistiu, sacudindo a pasta. — Tem um cara rondando a minha casa; nós não temos muito tempo.

Ted pegou a pasta. Era idêntica às que Lynch tinha entregado para ele. Abriu e a primeira coisa que viu foi a foto tirada no restaurante. Wendell não tinha mentido. Na foto dava para ver claramente que era Lynch o homem que acompanhava Holly, o que oferecia algo com a colher para que ela provasse. Não havia dúvidas de que era recente; o cabelo mais curto e mais claro de Holly provava isso. Passou para a foto seguinte. Os dois caminhavam por uma calçada movimentada... de mãos dadas! Na terceira...

Wendell arrancou a pasta das mãos dele.

— Não precisa ver mais.

Ted ficou com as mãos abertas, segurando uma pasta imaginária, incapaz de reagir.

— Se convenceu agora? Não existe nenhuma organização, é tudo muito mais simples. O Lynch está traindo você e queria te tirar do caminho culpando você pelo *meu* assassinato. Nós vamos cuidar do Lynch. Mas não agora.

Ted não disse nada. Wendell o sacudiu para trazê-lo de volta à realidade.

— Me escute. Caminhe nesta direção. Cruze o bosque e vai chegar à estrada. É um pouco mais longo, mas eu não quero que aquele cara te veja. Você sabe o nome dele?

— Roger — Ted murmurou. — Acho que é Roger.

— Está bem. Eu vou cuidar do nosso amigo Roger. — Wendell sacou a arma.

Ted abriu muito os olhos.

— O que você vai fazer com ele?

— Ele está dentro da minha propriedade. — Wendell esboçou um sorriso. — Não se preocupe, não vai passar de um bom susto. Eu te ligo mais tarde.

Ted caminhou em direção às árvores. Olhou uma só vez por cima do ombro para ver Wendell se afastando. Percebeu que o homem havia dito que ligaria, mas nem tinha anotado seu número, e a ideia o fez rir com vontade. Algo lhe dizia que isso não seria um problema.



NA SALA, ONDE ANTES ESTAVA a porta, havia agora uma parede de madeira. Embora Ted, do lado de dentro, só conseguisse ver uma pequena janela, sabia que, do lado exterior, aquela parede era cor-de-rosa e tinha desenhos das princesas da Disney.

Avançou quase tateando. Era noite, e o quadrado de luz o guiava; a única coisa que ouvia era a sucção hipnótica das ondas batendo no jardim. Chegou à janela e precisou se agachar para observar através dela, tal como fizera antes na casa de Wendell.

O oceano lambia a inclinação do jardim com suas línguas espumosas. As ondas brancas que percorriam a vasta massa de água resplandeciam sob o manto azulado da lua. Ted colocou o braço para fora da janelinha e o sacudiu com insistência, até que o sensor de movimento se ativou e a única lâmpada iluminou a varanda. Não havia sinais do gambá nem de Holly. Junto à churrasqueira, no entanto, continuava a caixa de madeira do xadrez.

Ted se esticou o máximo que pôde, seus dedos roçando a tampa de madeira, mas quando tentou agarrá-la conseguiu exatamente o oposto, quer dizer, afastá-la uns centímetros. Estava de joelhos, se reacomodou, introduziu o ombro na abertura até que os contornos da madeira se cravaram no pescoço e nas costas, e voltou a tentar, dessa vez às cegas, pois seu rosto estava esmagado contra o muro e a única coisa que via era o escuro da sala. Seus dedos apalpavam um canto da tampa, arranharam e dessa forma ele conseguiu aproximá-la um pouco. Não tinha parado para pensar no motivo de ter tanto interesse na caixa de xadrez, mas abri-la parecia muito importante. A caixa devia estar mais perto, no entanto seus dedos pareciam segurá-la no mesmo lugar a cada tentativa. A absurda ilusão de que a caixa se afastava, de que flutuava naquele mar imenso, tomou forma em sua cabeça. E cada vez que a tocava imaginava seu braço como um membro elástico e longuíssimo que partia da janela do castelo e se estendia até a

caixa. Não importava o quanto se esforçasse, o quanto esticasse o braço: a caixa sempre se afastaria o necessário para que ele mal pudesse tocá-la.

Apalpou com veemência, várias vezes, bracejando como um nadador desengonçado, os dedos transformados em garras, cravando-se muitas vezes no canto de madeira, mas incapazes de capturá-la. Sentia-se impotente, a janela continuava exercendo pressão contra seu corpo dolorido e sua bochecha começava a adormecer.

Abatido, deixou cair o braço, que imediatamente recuperou sua longitude normal. Ficou um tempo pendurado da janela, o braço de um lado e o corpo do outro, recuperando o fôlego. Voltou a olhar, e a caixa de xadrez continuava perto da churrasqueira, no mesmo lugar de antes, com a tampa intacta.

Um barulho fez Ted levantar a vista. No mar crescia uma protuberância escura, uma concha gotejante que se revelou como o teto de um carro que Ted reconheceu logo: era o Mustang vermelho que seu pai tinha quando ele era criança. A parte traseira do veículo aparecia lentamente, uma carroceria decrépita coberta de algas, mas ainda assim reconhecível. Parou de se mover quando ainda estava meio submerso. Então o porta-malas se abriu como que por magia, e Ted sentiu um medo visceral. Não queria ver o que havia dentro.

Roger chegou caminhando da lateral da casa. Quando estava perto do porta-malas do Mustang, estendeu o braço como se convidasse alguém para dançar, e uma mão surgiu do interior e segurou a dele. Holly saiu do porta-malas com certa dificuldade. Logicamente, não tinha uma perna. Estava usando o biquíni favorito de Ted, o mesmo da foto da geladeira, só que o vermelho parecia meio gasto. Sua pele era branca e espumosa, o rosto pálido tinha perdido todo vestígio de humanidade. Era possível que nem sequer com seu membro ausente pudesse deslocar-se com normalidade. Roger a guiava.

Chegaram à varanda e subiram os degraus com alguma dificuldade. Nesse preciso momento, Holly pareceu consciente da parede cor-de-rosa que tinha à sua frente. Em seu rosto se formava um fraco sorriso à medida que ia descobrindo cada uma das princesas. Mas sua felicidade desapareceu quando viu a janela, quando viu Ted. Cravou um olhar acusador sobre ele, carregado de censura, que o fez sentir o impulso de entrar, algo que, claro, não estava capacitado para decidir. Holly o condenou com um longo olhar e depois se dirigiu até onde estava a churrasqueira, sempre com a ajuda de Roger, que não parecia interessado em Ted, apenas na sua tarefa de acompanhante.

Holly apontou para Roger a caixa de xadrez. Ele se agachou e a agarrou cuidadosamente com as duas mãos. Entregou-a com solenidade a Holly, que a recebeu no seio, como se se tratasse de um recém-nascido. Apertou-a com força, com ciúme, enquanto lançava a Ted um novo olhar de advertência: *A caixa é minha!* Deu meia-volta e caminhou devagar, sempre sob o olhar atento de Roger. Ted sentiu uma pontada de dor ao ver aquele envoltório esquelético e macilento, que nada tinha a ver com o corpo agonizante e fibroso que ele lembrava.

Holly e Roger voltaram ao mar, e ela entrou de novo no porta-malas do Mustang, que continuava no mesmo lugar, feito um monstro de lata com a boca aberta. Antes que o porta-

malas se fechasse, Holly se virou uma última vez a fim de olhar para Ted de modo impiedoso. E então Ted não teve alternativa a não ser se esconder. E acordar.



— **NO CASTELO DAS MENINAS?** — Laura perguntou, contrariada.

— É — Ted respondeu, surpreso por ter sido precisamente esse detalhe que chamou a atenção da sua terapeuta. — Eu fui até lá, não sei bem por quê, acho que porque o castelo me chamou a atenção, e pensei em quanto as minhas filhas teriam gostado de ter um assim. O Wendell apareceu e falou para entrarmos. Por que isso te chama tanto a atenção?

Laura sorriu.

— Não sei. Acho que faz algum sentido que ele não tenha levado você para a casa dele até ter certeza do que você estava fazendo ali.

— Claro.

— Pode descrever o castelo?

Ted enrugou a testa.

— É importante?

— Me chama a atenção o fato de você ter se aproximado do castelo em primeiro lugar. Pelo que me contou, ele fica em um local distante.

— Fica. A uns cinquenta metros, eu diria. Tem uma área de jogos bem no limite com o bosque. O castelo chama atenção: é cor-de-rosa e tem desenhadas nas paredes as princesas da Disney, de pé, uma ao lado da outra, em todo o contorno. Tem quatro torres nos cantos, com telhados de ponta, beirais nas janelas e todo tipo de detalhe muito bem-feito.

— Você está me dizendo que as suas filhas poderiam gostar de ter um castelo como aquele, que isso o fez pensar em se aproximar. Por que você acha que elas não tiveram algo assim?

— Bom, as minhas filhas tiveram muitas coisas. Eu não fui nada mau nesse sentido.

— Mas nada como esse castelo. Por quê?

Normalmente as sessões não iam por esse caminho. Ted estava desorientado.

— Me deixe colocar de outra forma — disse Laura. — Você tem um bom padrão de vida, tenho certeza de que comprou todo tipo de brinquedo para a Cindy e a Nadine. No entanto, quando viu esse castelo tão bonito, pensou que elas não tiveram algo assim.

— Não entendo por que é tão importante. Eu simplesmente vi o castelo e pensei nelas... Eu sinto falta das meninas, e acho que me aproximar foi uma forma de me sentir mais próximo, imaginar o que elas diriam se vissem o castelo, essas coisas. Acho que é perfeitamente razoável.

Laura ficou em silêncio.

— Eu não sei, Laura. Achei que nós falaríamos da outra parte, do Lynch e da Holly. — Ted balançou a cabeça. — Eu preciso que você me ajude a entender.

— Sim, você tem razão. Vamos falar disso. — Laura esboçou um de seus sorrisos demolidores. — Então o Wendell disse que a questão da organização é uma ideia absurda que ele e o Lynch tiveram na universidade, e que a relação entre eles se tornou tensa com o tempo.

— É. Parece que o Lynch tentou chantageá-lo com alguma coisa, não sei com quê, e por esse motivo o Wendell o investigou e descobriu o lance da Holly.

— E você acreditou? Pelo que me disse, o Wendell não é uma pessoa confiável.

— Não foi preciso acreditar. Quando saímos do castelo, ele me levou para ver as fotos. Não deixavam dúvidas.

— Ele te permitiu entrar na casa dele?

— Não. Estavam no carro.

Laura ficou em silêncio. Por fim, perguntou:

— Como você se sente a respeito, Ted?

— Não estou bravo, se você está se referindo a isso. Foi minha culpa que o nosso casamento não tenha dado certo. Ontem à noite eu sonhei com ela de novo.

Durante os minutos seguintes, Ted descreveu o sonho na varanda dos fundos. Quando mencionou o castelo cor-de-rosa, Laura se interessou imediatamente; em seus olhos apareceu o brilho inequívoco de quem sabe que tem razão. Aquele castelo tinha uma importância singular. O único detalhe do sonho que Ted ocultou foi o homem que acompanhava Holly ao sair do mar. Ele não estava pronto para falar de Roger. Ainda não.

— Foi interessante ter aparecido a caixa de xadrez — Laura disse. — É um objeto que está intimamente relacionado com o seu passado. Você está me dizendo que a Holly recolheu a caixa e te observou com medo, em uma atitude protetora.

— Isso. E a sensação foi horrível.

— O que você sentiu exatamente?

— Foi como se a caixa de xadrez fosse dela e a Holly tivesse descoberto a minha intenção de ficar com ela. A Holly jamais viu aquela caixa, eu mesmo fazia muitos anos que não a via. Mas, sim, eu acho que representa o meu passado, quem eu fui em algum momento, e o fato de a Holly ter tido essa atitude de ciúme diante de uma coisa que me representa significa muito para mim, embora se trate de um sonho. A realidade hoje, eu temo, é bem diferente.

Ted tinha estado tão concentrado na conversa que até esse exato momento não havia olhado para o consultório. Era um dia sem nuvens, e o sol da manhã entrava descaradamente; um grande retângulo de luz caía sobre a metade da sala. Laura não tinha aberto as cortinas. Ted manteve o olhar fixo na janela, e o reflexo dos raios de sol no vidro o cegou. Quando afastou a vista, viu um quadrado negro sobre o rosto de Laura que lentamente foi desaparecendo.

— E então? Você ia me falar da caixa de xadrez.

Ted assentiu.

— A caixa pertenceu ao meu avô Elwald. Era um estojo retangular deste tamanho. — Ted indicou as dimensões com as mãos, como se realmente estivesse sustentando a caixa no colo. — Era de madeira muito fina, escura e brilhante, e em cada um dos lados tinha meio tabuleiro de xadrez. Abria como um livro, e então formava o tabuleiro completo.

Ted evocava cada detalhe submerso em um agradável estado de sonho.

— As peças ficavam dentro — continuou. — Cada uma tinha o seu lugar recortado em um forro de veludo, para se ajustar perfeitamente com um mínimo de pressão. Lembro que um dos espaços, por alguma razão, tinha se alargado. Era um dos peões brancos. Eu sabia que devia abrir a caixa de uma determinada maneira para que o lado das peças brancas ficasse para baixo. Aquele peão era a primeira peça que eu tirava do lugar: o segundo do lado direito.

— O seu rosto se ilumina quando você fala do xadrez.

— É. Eu acho que isso acontece porque eu o associo com a minha infância, quando eu era feliz. Quando o Miller morreu, eu parei de jogar completamente, e a vida em casa era um inferno, com a minha mãe cada vez mais doente e meu pai a maltratando o tempo todo. Ele foi morar com a amante e eu fiquei com a minha mãe justo quando a doença dela estava começando a piorar. Eu estava sozinho e em uma idade difícil. A mudança foi brutal.

— O seu pai se afastou de você?

— Praticamente. No início ele tentou me ver, mas eu rejeitava. Eu era um adolescente rebelde, revoltado com o mundo. O pior de tudo é que em casa eu tinha uma mãe que não ligava se eu estava revoltado ou não. Ela vivia no mundo dela. Por motivos diferentes, a minha mãe também tinha se rebelado. Eu sempre achei que a traição do meu pai a fez deixar de lutar, o que permitiu que a doença ganhasse a batalha e tomasse o controle da vida dela. Aqueles anos foram horríveis. Mais tarde ela precisou ser internada.

Ted fez uma pausa. Sorriu enigmaticamente.

— Você é boa no que faz, Laura — disse, em tom fraternal. — Você sabe apertar os botões certos para a gente se abrir.

Ela também sorriu.

— O que aconteceu com a caixa de xadrez durante esses anos?

— Eu sei que a princípio ela ficou guardada em algum lugar da minha casa. Lembro que uma vez, voltando da escola, achei uma pilha de coisas velhas na rua, e entre elas estava a caixa de xadrez. Várias daquelas coisas ainda eram úteis, mas a minha mãe tinha decidido se desfazer delas. Ela fazia isso com certa frequência, dizia que havia insetos incubando dentro delas ou

coisa parecida. Eu peguei a caixa de volta e a guardei em algum lugar do meu quarto para que ela não a encontrasse. Certamente deve ter encontrado mais tarde, porque eu não a vi mais.

— Você me disse que internaram a sua mãe.

— É. Um pouco antes de eu fazer dezoito anos, comecei a ter algum equilíbrio na minha vida. Deixei para trás o papel de menino mau e inconformista crônico e fui para a universidade. Longe de casa, consegui me desintoxicar daqueles anos nefastos, me destacar como estudante e até fazer as pazes com a minha mãe. Visitá-la na clínica foi totalmente diferente; ali ela estava controlada e tomava os remédios.

— Você lembra de ter sonhado com a caixa de xadrez no passado?

— Não, na verdade não. Aliás, falando nisso, não é a primeira vez que eu tenho o mesmo sonho, ou quase. Acho que aconteceu alguma coisa na varanda da minha casa, alguma coisa que não consigo lembrar.

Ted falou com voz misteriosa. Não estava se baseando somente no sonho recorrente; havia algo mais profundo.

— O que te faz pensar assim?

— Tem um branco na minha memória, Laura. É como se a minha mente tivesse sido preenchida com uma série de lembranças repetidas, fragmentos do presente, não sei. — Ted colocou as mãos na cabeça. Sentia-se impotente. — Alguma coisa aconteceu na varanda da minha casa, e acho que tem a ver com o Wendell. Eu já tinha ido à casa dele antes, tenho certeza. Preciso...

— Calma, Ted. Eu vou te ajudar a organizar as lembranças.

Ele ficou gelado. Levantou a vista e observou Laura, maravilhado.

— O que foi que eu falei?

— Organizar as lembranças — Ted recitou. — É exatamente isso que eu sinto. Você acha que o tumor...?

Laura consultou seu relógio.

— Acho que é o suficiente por hoje.



TED ESPEROU WENDELL NO IMENSO estacionamento. Até uns quarenta anos antes tinha funcionado naquele lugar uma influente fábrica de máquinas de escrever, da qual só restava um edifício abandonado.

— O que você está fazendo aqui? — Wendell estacou quando o viu.

Ted deu de ombros.

— Eu preciso falar com você.

— Como me encontrou?

— Você é o dono deste lugar, não é?

Wendell de fato comprara a fábrica, por intermédio de um laranja. Elevara o muro alguns metros, colocara arame farpado no alto e cadeados no portão de acesso. A fábrica ficava no meio do nada, mas no estacionamento havia garrafas quebradas e pichações nas paredes.

— O que você está fazendo aqui, Ted? — Wendell perguntou, com resignação. Parou em frente à porta do seu carro.

— Acabei de dizer. Preciso falar com você.

Wendell olhava em todas as direções ao mesmo tempo.

— Veio com o cara do jaleco?

— Vim sozinho.

O homem assentiu e caminhou até um dos cantos do edifício.

— Venha comigo.

Depois de alguns segundos de indecisão, Ted o acompanhou. Ao dar a volta no canto, viu Wendell na frente de uma porta metálica, um pouco encurvado e manipulando um chaveiro com mais de vinte chaves. Quando tentou com uma e a porta não abriu, deu um chute leve e xingou baixinho, um gesto que fez Ted se lembrar de seu pai, que costumava fazer o mesmo

com a porta do galpão quando ele era criança. Finalmente Wendell acertou a chave e entrou, deixando a porta aberta atrás de si. Ted se aproximou e a princípio viu um retângulo escuro onde o rosto de Wendell era pouco visível. À medida que seus olhos se acostumaram à falta de luz, descobriu que se tratava de um quarto de ferramentas, não muito maior que um banheiro. Havia uma bancada abarrotada de objetos e uma série de prateleiras com frascos, latas de tinta e outras bugigangas cobertas de pó. Mesmo sem entrar, Ted percebeu uma mistura de cheiro de lugar fechado e solvente que o levou a enrugar o nariz. Wendell acendeu a única lâmpada.

— Entre — ordenou.

O que acontece com esse cara e sua mania de conversar em lugares ridículos e incômodos? Nesse quatinho só tem espaço para ficar de pé!

— Vai fechar a porta?

Como resposta, Wendell se esticou e agarrou a maçaneta. O retângulo de luz natural se comprimiu até desaparecer. A lâmpada enegrecida precisou de uns segundos para voltar a delinear o interior do quarto.

Ao cheiro penetrante do solvente se somou o calor como fator incômodo. Wendell vestia uma jaqueta de couro; devia estar assando.

— O que você quer saber, Ted? — Mal tinha movido os lábios; seu rosto parecia esculpido em pedra.

Estavam a meio metro um do outro. Ted se apoiou em uma das estantes, tinha medo de desmaiar.

— Vou direto ao ponto. Eu sei que você mentiu para mim, e quero saber por quê. Ontem, na sua casa, você fingiu que não me conhecia. Mas você e eu já nos vimos antes.

— Ah, é? Onde?

— Você sabe que eu não tenho essa resposta. Fingiu que não me conhecia porque sabia que ia conseguir me enganar.

— Lamento dizer que você está errado.

— Não estou errado — Ted afirmou. O certo é que ele não tinha nada concreto para contradizer Wendell, mas, se queria testá-lo, teria que ir um pouco além. Às vezes, no xadrez, você ataca sem estar totalmente certo se isso vai trazer uma vantagem ou a sua derrota, mas o importante é que o seu rival não sabe disso. — Estou começando a lembrar.

O rosto de Wendell se transformou. A incerteza o traiu.

— Estou ouvindo... — Ele retrocedeu um passo e bateu em uma estante que não era totalmente estável. Os objetos cambalearam, mas não caíram.

— Eu sei que já estive na sua casa antes — Ted arriscou.

O rosto de Wendell se manteve na expectativa.

— E sei que alguma coisa aconteceu na varanda da minha casa — continuou.

Dessa vez a reação do homem foi evidente: uma careta de desagrado, os lábios pressionados, as narinas abertas. E um instante depois uma reação explosiva: o punho descarregado sobre a bancada de trabalho.

— Merda, Ted! Você está complicando tudo.

— Vamos, Wendell. Chega de joguinhos. Eu estou sendo franco com você; tem um branco na minha memória. É como se alguns acontecimentos tivessem se *desorganizado*.

Wendell balançou a cabeça.

— Quem disse isso? A dra. Hill?

Agora foi a vez de Ted se surpreender.

— Você a conhece?

— Ted, por favor. Podemos deixar as coisas como estão? É melhor você abrir a porta e ir embora. Acredite, é o melhor para você. Esse tempo todo eu não fiz nada além de te proteger.

Os dois se observaram por um bom tempo.

— Você quer que eu diga o que eu acho? — Ted perguntou, com a voz trêmula.

Wendell abriu a mão e olhou para o teto, como se negar não fizesse mais nenhum sentido.

— Eu acho que a organização existe, sim — continuou —, e que eu fiz parte dela. Acho que o Lynch me recrutou há um tempo, quando eu era mais jovem...

— Chega de falar dessa organização idiota! — O grito de Wendell ecoou naquele quarto minúsculo. — Eu já falei que foi uma ideia do Lynch na universidade para uma narrativa estúpida da aula de redação criativa dele. Não tem nada a ver com a gente.

Ted examinou uma das paredes, onde havia um painel com ferramentas. Com qualquer uma delas poderia dominar Wendell e exigir que dissesse tudo o que sabia.

— Você vai me enfiar uma chave de fenda no pescoço?

Ted bufou.

— Me conte o que sabe, Wendell. Chega de jogos. Me diga do que, supostamente, você quer me proteger.

Wendell negou com a cabeça.

— Estou vendo que você não vai desistir. Não estaria aqui se estivesse disposto a isso. — Fez uma pausa. — Lembra o cara que estava ontem na minha casa?

— Roger.

— Estão te vigiando de perto, Ted, ele e essa doutora, a Laura Hill, e você foi idiota o bastante para falar com ela, contar tudo. Mas eu não te culpo. Eles conseguiram te enganar para que fizesse isso.

— Espere um segundo. Não estou entendendo nada. Quem são *eles*? E como você conhece a Laura?

— A Laura Hill e o Carmichael são a faceta visível.

— Carmichael?

— Exato. Olha, Ted, a sua amnésia, ou sei lá o que acontece com você, foi uma bênção. Você tem razão quando diz que nós nos conhecemos. Você esteve na minha casa uma infinidade de vezes. O Lynch também. Tudo ia mais ou menos bem até que o babaca do Lynch se envolveu com a Holly. Aí começaram os problemas.

Wendell apontou com o polegar para trás. Ted estava tão absorto nas palavras que não prestou a atenção devida ao gesto.

— O que nós fazíamos com o Lynch?

— Não tem nada a ver com essa organização idiota. Pare de pensar nisso. O pobre tinha muitas ideias imbecis, acredite em mim... se envolver com a sua esposa não foi a única.

— Você disse *tinha*.

— O Lynch está morto para mim.

Ted assentiu.

— Olha, Ted, tem algumas informações aqui na sua cabeça — Wendell se inclinou e apontou para a testa de Ted com o indicador — que te comprometem. Elas também me comprometem, não vou negar. Você estava em segurança, não havia nada com que se preocupar. Mas aí a Holly te traiu com o Lynch, você ficou sabendo... e isso te fez... bom, perder alguns parafusos.

Ted decidiu seguir o jogo dele.

— Em certo momento eu acho que pensei em me matar — disse —, mas o caso da Holly não foi o motivo. Eu tenho um tumor na cabeça, Wendell. Esse parafuso que você disse que eu perdi... é a porra de um tumor.

Se Wendell se surpreendeu ao saber sobre o tumor, escondeu muito bem.

— A Laura Hill está procurando essa informação dentro da sua cabeça — Wendell falou em voz baixa. — Ela esteve fazendo isso em cada uma das sessões. Eles têm medo que você descubra por conta própria, por isso andaram te vigiando.

— Então por que você não me conta?! Se essa verdade me protegeria deles, não seria o mais lógico?

— Eu não disse que você deve saber.

Houve um duelo de olhares. Por fim, Wendell falou:

— É melhor assim, Ted. E siga o meu conselho: não fale com a Laura Hill; não confie nela nem por um segundo. Sabe o que ela vai fazer assim que intuir que está suspeitando dela? Vai te trancar no Lavender Memorial, junto com os doidos. Ela tem poder para fazer isso, eu te garanto. Você se arriscou me seguindo até aqui. É provável que já tenha ido longe demais.

— Como é que você sabe tanto sobre ela?

— Porque esse segredo que você guarda na cabeça, Ted, também pode destruir a mim e ao Lynch. Nós fizemos o possível para evitar que você chegasse até aqui. E fracassamos.

Ted tocou sua testa. As dores de cabeça tinham sido reais, refletiu. Ia fazer algo quando o inconfundível ruído de uma freada o deteve. Os olhares de desconcerto deixaram claro que aquela visita não era esperada por nenhum dos dois. Wendell abriu a porta poucos centímetros e uma luz forte inundou a salinha. Ambos saíram, protegendo os olhos com o antebraço, mas Wendell não foi até a frente do prédio, onde puderam ouvir pelo menos três portas de carro se fecharem quase ao mesmo tempo. A alguns metros havia um alçapão, um acesso exterior ao porão. Wendell procurou a chave adequada em seu enorme chaveiro. Se os visitantes

decidissem dar a volta no edifício em vez de entrar nele, poderiam vê-los ao lado do alçapão. No entanto, isso não aconteceu, e em menos de um minuto eles desciam por uma escada desconjuntada e outra vez submergiram em um mundo de trevas.



O PORÃO ERA UM CEMITÉRIO de máquinas de escrever, algumas expostas em mesas ou estantes, cobertas de pó e teias de aranha, apesar de intactas, outras empilhadas em diversos graus de destruição. Também havia tornos, balanças e outras máquinas antigas. As longas janelas no alto das paredes estavam tão sujas que praticamente não deixavam passar a luz.

Avançaram quase tateando por aquele labirinto de destroços, tropeçando ocasionalmente em algum traste, afastando teias de aranha e espirrando por causa do pó. Sem ouvir os alertas de Wendell, Ted subiu em uma mesa encostada na parede para alcançar uma das janelas. Com a manga, limpou o vidro o melhor que pôde, que não foi muito, até que do outro lado se revelaram duas silhuetas que caminhavam paralelamente ao edifício. Usavam jalecos, e o que parecia ser o líder tinha a pele negra.

— É o Roger — murmurou.

— O que foi que eu acabei de falar? — Wendell o puxou pelo braço. — Desça daí e não volte a subir.

Depois de um avanço interminável por aquela cidade futurista, de atmosfera densa, passagens sórdidas e formas bizarras, chegaram a uma escada de madeira.

Wendell subiu primeiro. Selecionou a chave apropriada em tempo recorde e abriu a porta, mas, antes de liberar a passagem, se virou e deteve Ted com o braço esticado.

— Melhor você ficar aqui. Vou resolver um assunto lá atrás, depois vou cuidar dos seus amigos.

Ted lembrou o gesto de Wendell no quarto de ferramentas, quando, ao se referir a Lynch, tinha apontado para o interior da fábrica.

— Não olhe pelas janelas — recomendou Wendell antes de sair e fechar a porta atrás de si.

Ted ouviu o som do trinco. Nem se incomodou em tentar a maçaneta ou gritar com Wendell e exigir que o deixasse sair. Deu meia-volta e desceu as escadas lentamente, agarrado ao corrimão. Algo chamou sua atenção, e ele parou no meio do caminho.

No canto do porão, uma torre de sucata desmoronou, e o choque das peças metálicas contra o chão de cimento foi ensurdecedor. Ted não tinha se equivocado: algo se deslocava nas sombras.

Desceu o restante dos degraus sem tirar os olhos do lugar onde tinha acontecido o desmoronamento. Chegou à base da escada e deu alguns passos, temendo o que sabia que aconteceria de um momento para outro. Chegou ao que parecia um torno antiquíssimo e não se atreveu a olhar para ver o que tinha atrás. Esperou, assustado e resignado, até que ocorreu o inevitável... O gambá mostrou sua cabeça pontiaguda de um lado da máquina, cheirou o ar, bocejou e avançou, arrastando seu corpo rechonchudo na direção de Ted.

Os olhos do animal vagavam pelo porão; o rabo serpenteava atrás.

Ted retrocedeu e se chocou contra a mesa que pouco antes tinha usado para espiar o exterior. Subiu nela. O gambá o observava de baixo, paciente.

O quê?

Ted se virou. Através do vidro, viu Roger e o outro homem, não no mesmo lugar de antes, mas muito mais perto. Conversavam entre si, pareciam esperar algo. Então, a silhueta inconfundível de Wendell se uniu a eles, apertaram as mãos e mantiveram uma conversa breve. Wendell apontou para o edifício e fez um gesto com a mão.

Roger e seu companheiro assentiram.

Ted se deixou cair. Sentado sobre a mesa, as pernas flexionadas contra o peito, agarrou a cabeça e gritou com todas as forças. O gambá se acomodou para continuar a observá-lo com atenção, e ele não pôde aguentar mais. Fechou os olhos.

Viu seu escritório. Sentiu o peso da Browning. Os golpes na porta.

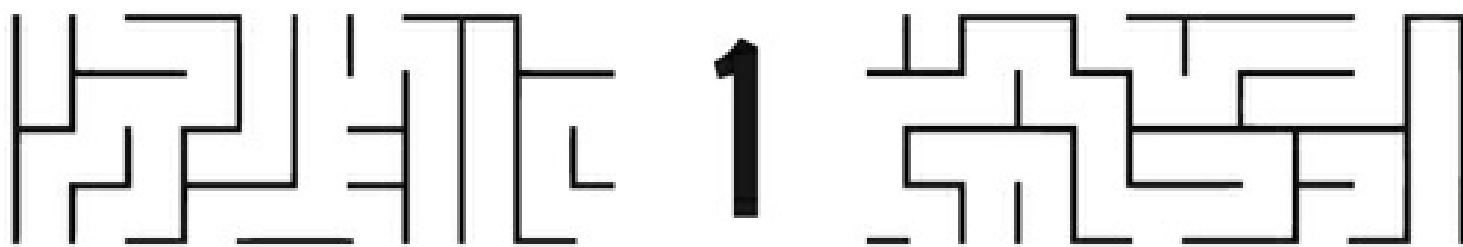
Abriu os olhos.

Outra vez o porão povoado de sombras. O gambá.

Enfiou a mão no bolso da calça. Tirou a ferradura e ficou olhando para ela, apertando fortemente com as duas mãos.

A porta se abriu. Ali estava Roger, seguido por outro enfermeiro. Em sua mão, tinha uma seringa. O gambá se moveu para deixá-lo passar.





O HOSPITAL PSIQUIÁTRICO LAVENDER MEMORIAL, na cidade de Boston, alojava quarenta pacientes perigosos no moderno pavilhão C do edifício anexo. Para lá conduziram Ted McKay, sentado em uma cadeira de rodas, o pescoço ligeiramente inclinado e um fio de saliva lhe correndo pelo canto da boca. Roger Connors, o chefe da enfermaria, empurrava a cadeira, seguido por um de seus homens de confiança, um jovem magro de olhar severo chamado Alex McManus. Os quartos ficavam na ala leste, e para chegar a eles era preciso passar por um posto de controle. Quando o guarda encarregado da segurança daquele setor viu que se aproximavam, ergueu uma sobrancelha e deteve os três com o braço levantado.

— E esse, quem é?

— Theodore McKay — Roger respondeu.

O guarda deixou o jornal que estava lendo sobre a mesa e deu uma olhada nos monitores das câmeras de segurança diante de si, uma norma que devia seguir cada vez que saía da sala de vigilância. Aproximou-se dos recém-chegados e os observou através da grade.

— Eu não tenho nenhuma ordem de internação, Roger — disse, com certo incômodo. Estava trabalhando havia menos de um ano no hospital, e o protocolo costumava ser seguido sem exceções.

— A dra. Hill está falando neste exato momento com o Marcus.

Marcus Grant, o diretor do pavilhão C.

O guarda não soube o que responder. No tempo em que estava trabalhando no turno do dia ocorreram poucas internações, e em todos os casos ele tinha sido notificado alguns dias antes.

— Eu não posso te deixar entrar sem a ordem. Sinto muito.

— Nós vamos esperar aqui.

O guarda assentiu, ainda incomodado com a situação, e olhou com um pouco mais de atenção para Ted, que continuava com a cabeça inclinada, as pálpebras a meia altura e o fio de baba já escorrendo por uns cinco centímetros do queixo. Estava usando o conjunto cinza regulamentar e amarrado pelos pés e pelas mãos. Por um breve instante suas pupilas pareceram manter o foco nas do guarda, mas era evidente que os efeitos do tranquilizante não lhe permitiriam sair daquele transe antes de algumas horas.

— Qual é o caso deste? — perguntou.

Vários dos pacientes daquele pavilhão eram assassinos, estupradores ou as duas coisas; alguns até tinham feito algum barulho nos meios de comunicação. Para o guarda, o nome Theodore McKay não dizia nada.

— Nós podemos pelo menos levá-lo para o quarto? — McManus perguntou, visivelmente irritado. Era a primeira vez que falava. Roger, que continuava segurando a cadeira de rodas, se virou e deu uma olhada de desaprovação.

— É um paciente da dra. Hill — Roger se limitou a explicar.

— Isso vai ter que ficar do lado de fora — disse o guarda, apontando para a ferradura que Ted segurava com as duas mãos.

— Vamos ver.



MARCUS GRANT ERA O DIRETOR do pavilhão C, tinha cinquenta anos e grandes possibilidades de se transformar algum dia em diretor-geral; para isso trabalhava duro todos os dias. Era solteiro e não tinha filhos (e tudo parecia indicar que não ia ter), de modo que chegar ao cargo máximo do Lavender Memorial tinha se transformado, tristemente, em seu único anseio realista. Não renunciara totalmente à possibilidade de conhecer uma mulher que valesse a pena e se casar com ela, mas — para que se enganar — era algo que encarava como cada vez mais distante. Havia dias em que preferia se resignar, concentrar a energia nos trabalhos cotidianos... mas em outros sentia um vazio imenso. Algo falhava. Talvez fosse ele, ou talvez fosse simplesmente uma questão de azar, provavelmente uma combinação das duas coisas. Mantivera relacionamentos duradouros com as mulheres erradas; era difícil se separar delas mesmo quando sabia que não havia futuro. Como exemplo, bastava olhar para sua atual relação com Carmen, uma mulher um ano mais nova, divorciada e com dois filhos de vinte e tantos anos que faziam faculdade longe dali. Carmen era alegre e fogosa, um espírito livre. A maturidade, o ninho vazio, uma casa com a hipoteca paga e um emprego pouco exigente de cabeleireira, tudo isso e talvez alguma coisa mais a transformaram em uma mulher plena, disposta a desfrutar cada instante, a *experimental*. No entanto, Marcus não sentia por ela um interesse genuíno, além do sexo e de poucos momentos de diversão. Não havia uma conexão profunda — Carmen era superficial, não tinha ambições e, o pior de tudo, não entendia o lugar que o trabalho ocupava na vida de Marcus. “Você trabalha muito, querido, precisa fazer como eu no salão, que aprendi a me organizar e até sobra tempo.” Marcus já tinha passado por isso antes: uma relação sem futuro. *Outra vez*. Há um momento em que nós simplesmente sabemos. Com Carmen, Marcus sabia.

— Posso entrar? — perguntou Laura Hill, olhando pela porta.

Marcus foi arrancado de seu próprio sofrimento e seu rosto se iluminou.

— Que surpresa agradável! Entre.

Ele ficou de pé e deu a volta na mesa. Sua intenção era cumprimentar Laura com um beijo no rosto, mas ela se colocou de tal forma que tudo o que ele conseguiu fazer foi afastar a cadeira para que ela se sentasse. Não foi um momento incômodo — Marcus era habitualmente um cavalheiro —, mas foi um sinal claro por parte dela.

— Já almoçou? — Laura perguntou.

Marcus estava prestes a ocupar novamente sua cadeira.

— Ainda não — respondeu, com esperanças. — Quer ir a algum lugar?

— Não. Eu não vou almoçar. É que o que eu preciso falar não pode esperar.

Marcus assentiu, abatido. Era sempre assim com Laura. Mostrava a cenoura e a guardava logo depois. Era capaz de fazer isso cem vezes seguidas, e as cem vezes Marcus caía na armadilha. Ou talvez fosse ele, que imaginava cenouras o tempo todo.

Nos últimos tempos a tensão entre eles tinha aumentado um pouco. O interesse de Marcus em Laura era evidente, não importava que nunca tivesse dito diretamente. Ela não parecia sentir o mesmo. Quando o romance com Carmen estava naufragando, Marcus começou a se aproximar sutilmente da doutora e a soltar comentários sobre como tudo ia mal com ela e coisas assim, e em um dia feliz Laura começou a lhe dar (cenouras) sinais: um sorriso, um roçar de quadris, uma mão nas costas que permaneceu mais tempo que o esperado... Em duas ou três oportunidades ele tentou ir um pouco além, sugerir uma saída para jantar ou um encontro fora do hospital, mas ela deu várias desculpas, embora nunca de modo categórico. Marcus chegou a pensar que essas atitudes de Laura se deviam ao fato de, no fundo, ela só querer esquecer de uma vez por todas o seu ex-marido. *Um prego tira outro prego*. Marcus não queria ser um prêmio de consolação, mas parecia se convencer de que o flerte enlouquecedor e desconcertante dela era a forma de dizer que deveria esperar.

Tinha que ser isso.

Porque havia outra questão, uma questão que Marcus preferia não ver, e era que Laura abusava da boa relação entre os dois. Tinha progredido dentro do hospital e conseguido que Marcus intercedesse por ela mais de uma vez com a diretora-geral, a dra. McMills.

Laura o observava fixamente.

— Preciso de um favor imenso, Marcus.

Ele estremeceu. Ela tinha pedido favores antes, e nunca havia utilizado o adjetivo *imenso*.

— Se estiver dentro das minhas possibilidades.

— Preciso internar um paciente no pavilhão C — ela disse, sem preâmbulos.

Marcus relaxou.

— Isso não vai ser problema. Nós temos cinco quartos disponíveis. Vou enviar a documentação para a Sarah agora mesmo para que...

— Eu preciso fazer isso *agora*.

Laura o observava com o poder da Medusa.

— Como assim, *agora*?

O processo de admissão de um novo interno costumava demorar alguns dias. Marcus podia fazer sua parte em tempo recorde, e mesmo assim...

— O chefe da enfermaria está agora mesmo no pavilhão com o paciente. Eu preciso que você permita a entrada dele.

Não deslize, Marcus. Não dê a resposta errada.

Ou vai se transformar em pedra...

— Laura, você ficou louca? Como é que eles estão ali agora?

— Na entrada. O pessoal da segurança não permitiu que eles entrassem, apesar de terem dito que tinham sido mandados por mim.

— Claro que não permitiram! — Marcus ficou de pé. — Eu não acredito nisso. Só o fato de estarem ali já me compromete. Eu te peço que tire todos eles do meu pavilhão agora mesmo.

Marcus caminhou até a única janela do seu escritório, no segundo andar, e observou o pátio do pavilhão geral, vazio nesse momento exceto por um funcionário que varria as folhas secas. Massageou a testa. Não queria se virar, porque sabia que, se fizesse isso, cederia, e o que ela pedia era um delírio que poderia comprometer seriamente sua carreira. Ouviu Laura se levantar da cadeira. Esperou o ruído da porta se abrindo, que nunca chegou. O que chegou foi a fragrância doce de seu perfume e, em seguida, o sussurro de sua voz, muito próxima a seu ouvido.

— Olhe para mim, Marcus, por favor... Me deixe explicar.

Ele se virou.

Ali estava outra vez, aquele olhar profundo e o tato suave de seus dedos posando sobre a mão de Marcus, o polegar se movendo em uma carícia quase imperceptível.

— Eu sei o que estou pedindo — Laura disse, em voz baixa. — Eu não pediria se não acreditasse que você é a minha única esperança.

Do que ela estava falando?

Marcus se afastou. Não podia pedir coerência a seu cérebro quando estava alvoroçado diante do contato de Laura, submetido às ondas de seu perfume e àquele olhar enfeitiçador.

— Laura, por favor — pediu, enquanto caminhava para o outro extremo do escritório, procurando a proteção de sua mesa. Ela o seguiu com o olhar, mas não se aproximou. Permaneceu junto à janela com a expressão perdida, quase obrigando Marcus a voltar a seu lado para consolá-la. Tinha passado do flerte ao desamparo em uma fração de segundo.

— Me magoa saber que você não confia em mim.

— Eu confio em você! Me diga ao menos quem é o paciente. Por que você precisa que ele seja internado de maneira repentina?

— É um paciente especial.

— Não estou entendendo. Alguém que você conhece?

— Não. — Laura voltou a sua cadeira. — Não posso falar do paciente, pelo menos não agora. Levaria muito tempo, e, como te falei, o Roger está com ele no pavilhão C. É muito importante para o tratamento que ele seja internado agora mesmo. Ele pode entrar em colapso se eu não fizer isso.

— Meu Deus, Laura. — Marcus também se sentou. Com os cotovelos sobre a mesa, agarrou a cabeça e fechou os olhos, negando várias vezes.

Quando levantou o olhar, surpreendeu um sorriso nos lábios de Laura, que rapidamente desapareceu.

— O que é tão engraçado, Laura?

— Esse gesto que você acabou de fazer... Não importa, é pessoal.

— Como o seu paciente.

— Exato.

Marcus começava a fortalecer suas convicções. Não tinha por que ceder à manipulação de Laura. Se ela se atrevia a pedir algo assim, era porque no passado ele havia permitido que assumisse atribuições que não correspondiam a ela. O que viria depois?

— Se esse paciente não pode estar no pavilhão comum, e não tenho por que duvidar do seu julgamento profissional, então eu tenho certeza de que a Sarah vai entender. Vamos falar com ela agora mesmo e explicar isso. Eu ofereço todo o meu apoio, mas só vou até aí.

Laura fez uma pausa, avaliando.

— A Sarah nunca vai autorizar uma internação no pavilhão C que não tenha sido avaliada pela junta médica. Você sabe perfeitamente disso.

— Não sei o que dizer. Minhas mãos estão atadas.

Laura se levantou pela segunda vez. Apoiou-se na mesa ao lado de Marcus. Daí podia contemplar através da janela e olhar para ele.

— Eu vou dizer o que nós vamos fazer — disse, com seriedade. — Você me entrega o formulário de aceitação com a sua assinatura, eu preencho e levo pessoalmente ao pavilhão C. Se alguém perceber, digo que roubei do seu escritório.

Marcus ficou atônito.

— Por que você faria uma coisa dessas?

— Você sabe como eu sou com o meu trabalho, Marcus. Não me importa a burocracia nem fazer carreira neste hospital de merda. Para mim o importante são os pacientes. E este ainda mais. Se eu não o internar hoje mesmo no pavilhão C, posso perder tudo que avancei, e não vou permitir isso.

— Se ele vai ficar no meu pavilhão, vou precisar que me conte tudo sobre esse homem.

— Pode deixar. Me dê algumas horas e eu conto tudo que você quiser.

— Quando você vai falar com a Sarah?

— Assim que possível. Onde estão os formulários de internação?

Os dois saíram juntos do escritório. A secretária de Marcus estava em horário de almoço, e essa era uma sorte a favor dela.

— Estão aqui — ele disse, estendendo um documento que tirou de um dos arquivos. — Você viu de onde eu tirei.

Ela assentiu. Deixou-o sobre a mesa.

— Preciso que você assine, Marcus.

— O quê?! Você acabou de dizer que ia falsificar a assinatura.

— Não, isso é o que vou dizer mais tarde para justificar o documento. Agora eu preciso que o pessoal lá de baixo não suspeite. Eu não sei nem começar a fazer a sua assinatura. Faça parecida e vai ser suficiente.

Marcus tinha caído na armadilha outra vez.

— Um perito pode...

— Marcus, eu já disse que vou falar que falsifiquei! Por que você precisa dificultar tanto as coisas? Estou te pedindo um favor. É o meu que vai estar na reta, sou eu que arrisco a minha pele com tudo isso. Eu já disse que vou te dar os detalhes mais tarde se quiser, e que vou dizer que roubei esse documento. Você está tão preocupado em não fazer cagada no seu trabalho que virou um burocrata.

Nossa.

— Eu vou assinar. — Marcus pegou uma caneta da mesa da secretária.

Entregou o documento, agora com sua assinatura.

— Eu sabia que podia contar com você — Laura disse, esboçando um sorriso. Aproximou-se até que seus rostos estivessem a menos de vinte centímetros. Ia beijá-lo? As pupilas dela se moveram frenéticas, explorando o rosto dele.

Não o beijou.



LAURA HILL ENTREGOU O FORMULÁRIO ao guarda quase sem parar de andar. O homem começou a falar que tinha que levá-lo primeiro ao escritório da administração, mas, antes que terminasse a frase, ela já tinha respondido que faria isso depois, que a única coisa importante nesse momento era levar o paciente para o quarto. O guarda não falou mais nada.

Laura, Roger e o enfermeiro McManus se dirigiram aos quartos, e para isso deveriam passar por outros dois controles de segurança e pela sala comunitária, onde vários pacientes olharam com interesse. Ali se encontraram com Robert Scott, o chefe da enfermaria do pavilhão C, com quem Roger mantinha uma relação de amizade. Ele os recebeu com um cumprimento formal, e sem esperar informou que o quarto já estava preparado; estava sabendo de tudo e não faria perguntas. Por ele, se a dra. Hill e o diretor Grant tinham chegado a um acordo para passar por cima de algumas normas, ele não ia se meter.

Os quartos eram modernos, com uma parede inteira de vidro. A abertura da porta podia ser feita de maneira remota ou através de um código. Scott introduziu seu cartão de identificação na ranhura, apertou o código e a porta cedeu com um suave ruído de sucção. Laura empurrou a cadeira de rodas para o interior; Roger e McManus seguraram Ted pelas axilas e o colocaram sentado na cama. A ferradura caiu do seu colo e fez barulho no chão de cerâmica. Laura se agachou, pegou-a e, depois de meditar um instante, colocou-a de novo nas mãos de Ted. O efeito do sedativo começava a passar, por isso ele conseguiu fazer seus dedos se fecharem para prender uma das extremidades do metal.

— Me deixem um instante sozinha com ele.

Os dois homens se olharam com inquietude. Finalmente assentiram. Os pés e as mãos de Ted estavam algemados, e ele só conseguia mover os dedos.

Roger e McManus se reuniram com Scott no corredor. Esse último olhava insistentemente para o quarto. Se algo acontecesse com a doutora, seria sua responsabilidade, e o certo é que não sabia nada sobre aquele cara, que podia estar fingindo e tentar estrangular a mulher se tivesse oportunidade. Havia pacientes naquele pavilhão que fariam isso e muito mais, se tivessem a menor chance.

Do outro lado do vidro, Laura se aproximou de Ted.

— Amanhã nós vamos conversar — ela disse. — Tente descansar. Aqui você vai ficar bem.

Ted continuava com as pálpebras a meia altura, o olhar sem foco. Assim que Laura se virou para ir embora, ele desviou ligeiramente a vista para vê-la sair do quarto.

McManus voltou mais tarde e, com outro enfermeiro, colocou o novo conjunto cinza nele. Em algum momento Ted se deixou cair de lado. A cama era relativamente confortável.

Acordou várias vezes durante a noite, confuso. Da cama, vislumbrava o corredor na penumbra e o quarto em frente, de onde um homem com cerca de cinquenta anos o observava com o rosto transtornado de ódio.



— **ESCUTEM! ALGUÉM PODE VIR** aqui ou não, porra?

Ted voltou a bater no vidro com a palma das mãos. Lembrou-se de Lynch, batendo na porta de sua casa quase com a mesma veemência.

Virou-se. Sobre a cama estava a ferradura; dormira agarrado a ela como uma criança com seu boneco preferido. Sabia que não poderia utilizá-la para quebrar o vidro, que certamente seria blindado, mas ia fazer muito mais barulho com ela do que com as palmas ou gritando. Foi pegá-la e se preparava para dar o primeiro golpe quando o homem do quarto em frente, que tinha estado todo o tempo sentado em sua cama com o rosto escondido atrás de um livro, levantou ligeiramente a cabeça.

— Não é uma boa ideia — disse calmamente. Sua voz chegou atenuada pelos dois vidros.

— Agora você responde — Ted replicou. A primeira coisa que tinha tentado fazer antes de começar toda a gritaria tinha sido chamar a atenção de seu vizinho, mas este havia preferido ignorá-lo.

— Eles vão vir em quinze minutos — o homem respondeu, com a mesma voz calma.

A visão do homem da noite anterior, de pé atrás do vidro com aquela expressão de ódio extremo, atingiu Ted como a macabra lembrança de um pesadelo. O contraste entre a serenidade e o incipiente sorriso que se desenhava agora em seus lábios era total. Era um homem atraente, bronzeado e com o cabelo muito curto, com faixas grisalhas, assim como a barba, cuidadosamente arrumada. Parecia o cara mais inofensivo e confiável do universo.

— Quinze minutos, é? Como você sabe?

O homem segurou o livro com uma mão e esticou o braço livre. A manga da camisa cinza retrocedeu e um relógio ficou à vista.

— Relógios — disse.

— Muito engraçado.

— Às sete é a hora da higiene. Eu esperava conseguir terminar este capítulo antes que eles viessem, mas não contava com a sua animação matutina. — Deixou o livro de lado. — O meu nome é Mike Dawson.

— Às sete é a hora da higiene? Eu preciso mijar! Neste quarto não tem nem uma porra de um banheiro.

Mike riu.

— O que é tão engraçado?

— Você chamar de quarto, como eles. Os verdadeiros quartos estão do outro lado do salão. Aqui eles nos trazem quando nos comportamos mal.

Ficaram em silêncio. Um homenzinho calvo observou timidamente Ted de uma daquelas celas envidraçadas. Ao ser visto, retrocedeu.

— Eu me chamo Ted.

— Bem-vindo ao Lavender, Ted. E fique tranquilo: eu não me comportei mal, só que costumo ter noites agitadas.

— Você não estava aqui quando me trouxeram?

— Não. Quando eu vim você já estava deitado.

— Conhece a dra. Hill?

Dawson meditou sobre a resposta.

— Conheço, mas ela não vem muito aqui. Ela passa a maior parte do tempo no edifício principal.

— Hoje ela vai ter que vir, eu garanto.

— Se você está dizendo.

Ted olhou para a ferradura e, depois de um instante de vacilação, jogou-a de volta na cama.

— O que é isso?

— Nada. Uma lembrança.

— Elas são muito úteis por aqui. Mas eu vou te dar um conselho: não a exiba muito. Quando os do outro lado perceberem que é importante para você, vai ser importante para eles. É assim que funcionam as coisas por aqui. Se você a perder, não vai conseguir encontrar de novo, porque, acredite em mim, se tem uma coisa que *aqueles caras* sabem, é encontrar esconderijos.

Mike Dawson apontou para a tábua com o indicador e o girou.

— Eu vou me lembrar disso. Se bem que tanto faz. Eu não penso em conhecer os do outro lado. Hoje mesmo vou embora daqui.

Mike ficou de pé. Esticou-se ao lado da cama, braços e pernas abertos, a coluna arqueada para trás. Bocejou e se aproximou do vidro. A lâmpada iluminou melhor seu rosto, e agora sim se parecia com o que Ted tinha vislumbrado em sonhos durante a noite.

— Ninguém decide quando vai embora daqui, Ted — respondeu, com seriedade.



ÀS SETE EM PONTO CHEGARAM dois enfermeiros. As portas se abriram e o grupo de pacientes partiu em silêncio, diante do olhar atônito de Ted, que bateu no vidro e exigiu uma explicação dos homens, que nunca chegou. Seus companheiros de pavilhão o observavam com interesse, inclusive o homenzinho calvo, o único que tinha algemas nas mãos e nos pés. Dawson se despediu com uma suave inclinação de cabeça.

Ted ficou sozinho e em silêncio. Talvez gritar e bater no vidro como um louco fosse exatamente o que eles queriam. Sentou-se na cama e procurou a ferradura entre os lençóis revirados. Esperou durante uma eternidade, com a bexiga inchada e contendo o desejo de voltar a gritar.

Um enfermeiro chegou quando Ted tinha se deixado cair sobre a cama.

— Bom dia.

Ted se levantou.

— Quem é você?

— O meu nome é Alex McManus. Eu sou o responsável enquanto você permanecer no pavilhão C. Agora eu preciso te fazer uma pergunta, Ted: vai ser preciso usar isto? — O enfermeiro levantou um jogo de algemas.

— Onde está a dra. Hill?

— Ela vem falar com você mais tarde. Me pediu para te avisar.

— Quando é mais tarde?

— Não sei.

Ted se aproximou do vidro. Falou em sussurros.

— Alguma coisa está errada, Alex. Você falou que o seu nome é Alex, não? Não sei o que está acontecendo. Foram me buscar e me trouxeram para cá sem a minha autorização. A minha

esposa e as minhas filhas vão chegar de viagem hoje. Eu tenho que ir embora.

McManus se agachou e deixou as algemas no chão. Pressionou um código no painel ao lado da porta e depois usou uma chave que tinha no cinto. Ouviram uma voz do extremo do corredor e o enfermeiro fez um gesto nessa direção. A porta se abriu.

— A dra. Hill vai falar com você hoje, provavelmente à tarde.

— Precisa ser antes... — Ted começou.

— Espere — McManus interrompeu. — Não tente questionar nada do que eu disser. Vai piorar as coisas, e não vai servir para nada. Agora nós vamos para a higiene e depois eu vou te levar com o resto. Em algumas horas a dra. Hill vai vir te ver e você vai poder fazer todas as perguntas que quiser. Não perca tempo comigo.

Ted assentiu.

Caminharam juntos até o fim do corredor. Deparam-se com uma porta trancada, que McManus abriu dando as costas descaradamente para Ted. Chegaram ao salão comunitário. Havia uma televisão desligada, várias mesas e alguns móveis com livros e caixas com rótulos. Umas poucas plantas de interior e a luz natural que entrava pelas quatro janelas tornavam o recinto bastante acolhedor.

— Onde está todo mundo?

McManus o encarou com curiosidade.

— Tomando café da manhã.

Ted estava com o olhar fixo em uma das bibliotecas.

— Esqueci uma coisa no quarto — disse de repente, com evidente preocupação.

— Não se preocupe. Vai estar lá quando você voltar.

Ted lembrou as palavras de Mike Dawson sobre a facilidade com que as coisas desapareciam no Lavender.

Chegaram às duchas. Um homem de uniforme verde os recebeu e entregou a Ted uma toalha e uma muda de roupa. McManus se sentou em um banco de madeira, de onde poderia ver Ted por cima das divisórias.

— Você precisa me seguir para todo lado?

McManus encolheu os ombros.

Ted tirou a roupa com calma, dobrou-a com cuidado e a deixou em outro dos bancos de madeira, perto da que estava limpa. Caminhou até uma das duchas e abriu a torneira. A temperatura era perfeita.

— O Roger trabalha com você? — Ted perguntou, enquanto deixava que a água quente caísse sobre seu rosto.

— Trabalha. Ele vai vir mais tarde, eu acho.

— Ele ficou me espiando durante dias.

McManus ficou em silêncio. Ted começou a se ensaboar. Falava sem olhar para o enfermeiro.

— Você não sabia, não é?

— A que você se refere exatamente?

— Ele estava me seguindo. Eu o flagrei em duas ocasiões. Acho que também estive na minha casa.

Outra vez não houve resposta.

— Só isso já é motivo para um processo — Ted continuou. — Os meus advogados vão adorar. Eu conheço os meus direitos e sei que me trazer drogado em plena noite é uma violação óbvia. Se eu concordei em esperar a dra. Hill, é porque quero que ela me diga na cara por que fez isso. Você não vai falar nada?

— Não sei o que falar, cara. Só me mandaram cuidar das suas primeiras horas aqui, nada mais. Não é nada pessoal. Nós fazemos isso com todos os pacientes.

— Eu não sou um paciente.

— Está bem. Nós fazemos isso com todos que chegam ao pavilhão. Alguns não se adaptam às mudanças com facilidade. As caras novas significam uma mudança no universo que já conhecem. Agora vamos tomar café da manhã e você vai poder conhecer os seus companheiros.

Na parede havia um curioso dispenser de xampu. Era uma semiesfera embutida na parede, difícil de desarmar ou de causar algum dano. Ted apertou e um fio de xampu rosa saiu pela parte de baixo.

— Eu já tive o prazer de conhecer o meu vizinho da frente — Ted disse enquanto massageava a espuma na cabeça.

— Quem?

— Dawson.

— Ah. Ele está há mais de dez anos aqui. Se o Dawson gostou de você, então não vai ter problemas com os demais.

— Você continua falando como se eu fosse ficar aqui.

Ted fechou a torneira. Foi rapidamente até o banco e se enrolou na toalha.

— Você tem certeza de que vão me deixar trancado aqui, não é?

— Eu já disse que não sei nada sobre você.

— Certo.

Ted se vestiu em silêncio. Quando terminou, sentou-se no banco. McManus estava a uns seis metros, ocupando o banco encostado na parede.

— Está pronto? — o enfermeiro perguntou, por fim.

— O que nós fazemos com isto? — mostrou a roupa suja.

McManus apontou para uma cesta vazia.

Quando saíam, Ted pediu a ele que passassem no quarto para pegar a ferradura.



QUANDO ENTROU NO SALÃO COMUNITÁRIO, as conversas pararam, houve expressões de surpresa e também de desconfiança. O apresentador de um programa de entretenimento foi o único que ignorou a tensão e continuou formulando perguntas engraçadas na televisão.

Robert Scott, o chefe da enfermaria do pavilhão C, apresentou Ted aos demais pacientes. Disse que não queria problemas e saiu. McManus vigiava de um quarto ao lado, através de uma janela com arame. Outro enfermeiro o acompanhava.

No salão havia três grupos bem diferenciados: um reunido na frente da televisão, que também era o mais numeroso, e outros dois nas mesas, onde jogavam xadrez e cartas, respectivamente. O único isolado era Mike Dawson, que lia seu livro sentado no amplo parapeito. Quando viu Ted, cumprimentou-o com a mão, mas imediatamente voltou a se enfiar na leitura e se esqueceu dele. Ted caminhou até o centro do salão, tentado a se aproximar do grupo que jogava xadrez, sem saber se isso seria conveniente.

À medida que o restante deixava de prestar atenção nele, a bagunça voltou a ser ouvida. Os que jogavam cartas falavam sem parar, enquanto os que viam TV faziam ruídos, respondiam perguntas ou se engalfinhavam em alguma discussão. Ted se aproximou da biblioteca e começou a examinar os exemplares, embora sutilmente tivesse fixado sua atenção nos dois que jogavam xadrez e no grupo que os rodeava. Estava a uns três metros e conseguiu ver o tabuleiro por poucos segundos. A partida tinha recém-começado e não correspondia a nenhuma abertura estudada, o que não o surpreendeu. Enquanto fingia ler os títulos dos romances, jogou a partida em sua cabeça. As peças negras venceram.

Um dos que jogavam cartas, um homem esguio e assustado, foi o primeiro a perceber a fascinação de Ted pela biblioteca. Apontou para ele com um dedo trêmulo, e seus

companheiros de jogo se viraram para olhar, o estudaram durante alguns minutos, rindo e caçoando, depois voltaram ao jogo.

Cerca de vinte minutos depois, o homem pequeno que Ted avistara de seu quarto, cujo nome era Lester, veio dos jardins com um companheiro. Não usava algemas, e assim que viu Ted na sala enlouqueceu.

— Ele roubou o meu equipamento! — gritou.

Quando Ted se virou, Lester cruzava o salão a toda a velocidade, Mike Dawson saltava do parapeito para interceptá-lo e os enfermeiros corriam do quartinho ao lado. Vários dos presentes riram e estimularam a iminente ação. Lester repetiu sua acusação várias vezes, movendo-se freneticamente, mas sem avançar. Mike tinha se colocado na frente dele, e isso foi suficiente para detê-lo.

— Não te roubaram nada, Lester — Mike disse, com calma. — Vá para fora.

— Eu vou te matar! Você está com meu equipamento! — O crânio de Lester estava vermelho, as veias de seu pescoço, tensas. Ele agitava os braços e movia as pernas como um boxeador.

O enfermeiro que acompanhava McManus deu a volta para sair do quartinho e se apresentou com ar cansado. Fez movimentos com as mãos para que todos se calassem. Era um homem enorme, com aparência de viking, capaz de imobilizar Lester apenas com uma mão, independentemente do grau de frenesi do homenzinho. Mas foi Dawson quem manteve o controle da situação.

— Fique tranquilo — insistiu.

— Ele veio ontem à noite — disse Lester, movendo-se como um animal enjaulado —, eu vi. Roubou o meu equipamento e agora eu não tenho como me comunicar.

Ted continuava na frente da biblioteca, atento aos olhares que pesavam sobre ele. Talvez a menção à palavra “roubo” o tenha feito inconscientemente colocar a mão no bolso e apalpar a ferradura. Lester percebeu e explodiu.

— Está ali, no bolso! Revistem ele!

O enfermeiro negava com a cabeça. Mike deu um passo na direção de Lester e apontou um dedo para o peito dele.

— Ninguém pegou o seu equipamento — afirmou, severo. — Agora me deixe ler se não quiser problemas.

A ameaça surtiu efeito. Lester continuava se movendo, mas porque estava nervoso. Seu tom se suavizou.

— Mike, sem o meu equipamento eu não posso informar. Eles precisam do meu relatório, você sabe.

— Não tô nem aí. Que venham com a Millennium Falcon te buscar, se precisam tanto de você. Vá para o jardim e eu não quero voltar a te ver por aqui. Fui claro?

Lester assentiu. Não havia mais rastro de sua ira. Cabisbaixo, foi embora.

Mike fez um gesto para o enfermeiro e sorriu. *Você não me deve nada pelo favor...* Depois piscou um olho para Ted e voltou ao parapeito para retomar a leitura.

Ted se aproximou da mesa onde a partida de xadrez continuava, mais avançada e menos interessante. O que jogava com as peças brancas estava em clara desvantagem e agora olhava fixamente para o tabuleiro, como se pretendesse mover as peças com o poder da mente. O outro aguardava sua vez, tranquilo, olhando alternadamente para o tabuleiro e a pequena plateia. A presença de Ted pareceu incomodá-lo; no entanto, não falou nada.

— Vamos, Sketch, não tenho o dia todo! Vou pedir ao Scott que nos consiga um daqueles relógios duplos, assim eu posso te despachar mais rápido.

Sketch não se incomodou. Continuava analisando o jogo. Suas possibilidades seriam nulas contra um jogador experiente, pensou Ted, embora pudesse ter alguma possibilidade se movesse o cavalo de F5 para H6.

Um dos três espectadores interveio:

— Já pegou ele, não é, Lolo? — Bateu o punho contra a palma da mão. — Eles vão te esmagar, Sketch... como uma mosca.

— Cala a boca — disse outro dos que olhavam. — Você não sabe nem mexer as peças. Isso é xadrez, sabia?

Todos riram, menos o homem a quem a frase foi direcionada e Sketch, que continuava concentrado e, com indecisão, levantou o braço que estava embaixo da mesa para fazer, por fim, o movimento. Seus dedos se aproximaram do cavalo em F5. Tinha dois destinos possíveis: H6, que lhe daria um fio de esperança, e H4, que acabaria de afundá-lo.

Decidiu por H4.

— Você não é páreo para mim, Sketch! — desdenhou Lolo, avançando um peão, que se aproximava perigosamente da coroação. — Vamos ver como sai dessa.

Sketch mergulhou outra vez em seus pensamentos.

Ted decidiu se afastar. As horas até a visita de Laura seriam eternas.

Caminhava na direção da porta quando percebeu que Dawson tinha parado de ler e não tirava os olhos dele. Sem saber se seria uma boa ideia, se aproximou, talvez para agradecer a intervenção com Lester.

— Você sabia, não é? — Dawson o surpreendeu. — O cavalo para H4.

Por um segundo, Ted não soube do que ele estava falando. Quando entendeu, deu de ombros.

— Eu joguei um pouco de xadrez quando era mais jovem.

— Eu também; nada profissional — Dawson admitiu. — Talvez possamos jogar algum dia.

Ele estava sendo testado.

— Claro. — Ted continuou seu caminho.

— Espere. — Dawson o estudou. — Me deixe te acompanhar até lá fora. O Lester continua por aí.

Bem nesse momento, Ted percebeu que outra vez reinava o silêncio no salão. Todos, menos o apresentador de televisão, pareciam interessados no encontro entre eles. Lembrou as palavras de McManus pela manhã, nas duchas. *Se o Dawson gostou de você, então não vai ter problemas com os demais.*

Os jardins eram amplos. Havia caminhos que nesse momento eram transitados por uns poucos pacientes solitários, canteiros bem-cuidados e árvores frondosas. Lester e um grupo reduzido estavam reunidos em um canto da quadra de basquete, alguns em um banco e outros de pé. Imediatamente prestaram atenção nos dois homens.

— Então você não sabe por que está aqui? — Mike perguntou.

Ted o observava com incredulidade. À luz do sol da manhã, continuava parecendo o homem mais sensato do mundo. Se não o tivesse visto na noite anterior observando-o com aquela expressão enlouquecida, custaria a entender o que Dawson fazia no Lavender.

Assim como você, e aqui está.

Os dois se encaminharam até um dos bancos mais distantes, debaixo de um imenso pinheiro.

— E então? — Mike insistiu quando se sentavam.

— Não é que eu não saiba — Ted respondeu, com certa resignação. — A dra. Hill está me tratando nas últimas semanas. Eu tenho um tumor... inoperável, e o meu médico achou que a terapia me ajudaria a enfrentar a doença. Para ser justo, ele não estava errado. Achei que falar com a dra. Hill não serviria para nada... mas ajudou. Um pouco. Agora ela levou as coisas longe demais.

Na quadra de basquete, Lester e os outros começaram a jogar. A bola batia no cimento com o característico som estridente.

— A dra. Hill te internou contra a sua vontade?

— Exato.

Mike enfiou a mão no bolso e tirou um maço de cigarros. Ofereceu um a Ted, que recusou.

— Eu também não fumava — Mike comentou, acendendo seu cigarro com um isqueiro dourado. Deu uma longa tragada. Depois, observando o cigarro entre os dedos, acrescentou, em tom misterioso: — Às vezes eu acho que fumo só para me diferenciar de quem eu era lá fora.

Ted tinha o olhar fixo no isqueiro. Mike percebeu e falou:

— À medida que você vai ganhando a confiança deles, as coisas melhoram. Agora os meus dias aqui são bem tranquilos. São as noites que me atormentam.

— Por que você está aqui?

— Não te contei?

Ted negou com a cabeça.

Mike abaixou o olhar, visivelmente afetado antes mesmo de abrir a boca.

— Eu matei a família do meu melhor amigo.

A bola continuava quicando ao longe.

— Eu estava muito doente — Mike continuou. Agora se sentava encurvado, quase diminuído, com os antebraços apoiados nos joelhos e o olhar fixo no chão. — Se acontecesse uma fuga em massa, ou se por alguma absurda razão me deixassem sair daqui... eu me recusaria. — Com amargura, acrescentou: — A filha do meu amigo conseguiu sobreviver... Me enforcar nesta árvore seria injusto com ela. Muito fácil.

Ted ficou em silêncio.

— Sabe? Estar louco não muda muito as coisas — Mike prosseguiu. — Não exime a sua culpa, quero dizer. Em vez de ir para a prisão, te colocam em um lugar como este. Mas sempre tem uma parte de você que é responsável, responsável por não ter parado a outra parte. Porque uma parte de você *sabe*. Sabe *tudo*.

Agora foi a vez de evocar Wendell no quartinho da fábrica abandonada...

Tem algumas informações aqui na sua cabeça que te comprometem.

Mike fez uma pausa reflexiva. Olhando agora para o céu, parecia lembrar os detalhes de um passado que não o deixaria em paz. Tocou a testa com um dedo e olhou para Ted com os olhos grandes e horripilantes.

— A mente é uma caixa mágica. Cheia de truques. Ela sempre se vira para te dar um aviso. Também para te dar uma rota de fuga. Uma porta...

Abra a porta. É sua última saída.

Ted pensava no pinheiro que os abrigava e no corpo de Mike Dawson pendurado em um galho, movendo-se ao compasso de uma suave brisa.

— Acho que você tem razão.

Mike sorriu. Outra vez era uma expressão amigável, compreensiva.

— Talvez seja como você diz, e amanhã você não vai estar aqui. Ou talvez sim, e nós vamos voltar a nos sentar neste mesmo banco. Todos precisam abrir essa porta, cedo ou tarde.

Mike Dawson ficou de pé. Esticou os braços e inchou o peito; as articulações das costas estalaram.



LAURA O ESPERAVA EM UMA sala de avaliação. Ted, que tinha as mãos algemadas, esperou que McManus encontrasse a chave adequada para deixá-lo entrar.

— Está aberta — disse uma voz do interior. Ted a reconheceu de imediato.

No rosto de Laura Hill se desenhava um sorriso morno. Roger, a seu lado, era ao contrário um totem de seriedade, os olhos grandes e frios como duas luas.

— Dra. Hill... Finalmente — Ted cumprimentou.

— Pode continuar me chamando de Laura.

— Laura, claro. Obrigado por essa noite no Hilton. Foi muito generoso da sua parte.

Foi conduzido pelo enfermeiro até a mesa atrás da qual estava a médica, mas antes de se sentar exibiu as algemas que mantinham seus pulsos unidos.

— Sente-se, Ted, por favor — Laura pediu. Não mencionou as algemas.

Ele examinou a sala, na qual certamente não havia muito para ver: deprimentes azulejos esverdeados nas paredes, a mesa de fórmica que ocupavam, seis tubos fluorescentes que apagavam todas as sombras e uma janela com vidro escuro que certamente escondia uma câmera de vídeo. Foi precisamente no reflexo do vidro que Ted viu McManus fazer um gesto com a cabeça e sair.

— Como se sente, Ted?

— Não, não. Nada de *como se sente, Ted*. Eu me sinto uma merda. Quero saber o que estou fazendo aqui. E quero saber agora.

Laura abaixou os olhos por alguns segundos, endireitou uma pasta fechada que tinha à sua frente e limpou a garganta. Não havia mais rastros de seu sorriso; parecia realmente contrariada. Usava o cabelo preso, como de costume, os óculos retangulares e um jaleco branco.

— Vou te explicar em um segundo, mas primeiro acredite que eu preciso saber algumas coisas. O Roger e eu só queremos te ajudar e...

— Tudo bem; chega de papo furado. O que você quer que eu responda?

Laura respirou fundo.

— Ontem você disse ao Roger que nós íamos te internar no Lavender Memorial, que já sabia de tudo. A que você se referia?

— Acho que não precisa de muita explicação, certo? Eu me referia a isto aqui. — Ted exibiu outra vez as mãos algemadas.

— Quem te disse isso?

— Que diferença faz quem me disse? Aconteceu.

— Foi o Wendell?

Silêncio.

Ted lembrou a conversa com Wendell no quarto de ferramentas da fábrica abandonada.

Ela vai te trancar no Lavender Memorial, junto com os doidos. Ela tem poder para fazer isso, eu te garanto.

— Chega, Laura. É a sua vez de falar.

Laura e Roger trocaram um olhar que Ted não soube interpretar. A doutora assentiu e abriu a pasta que tinha à sua frente. Virou-a para que ele pudesse vê-la, tal como havia feito Lynch na sala da casa dele. Só que dessa vez não havia uma ficha criminal, mas uma ressonância magnética do cérebro dele. Reconheceu imediatamente as chapas que Carmichael tinha exibido em seu consultório; seu nome estava impresso no canto de cada uma delas.

— Reconhece?

— Claro. Aqui está o tumor. — Ted apontou uma zona específica ligeiramente mais escura que o resto.

— Você não tem um tumor, Ted.

Por que isso não me surpreende?

A doutora se virou e fez um gesto na direção do vidro escuro. Instantes depois, a porta da sala de avaliação se abriu.

— Oi, Ted.

Ali estava Carmichael, as mãos nos bolsos e o semblante pesaroso de quem deve dar uma má notícia.

Carmichael também está metido nisso.

— Infelizmente o que a dra. Hill disse é verdade — declarou, ainda parado na porta.

Aproximou-se devagar, deu a volta na mesa e se sentou. Agora eram três os seus interlocutores.

— Eu pedi ao Carmichael que viesse ao Lavender para contar ele mesmo — Laura explicou.

O homem assentiu com gravidade.

— Nunca houve mancha — Carmichael continuou, serenamente. — Quando chegou o primeiro resultado, eu falei que seu cérebro estava perfeitamente saudável, que as dores de cabeça deviam ter outra origem, que nós íamos averiguar juntos, como tínhamos feito com cada dor que você teve durante todos esses anos. Você se alterou, e só quando eu disse que faríamos outra vez o exame para ter certeza é que começou a se acalmar. Eu imaginei que dessa forma ganharia tempo, porque no seu cérebro não havia nenhum rastro de tumor, e eu sabia que os resultados seriam iguais.

Ted observava sem falar nada.

— Você não lembra de nada disso? — Laura interveio.

— Vocês mudaram os resultados. Como eu vou saber que essas chapas são da minha cabeça?

— Sinto muito — desculpou-se Carmichael.

— E as dores de cabeça, as confusões? — Pela primeira vez Ted deixou entrever sinais de desespero. — O tumor pode ser pequeno, ou estar alojado em uma zona que a ressonância não é capaz de detectar. Eu li sobre isso. Não tentem me enganar.

— Nós vamos continuar avançando com o tratamento para te ajudar a...

— Me ajudar! Você não entendeu nada, Laura. Nas últimas sessões, eu fui ver você por puro milagre. Se tudo tivesse acontecido conforme o planejado, neste momento eu estaria no escritório da minha casa com um tiro na cabeça. — Ted riu. — Isso é ridículo. Se não fosse o merda do Lynch, eu teria me matado.

Fez um revólver com os dedos e o levou à testa. Imitou o barulho de um tiro.

Os médicos se entreolharam.

— O que foi? — Ted se impacientou. — Parem de me tratar como um louco!

Levantou-se como se tivesse sido acionado por uma mola. A cadeira saiu para trás. Ninguém na sala se mexeu. Ficaram observando enquanto ele caminhava em círculos.

— Não acredito — Ted dizia para si mesmo. Caminhava com as mãos no ventre, o olhar no chão de linóleo.

— Você está com a ferradura? — Laura perguntou.

Ted parou de repente e apalpou os bolsos da calça com frenesi. Ali estava a ferradura. Tirou-a do bolso e a sustentou entre os dedos, contemplando-a como um talismã poderoso.

— Você lembra que me falou dela, não é? — Laura continuou. — Do Miller, o seu professor de xadrez, do campeonato entre Capablanca e Alekhine em Buenos Aires...

Em algum momento, Roger se aproximou e conduziu Ted até a cadeira. Ele não parecia totalmente consciente. Continuava olhando para a ferradura.

— Eu a encontrei na casa do Wendell — Ted contou, maravilhado, hipnotizado por aquele ferro dobrado.

— Ted, olhe para mim.

Ele levantou a cabeça.

— As regras aqui são rígidas, e um elemento metálico tão contundente como uma ferradura vai definitivamente contra elas. Mas eu vou permitir que fique com ela. Quando você se sentir confuso, eu quero que se concentre nela, que pense no Miller, nas partidas de xadrez, está bem?

— Nos bons tempos — ele murmurou.

— Exatamente. — Laura se mostrou satisfeita. — Nos bons tempos.

Não havia mais rastro da explosão de ira. Ted voltou a olhar para baixo e desviou os olhos da ferradura, que repousava em seu colo e que ele continuava sentindo entre os dedos.

— Foi pela Holly? Ela... estava tendo um caso com o Lynch. Não era o Wendell, era o Lynch. Eu vi as fotografias. Estavam em um restaurante.

— Não pense nisso agora, Ted. Eu não sei a razão pela qual você tomou a decisão de tirar a sua vida. Mas nós vamos descobrir.

Ted parecia um menino castigado. Então sua expressão mudou, como se tivesse se lembrado de algo. Olhou para Laura, e em seus olhos apareceu o verdadeiro terror.

— A Holly e as meninas estão bem?

— Estão bem. Na casa dos pais da Holly, na Flórida.

— Elas iam voltar na sexta-feira. Que dia é hoje?

Laura não respondeu. Fechou a pasta, que continuava aberta sobre a mesa. O dr. Carmichael se desculpou, dizendo que tinha assuntos a resolver, cumprimentou Ted com uma inclinação de cabeça e disse que voltaria para visitá-lo, que fosse forte, que estava em ótimas mãos.

O horror não tinha desaparecido dos olhos de Ted.

— O que são todas essas lembranças, Laura?

— Nós já vamos cuidar delas, embora eu receie não ter todas as respostas. Eu não quero deixar você agoniado agora. É importante que você assimile o que eu acabei de te dizer. Nós vamos voltar a nos ver aqui depois de amanhã, e continuar conversando. Dessa vez vamos ser só você e eu, como nos velhos tempos.

Laura sorriu, compassiva.

— A Holly me trancou aqui? Eu não sou bobo. Sei que ela deve ter dado autorização. Ela sabe? Ela sabe o que eu ia fazer no meu escritório?

— Não sabe.

— Melhor assim.

— Mas você entende que deve ficar aqui alguns dias, não é?

— Acho que sim.

Não, não acredite, mas siga o jogo. Tudo está acontecendo do jeito que Wendell tinha antecipado. Ele foi o único sincero com você... o único que mostrou provas.

— Você vai passar a noite no quarto de segurança máxima, mas amanhã eu vou mandar te darem um quarto comum, onde vai ser muito mais cômodo. O McManus me disse que você se deu bem com o Dawson, o que é digno de mérito. Ele costuma ser muito seletivo.

— Não sei se se dar bem é o termo certo. Nós conversamos no jardim hoje de manhã. Ele me contou por que está aqui e nada mais.

— Em um dia ele falou mais do que a maioria escutou sair da boca dele em toda a sua vida. Ted encolheu os ombros. O que menos importava para ele era se dar bem com um assassino demente.



ERA TARDE. HAVIA ALGUM TEMPO as conversas no corredor dos quartos de segurança máxima tinham silenciado. Ted descansava em sua cama com as mãos atrás da cabeça, olhando para o teto. Tinha desaparecido a ansiedade para ir embora do Lavender. Ele não sabia se Laura havia sido completamente sincera com ele — provavelmente não —, mas tinha muitas dúvidas para processar. Ele realmente inventara que tinha um tumor na cabeça? Duas realidades fragmentadas conviviam em seu cérebro; em uma delas ele havia matado Wendell, e na outra não só não havia feito isso como tinha até falado com ele... *em um castelo cor-de-rosa!* Claramente ele tinha problemas. Para que negar?

E não se esqueça do Blaine. Você esperou por ele escondido na casa dele. Ele te descobriu, mas você conseguiu liquidá-lo com um movimento rápido.

Tinha que dormir, assimilar as coisas com calma. Sobre o peito, sentia a pressão tranquilizadora da ferradura. Fechou os olhos, disposto a se deixar levar pelo sono... mas voltou a abri-los de repente. Sentou-se na beira da cama. A ferradura saltou do seu peito e caiu no chão, provocando uma série de repiques metálicos que no silêncio do pavilhão da área de segurança máxima pareceram o toque de um sino. Alguém mandou que se calasse do outro extremo do corredor. Ted se aproximou do vidro. Lester o observava do quarto ao lado do de Mike Dawson.

— Que foi? Não consegue dormir, Lester? Vá para a cama! — atacou, para surpresa do careca. — Mike, está de pé?

Outra vez mandaram que se calasse.

— Cala a boca você, idiota! — gritou para o corredor às escuras.

No quarto de Mike se acendeu uma luzinha ao lado da cama. O homem se levantou. Não parecia ter pegado no sono ainda.

— É melhor baixar o tom de voz — sugeriu.

Ted assentiu.

— Estava dormindo?

Seu vizinho negou com a cabeça.

— Eu tenho insônia, então a resposta é não. O que está acontecendo?

— Eu preciso perguntar uma coisa.

— Diga.

— Aquele jogo de xadrez na sala comunitária... parece bem novo, especialmente o tabuleiro de enrolar.

— Trouxeram faz uns seis meses — Mike disse. — Há uns anos tinha outro, mas não sei o que aconteceu com ele.

Seis meses!

Isso tinha sido antes de sua visita a Carmichael.

Ted teve a convicção de que aquele jogo de xadrez estava ali por sua causa. O que poderia ser melhor que um jogo de xadrez para lhe fazer se sentir em casa? Olhou para a ferradura, ainda no chão.

— Foi a dra. Hill que trouxe? — Ted perguntou.

— Não tenho ideia. Era isso que você queria saber? Suponho que era muito importante para esperar até amanhã.

Mike voltou a se deitar e apagou a luz.

Ted fez o mesmo depois de um tempo, mas agora com uma convicção. Aquele jogo de xadrez estava ali por causa dele. *Já fazia seis meses.*



PELA MANHÃ, MCMANUS O LEVOU ao que seria seu novo quarto. Ficava no segundo andar do pavilhão C, e para chegar até lá percorreram um corredor acarpetado que não tinha nada a ver com o frio corredor de vidro da área de segurança máxima. Ted vestia a calça e o casaco cinza, mas não estava mais algemado; as coisas estavam começando a mudar. De uma porta lateral, Sketch — que Ted reconheceu da partida de xadrez que presenciara no dia anterior — o observava com a expressão indecifrável.

— Me deixe te dar um conselho — McManus disse antes de chegarem ao final do corredor. — Aproveite essa oportunidade; não faça nenhuma idiotice. Você parece ser um homem inteligente.

Aquilo soou como uma recomendação sincera. Ted assentiu, solene. Quando entraram no quarto, entendeu um pouco melhor a que se referia o enfermeiro. Em comparação com a cama simples em que tinha passado as duas noites anteriores, aquele era um quarto do Hilton. Lembrou da piada que tinha feito com Laura sobre isso e sorriu.

O quarto era amplo e contava com uma grande janela, pela qual o sol entrava descaradamente. Havia duas camas, cada uma acompanhada por uma mesa e uma estante pequena. Tudo estava disposto de maneira simétrica, exceto por uma porta interior que conduzia a um banheiro. A metade pertencente a Mike Dawson, seu novo companheiro, estava lotada de livros, recortes pendurados nas paredes, fotografias e tudo o que era necessário para fazer o quarto aceitavelmente acolhedor. McManus explicou a Ted que Mike não tinha dividido o quarto com ninguém em muito tempo.

Sobre o colchão nu havia uma caixa de papelão com o nome de Ted escrito com caneta preta.

— Que ótimo! Já trouxeram suas coisas.

Minhas coisas?

McManus se despediu e Ted ficou sozinho. Caminhou até a janela pela linha imaginária que dividia o mundo de Dawson, habitado e colorido, do dele, ermo e com uma caixa de papelão que ele nem sequer sabia o que continha. Um retângulo de sol era a única coisa que misturava aqueles universos tão diferentes. Estreitou os olhos para diminuir o brilho e lentamente foram se desenhando a quadra de basquete e os caminhos que atravessavam o jardim. Durante um tempo acompanhou o andar errático de alguns pacientes.

Afastou-se e observou os pertences de seu novo companheiro. Os recortes de jornal colados em um painel sobre a mesa chamaram sua atenção. Deu um passo nessa direção, mas parou. Optou por ir até a porta do banheiro.

— Mike?

— Quê? — Veio a voz do outro lado.

— É o Ted. Preciso de uma caneta ou algo para cortar a fita da caixa que deixaram aqui. Se incomoda se eu pegar uma da sua mesa?

Silêncio.

— Mike?

— Claro que pode pegar a maldita caneta. Me deixa cagar e ler em paz.

— Desculpe.

Não houve resposta.

Talvez Dawson não fosse tão terrível como todos diziam. Ele se aproximou da mesa. Dessa vez não pôde evitar dar uma olhada em uma das matérias. O título dizia:

ANDREA GREEN GANHA MENÇÃO HONROSA NA BIENAL DE ARTE DE VENEZA

Ele se afastou. Se Mike saísse do banheiro nesse instante, a relação entre eles, que parecia ter começado com o pé direito, poderia tomar outro rumo. Foi até a caixa de papelão. Rompeu a fita com a parte traseira da caneta e abriu as abas. Dentro havia uma pilha de roupas bem dobradas, livros, uma série de sacolas de plástico fechadas, um abajur de mesa que reconheceu de imediato e... um tentáculo cor-de-rosa que serpenteou até desaparecer.

Ted deu um pulo. Soltou as abas e retrocedeu, tropeçando, até bater contra a cama de Mike e cair em cima dela. Não conseguia tirar os olhos da caixa. Algo se movia no seu interior. Não só tinha visto como o ruído dos objetos se chocando entre si era inconfundível. E Ted sabia a razão — aquilo não era um tentáculo, mas o rabo cor-de-rosa do gambá.

Respirava com dificuldade. Não era possível. Os encontros com o gambá tinham que ser parte de um pesadelo.

Tem certeza? Na casa de Arthur Robichaud também?

Nesse instante Mike saiu do banheiro. Logo percebeu que algo não estava bem.

— O que tem na caixa? — disse, lançando-se na direção dela. Ia tocá-la, mas no último momento se arrependeu. — É um rato?

— Não — Ted falou. A caixa tinha parado de se mover.

Mike abriu a aba com um movimento rápido e manteve distância. Pouco a pouco foi se aproximando, enfiou a mão e tirou o abajur, depois uma sacola, depois outra...

— Aqui não tem nada. — Olhou ao redor, surpreso.

— Eu vi o rabo. A caixa se movia.

Mike o observava com uma sobrancelha erguida.

Ted ficou de pé, sacudindo a cabeça.

— Eu garanto que...

Mike o interrompeu com uma mão no alto.

— O que você viu?

— Nada.

— O que você viu?

Ted refletiu.

— Achei que tivesse visto um gambá, mas talvez tenha imaginado.

— É a primeira vez que o vê?

A pergunta pegou Ted de surpresa.

— Do que você está falando?

— É uma pergunta simples.

— É — Ted respondeu, finalmente.

Mike mexeu no cavanhaque, esfregando o queixo.

— Um gambá... — repetiu em voz baixa.

— O que foi? Você também o viu? Antes, quero dizer.

— Não, mas depois do almoço você vai me contar tudo sobre esse gambá.

A expressão de mistério desapareceu de seu rosto. Pegou o livro que tinha jogado sobre a cama ao sair do banheiro e se deitou para ler sem falar mais nada.



TED PEGOU A BANDEJA DO almoço, filé de peixe com molho de ervilhas, e escolheu a mesa mais afastada. O refeitório do pavilhão C não era muito espaçoso, por isso não conseguiu a tranquilidade que procurava. Da mesa ao lado, quatro internos o observaram com atenção e tentaram começar uma conversa que parecia amigável. Ele disse que não estava com vontade de falar e os outros aceitaram. O certo era que precisava pensar. Percebia que tinha aceitado sua permanência no Lavender com relativa facilidade, e isso o indignava um pouco, como se no fundo soubesse que realmente precisava estar internado. Mas não era assim? Sua mente era um quebra-cabeça sem sentido; havia tentado se matar por um tumor que não existia... Era possível até que tivesse assassinado duas pessoas! Era esse o motivo pelo qual tinha sido trancado no pavilhão C? Ele era um assassino, como Dawson? Muitas perguntas para não sucumbir à ideia de aceitar sua prisão. Nem sequer tinha forças para brigar para ver Holly ou as meninas. Sentia saudade, claro, sobretudo de Cindy e Nadine; pensar nelas doía mais que tudo... mas o que diria a elas? O que explicaria a Holly? Se não tinha um tumor na cabeça, qual era a razão de seu comportamento?

Comeu em silêncio, perdido em pensamentos, com o olhar desfocado em uma das janelas. Alguém voltou a falar qualquer coisa para ele da mesa ao lado, mas Ted ignorou. O incidente no quarto o havia perturbado. Quando acabaria? Tinha visto o gambá dentro da caixa e não havia tirado os olhos dela até que Mike chegou para averiguar, e nesse momento o bicho não estava mais lá. Exatamente como havia acontecido na casa de Robichaud, quando o animal se escondera dentro do pneu. Cada vez que tinha visto esse animal nauseabundo, acreditara que era real, para depois se convencer de que simplesmente tinha sonhado com ele, ou, pior, que o havia imaginado. O que devia pensar agora? Concentrou o olhar. Estava sonhando? Concentrou-se na faca de plástico com que comia, observou-a com o foco de um cientista,

cada detalhe, a forma arredondada do cabo, a lâmina dentada... Sustentou-a contra a bandeja e fez força. A faca se dobrou e finalmente quebrou com um ruído seco. Duas ou três risadas chegaram da mesa contígua. Ted examinou as duas partes da faca quebrada, moveu-as com o dedo... Estava realmente tocando aqueles pedaços de plástico?

Suspirou. Contemplou com resignação o que restava do peixe, depois a faca quebrada.

Isa se levantou quando Lester surgiu do nada e se sentou a seu lado. Não parecia tão alterado como das outras vezes.

— Eu sei que você não teve nada a ver com o meu equipamento — disse, em tom conciliador. — Eu o encontrei.

— Estou pouco ligando.

Lester tinha olhos de Gollum, grandes e astutos. Quanto mais Ted se fixava neles, mais pareciam aumentar de tamanho. E se enfiasse um pedaço da faca em um daqueles olhos gigantes?

— Eu te escutei ontem à noite, falando com o Dawson — Lester continuou. — Você perguntou sobre o jogo de xadrez.

Ted estava se levantando. Voltou a se sentar e assentiu.

— Eu ouvi do meu quarto — o homenzinho repetiu. — Você perguntou para ele quando tinham trazido o jogo de xadrez. E ele te disse que fazia seis meses.

Realmente, Mike tinha dito isso. Poderia ter mentido?

— É verdade?

Lester massageou o cavanhaque. Fazia cálculos mentais.

— Sim, é verdade. Mas eu sei quem trouxe.

— Quem?

— Bom, na verdade...

— Quem?!

Ted agarrou Lester pela gola da camisa e o puxou para perto de si. Alguns internos se viraram. De uma das mesas se levantou a cabeça de Robert Scott, o chefe da enfermaria, que os observou até Ted fazer um gesto de que só estavam mantendo uma conversa amigável.

— Quem, Lester? — voltou a perguntar.

O homenzinho deve ter visto algo nos olhos de Ted, porque não restava mais nada do entusiasmo que tinha demonstrado no dia anterior.

— Foi a dra. Hill. Ela e o enfermeiro negro vieram um dia e entregaram ao Scott. Eu vi os dois.

Ted o estudou por um longo tempo.

— Não acredito. Onde você estava?

— No corredor. Entregaram ali mesmo, na frente de todo mundo. Bom, não na frente de todo mundo, porque eu estava sozinho, mas nem prestaram atenção em mim. A dra. Hill não vem muito aqui, e quando vem está sempre acompanhada por aquele enfermeiro, Roger, eu

acho que se chama. Ela deu a caixa de xadrez para o Scott, só que a princípio eu não sabia que era uma caixa de xadrez. Eu o segui até o salão e ele a colocou na estante, com os outros jogos.

— E isso foi há seis meses.

Lester assentiu veemente com a cabeça e acrescentou:

— Eu também suspeitei.

— Suspeitou do quê?

— Eu escutei a outra coisa que você falou para o Dawson ontem. Você perguntou como era possível que eles soubessem seis meses antes que iam te trazer para cá.

— Isso não é assunto seu.

— Claro que é. Eles sabem muitas coisas. Têm microfones e câmeras minúsculas.

Ted negou com a cabeça. Não fazia sentido continuar falando com aquele lunático. Pela segunda vez quis se levantar, mas dessa vez Lester segurou seu braço. Ted poderia ter se soltado com facilidade daquela mão pré-senil, mas, ao ver a desolação no rosto de Lester, permitiu que falasse.

— Você acha que colocaram microfones nas peças de xadrez?

— Não, Lester. Não tem nenhum microfone naquelas peças.

O rosto do homem se transformou em uma careta de desconcerto e horror.

— E como você pode estar tão seguro?

Não fazia sentido continuar aquela conversa.



MIKE O ESPERAVA NO BANCO debaixo do pinheiro. Dessa vez não lia nem fumava; seguiu Ted com a vista até que ele se sentou a seu lado.

— Problemas com o Lester, hein? Se ele voltar a te incomodar...

— Eu sei me cuidar sozinho — Ted interrompeu. — Eu também tenho alguns truques na manga.

— Sim. Foi o que me disseram.

A quadra de basquete estava vazia. Sob o sol da tarde, os restos da pintura azul do chão se assemelhavam a poças d'água. Mike apontou para um dos aros, onde um interno com sobrepeso girava agarrado ao poste de aço.

— Aquele é o Espósito. Ele também viu.

Por um instante, Ted não sabia a que se referia o seu companheiro de quarto. Olhou para todas as direções pensando que mencionava alguém em particular.

— Viu o quê?

— Os animais — Mike respondeu, solene, olhando para Espósito, que continuava girando ao redor do poste, agora a toda a velocidade. Sua expressão não diferia em quase nada da de Timothy Robichaud no comando de seu carrossel supersônico.

— Que animal você viu? — Mike perguntou.

— Eu já te disse: um gambá. Mas com certeza foi um sonho. Eu me joguei na cama e fechei os olhos por um instante e...

— Você e eu sabemos que não foi um sonho, Ted. Tem certeza que era um gambá?

— Ou algo muito parecido. Você viu?

— O gambá, não. Eu vi um rato, e uma lagosta. O nosso amigo Espósito, ali, girando como um pião, viu dois grandes: uma hiena e um lince. Uns caras que estiveram aqui antes

viram alguns mais, mas ninguém viu o gambá.

Mike continuava olhando para a quadra de basquete, como se estivesse calculando um problema de solução impossível.

— Mike, você entende que esses animais não existem, não é?

— Não me olhe assim. Eu sei que os animais estão aqui. — Tocou a própria cabeça. — Mas isso não significa que não existam.

Ted fez um ruído com a língua. Ia se levantar e ir embora quando Mike apoiou suavemente a mão no joelho dele.

— Espere.

— Eu quero esquecer essa porra de gambá, Mike, de verdade. Preciso organizar os meus pensamentos. Ontem eu falei com a dra. Hill, e tudo está cada vez mais confuso. O que eu menos preciso agora é de mais confusão.

— Entendo. Me deixe contar algo. A dra. McMills é a diretora-geral deste hospital, e foi ela que cuidou do meu caso desde o início. Uns anos depois de ser internado, eu falei dos animais. Ela riu e de vez em quando nós falamos deles, embora nunca me pergunte muito. É uma mulher brilhante, que tratou muitos pacientes antes de se tornar diretora, e eu tenho certeza de uma coisa: ela sabe que os animais são reais. Faz dois ou três anos que eu não os vejo mais.

— Quando você começou a vê-los... exatamente? Foi quando...

— Quando eu matei aquelas pessoas...? Sim.

E você, matou quem, Ted? Wendell? Blaine? Os dois?

— Eu comecei a ver a lagosta quase o tempo todo — Mike disse. — Era bem maior que uma lagosta normal, e mais ousada, porque se aproximava em atitude desafiadora. Eu tinha a estranha sensação de que ela de repente ia pular e se enfiar na minha boca, ficava com nojo só de pensar. A princípio eu não reparei nisso, mas muito tempo depois me dei conta de que a lagosta aparecia cada vez que eu estava prestes a sair *do caminho*. Era como uma espécie de... guardiã. O rato, a seu modo, também era, só que mais assustador.

Ted sentiu um calafrio. Ele também temia o gambá.

— Olhe a quadra de basquete — Mike continuou. — Tem dois lados bem diferenciados, separados pela linha central. O mesmo acontece com o mundo real e o mundo da loucura, Ted. Ou você está são ou não está, não existe meio-termo. Ou joga em um time ou em outro. Se está trancado neste lugar e tem sorte, se os remédios funcionam e os médicos acertam no seu diagnóstico e seu tratamento, talvez você tenha a sorte de passar de um time para o outro, pelo menos por um tempo. O que você não pode fazer é jogar nos dois times, entende?

— Não acredito que isso seja loucura.

— Acredite, porque é. É como outra dimensão, se você quiser ver dessa forma. Um mundo com as suas próprias regras. Como os sonhos. Você por acaso sonha?

— Você acha que os animais são parte desse outro mundo.

— Não exatamente. Está vendo o círculo central na quadra de basquete? É uma zona intermediária, por isso eu gosto dessa analogia; não me ocorreu agora. Muitas vezes eu me

sento aqui e penso em tudo isso. Esse círculo é a porta que une os dois mundos, onde não se deveria estar, porque, como eu disse, não se pode jogar nas duas equipes ao mesmo tempo. No entanto, algumas pessoas, como você, como eu ou como o Espósito, ficam ali mais do que deveriam, na *porta*, e isso, claro, não é bom. — Mike fez uma pausa e acrescentou, em tom triste: — O círculo é perigoso, porque ali coexistem os dois mundos.

Espósito tinha parado de girar ao redor do poste e agora ia de um lado para o outro, desfrutando dos efeitos da tontura. Com os braços abertos, o rosto virado para o céu, planava como um avião gordo.

— Os animais são os encarregados de nos afastar do círculo, Ted — Mike afirmou, e outra vez falava com o tom do homem mais calmo do mundo.

— Por que só alguns?

— Não sei.

— Mike, não me leve a mal, mas você está dizendo que esse círculo é perigoso, e vamos supor que esteja certo. O que pode ser pior que enlouquecer completamente?

— Me deixe te perguntar uma coisa, Ted. Quando você viu o gambá?

— Várias vezes.

— Me conte uma.

— Foi num sonho. Eu estava na sala da minha casa e alguma coisa chamava a minha atenção no jardim; era de noite. Olhei pela janela e a minha esposa estava ali, de biquíni e parada em uma posição impossível. Além disso, faltava uma perna nela. O gambá estava em uma mesa que temos na varanda, comendo a perna da minha esposa.

Ted estremeceu com a lembrança.

— Um sonho bastante estranho — Mike reconheceu. — Você viu a sua esposa depois disso?

— Por que está perguntando?

— Talvez não seja o melhor exemplo.

Ted se impacientou e segurou o antebraço de Mike.

— Por que está me perguntando se eu voltei a vê-la? Sabe de alguma coisa?

Mike não perdeu a calma. Esperou que a mão parasse de segurar seu braço, então falou, com a voz pausada:

— Olha, não é que eu seja um especialista no tema nem nada. O que eu sei vem da minha própria experiência e do que pude descobrir aqui. Antes do Espósito havia outro cara. Ricci era o nome dele. Foi embora há cinco anos. — Mike fez um gesto com a cabeça, apontando para o céu. — Foi ele que me falou pela primeira vez dos animais e do círculo, só que não se referiu a eles dessa forma. Eu não acreditei em nenhuma palavra, como você está fazendo agora, mas depois pensei na lagosta, que, por alguma razão, minha mente tinha quase esquecido, e muitas coisas começaram a fazer sentido. Sabe? Quando aconteceu tudo aquilo com o meu amigo... — O semblante de Mike entristeceu em um segundo. — Quando... eu fiz o que fiz, tudo era muito confuso na minha cabeça. Aliás, vários meses depois, era difícil separar o que tinha sido

real do que não tinha. As provas estavam bem na minha frente, mas eu me recusava a aceitá-las. Uma delas indicava que eu tinha assassinado a empregada do meu amigo, uma mulher encantadora chamada Rosalía que eu conhecia havia muito tempo e que tinha um filho pequeno. Me corta o coração cada vez que eu penso nela. A polícia encontrou o corpo no quarto dela e soube que foi parte do meu ataque assassino. Eu me convenci de que foi assim. Fazia sentido. No entanto, de repente me lembrei de algo daqueles dias, uma lembrança que esteve enterrada em alguma parte e que aflorou do nada. Eu estava na varanda da minha casa, bebendo uma cerveja sozinho, quando a porra da lagosta apareceu do nada e pousou em um dos meus joelhos. Quase me matou de susto. Eu a tirei de cima de mim com um tapa e ela caiu perto da porta. Então entrou na casa, avançando lentamente, e eu soube que devia segui-la. Você acredita nisso? Ali estava eu, seguindo uma lagosta dentro da minha casa porque tinha certeza de que a safada queria me mostrar alguma coisa. — Mike riu e sacudiu a cabeça. — Nós chegamos a um quarto vazio e ela parou ali. Quando lembrei de tudo isso, achei que fosse parte de um sonho, como aconteceu com você. A porta do quarto não era a mesma de sempre, tinha uma janelinha, e é claro que eu olhei por ela. E então eu vi uma coisa assustadora: era um menino que eu conhecia, esfaqueando a Rosalía de um modo selvagem. Eu não conseguia parar de olhar, exatamente como acontece nos sonhos, onde o tempo vai se esticando.

Mike parou. Era impossível que aquilo fosse parte de uma atuação.

— A mulher foi esfaqueada — Ted completou.

Mike assentiu.

— As minhas lembranças daqueles dias nunca foram claras, e eu não posso negar que existe a possibilidade de eu ser o assassino... Mas algo me diz que eu não fiz aquilo. Não com ela.

— Quer dizer então que o que aconteceu com a lagosta, na sua casa...

Ted deixou a frase no ar. Voltou a pensar em Holly, parada no jardim da casa, com a perna amputada.

— Há um instante você me perguntava o que pode ser pior que perder a razão — Mike disse —, e aí está sua resposta. Quando você perde o juízo, está tudo aqui, na sua cabeça... Mas, quando está no círculo onde os dois mundos coexistem...

Ted pensou por um segundo.

— Você está dizendo que, se eu sonho que falta uma perna na minha mulher, então ela magicamente...

— Dito assim, eu sei que parece idiota. O que eu recomendo é que, se voltar a ver o gambá, se afaste dele. Como eu disse antes, os animais vagueiam pelo círculo, o limite entre os dois mundos.

Ficaram em silêncio por um tempo. Em algum momento, Espósito tinha ido embora, e Lester, Lolo, Sketch e vários outros tomaram o lugar dele.

— Desde que te vi, eu soube que você também via os animais — Mike confessou, mais para si mesmo que para Ted. — Foi estranho.



LAURA O ESPERAVA NA SALA de avaliação. Tinha uma caderneta e um notebook.

— Isso é necessário? — Ted disse, exibindo as algemas. Acabava de entrar.

— Infelizmente sim.

Ele se deixou cair na cadeira. McManus, que o havia escoltado do quarto, foi embora em silêncio.

— Pensou no que conversamos, Ted? Está convencido de que esse tumor não existe? Seja honesto comigo.

— Não pensei muito no tumor.

Laura tirou os óculos e massageou o alto do nariz, como se quisesse se desfazer de uma sensação desconfortável.

— O McManus me disse que você se integrou muito bem com alguns dos pacientes.
Ted ficou em silêncio.

— Tem algo que você queira me contar, Ted?

— Na verdade, sim... Tem um jogo de xadrez no salão comunitário. Foi você que trouxe?

O sorriso de Laura tremeu. A verdade apareceu em seus olhos por um instante.

— Eu achei que serviria para você se sentir mais à vontade — admitiu. — Você poderia jogar com algum dos seus companheiros.

Ted negou com a cabeça. Manteve a vista no teto durante um minuto.

— Você o trouxe há seis meses — replicou calmamente.

Laura abriu a boca.

— Não negue. Eu sei que foi assim. Agora o que eu quero saber é como você soube há seis meses que eu acabaria aqui.

— Calma, Ted.

— Eu estou calmo, perfeitamente calmo. Só me diga por que trouxe esse jogo de xadrez antes mesmo de me conhecer. Foi o Carmichael? Ele te contou? Tudo isso fazia parte do plano dele? Me diga a verdade de uma vez por todas.

Laura se inclinou sobre a mesa, procurando toda a proximidade que a situação permitia... e o olhar dela revelou tudo. Ele se apavorou.

— Você e eu nos conhecemos há sete meses — disse Laura, com suavidade. — Você está neste hospital desde então.

Ted a estudou, procurando em vão um gesto que a delatasse. Não encontrou. Ficou de pé e retrocedeu, dando passos curtos com suas pernas algemadas.

— Eu sei que é muita coisa para processar, mas eu ia te contar isso hoje.

— Eu cheguei há três dias — Ted afirmou.

— Chegue mais perto. Sente-se. Me deixe te mostrar uma coisa. Foi para isso que eu trouxe o computador. — Laura abriu o notebook e esperou que saísse do modo de hibernação. Recolocou os óculos e procurou uma pasta de arquivos. Nesse meio-tempo, Ted voltou a seu lugar e esperou. A única forma de diminuir a ansiedade foi tirar a ferradura do bolso para segurá-la com força no colo.

— Hoje é quinta-feira, 18 de abril de 2013 — Laura recitou, sem deixar de olhar para a tela, ainda fora do alcance de Ted. — Você foi internado aqui no dia 20 de setembro do ano passado. Bom, não neste pavilhão, mas no B, que é onde eu sou diretora. Eu atendi o seu caso pessoalmente.

Girou o computador para que os dois pudessem ver a tela. Havia um vídeo feito por uma câmera de segurança localizada no canto de um quarto muito parecido com o que Ted ocupara na zona de isolamento, só que este não tinha parede de vidro. Ted estava sentado na cama, algemado pelos pés e pelas mãos, sacudindo-se para a frente e para trás ritmicamente e gesticulando para o ar, assentindo de vez em quando. Vestia camisa e calça azuis. Em um retângulo no canto da tela aparecia a data. Podia ser falsa, claro, mas por que Ted não se lembrava de nada daquilo?

— Você chegou nesse estado, Ted, e receio que a situação não tenha melhorado muito a princípio.

Ele não conseguia tirar os olhos da tela.

— Com quem eu estou falando? — murmurou, referindo-se a seu alter ego na tela.

— Quem sabe. Talvez o Lynch?

Ted afastou o olhar. Encarou a médica com olhos suplicantes.

— Não lembro de nada disso.

— Eu sei. Me deixe te mostrar outra coisa. Logo você vai entender.

Laura fechou o vídeo. Uma janela mostrava uma extensa lista com outros arquivos. Selecionou um deles, e um novo vídeo ocupou a tela. Dessa vez Ted reconheceu o lugar: era o consultório particular de Laura. Ali estavam a mesa, a estante, a mesa baixa com o copo de água

que ele nunca tocava. Ted vestia o uniforme azul e estava algemado. De repente ouviu sua voz e teve um sobressalto. Esse vídeo tinha som.

— Obrigado por me receber, Laura — disse o Ted da filmagem. — A viagem de barco com o meu sócio foi cancelada.

— Lamento pela viagem — a médica respondia. — Fico feliz em te ver.

— Ontem eu tive um pesadelo.

Depois de uma breve conversa, Laura pedia que ele falasse do pesadelo.

— Eu estava na sala de casa, olhando para a varanda através da porta de vidro. Em cima da mesa havia um gambá comendo uma das pernas da Holly. A Holly não estava lá, só a perna, mas eu sabia que era dela...

A data no canto indicava que as imagens eram de setembro do ano anterior. Laura apertou a barra de espaço e o vídeo parou. Fechou e selecionou outro da mesma pasta. A única coisa que tinha mudado era a roupa de Laura, que agora vestia um suéter vermelho de que Ted acreditava se lembrar vagamente.

— Obrigado por me receber, Laura — o Ted da filmagem disse. — A viagem de barco com o meu sócio foi cancelada.

O Ted que observava abriu muito os olhos. Olhou para o canto da tela com desespero e confirmou o que já imaginava: a data era janeiro de 2013, quatro meses depois do vídeo anterior.

— Ontem eu tive um pesadelo — dizia o Ted da filmagem, e começava a explicar os mesmos detalhes...

— Chega — murmurou o Ted de carne e osso.

Laura interrompeu o vídeo.

— Esse é o meu escritório, no pavilhão B. Nós tivemos sessões a cada dois dias durante os últimos sete meses. Nos três primeiros, as sessões giraram em torno do que eu chamei de primeiro ciclo. A sua mente criou uma paranoia, e tudo se restringia a isso, ao seu encontro com o Lynch, à proposta dele de fazer parte dessa espécie de clube de suicidas, de assassinar primeiro o Blaine e entrar no circuito, em que você teria que matar o Wendell como parte do acordo.

Ted não se lembrava de ter revelado tantos detalhes a Laura, mas claramente tinha feito isso. Tinha deixado de apertar a ferradura, que agora descansava em seu colo, quase esquecida.

— Está se sentindo bem, Ted?

Ele assentiu.

— Ok. Nesse primeiro ciclo você matava o Blaine e mais tarde ia à casa do Wendell. Você o assassinava na casa do lago, depois descobria que o Lynch tinha te enganado sobre a família dele. Então decidia ir atrás do Lynch e para isso recorria ao Robichaud, um antigo colega de escola. Lembra de tudo isso, Ted?

— Lembro.

— O Lynch era um advogado quase desconhecido, mas você o encontrou e discutiu com ele no escritório de advocacia. Ele disse que o Wendell, na verdade, era parte da organização e era perigoso, por isso devia morrer. Você soube dessa forma que tinha sido usado, e as coisas fugiram ao seu controle...

— Laura, isso é loucura... Eu não sei se quero que você me diga que eu estive em uma merda de um quarto de cinco metros quadrados imaginando tudo isso. Eu matei realmente uma dessas pessoas? É por isso que estou aqui?

— Me deixe continuar, Ted...

— Não! Me responda. Eu matei alguém?

— Não — Laura respondeu.

Ted assentiu.

— Então nada disso foi real? — ele perguntou, esperançoso.

— Infelizmente é um pouco mais complexo que isso.

Ted não era capaz de imaginar algo mais complexo.

— Durante os primeiros três meses — Laura continuou — foi impossível abandonar o primeiro ciclo. Durava uma semana, às vezes dois dias, e então era como se você voltasse ao momento inicial, no seu escritório, prestes a atirar em si mesmo. A primeira vez que aconteceu eu não soube reagir, e receio que não tenha agido muito bem. Mas com todas as repetições eu fui aprendendo, te perguntava com mais precisão, e assim fui conhecendo todos os detalhes. O primeiro ciclo se repetiu umas quinze vezes; algumas você estava mais disposto a falar que outras. Então, um dia aconteceu isso...

Laura procurou um novo vídeo. Correspondia à sessão de 19 de dezembro. Avançou alguns minutos e deixou correr.

O Ted do vídeo falou:

— O cara apareceu na porta da minha casa. Eu nunca tinha visto ele na vida, e mesmo assim sabia que o seu nome era Lynch. Mais ainda: eu lembrava que tinha vivido essa situação exata, sabia tudo que o cara ia me dizer...

Laura interrompeu o vídeo.

— Você saiu do ciclo — a doutora explicou —, e acredite em mim: a princípio eu não sabia por quê, nem se seria algo definitivo. Acabou que não foi, e quando você se resetou outra vez foi para voltar ao ciclo inicial, mais uma vez no começo de tudo.

— Meu Deus, Laura. Que droga estava acontecendo?

Laura ensaiou um tênue e esperançoso sorriso.

— Alguma coisa grave estava acontecendo com você quando o dr. Carmichael pediu que viesse me ver. É provável que você tenha tentado se matar, mas por causas bem diferentes de um tumor, causas que eu sinceramente não conheço. Você bloqueou aquelas lembranças e as substituiu por essas, que reviveu muitas vezes.

— Eu preciso recuperar essas lembranças.

— Eu realmente acho que nós fizemos avanços importantes. No segundo ciclo você tinha consciência do anterior, de modo que as coisas eram diferentes. Quando era alertado do engano, você ia à casa do Wendell e, em vez de atirar nele à queima-roupa, conversava com ele. Lembra onde?

— Claro. No castelo cor-de-rosa das filhas dele.

Laura assentiu, pensativa.

— Esse é um detalhe que sempre me chamou a atenção. É ali que o Wendell te revela que ele e o Lynch se conhecem desde a universidade, e que a tal organização não existe, que foi tudo orquestrado pelo Lynch para tirar o Wendell do caminho.

— O Wendell me mostrou as fotos — Ted disse, lembrando o detalhe com bastante nitidez. — A Holly e o Lynch estavam juntos em um restaurante. Essa lembrança tem que ser real.

Laura assentiu.

— É provável. Cada um dos ciclos representa uma visão distorcida da realidade. Uma forma de acomodá-la para que acabe sendo...

— Menos dolorosa — Ted completou.

— Receio que sim.

Ele balançava a cabeça.

— Tem uma coisa que eu não entendo. Se a Holly estava me traindo com esse cara, eu não a culparia de jeito nenhum. As coisas entre nós não estavam bem. Quanto mais eu penso nisso, mais tenho certeza de que isso não pode ser parte da razão para eu inventar algo assim... — Parou abruptamente.

— O que foi?

— Você falou com ela, Laura? Deve ter falado com a Holly nesse tempo. Esses... sete meses. Ela te confirmou? O caso, quero dizer.

— Eu prefiro deixar isso para outro momento. Eu quero que você entenda que, apesar de eu estar quase segura de que os ciclos não vão se repetir, de que você finalmente saiu deles, não podemos arriscar. Devemos nos aproximar dessa verdade lentamente, pisando em terreno firme. Por isso estes primeiros dias são tão importantes, e eu não quero te encher com toda essa informação de uma vez. É importante você refletir sobre o que nós vamos falando aqui. Nas próximas sessões vamos explorar esses dias prévios.

— Eu posso vê-las? — Ted perguntou, inesperadamente. — Estou com muita saudade.

— Imagino, Ted. Eu sou mãe e sei o que você sente.

— É que já passou tanto tempo...

— Não precisa se preocupar, eu garanto.

Ted assentiu. Nesse exato momento uma peça se encaixou. Pela primeira vez ele pensou em Roger.

— Roger, o enfermeiro. Eu o vi várias vezes, na casa do Blaine e também na do Wendell.

— Você me contou, e foi uma coisa que me preocupou no começo; eu não sabia se era bom ou ruim. Nada da sua rotina no pavilhão B interferia na sua paranoia, exceto o Roger, suponho que pelo vínculo estreito que tinha com você. O papel dele era parecido com o do McManus aqui. Durante uns dias eu pedi que outro enfermeiro cuidasse de você, mas não percebi nenhuma mudança. Imaginei que o Roger fosse um elemento a mais que a sua mente usava para construir essas lembranças.

— São lembranças tão reais, Laura — Ted balbuciou, quase incrédulo. — Tudo isso é tão difícil.

— A maioria dessas lembranças tem um forte componente real, Ted. Você simplesmente as alterou, organizando-as de acordo com a sua vontade.

— Quando eu estive com o Wendell pela segunda vez, ele me falou que vocês queriam me internar aqui.

— E essa foi a nossa sorte.

— Não estou entendendo.

— Vou explicar. — Laura fechou o computador e o deixou de lado. — Só algumas vezes você conseguia chegar ao segundo ciclo. Quase sempre ficava no primeiro e voltava ao início. Era frustrante. Eu não tinha ideia da razão pela qual você passava para o segundo ciclo. Até que um dia eu descobri. A chave estava no seu passado, Ted. Eu me dei conta de que as situações que produziam o segundo ciclo coincidiam com aquelas sessões nas quais tratávamos de temas relacionados com o seu passado, com a sua infância, especialmente as aulas de xadrez com o Miller. Era como se alguma coisa desse passado impulsionasse você a seguir em frente, a emergir desse primeiro ciclo de assassinatos e entrar no segundo, onde você não se transformava mais em um assassino e onde o seu casamento não era feliz, mas você aceitava isso. Está entendendo?

Ted pensou em Miller. Certamente ficava feliz ao se lembrar do seu velho mestre de xadrez.

— Eu te estimulava a me falar do Miller — Laura continuou. — Um dia você me falou da ferradura que ele tinha na garagem onde te ensinava, e comentou que a utilizavam como amuleto nos torneios. Me contou também a história do campeonato mundial entre Alekhine e Capablanca, em Buenos Aires. Falou com tanta paixão... E então eu pensei que, se você conseguisse de alguma forma se agarrar a esse passado, talvez pudesse sair desses ciclos de uma vez por todas.

Ted agarrou a ferradura e a segurou sobre a mesa, de maneira que Laura também pudesse vê-la.

— A importância do xadrez — ela explicou — esteve ali desde o princípio, mas eu não conseguia ver. Nos sonhos que você me relatava, ele sempre estava presente.

— Eu achei a ferradura na casa do Wendell.

— Não. O Roger deu para você. E você a incorporou à sua fantasia, porque era muito importante para deixá-la de lado. E funcionou. Só restava saber o que viria depois, como você

sairia do segundo ciclo. Então, um dia, quando o Roger foi te buscar no seu quarto para te levar para jantar, você falou para ele que sabia de tudo, que nós queríamos te enganar e que você sabia que íamos te internar no Lavender Memorial.

Ted não conseguiu evitar um sorriso.

— Até que é engraçado — reconheceu.

Laura também sorriu.

— Roger me contou isso imediatamente e nós vimos ali a oportunidade de conectar essa fantasia com a realidade. Eu tive que pedir alguns favores. O diretor deste pavilhão é meu amigo e eu consegui passar por cima do procedimento interno sem dar maiores explicações. Nós trouxemos você aqui e os dois mundos se encaixaram.

Os dois mundos.

Aquilo soava muito parecido com as disparatadas teorias de Mike Dawson.

— A ferradura foi muito importante, Ted, e eu sugiro que a carregue o tempo todo com você.

— O que fazemos agora?

— Você escapou de uma perigosa espiral de negação, mas ainda tem um longo caminho pela frente. Nós temos que recompor estes últimos dias da sua vida, saber o que aconteceu, o que você escolheu esquecer.

Ted ficou em silêncio por um momento, depois disse:

— Eu gostaria de ver o lugar onde fiquei esse tempo todo, e também o seu consultório.

A médica achou estranho.

— Você está se referindo aos vídeos?

— Não, pessoalmente.

— Não sei se é uma boa ideia.

— Preciso ver com meus próprios olhos.

13

MARCUS TINHA ROMPIDO COM CARMEN. Finalmente! Sentia vergonha de pensar que havia dado o passo decisivo porque Laura disse na cafeteria do hospital que as coisas entre ela e o ex tinham terminado para sempre, mas fora exatamente assim. Carmen não era mulher para ele; o sexo bom não era suficiente para compensar sua exasperante frivolidade, nem os silêncios incômodos, nem as críticas dela. O desinteresse de Marcus por tudo relacionado a sua agora ex-namorada tinha se tornado impossível de ocultar, e ela não parecia se importar muito, o que de algum modo piorava tudo. Ele comunicou por telefone e ela respondeu que entendia, que ele não se preocupasse, que se quisesse poderia ligar qualquer dia e os dois poderiam se encontrar para se divertir um pouco, que não estava magoada e que ele não levasse as coisas tão a sério, que a vida era para ser desfrutada. Na verdade ela não estava nem aí. Adeus, Carmen. O fato de Marcus ter acabado de completar cinquenta anos e detestar ficar sozinho não significava que estivesse pronto para dividir sua vida com as Carmens do mundo. Talvez aos sessenta.

Um dos hábitos que esperava recuperar era seu ritual dos domingos de filmes. Havia montado um pequeno cinema no quarto de hóspedes, e com Carmen só tinha usado uma vez, no começo da relação. Mais tarde ela confessou que lugares fechados a incomodavam e ele aceitou. Mais uma para a lista de incompatibilidades.

Marcus tinha gravado dois capítulos de *Breaking Bad*, sua série favorita. Preparou um pouco de pipoca no micro-ondas, pegou uma cerveja da geladeira e foi até o quarto de hóspedes com um sorriso enorme. Havia seis poltronas dispostas em duas fileiras de três. Sentou-se no meio da fileira de trás e esticou as pernas, deixou a pipoca e a cerveja na poltrona ao lado e pegou os controles remotos de uma prateleira atrás de si. Tinha um para a intensidade das luzes, outro para desenrolar a tela e, claro, o do DVD player e o do projetor. Diminuiu as

luzes até quase o mínimo e ativou a tela. Um reconfortante zumbido acompanhou a descida do retângulo branco. Tinha chegado até a parte de baixo quando o celular começou a tocar.

O aborrecimento desapareceu quando viu que era Laura.

— Que surpresa!

— Oi, Marcus.

Um breve silêncio o fez se preocupar.

— Algum problema no Lavender?

— Não. Eu queria... Está fazendo alguma coisa agora?

— Absolutamente nada.

— Quer almoçar comigo?

Marcus precisou esperar um instante para esconder o entusiasmo que transbordava.

— Claro.

— Eu quero comentar com você algumas questões do caso do Ted McKay, e depois preciso que me acompanhe em uma pequena missão.

— Pode contar comigo. Me deixou intrigado.

— Melhor. Assim você não falta ao encontro.

Encontro.

— Eu passo para te pegar em uma hora?

— Parece perfeito.

Quando desligou, Marcus ficou olhando durante dez minutos para a tela branca.

14

MARCUS DIRIGIU TOMADO POR UM turbilhão de pensamentos. Havia interpretado mal o significado da ligação de Laura? Não queria se equivocar mais uma vez. Claro que Laura sabia o que ele sentia por ela, e, apesar de o sentimento não ser recíproco, ou não *ter sido* recíproco, a verdade é que as coisas tinham mudado nos últimos tempos. Agora os dois estavam solteiros.

Ela te convidou para almoçar! Usou a palavra “encontro”.

— Mas falou em tom irônico — respondeu para si mesmo, procurando seus olhos no retrovisor. — Você sabe disso, não sabe?

O que ela sabe é que você gosta dela... Se telefonou, foi porque você não se aproximou dela ultimamente. Por acaso ela não quis que você soubesse que o casamento dela estava acabado para sempre?

Era verdade.

Chegou à casa dela antes do meio-dia. Laura não o convidou para entrar; disse que seria melhor irem rápido, que precisavam estar em um lugar às duas, por isso o melhor seria almoçar o quanto antes. Deu um beijo no rosto dele e foi até o carro, deixando Marcus na porta. Ele se alegrou por não ter comprado um buquê de flores ou feito alguma besteira do gênero. Até mesmo a roupa dele — calça de linho branca, camisa azul e o eterno chapéu — era formal demais em comparação com o jeans e a camisa xadrez dela. Laura estava com o cabelo preso em um coque e menos maquiagem que de costume.

Você queria um sinal? Aí está. Isso não tem nenhum componente romântico, amigo. Ela só precisa falar sobre o McKay e que você a acompanhe vai saber aonde.

Almoçaram no Romanelli's, um lugar com um terraço com vista para o rio Charles, a caminho de Newtonville. Laura não tinha revelado ainda o que havia em Newtonville, e ele não perguntou. Pediram salada de atum. Na verdade, Laura pediu primeiro e Marcus a imitou,

desejando a pipoca que tinha deixado em casa e lembrando que precisava perder os dez quilos que tinha acumulado nos últimos dois anos.

Porque, se perdesse esses dez quilos, ela cairia a seus pés, claro.

Às vezes se sentia um idiota ao pensar que tinha alguma chance com Laura. E não eram só os dez quilos, ou os quinze anos de diferença. Laura irradiava algo especial, sua presença nunca passava despercebida. Marcus a via diariamente no hospital, onde a dra. Hill despertava suspiros. Por que ela olharia para ele?

— Então o McKay está evoluindo? — Marcus perguntou. Tinha tentado conversar sobre temas variados durante o trajeto até o Romanelli's, mas não havia funcionado. Laura queria falar do caso que a obcecava.

— Está! Eu tenho tanta coisa para te contar. Tenho quase certeza de que ele superou os ciclos. É questão de tempo para que comece a lembrar, tenho certeza.

— Você mostrou a filmagem no escritório do...?

Marcus esqueceu o nome.

— Do Lynch? Ainda não. Não é o momento. Eu mostrei os vídeos do quarto dele no Lavender, e também os de algumas das nossas sessões. Foi difícil, e eu juro que por um instante pensei que voltaríamos à estaca zero. Mas não. Ele parece ter assimilado bem.

— Fico feliz. Coma, Laura. Você nem tocou na salada.

Ela olhou para o prato, como se não soubesse que estava ali. Pegou um pedaço de atum e o levou à boca lentamente.

— Não fique brava pelo que vou dizer, Laura, mas eu acho que você está se envolvendo demais com esse paciente.

Ela riu e deu de ombros.

— Eu sabia que você ia falar isso — respondeu, despreocupada. — Estou pensando que poderia escrever um livro.

Marcus fez uma careta de incredulidade.

— É mesmo?

Laura ficou séria. Olhou para os lados e se inclinou um pouco.

— Posso te confessar uma coisa?

Ele ficou tenso.

É agora.

— A razão pela qual eu não te deixei entrar na minha casa não é porque estamos com pouco tempo. Quer dizer, nós temos pouco tempo, mas eu poderia ter te convidado para entrar. Acredite, esse era o plano. Desde que eu falei com você, disse a mim mesma que tinha que organizar a sala, onde havia espalhado todo o prontuário do Ted. Fotos, documentos, recortes de jornal. — Laura voltou a rir como uma menina travessa. — Organize isso de uma vez, eu dizia para mim mesma de vez em quando. E assim fiquei até que você tocou a campainha. Nem tive tempo para me arrumar.

— Você poderia ter me deixado entrar da mesma forma.

— Eu sei, nós somos amigos. Mas é que realmente estava um desastre. O Walter vai passar o dia todo com o pai, e eu acho que me deixei levar, sabe? Abusei do fato de ter a casa só para mim.

— Vai me dizer o que está tramando?

— É claro! É para isso que estamos aqui.

Laura comeu mais um pouco da salada e engoliu com dois goles curtos de Coca-Cola. Parecia querer falar de uma vez.

— O Ted foi um prodígio no xadrez. Abandonou o jogo quando era adolescente, mas eu receio que existam certas formas de pensar que um jogador de xadrez não perde. — Laura fez uma pausa. Não parecia acreditar totalmente em sua explicação. — Nesses meses eu vi muitos documentários, inclusive li algumas biografias. Ontem voltei a ver um dos documentários sobre o Bobby Fischer. Acho que você sabe quem foi, não é?

— Claro. Você nem era nascida, mas em 1972 houve muita agitação quando ele disputou o campeonato mundial com o russo...

— Spassky.

— Eu tinha esquecido. Foi um acontecimento. Em plena Guerra Fria, a União Soviética contra os Estados Unidos. Eu não vi as partidas, mas lembro da atenção da imprensa. O Fischer se tornou uma espécie de herói nacional. O que aconteceu com ele?

— Você não sabe nada?

— Não. Nunca prestei atenção nas notícias relacionadas com o xadrez, para dizer a verdade.

— Eu vou resumir para você. É uma história incrível. Já em 1972, quando o Fischer disputou o mundial, ele começou a mostrar sinais de paranoia. Tinha vinte e nove anos e até aquele momento era considerado um gênio excêntrico, mas a patologia começou a ficar cada vez mais evidente. Ele fazia exigências infinitas para jogar, não se apresentou em uma das partidas e se queixava permanentemente das coisas mais disparatadas. Dizia que as câmeras de TV emitiam algum tipo de radiação para prejudicá-lo e até chegou a exigir que se retirassem, alegando que os russos usavam algum tipo de tecnologia para desconcentrá-lo. Os encontros duraram semanas inteiras, eles jogaram muitas partidas. O Fischer ganhou, claro, e se tornou campeão mundial. E depois... desapareceu.

— Desapareceu?

— Ficou sem jogar durante vinte anos! Desapareceu do mapa! Ele ficou recluso em vários lugares, não fazia nenhuma aparição pública e até questionaram, em diversas ocasiões, se estava vivo ou morto. Considere que ele estava no auge da riqueza e também da fama. Aqui ele era, como eu disse, um herói nacional. O xadrez era a vida dele, tinha vivido obcecado com isso, praticamente não havia feito mais nada. E depois que foi campeão do mundo... abandonou tudo, assim, de repente.

— Eu não sabia. E você diz que ele voltou vinte anos depois.

— Exato, mas só porque um milionário patrocinou uma revanche contra o Spassky. Os dois jogaram na Iugoslávia, em 1992. Ele voltou a ganhar. Foi um retorno breve. Nem sequer se interessou em defender o título de campeão do mundo, e assim deixou de ser campeão, sem se apresentar. Nesse momento ele tinha se tornado antissemita, e de vez em quando fazia declarações horríveis nas rádios contra os judeus e contra os Estados Unidos. Quando foi anunciada a revanche na Iugoslávia, o nosso governo emitiu um documento dizendo que ele não podia jogar lá, que se fizesse isso seria preso. Ele não se importou. Anunciou em uma coletiva de imprensa que jogaria mesmo assim e cuspiu na carta do governo. Estava muito mal. O ódio aos judeus e aos norte-americanos era seu tema recorrente.

— Que triste. Ele terminou na prisão?

— Os Estados Unidos revogaram seu passaporte, então ele foi preso no Japão, durante uma viagem que fez até lá. Não tinha para onde ir e foi para a Islândia, onde tinha jogado o primeiro campeonato com o Spassky, e cujo governo meio que ficou com pena dele e lhe ofereceu um visto de residência. As imagens de quando ele foi transferido para lá são bem impressionantes. Ele morreu lá, em 2008.

— Nunca foi tratado? Pelo que você diz, ele tinha uma psicose aguda.

— Não sei. O curioso é que não foi o único caso de jogadores de xadrez geniais com paranoias agudas. São vários. Claro que o xadrez não é a causa, isso é evidente, mas parece que a estrutura mental desses indivíduos não é ideal para lidar com um problema desse tipo. O xadrez é, por si só, um jogo um pouco paranoico. — Laura riu, nervosa. — Você se preocupa o tempo todo, se antecipando a ameaças que talvez nunca se concretizem, e as possibilidades são virtualmente infinitas. Essas mentes analisam variações, que são jogadas possíveis, uma depois da outra, com ramificações ilimitadas. Se essa estrutura for aplicada fora do tabuleiro, o resultado é catastrófico.

— Não sei se estou entendendo completamente. Você acha que alguma coisa assim acontece com o McKay?

— A característica recorrente de jogadores como o Fischer é que eles param de jogar de um dia para o outro. Os demais se aposentam e continuam jogando como amadores, participam de eventos, essas coisas. Mas os que mostram comportamento esquizofrênico ou paranoico simplesmente abandonam o xadrez. E o que eu suspeito é que nesses casos é possível que se produza alguma espécie de transferência. A mente precisa continuar calculando essas variações, não consegue parar assim de repente, pois foi isso que ela fez o tempo todo! Esses prodígios jogam desde pequenos e, quando não têm mais o jogo... saem do tabuleiro. O curioso no caso do Ted é que ele deixou de jogar quando era adolescente. Levou uma vida normal durante vinte anos, até que o processo começou de repente.

— Talvez tenha permanecido em estado latente e, assim que a realidade permitiu que aplicasse a mesma lógica, voltou a ativar essa estrutura de pensamento. Esse problema que você diz que ele teve, seja qual for, disparou o mecanismo.

— É bem possível. O Ted viveu os últimos meses em dois ciclos bem diferenciados, um dentro do outro, e cada um se repetiu várias vezes. Talvez *ciclos* não seja a palavra correta. Talvez sejam *variações*.

— Você conseguiu encontrar algum caso documentado?

— Só teorias sem muito fundamento científico. — Laura olhou para sua salada meio comida. Falava com tanto entusiasmo que outra vez tinha esquecido dela.

— E você acha que foi a ferradura que permitiu que ele saísse dos ciclos, como se fosse uma âncora com a realidade ou algo assim.

— Exatamente. Quando ele saiu do primeiro ciclo, criou o segundo, uma nova variação, nesse caso mais apegada à realidade, embora também irreal. No primeiro ciclo, por exemplo, Ted não estava consciente da traição da esposa. No segundo, reconhecia que as coisas com ela não estavam bem.

Laura consultou o relógio.

— Nós precisamos ir? — Marcus perguntou.

— Estão nos esperando em meia hora, mas estamos perto.

— Quem está nos esperando?

— Você vai ver. Até agora eu estive muito à frente do Ted em tudo que sabia, e ainda sei algumas coisas que ele desconhece. Mas tem muitos detalhes que eu não entendo, e um deles é o papel de Edward Blaine em tudo isso.

— Você não acha que talvez, simplesmente, ele tenha usado a informação do caso que viu na TV? Quer dizer, foi um caso conhecido, e então a mente usou essa informação para criar o perfil da pessoa que ele tinha que assassinar.

Laura assentiu.

— Era isso mesmo que eu pensava. No entanto, hoje eu estava lendo a transcrição das sessões e algo chamou a minha atenção... Uma coisa que pode nos ajudar a saber se se trata somente do que você está dizendo ou se existe uma conexão mais complexa.

— O quê? Não me deixe em suspense.

Laura ficou de pé.

— Vamos. Eu te explico no caminho.

15

ERA MAIS QUE RAZOÁVEL PENSAR que Ted conhecia os pormenores do caso Blaine graças aos jornais e à televisão. O assassinato de Amanda Herdman tinha sido assunto da imprensa local durante vários dias. A irmã da vítima, uma mulher histriônica chamada Melissa Hengeller, tinha conseguido que um jornalista do *Boston Star* publicasse sua história e, a partir de então, ela se difundiu com rapidez. Tinha todos os elementos para ser atraente: um assassinato macabro — a princípio disseram que a arma do crime tinha sido um martelo — e o que parecia uma reviravolta inesperada com a declaração da inocência de Blaine. Hengeller contratou um perito para investigar a morte de sua irmã, encontrar novas informações e rever as antigas... e o que ele encontrou foi assustador. Ninguém sabia muito bem se efetivamente o tubo central da lavanderia, localizado bem debaixo do apartamento de Amanda, teria conseguido manter o cadáver quente, provocando um erro na determinação da hora da morte, mas era preciso reconhecer que dava à história um rumo surpreendente. A revelação disparou o fogo cruzado entre o perito de Hengeller, a defesa e a promotoria. A opinião pública se dividiu, embora a maioria acreditasse na versão da mulher.

A casa de Blaine estava à venda agora, e Laura tinha marcado um horário com o corretor para visitá-la. Telefonara naquela mesma manhã, quase seguindo um pressentimento, e o homem tinha dito que era o dia de sorte dela, pois ele estava na região e mostraria a casa com prazer na mesma tarde. Laura aceitou, sabendo que o papo de ele estar na região claramente não era verdade. A realidade era que aquela casa não seria fácil de vender.

— O meu nome é Jonathan Howard — o corretor se apresentou, com um sorriso idêntico ao da placa cravada no jardim da frente.

Laura apertou a mão dele.

— Eu sou Laura Hill, e ele é o Marcus, meu marido. — Virou-se com um sorriso sacana.

— Perfeito! — Howard anunciou enquanto caminhavam até a entrada. — Esta casa é maravilhosa, vocês vão ver. Vocês têm... têm filhos?

— Sim. Um — Laura respondeu de imediato.

— Ótimo. São aqui da região?

— Não — Marcus falou, no papel de policial mau —, mas conhecemos a história desta casa.

O rosto de Howard se transformou por um brevíssimo instante, mas o sorriso voltou em um segundo.

— Ah, isso. Sim, o cara teve que ir embora, mas morou pouco tempo aqui, e a casa não era dele. Felizmente as pessoas entendem, porque eu já tenho vários interessados... No fim das contas, o assassinato não aconteceu aqui, não é mesmo?

Laura amenizou a situação.

— Claro. É o que eu venho dizendo a ele.

Howard tinha razão em uma coisa: a casa era adorável. Mesmo em sua nudez era algo fácil de ver, e custava imaginar um cara desprezível como Blaine morando ali. Por um momento, Laura fez o exercício mental de vê-la com seus móveis. Fizeram um percurso rápido, e um dos primeiros detalhes que comprovaram foi que a casa tinha um quarto de hóspedes no andar térreo. Isso confirmava que Ted estiver ali? Possivelmente.

Chegaram ao quarto principal, no segundo andar, e então a atenção de Laura se concentrou no corretor, que cruzava o aposento na direção do amplo closet e pedia que o seguissem. Certamente pensava que aquele closet era uma carta importante para jogar com Laura, porque se esmerou para mostrá-lo com gestos grandiloquentes, pedindo que imaginasse os sapatos nas prateleiras, os vestidos em seus respectivos compartimentos e as joias em uma mesinha debaixo de um espelho. A atenção dela ia aumentando a cada comentário, embora por razões bem diferentes daquelas que o homem imaginava. Ted tinha dito a Laura durante uma das sessões que decidira se esconder no quarto de hóspedes, no andar térreo, porque no principal não havia lugar para isso. No entanto, ali estava esse closet gigantesco, ideal para esperar por Blaine. Isso provava o que ela já suspeitava: que Ted nunca tinha estado nesse aposento.

— Posso tirar algumas fotos? — ela disse, entusiasmada, enquanto pegava o celular no bolso. — Quero ver a cara da minha irmã quando eu mostrar isso.

— É claro! — Howard a animou.

Marcus, que nesse momento saía do closet, olhou para ela, intrigado.

Quando chegaram ao térreo, Laura o arrastou para o quarto de hóspedes.

— Posso conversar com o meu marido por um minuto?

— É claro!

Howard saiu.

Marcus a observava.

— Para que as fotos, Laura? E sobre o que você quer conversar?

Ela cruzou o quarto de hóspedes, abriu a porta do armário e se agachou para poder ver a parte inferior da estante. Ficou gelada.

— O quê? — Marcus se aproximou e se ajoelhou ao lado dela.

Ali estava o adesivo do Buzz Lightyear, o personagem de *Toy Story* que Ted tinha descrito durante as sessões, o que brilhava no escuro.

— Feche a porta — Laura pediu.

Os dois estavam ajoelhados perto da parede do fundo, como duas crianças brincando de esconde-esconde. Marcus nem teve tempo de perguntar o que pensaria o corretor se abrisse a porta nesse momento e descobrisse os dois trancados no armário.

Quando ficaram completamente às escuras, os contornos de Buzz se iluminaram ligeiramente. Laura abriu a porta do armário.

— Eu não entendo — ela disse enquanto saía.

Marcus também ficou de pé.

— O que você não entende?

— Esse adesivo. Ted o descreveu com perfeição — Laura falou, com perplexidade. — Até agora eu estava convencida de que o episódio com o Blaine era parte da paranoia dele, de que ele não tinha estado nesta casa. Certos detalhes do quarto de cima não coincidem com o relato dele, mas isso... isso prova que ele esteve nesta casa, trancado neste armário.

— Você disse que ele relatava que tinha assassinado o Blaine. Algo que claramente não aconteceu.

Laura meditava, caminhando de um lado para o outro no quarto vazio.

— No primeiro ciclo ele matava; no segundo, não.

— Talvez tivesse a intenção de matá-lo — Marcus arriscou.

Laura o observou com um misto de incredulidade e horror. Quando por fim falou, foi em tom baixo e reflexivo:

— Isso não faz nenhum sentido. Que o Ted tenha estado nesta casa é uma peça que não se encaixa em nada...

Uma batida na porta fez ambos darem um salto.

— Sr. e sra. Hill? Está tudo bem? Tenho certeza de que podemos negociar um bom desconto se vocês estiverem interessados na casa. Eu posso falar com...

Laura abriu a porta. Olhou para o corretor com raiva fingida.

— O meu marido não está convencido — disse, com seriedade —, e parece que a opinião dele é a única que importa.

Esquivou-se do corretor e se encaminhou para a porta da rua.

Marcus ficou no corredor com o desconcertado Howard. Sentiu pena dele, afinal Laura acabava de usá-lo para visitar uma casa que não tinha nenhuma intenção de comprar. Identificou-se imediatamente com ele.

— Sinto muito — disse. E era absolutamente verdade.

— Se há alguma coisa que não o agradou, nós podemos reformar... Os donos estão dispostos, tenho certeza.

Marcus apoiou a mão no ombro dele.

— Desculpe ter feito você perder seu tempo. De verdade.

16

ERA A PRIMEIRA NOITE NO quarto que dividia com Dawson, só que agora seu companheiro não estava ali, mas na área de segurança máxima do pavilhão C. Ted agradeceu a solidão. Deitado na cama, contemplava as formas cinzentas desse território desconhecido, especialmente as duas mesas dos dois lados da única janela. Na dele se destacava a fotografia de Holly e das meninas. Tinha sido tirada três Natais antes, quando seu casamento ainda estava indo bem. Embora o luar só permitisse distinguir a moldura, Ted conseguia se lembrar de cada detalhe da foto e até mesmo evocar o instante em que tinha sido tirada. Todos sorriam menos Nadine, que apontava para um lado com certo horror. Era uma fotografia tirada com o automático; Ted havia programado a câmera e corrido para ocupar sua posição quando Nadine percebeu que o gato dos vizinhos, que tinha o costume de visitá-los em busca de alguma comida de cortesia, fugia com um pedaço do peixe que Holly tinha preparado para o jantar. Ninguém percebera além de Nadine, e sua surpresa ao ver Anand fugindo rapidamente ficou imortalizada para sempre. Desde então Ted conservava a foto em seu escritório.

— E agora veio parar aqui — disse para a fotografia.

Continuava observando tudo com desconfiança, incapaz de acreditar no lugar onde se encontrava. Porém, ao contrário dos dias anteriores, quando havia experimentado uma total falta de pertencimento, agora sentia que estava no lugar certo. Os vídeos que Laura tinha mostrado na sala de avaliação o afetaram profundamente, precisava reconhecer. Havia caído em uma armadilha de sua própria mente, não podia se culpar. Mas agora estava progredindo, não? Por isso Laura tinha mostrado os vídeos...

Talvez já tenha te mostrado trinta vezes.

— Não — voltou a falar com a fotografia. — Ela me mostrou pela primeira vez.

Tinha que se agarrar a isso.

Aceitar que estava no lugar certo era um passo importante. E agora sentia isso. Sentia que precisava do Lavender se quisesse continuar progredindo, se quisesse entender por que sua mente havia criado essas realidades alternativas.

Os ciclos.

O que se escondia por trás deles?

Pensar que suas filhas não o viam há meses era outra ideia à qual custava a se acostumar. Como tinha passado pela sua cabeça a ideia de tirar a própria vida? *Deixá-las...* Era inconcebível. Agora enxergava isso claramente.

— Seja lá o que tenha acontecido com o papai — disse, inclinando-se ligeiramente, olhando direto para a foto —, ele vai superar e ficar bem para vocês.

Sorriu.

Um instante depois o sorriso desapareceu como que por mágica. Pulou da cama, aterrorizado. Uma válvula se abriu... Correu até a porta e saiu no corredor. As luzes estavam apagadas e o silêncio era completo. Ted sentiu necessidade de gritar o nome de McManus, mas então lembrou que ele não estava de plantão essa noite. Chegou ao extremo do corredor, onde estava o enfermeiro do turno vendo televisão. Ted nunca tinha visto o sujeito antes, ou era o que achava, e o certo é que o homem pareceu bastante assustado ao vê-lo. Agarrou o radiotransmissor que estava sobre a mesa e apertou o botão para falar.

— Não, não — Ted o acalmou, exibindo as palmas —, não aconteceu nada. Eu só preciso falar com a dra. Hill. É importante.

O enfermeiro afastou o rádio da boca, mas continuava olhando para Ted com desconfiança.

— Você vai poder falar com ela amanhã — explicou. — Agora vá dormir.

— É que eu não posso esperar. Ela me disse. Disse que, se precisasse falar com ela, poderia ligar. Ela me disse, de verdade.

Nos olhos de Ted havia um misto de súplica e horror que o guarda poucas vezes tinha visto nos anos em que estava no Lavender Memorial.

17

A SALA DE LAURA ESTAVA realmente uma bagunça; ela não havia mentido sobre isso. Marcus se surpreendeu ao ver os papéis espalhados sobre o carpete, os recortes de jornal, até uma xícara de café ainda meio cheia. Ela sorria, divertida.

— Eu te disse... O Walter está com o pai. E quando o Walter está com o pai... — Fez um gesto para abarcar a sala.

— Mas por que no chão?

Ela riu.

— Hábitos da infância. Eu dividia o quarto com a minha irmã, nós tínhamos só uma mesa e ela se apossou dela para estudar. Eu fazia tudo no chão. Gostava. Na universidade eu fazia a mesma coisa.

Laura fez uma pilha com os documentos e os levou para a mesa.

— Você está obcecada com esse caso.

— Quer café?

— Quero.

Alguns minutos depois, os dois tomavam o café na mesa da sala. Laura estava pensativa.

— Laura, me explique como é que o paciente construiu o assassinato do Blaine. É o que eu menos entendo do que você me contou.

— Até ver aquele adesivo na casa do Blaine, eu tinha certeza de que o assassinato não tinha absolutamente nenhuma base real... — Laura explicou. Procurou entre as pastas que tinha empilhado sobre a mesa. — Veja a quantidade de recortes de jornal sobre o caso, todos do período anterior à internação do Ted. Era lógico supor que a mente dele tinha ecoado um caso bastante conhecido.

— Mas como ele o incorporou à sua paranoia?

— Ele achava que fazia parte de uma organização de suicidas para a qual tinha sido recrutado. O objetivo era diminuir a dor dos entes queridos simulando assassinatos. Cada um dos suicidas ia assassinando o seguinte... O preço para participar dessa corrente era vingar uma morte injusta, uma espécie de vingança.

Marcus enrugou o nariz.

— É complexo e fascinante ao mesmo tempo.

— Com certeza. Três elementos característicos vinculam o primeiro ciclo com o que realmente aconteceu. O primeiro é o suicídio. Eu tenho certeza de que o Ted tinha a intenção de tirar a própria vida em algum momento, talvez até tenha tentado. Por outro lado, existe a dor da família. Ele firmou tanto o pé nisso que demonstra como o afetou pensar nas consequências de se matar. O terceiro aspecto, e o mais desconcertante, é a visita à casa do Blaine. Não se encaixa.

— É o que eu ia dizer. Se esse homem da organização... como é o nome dele?

— Lynch.

— Se o Lynch só tivesse proposto camuflar o suicídio como assassinato, tudo faria mais sentido. Mas por que pedir para ele matar alguém?

— Não sei. Agora que sabemos que o Ted realmente esteve na casa do Blaine, possivelmente escondido, como ele se lembra do primeiro ciclo... não sei o que pensar. Está claro que ele esteve ali por alguma razão.

— Pelo que você me diz, esses ciclos levam a uma alteração dos acontecimentos reais que antecederam a internação.

— Isso mesmo. Cada um dos acontecimentos tem uma base real. E agora nós sabemos que mesmo a visita à casa do Blaine tem uma base.

— E se o Ted realmente quis matar o Blaine em uma atitude de vingança? E se o esperou na casa dele como contou, mas no fim não conseguiu matá-lo?

Laura refletiu um pouco. Bebeu o último gole de café.

— Não faz muito sentido. Mudaria tudo. — Ela massageou o alto do nariz. — Eu achava que tinha tudo mais ou menos claro até agora.

— Pode ser que nós estejamos supervalorizando a importância desse adesivo. O Ted o viu em algum momento, talvez há bastante tempo, e o detalhe ficou gravado na mente dele. Sabemos alguma coisa sobre os antigos donos da casa?

— Se eu tivesse pensado em perguntar ao corretor — Laura se lamentou. — Eu poderia ligar e perguntar, mas duvido que ele tenha muita vontade de cooperar depois da nossa *ceninha*. Eu tenho a sensação de que a resposta está diante do nosso nariz.

Marcus ficou em silêncio. Laura observava o teto, como se ali estivesse a resposta.

— Estou escrevendo um relatório com todos os detalhes que o Ted ia me contando nas sessões. Eu ia direcionando as perguntas de forma diferente a cada vez, de modo que é uma espécie de quebra-cabeça. Já terminei o primeiro ciclo. Você está interessado em ler?

— Claro. Um olhar novo pode ser o que você precisa.

Nos olhos de Laura apareceu um brilho peculiar.

— O quê? — ele perguntou.

Ela continuou a encará-lo do mesmo modo enigmático.

— O quê? — ele repetiu. — Estou com um pedaço de comida no dente?

Passou o dedo nos dentes da frente.

— Não, seu bobo. — Laura afastou o dedo dele com suavidade. — Me ajuda muito falar com você, só isso.

— Fico feliz.

Ele se aproximou um pouco. A situação não o deixou incômodo. Baixou um pouco a voz.

— Vamos deixar o assunto descansar até amanhã. Talvez possamos ver com mais clareza. Talvez seja mais simples do que parece: o Ted ficou sabendo que a mulher dele tinha um caso com esse cara e perdeu o controle. Como ele está?

— O Lynch continua em coma. O prognóstico não é muito bom.

— O Ted sabe?

— Não. Ele ainda acha que foi o Wendell que fez aquilo.

— Wendell... — Marcus sorriu. — Tem a sua graça.

— Não ria — ela o censurou com uma raiva fingida. — Me preocupa muito como ele pode reagir quando souber. É a última porta que falta abrir. É a mais perigosa.

— Você está pensando em transferi-lo novamente para o seu pavilhão?

— Por enquanto não. Enquanto ele estiver progredindo, eu não quero retroceder. Além disso, parece que ele se deu bem com alguns dos internos, entre eles o Dawson.

Marcus respirou fundo e fez uma careta.

— Que ótimo companheiro.

— Marcus?

— Quê?

— Estou feliz por você ter vindo, de verdade.

A mão de Laura pousou sobre a dele. Marcus olhou para ela, sem saber o que fazer.

Se houve um instante em que se inclinar um pouco mais e beijá-la foi possível, ficou para trás quando o inoportuno toque do telefone os interrompeu. Laura foi atender e, ao voltar, sua expressão estava completamente diferente. Falar com o ex-marido a deixava invariavelmente de mau humor, e Marcus sabia. Nem foi preciso que ela dissesse que tinha falado com ele.

— O Walter vai chegar daqui a pouco... — explicou, chateada, enquanto sacudia a cabeça.

Marcus ficou de pé. Assumiu que o comentário era um convite para que ele se retirasse. Laura falava mais para si mesma do que para ele.

— Supostamente ele é o pai, e eu não consigo fazê-lo passar uma merda de um dia inteiro com o filho. Quase tenho que suplicar. Hoje ele ia levar o menino para jogar e depois iam passar o resto da tarde no parque, com os primos dele. Agora ele me liga e diz que surgiu um compromisso no trabalho. No domingo!

— Calma, Laura.

— É que eu não entendo. Realmente não entendo. É um dia. O que pode ser mais importante do que ver o seu filho?

Marcus quase propôs que ficasse para fazer companhia ao pequeno Walter, mas achou que seria forçar demais as coisas. Tentou acalmar Laura, distraí-la com comentários triviais, inclusive fazê-la voltar ao caso, mas nada funcionou.

— Às vezes eu acho que ele faz de propósito. Ele sabe que demonstrar desinteresse pelo Walter me tira do sério. Sabe muito bem disso. Parece que gosta quando me liga para dizer que apareceu um imprevisto... Filho da puta.

WALTER 18

WALTER ERA UM MENINO INTELIGENTE e sensível, retraído em alguns aspectos. Nos fins de semana, Laura preparava um banho de imersão para ele, enchia a banheira com água e espuma, trazia alguns de seus brinquedos preferidos e se sentava ao lado para conversarem. Os patinhos de plástico tinham dado lugar, já fazia alguns anos, aos navios de guerra, às naves espaciais e aos Transformers, e há alguns meses Walter tinha dito com muita seriedade que não podia ficar nu, que devia usar sunga quando estivesse com ela. Laura respondeu, com a mesma solenidade, que concordava.

Enquanto Laura massageava o cabelo dele com xampu, afastando com cuidado a espuma para que não entrasse nos olhos, Walter relatava com entusiasmo tudo o que havia feito durante o dia com o pai. Em seu relato, todas as intervenções de Scott eram as de um Deus todo-poderoso. Era uma pena, dizia, que o pai tivesse esses imprevistos e fosse obrigado a trabalhar. Laura apertou os lábios ao ouvir isso. O tom de admiração com que Walter se referia ao pai era emocionante e triste ao mesmo tempo. Não importava quanto o decepcionasse, que cancelasse planos, que não fosse aos eventos da escola ou não cumprisse suas promessas, Walter sempre o entendia. Laura tinha confrontado Scott mais de uma vez por essas questões, e o fato de Walter se mostrar tão compreensivo era a carta que o desgraçado do Scott usava cada vez que surgiam conflitos entre eles. “Olha, eu falei com o Walt e ele entendeu perfeitamente.” Laura dizia que o fato de um menino de nove anos idolatrar o pai e aceitar todas as suas desculpas idiotas não lhe dava o direito de continuar se comportando como um babaca irresponsável. Mas era um caminho que tinham percorrido várias vezes e nada mudava. Scott abria os braços, olhando para o céu, e dizia algo do tipo: “Não me venha com essas merdas psicológicas... O menino é inteligente e entende as coisas”. Laura sempre terminava aquelas

conversas com o mesmo pensamento. *Azar o seu que se casou com ele... Da próxima vez não escolha o rebelde da motocicleta.*

Não haverá próxima vez.

— Mamãe, a água está esfriando.

— Então chegou a hora de sair.

Walter tirou a tampa do ralo e juntos os dois observaram a espuma descer pelo cano. Laura abriu o chuveiro para que o pequeno pudesse se enxaguar. Quando terminou, ela pegou a toalha, secou o cabelo dele e o envolveu.

— Eu tenho muito orgulho de você — disse.

— Por quê?

Por não se queixar do pai que tem.

— Por tudo.

Uma hora depois, Walter estava dormindo. Laura decidiu que seguiria o conselho de Marcus e não pensaria em Ted. Uma parte dela pedia que fosse revisar os vídeos nos quais seu paciente-estrela relatava a visita noturna à casa de Blaine, mas se obrigou a não fazer isso agora. Serviu-se uma taça de vinho e pegou um livro de Robin Cook de sua modestíssima biblioteca de ficção. Alguém tinha lhe dado de presente de aniversário. Quando abriu a primeira página, viu a cuidadosa caligrafia de Marcus: “A protagonista deste livro me lembrou muito você. Você vai ver...” Ficou olhando para a frase por um bom tempo. Não a tinha visto antes, disso tinha certeza, o que significava que nem sequer folheara o livro. Imaginou Marcus no momento em que o entregou, ou talvez nos dias seguintes, esperando alguma reação dela sobre o livro, a protagonista e sua semelhança com ela. Já tinham se passado sete meses do seu aniversário. Sacudiu a cabeça. Tinha consciência de que se comportava com Marcus feito uma... Melhor nem pensar.

Começou a ler. Venceu o primeiro parágrafo e parou.

Uma provocadora.

— Não sou uma provocadora — disse à taça de vinho.

Um pouco, sim.

— Não.

Tinha conseguido avançar na leitura quando o celular começou a tocar. Instintivamente, consultou o relógio; sabia que eram mais de dez horas. Correu até a mesa da cozinha e atendeu imediatamente. Era uma ligação do hospital. Um enfermeiro do turno da noite do pavilhão C dizia em tom fatigado que um dos pacientes queria falar com ela e que na ficha estava escrito que...

— Sim, sim. Pode passar, por favor.

— Laura — Ted murmurou. — Elas estão mortas, não é? Holly, Cindy, Nadine... estão mortas.

— Ted, o que aconteceu?

— Eu entendi. Eu estava no meu quarto e a verdade me golpeou. Eu compreendi num instante. Elas estão mortas.

— A sua esposa e as suas filhas não estão mortas — Laura assegurou. — Está me ouvindo, Ted? Você acha que eu mentiria sobre uma coisa dessas?

— Não sei.

— Eu jamais mentiria sobre algo assim.

— Mas então...

— Elas estão bem.

Silêncio durante vários segundos.

— Ted?

— Eu preciso vê-las.

— Podemos falar sobre isso amanhã?

— Não. Eu preciso vê-las.

— Ted, eu prometo o seguinte: amanhã logo cedo eu vou falar com a Holly. Vou dizer que você está melhor, que quer vê-las, e vamos ver o que ela diz.

Outra vez, silêncio.

— Por que ela não iria querer me ver?

Laura lamentava ter bebido a taça de vinho. Entre o álcool e o sono, não estava resolvendo a situação como gostaria.

— Ela quer que você esteja bem quando se encontrar com as meninas — respondeu. — Durante todo esse tempo... lembra dos vídeos que eu te mostrei, não lembra?

— Lembro.

— Você está progredindo. Precisa ser forte. Eu vou explicar para a Holly e vou ver o que ela diz. Vou tentar convencê-la de que seria bom para você ver as meninas. Tenho certeza de que elas querem muito te ver. Mas você entende que é importante para elas que você esteja bem...?

Ao não obter resposta, Laura insistiu:

— Você entende, não é, Ted?

— Desculpe por ter ligado para a sua casa. Mas é que eu estava convencido de que...

— Não tem problema. E não se preocupe. Amanhã eu vou falar com a Holly e veremos o que ela diz, tudo bem?

— Obrigado, Laura.

Despediram-se. Ela ficou um tempo na cozinha, pensativa. Sabia que esse momento chegaria, cedo ou tarde.

19

A PORTA DE VIDRO ESTAVA no lugar; dessa vez não havia sido substituída pelo castelo cor-de-rosa. Exceto pela imensa massa de água, à qual Ted já tinha quase se acostumado, tudo parecia igual. Nem sequer a caixa de xadrez estava ao lado da churrasqueira. Ted lembrou que, em seu último sonho, tinha visto Holly sair do mar ao lado de Roger, pegar a caixa e lançar um olhar de ressentimento para ele antes de voltar às profundezas do oceano. Agora parou na frente do vidro, como das outras vezes, e esticou o braço para abrir a porta. Fez isso sem convicção, sabendo que por algum capricho onírico não poderia ultrapassar aquele limite absurdo da sala de sua própria casa. No entanto, a porta de correr cedeu com facilidade. O sensor de movimento iluminou a varanda traseira, e Ted parou para olhar. O mar estava calmo, não havia ondas nem sentiu o característico ar saturado de sal. Ao contrário, o cheiro predominante era o da umidade do bosque.

— Ainda não entende?

A voz lhe deu um susto. Virou-se para a direita. A varanda se estendia bastante naquela direção. Sentado em uma cadeira dobrável de praia estava Roger, com seu jaleco branco e seu sorriso resplandecente.

— Entender o quê?

O enfermeiro desviou o olhar para o mar, uma massa escura que se fundia com a noite. Não respondeu.

— Entender o quê? — Ted repetiu.

A única resposta foi um lento movimento, varrendo com a mão a imensidão marítima.

Ainda não entende?

A luz da varanda se apagou de repente. Ted ia agitar o braço para que voltasse a acender quando uma tênue mancha cinza atraiu sua atenção no mar. A princípio pensou que se tratasse

de um barco imenso, mas, à medida que seus olhos foram se acostumando à escuridão, entendeu. Aquilo que via não era um barco ou algo flutuando. Era *a outra margem*.

Ainda não entende?

Por isso não havia ondas dessa vez, nem brisa marinha. Aquilo não era o mar, era um lago. Foi ao pensar nisso que reparou que essa varanda tão extensa era, na verdade, um cais. Um cais que, além disso, era familiar, claro. Estava na casa de Wendell. Aproximou-se da ponta do cais e olhou para baixo. Ali estava amarrado o barco em que vira o homem pela primeira vez.

Antes tinha visto as ondas quebrando contra o gramado, tinha certeza.

— Da outra vez eu... — disse, virando-se para Roger.

Mas Roger não estava ali, só a sua cadeira vazia. Aproximou-se devagar, virando-se pela primeira vez para a casa ultramoderna de Wendell. Olhou para a porta de vidro, a responsável por transportá-lo da sala de sua casa até a casa desse homem do qual sabia tão pouco. Ao chegar ao lado da cadeira de praia, viu que havia algo sobre ela. A princípio achou que se tratasse do jaleco do enfermeiro, que tinha se teletransportado para outro lugar, deixando a roupa para trás. Mas não se tratava disso. Era o biquíni vermelho de Holly. Ted se ajoelhou e o agarrou, sentindo o tecido úmido, como se sua ex-mulher tivesse acabado de tirá-lo e deixado ali.

Ex-mulher.

Com o coração dando saltos, procurou-a no lago. Imaginou-a nadando nua.

Mas Holly não estava ali. Só o biquíni dela. Deixou-se cair na cadeira e apertou o tecido entre as mãos, formando uma bola. Segurou-a na frente do rosto e enterrou o nariz nela, procurando o cheiro característico de sua mulher.

Ex-mulher.

Ainda não entende?

Assim ficou um longo tempo, desfrutando do ulular do vento entre as árvores, do canto dos grilos. Havia naquele bosque algo familiar e tranquilizador. Depois de um tempo ficou de pé, andou até a lateral do deque de madeira e desceu por uma suave inclinação de terra até a margem do lago. Rodeou a propriedade. Na frente encontrou o Lamborghini preto, silencioso como um bicho gigantesco adormecido.

Então acreditou notar movimentos em uma das janelas da casa. Foi apenas uma silhueta rápida, percebida de canto de olho. Talvez Roger continuasse por ali...

Foi até a porta principal, não totalmente convencido de querer encontrar o enfermeiro, e, ao experimentar a maçaneta, a pesada porta se abriu.

E então viu a si mesmo. O Ted que o esperava dentro da casa estava de pé no centro do tapete indiano, apontando com a Browning. Durante um breve instante seus olhares se cruzaram. Um dos dois emitiu um suspiro de surpresa quando a pólvora explodiu e a bala se incrustou no meio da testa de Ted, que caiu pesado sobre o tapete. Curiosamente, embora o impacto da bala o tivesse derrubado, não havia sentido nada mais que uma ligeira fígada na testa. Quando tentou se tocar, percebeu que seus braços eram dois tentáculos soltos junto ao

corpo. O sangue acabou com a visão do olho direito, mesmo assim conseguiu ver o outro Ted caminhando de um lado para o outro.

Seu peito vibrou. O outro Ted percebeu, inclinou-se sobre ele e procurou no interior de sua jaqueta até encontrar o celular. Quando o tirou, durante poucos segundos, a tela ficou a seu alcance e ele pôde ver o rosto de Holly.

O outro Ted olhou de repente para ele.

— Quem é Holly? Isso pode atrapalhar os meus planos, Wendell?

Em sua mão podia sentir a bola úmida formada pelo biquíni de Holly. Tentou apertá-la, como se dessa forma pudesse se aferrar à realidade, a suas lembranças. Mas seus dedos não respondiam. Só podiam sentir...

O outro Ted se movia agora com frenesi, visivelmente preocupado. Lia as mensagens que chegavam ao celular e seu rosto se transformava.

Estamos chegando. Hora de suspender a pesca por hoje.

Do lado de fora, o inconfundível barulho do motor anunciou que o carro se aproximava. O outro Ted foi até a janela e observou.

— Merda!

Instantes depois, o veículo parava. Ted, caído sobre o tapete, forçou a vista o máximo que pôde, mas seu campo visual não lhe permitia enxergar a porta pela qual tinha entrado. O que viu foi quando o outro Ted cruzou a sala na direção da cozinha para fugir por uma porta lateral. Nesse momento as vozes inconfundíveis de Cindy e Nadine ficaram audíveis do outro lado da porta. Ted não queria que entrassem, que o vissem ali caído com um tiro na cabeça... Houve um momento de expectativa.

— O que é esse papel na porta? — Cindy perguntou.

— É um bilhete — sua irmã respondeu. — Tem o nome da mamãe escrito.

Ted ouvia a conversa com clareza do outro lado, caído no chão com uma bala na cabeça.

— O que diz aí, mamãe? Nós também queremos saber.

Uma pausa.

— Por que está chorando, mamãe?

Capítulo 20

TED OCUPAVA O BANCO DE sempre. Tinha tomado café da manhã rapidamente e agora estava sozinho. Mike foi um dos primeiros internos a sair e se aproximar. Estava de ótimo humor.

— Parece que eu vou ter que começar a dividir o meu lugar favorito. — Mike trazia seu livro.

Ted não respondeu. Tinha o olhar perdido na quadra de basquete.

— Não vai me dizer que a vida é como uma caixa de bombons, hein? — Mike falou, enquanto se sentava no banco ao lado de Ted. — Está sem vontade de conversar?

Abriu seu livro e começou a ler. Depois de um tempo, sentiu um cutucão na perna. Mike seguiu a direção do olhar de Ted, que mirava a porta traseira do Lavender, onde Roger fazia sinais para que se aproximasse.

— O que foi? — Mike não entendeu a reação de seu companheiro.

— Consegue vê-lo? — Ted sussurrou.

— Quem? Ali não tem ninguém, Ted... — Mike brincou. Mas, ao ver que a expressão de Ted se fechava, decidiu que não era o melhor momento para piadas. — Claro que eu consigo vê-lo! É o tal enfermeiro do pavilhão B que está sempre com a sua médica. Roger alguma coisa...

Ted se recompôs.

— Está se sentindo bem, amigo?

— Sim, sim. — Ted ficou de pé. — A gente se vê mais tarde.

Caminhou até Roger. O sonho da noite anterior tinha sido profundamente perturbador.

Ainda não entendeu?

Na sala de avaliação, Laura estava esperando por eles. Ted entrou com a cabeça baixa, quase arrastando os pés. Não era o homem ansioso por receber notícias de sua família que ela

esperava.

Roger chamou a atenção dela com um gesto:

— Tem certeza de que não quer...? — E apontou para os pulsos.

Laura negou com a cabeça. Tinha decidido que era hora de começar a dispensar as algemas.

— Quer que eu fique? — Roger ofereceu.

— Não é necessário.

O enfermeiro não parecia convencido, mas finalmente se retirou. Ted se sentou no seu lugar habitual.

— Ted, olhe para mim... Quer conversar em outro momento?

— Não, não. Hoje mais do que nunca eu preciso falar com você. Estou tentando organizar os meus pensamentos.

— Tomou os seus remédios hoje?

— Claro. Os seus amigos não me dão outra opção — brincou.

Laura sorriu.

— Eu estava me perguntando se te deram algum calmante... Não estou vendo nada na sua ficha.

— Nada de calmantes.

— Pensei que você estaria ansioso pela conversa com a Holly e que talvez...

Um sorriso esperançoso iluminou o rosto de Ted ao ouvir o nome dela. Não conseguiu evitar.

— Conseguiu falar com ela?

— Consegui. A Holly me pediu expressamente para te falar que não vai impedir que as meninas vejam o pai, que sabe que você ama as duas, e o mesmo acontece com elas. A Cindy e a Nadine sentem a sua falta, mas entendem que você está se recuperando em um hospital.

— Talvez você tivesse razão ontem... é melhor esperar um pouco. Eu só queria saber se elas estão bem.

— Acho que esperar uns poucos dias seria o melhor. Você está progredindo a passos enormes. O que te fez mudar de opinião, Ted?

— Ontem eu tive o mesmo sonho de sempre, na varanda da minha casa, mas dessa vez aconteceu outra coisa. Eu consegui sair e ir além da varanda, até o mar, só que não era o mar, era um lago.

Laura procurou na bolsa o gravador portátil. Nunca antes Ted tinha sonhado que se afastava da casa; isso podia significar que...

Ela sentiu uma animação crescente. Colocou o gravador sobre a mesa e pediu que ele falasse do sonho, detendo-se na maior quantidade de detalhes possível. Ted começou a falar. Nada tinha desaparecido ao despertar, tudo estava ali em sua mente, vívido como se se tratasse de um filme que acabava de ver.

O único detalhe que deixou de fora, porque o considerou irrelevante e porque para ele era particularmente doloroso, foi o biquíni úmido de Holly, que tinha encontrado sobre a cadeira.

Quando terminou, Laura desligou o gravador e o colocou de volta na bolsa. Pegou sua caderneta para fazer anotações.

— Laura, durante esse tempo todo você falou com a Holly, com o dr. Carmichael e suponho que com mais pessoas relacionadas comigo. Conseguiu localizar o Wendell?

Laura engoliu em seco. A pergunta a pegou de surpresa.

— Ted, esse sonho que você teve vai te ajudar a perceber a verdade.

— Não entendo.

— Não há um jeito fácil de te contar isso, mas... você é o Wendell.

21

LAURA SOUBE DESDE O INÍCIO que Wendell não era real, mas uma projeção de si mesmo gerada por Ted. Holly confirmara que a casa do lago era deles, que durante um tempo eles passavam ali quase todos os fins de semana, embora ultimamente — desde que as coisas no casamento não andavam bem — fosse Ted quem mais a visitava, sozinho. Era ele quem gostava de pescar, que tinha um Lamborghini preto do qual cuidava como um filho e que tinha montado o castelo das princesas da Disney que tantas vezes descrevera durante as sessões.

Foi o próprio Ted quem conheceu Lynch na universidade; foram muito próximos naqueles anos e um tempo depois também. Mais tarde deixaram de se encontrar com tanta frequência, embora nunca tivessem perdido o contato completamente. Holly assegurou a Laura que, quando ela e Lynch começaram a se encontrar, o casamento com Ted estava arruinado e o casal já tinha manifestado a necessidade de colocar um ponto-final na relação. Se não tinham feito isso até aquela data, era porque queriam contar às filhas no momento adequado.

Holly e Lynch foram muito discretos, embora tivessem cometido um único erro: um jantar em um restaurante no qual foram fotografados. Queriam desfrutar de uma noite normal, sem se esconder, e decidiram ir em carros separados até Beverly, a quinze quilômetros de distância. Foram tão idiotas que, para se sentir verdadeiramente livres, escolheram uma mesa ao lado da janela. Brincavam sobre isso a cada vez que alguém passava e os observava, Holly disse a Laura em tom arrependido. Nem ela nem Lynch notaram que tinham sido seguidos por um detetive particular de Boston.

Holly sustentava que fora Ted, muito antes dela, quem tinha deixado de amá-la. Ele sempre fora reservado e um pouco solitário, exceto com Holly. No entanto, nos últimos meses também havia começado a se mostrar distante e pouco carinhoso com ela. Por mais que Ted se esforçasse para esconder, chegou a ficar evidente. O sexo foi rareando cada vez mais, até

praticamente desaparecer. Ele deixou de procurá-la, e foi Holly quem durante meses precisou tomar a iniciativa, acreditando que o desejo poderia reviver, como uma fogueira prestes a se apagar que, no último momento, recebe um carvão milagroso. Mas era doloroso mendigar por alguns minutos de frenesi mecânico. Holly procurou se enganar e acreditar nas desculpas que Ted oferecia a cada noite: o trabalho, as meninas ainda não tinham dormido... Mas em determinado momento ela viu, *sentiu*. Não era mais desejada. Foi como se tirassem uma venda de seus olhos. Porque uma vez por mês, às vezes duas, Ted viajava para fora do estado a fim de visitar seus clientes importantes: aqueles que era necessário que o presidente da empresa encontrasse *pessoalmente*. Eram os clientes dos sete dígitos, dizia sempre a Holly, os que realmente importavam e os que era preciso informar sobre seus investimentos com um tratamento personalizado. Ted se ausentava durante um mínimo de três dias, quase sempre uma semana, e voltava com o humor melhor, trazia presentes para as meninas, sorria... até o Capitão Ereção se dignava a visitá-los durante algumas noites depois de seu retorno.

Mas em pouco tempo as coisas voltavam à normalidade. De novo ele se mostrava esquivo, mal-humorado e querendo ir pescar no lago. Holly não sabia se havia outra mulher, ou outras, embora tenha entendido que o marido se sentia feliz quando estava longe dela.

Holly não se sentia exatamente orgulhosa, mas foi obrigada a checar a veracidade das viagens. Fez ligações para a empresa, falou com a secretária de Ted, com seu sócio, tudo se encaixava. Ou ele tinha planejado tudo muito bem, ou não havia traição. A questão era: quem precisa de uma semana para uma viagem de negócios? Ele dizia que aproveitava para pescar, e ela também conseguiu confirmar isso com um clube de pesca em Denver. Claramente Ted, se por acaso a enganava, era muito mais cuidadoso do que ela, que algumas semanas mais tarde se sentaria com seu amante à mesa de um restaurante perto da janela, à vista de todo mundo.

Finalmente Holly se deu por vencida. No fim das contas, o fato de Ted mentir para ela não mudava substancialmente a situação. E havia algo mais: era ela quem estava deixando de amá-lo, quase sem se dar conta. Em questão de semanas a apatia de seu marido começou a ser bem-vinda, um acordo tácito. Chegou a desejar que existisse outra mulher, porque isso faria tudo ser mais simples.

Um dia, Justin Lynch foi visitá-los em casa. Ted não estava, nem as meninas. Holly tinha uma boa relação com ele, de modo que o deixou entrar, tomaram uma taça de vinho, conversaram e em apenas duas horas Holly tinha contado tudo. Tudo. Justin não fazia ideia dos problemas no casamento deles, e muito menos, garantiu, sabia se Ted tinha uma amante. Seu amigo nunca tinha falado nada nesse sentido; era muito reservado, afirmou. Mas a química entre os dois era evidente, e Justin se tornou o confidente de Holly.

Quando a situação se tornou insustentável, Holly decidiu conversar com Ted, falar o óbvio. O divórcio seria o melhor, e ele concordou desde o princípio. Nesse momento, Ted tinha começado a sofrer de dores de cabeça; seu corpo estava se manifestando. Holly e Justin continuavam se encontrando, sempre como confidentes, mas a atração entre eles crescia e se tornava insustentável. Quanto mais se conheciam, mais gostavam um do outro. O pré-acordo

de divórcio entre Holly e Ted foi o que precisaram para começar o caso. O fato de suspeitarem de que Ted poderia, por sua vez, ter uma amante foi a mentira que contaram um ao outro para aliviar a culpa.

Holly nunca soube que, naquele momento, Ted começara a visitar o dr. Carmichael, convencido de que um tumor maligno se espalhava em seu cérebro. Muito menos que a ideia de tirar a própria vida ganhava forma lenta, mas decididamente em sua cabeça.

Tampouco soube, até muito depois, sobre o detetive particular e as fotografias no restaurante. Porque Ted não a confrontou, nem a ela nem a Lynch, mas as guardou em um envelope no cofre e continuou com sua vida, nesse limbo transitório, até que decidiram organizar a situação do divórcio com as meninas e a família próxima. Na verdade, aqueles dias foram, paradoxalmente, quando a convivência foi melhor.

Holly demorou para encontrar as fotos, disse a Laura mais tarde. Não tinha acesso ao cofre e precisou arrombá-lo. Mas foi um mês depois! Durante um mês Ted continuou com ela sem dizer uma única palavra, como se não se importasse.

Por que Ted esperou um mês? Um mês para ir se encontrar com Lynch em seu escritório, quando não havia quase ninguém no edifício, e atacá-lo violentamente com um abajur de bronze. Um mês para que alguém do andar de baixo ouvisse os golpes, os gritos, e avisasse a polícia, e encontrassem Ted sentado no saguão do prédio, com o abajur nos joelhos e o sangue de seu amigo em todo o corpo. Quando o policial que o encontrou perguntou seu nome, ele disse que não sabia, mas logo depois afirmou que era Wendell. Foi levado preso e comprovaram que seu nome real era Theodore McKay.

A surra deixou Lynch no hospital, em coma. Os médicos foram otimistas durante os primeiros dias; precisaram operá-lo com urgência e acreditaram que, drenando o sangue, a inflamação no cérebro cederia e ele despertaria. Mas não aconteceu assim.

Holly o visitava toda semana. Justin era filho único e tinha uma família minúscula; era desolador encontrá-lo sempre sozinho, deitado na cama do hospital, esperando um milagre que talvez nunca acontecesse. Holly não podia dizer que estava apaixonada por ele, mas tinha certeza de que ia nesse caminho. E se sentia responsável, claro. Por que não havia sido mais cuidadosa? Laura recomendou que começasse a fazer terapia e isso a ajudou muito. Ninguém poderia prever que Ted, uma pessoa pacífica e aberta ao diálogo, guardaria a descoberta da infidelidade por nada menos que um mês para depois explodir como o Vesúvio.

Ted, por outro lado, entrou em estado catatônico. Foi internado no Lavender Memorial. A dra. Laura Hill recebeu o caso e imediatamente entrou em contato com o dr. Carmichael, que tinha tratado Ted até o momento.

22

TED OUVIU LAURA SEM INTERROMPÊ-LA. Quando a médica contou sobre a surra em Lynch, mostrou-se um pouco surpreso, mas não muito.

— Ele continua em coma?

— Infelizmente sim.

— Não há dúvidas de que fui eu, há?

Laura negou.

— Deve ter alguma explicação. — Ted sacudiu a cabeça. — Por que eu golpearia um amigo até deixá-lo em coma? Acredite em mim, ter uma relação consensual com a minha esposa não é razão suficiente. Eu nunca fiz algo assim. Talvez tenha ficado muito bravo, não nego, mas nunca a ponto de tentar matá-lo. Deve ter algo mais.

— A resposta está dentro da sua cabeça, e na do próprio Lynch, que por enquanto não pode nos contar nada.

— Meu Deus.

— Não se puna, Ted. Você claramente não estava bem quando agiu dessa forma. O mesmo vale para os dias anteriores. A Holly diz que durante um mês você manteve em segredo as fotos no restaurante, e que isso não era típico, que ela tinha certeza de que você teria dito algo a respeito.

Ele assentiu.

Devia haver algo mais. Era difícil especular sobre Lynch, de cuja amizade Ted não se lembrava em absoluto. Talvez soubesse algo sobre ele que poderia ser ruim para Holly...

— Em que você está pensando? — Laura percebeu a preocupação.

— A Holly te contou alguma coisa sobre o Lynch, alguma suspeita? Eu suponho que, se ela tinha um caso com ele, era porque o considerava uma boa pessoa, mas às vezes, você sabe, a

gente se envolve com a pessoa errada.

— Eu sei o que você quer dizer. Olha, vou ser sincera com você. A Holly me disse que o Lynch era um homem tranquilo, muito bom e atencioso. Embora eles tivessem começado a ter sentimentos um pelo outro, foi ele que se recusou a continuar até que o divórcio entre vocês dois estivesse resolvido. O Justin queria falar com você e explicar tudo. Claro que isso não significa que não exista algo mais; é só o que a Holly pensa dele.

— A Holly é uma mulher muito intuitiva. Se ela disse isso, é muito possível que seja assim.

— No entanto, eu penso o mesmo que você — disse Laura. Procurava algo no interior de uma pasta que continha envelopes de plástico. — Algo te fez reagir dessa forma com o Lynch. Talvez algo que você descobriu quando o seguiu. Eu não falei com o detetive que fez o trabalho, mas a Holly falou, e o homem disse que só a seguiu e entregou as fotos para você.

— O nome desse detetive é Pitterstone, não é?

— Lembra dele?

— O Wendell me falou dele... Deus, esse tempo todo eu falei de alguém que não existe. Como é possível?

— A sua amizade com o Lynch, a sua relação com a Holly, a casa do lago... são parte do Wendell. A sua mente compartimentalizou essa informação, que agora pertence a ele. Em certo sentido, poderíamos dizer que você não tem acesso a ela. Na sua cabeça, agora mesmo, parece existir um quarto trancado.

Abra a porta.

Laura falava devagar. Era como se com cada palavra testasse a capacidade de Ted de continuar assimilando informações.

— O que você tem aí? — Ted perguntou. Laura havia tirado uma fotografia da pasta. Era pequena e já tinha alguns anos. Entregou a ele.

Ali estavam os jovens Ted e Lynch em uma festa nos dormitórios da universidade, sorrindo ao lado de um pôster de Uma Thurman em *Pulp Fiction*. O pôster trouxe lembranças instantâneas a Ted. Ficava em um dos corredores, ao lado de seu quarto. Uma Thurman tinha os cabelos escuros e fumava provocativamente. O Ted da foto era bonito, muito magro e com o cabelo comprido até os ombros. Usava uma bandana ao estilo Axl Rose e tinha um copo de plástico na mão. A seu lado, Lynch tinha o mesmo aspecto jovial com o qual Ted o havia imaginado tocando a campainha de sua casa... A beleza dele era magnética.

— Eu me lembro perfeitamente desse pôster. Mas não do Lynch. Parece que nós éramos chegados.

Laura assentiu. Guardou a fotografia na pasta.

— Durante o sonho na casa do lago houve algo novo — Ted contou —, uma certa familiaridade com o lugar. Além disso, hoje, quando acordei, percebi uma coisa: não conseguia lembrar do rosto do Wendell, tinha esquecido a cor dos olhos dele, as feições desapareceram da minha cabeça. Era magro? Usava óculos? Eu não conseguia precisar.

— Sobre o Wendell, preciso te perguntar... o nome significa alguma coisa para você?

Ted pensou.

— Se você está perguntando se eu conheci alguém com esse nome, a resposta é não. Pelo menos não que eu me lembre, o que, dadas as circunstâncias, não é muito.

Laura assentiu.

— Eu não acredito que deixei esse homem em coma — Ted murmurou, segurando a cabeça e negando várias vezes.

— Pare de pensar nisso, Ted. Estou convencida de que uma parte da sua psicose começou antes do incidente com o Lynch. Bem antes. Eu refleti muito sobre a conveniência de revelar que o Wendell não existe, que é, na verdade, uma parte de você que está escondida embaixo desse disfarce...

— Você tem medo de eu entrar em um daqueles ciclos outra vez?

— Acho que não. Nós chegamos muito longe.

— Muito longe?

— Exato. Pense no primeiro ciclo. Nele, você ia se suicidar por causa de um tumor na cabeça. Por outro lado, tinha que matar o Wendell, a parte de você que sabia a verdade a respeito do caso da Holly e também a responsável por golpear o Lynch. Em certo sentido, isso forma o ciclo perfeito. A minha teoria é que você pensou em se matar depois do encontro com o Lynch, mas a sua consciência se nublou e você não fez isso. Então a sua mente criou esse ciclo, repetindo-o várias vezes, assassinando o Wendell e tudo o que ele representa.

— Estou vendo aonde você quer chegar... — Ted disse. — Nesse ciclo eu nem tinha problemas com a Holly.

— Era o suicídio perfeito.

— E o Blaine, o que tem a ver com tudo isso?

Era a única pergunta que Laura temia, aquela que não tinha como responder, por causa do adesivo do Buzz Lightyear que encontrou. Não queria falar disso por enquanto, de modo que se limitou a dar a resposta que teria dado alguns dias antes.

— Você precisava encontrar uma forma de justificar o assassinato do Wendell, e a sua mente criou esse engenhoso plano dos suicidas que matam uns aos outros. Você achava que era necessário dissuadir um homem prestes a tirar a própria vida. Como fazer isso? Apelar à sensibilidade pelo modo como o suicídio afetaria a família. Essa é a peça-chave. Tenho certeza de que essas mesmas questões estiveram na sua cabeça enquanto pesava a ideia. Está vendo, Ted, por que eu digo que o primeiro ciclo era o suicídio perfeito? Nele inclusive você solucionava esse problema do impacto nos seus entes queridos. Tudo funcionava perfeitamente. E o caso do Blaine foi muito impactante nos dias que antecederam a sua internação no Lavender; eu tenho uma infinidade de artigos de jornal. É muito provável que você tenha utilizado isso para construir o ciclo. Veja também o outro elemento importante: o Lynch era um estranho para você, só o Wendell o conhecia.

— Por que as nossas sessões faziam parte desses ciclos? Por que não era como o resto da minha vida no Lavender, da qual eu não tenho lembrança?

— Bom, a princípio era assim. Só quando nós começamos a explorar o seu passado as nossas sessões começaram a abrir caminho nesses ciclos, a quebrá-los. Você está com a ferradura?

Ted assentiu. Podia sentir o peso dela no bolso da calça.

— Foi então que apareceram as primeiras falhas no primeiro ciclo. As lembranças das suas filhas correndo pelo caminho da entrada da casa do lago, por exemplo. Era o seu inconsciente procurando uma maneira de jogar fora esse final idílico, de desmascarar o Wendell.

Ted assentiu, maravilhado. Estava compreendendo.

— Por isso eu não o matava no segundo ciclo — disse, enquanto se lembrava do que havia acontecido.

— Isso mesmo. No segundo ciclo você já sabia que o Wendell e o Lynch na verdade se conheciam, que tinham sido companheiros de universidade. Essa era a sua história, Ted! Você não estava fazendo nada mais que descobrir seu próprio vínculo com o Lynch. No entanto, o Wendell não queria ser desmascarado, porque fazer isso significaria colocar essa parte de você em evidência, e por isso procurava confrontar o Lynch, entre outras coisas, mostrando as fotos do restaurante. Pense que, durante o segundo ciclo, você já estava consciente dos problemas com a Holly. Em cada ciclo você se aproximava mais da verdade...

— Essa é a razão pela qual o Wendell tentava me colocar contra você e o Roger... Meu Deus, eu continuo pensando nesse cara como se ele realmente existisse.

Olha, Ted, tem algumas informações aqui na sua cabeça — Wendell se inclinou e apontou para a testa de Ted com o indicador — que te comprometem. Elas também me comprometem, não vou negar.

— Agora eu entendo por que a Holly não quer me ver — Ted admitiu.

— Na verdade... a Holly quer te ver.

— É?

— Ela entende que você não teria machucado o Lynch em circunstâncias normais. E acredita que o tratamento aqui vai te fazer voltar a ser o mesmo de sempre.

— Então você conseguiu falar com ela?

Laura assentiu.

— Eu falei com ela hoje de manhã, como prometi. Agora que nós fizemos esse grande progresso, eu acho honestamente que poderia ser uma boa ideia ver as meninas. A Holly disse que está disposta a vir com elas quando nós pedirmos.

Um misto de felicidade e angústia assaltou Ted, mas a lembrança dos momentos felizes com as filhas prevaleceu, um mosaico de imagens de Nadine e Cindy, abraços, beijos de boa-noite, historinhas antes de dormir. As lágrimas não demoraram a chegar. Pela primeira vez desde que havia entrado no Lavender, sete meses antes, ele chorou.



MARCUS ESTAVA DANDO INSTRUÇÕES A sua secretária para que ninguém o interrompesse, pois precisava revisar os relatórios de gastos e enviá-los à diretora, quando Laura apareceu no corredor e suas prioridades mudaram em um segundo.

— Que surpresa agradável! — disse quando a viu chegar.

Sua secretária, que o conhecia como se o tivesse parido, observou-o por cima dos óculos redondos com uma expressão entre a censura e a pena.

— Está ocupado? — Laura perguntou enquanto entravam na sala.

— Não mais que de costume. Vejo que você está feliz. Aconteceu algo?

— Está tão na cara?

— Só um pouco.

— Estou feliz — ela reconheceu. — Falei com o Ted sobre o que ele fez com o Lynch, sobre o Wendell, sobre tudo. Ontem ele teve um sonho revelador no qual quase descobriu tudo sozinho. Eu senti que era o momento oportuno e não me enganei.

— Fico muito contente. — Marcus afastou os papéis que cobriam sua mesa.

— Realmente não está ocupado?

— De jeito nenhum — ele disse, baixando o tom de voz. Embora Claudia fosse muito discreta, não queria que o ouvisse contando uma mentira tão flagrante. Estava muito atrasado com os relatórios, e cada segundo contava, mas o fato de Laura recorrer a ele era importante, e ele não ia se mostrar desinteressado em nenhuma hipótese. Preferia se arriscar a uma bronca da diretora a parecer rude com Laura.

— Acho que estou muito perto de chegar à origem de tudo, Marcus.

— Fico feliz por você.

— Você é parte disso agora, não vai poder se livrar de mim. — Deu uma piscada.

Marcus riu.

— Não sei se isso é bom ou ruim. Mas, quando escrever o seu livro, por favor deixe de fora o nosso pequeno acordo para transferir o McKay para o meu pavilhão.

— Sobre isso, eu nunca te agradei direito. Eu te arrasto para as minhas loucuras e você sempre me ajuda. Obrigada.

Ele não soube o que responder. Ela ia pedir outro favor? Tanta camaradagem o desconcertava. Era mais um daqueles movimentos para que ele se sentisse confiante e a convidasse para jantar ou ir ao cinema e depois ela recusasse? No passado Marcus tinha dado muitas mostras de sua inaptidão na hora de captar os sinais femininos, os de Laura em especial.

— Como eu disse, fico feliz por ter sido útil.

— Bom, mas eu não vim só por isso, nem para te interromper enquanto completa os relatórios de gastos... — Laura disse, apontando para os papéis que Marcus tinha empilhado de lado.

Lá vem.

— Quer jantar na minha casa?

Marcus esperava qualquer coisa, menos um convite desse tipo. Em uma fração de segundo, pensou em tudo. O fato de o jantar ser na casa dela implicava a presença de Walter, o que não incomodava Marcus nem um pouco, mas eliminava qualquer conotação romântica. Por outro lado, permitir que ele fosse parte da rotina familiar poderia ser até mais importante. De uma forma ou de outra, ele estava encantado.

— Claro.

— Ótimo. Que tal amanhã às sete?

— Às sete eu estarei lá.

— Vou pedir para a minha irmã pegar o Walter. Ele adora ficar com as primas mais velhas e “malcriadoras”.

Marcus demorou para reagir. Seria um encontro? Laura ficou de pé.

— Então a gente se vê amanhã — anunciou. — Vou deixar você continuar com o seu trabalho...

Deu um último sorriso antes de fechar a porta. Quando saiu da sala, Laura sufocou uma risada; soltar o convite de repente tinha sido uma pequena maldade de sua parte, ela sabia. Marcus estava esperando o pedido de um favor profissional, não um convite para a casa dela.

Claudia surpreendeu a expressão travessa em seu rosto e a fulminou com seu olhar de cão de guarda. A doutora imediatamente se recompôs e se despediu com uma inclinação de cabeça.

Nada mau para uma provocadora, hein?



WALTER ESPERAVA NO SOFÁ DA sala, com sua mochila e uma sacola de brinquedos selecionados para a ocasião. Mesmo que a tia Dedee fosse passar para pegá-lo às seis, ele tinha insistido em ficar pronto muito antes. “Para o caso de a tia vir mais cedo”. O certo é que Walter nunca dormia fora — mesmo na casa do pai, pois o desgraçado não tinha se dado o trabalho nem de montar um quarto para o menino —, a não ser na casa da tia Dedee e de suas primas, Grace e Michelle. Para ele era um desafio, além de uma aventura. Ficavam acordados até tarde e faziam um monte de coisas, como brincar de acampamento no jardim ou de detetive... e mil diversões mais. A prima Grace, que tinha catorze anos e era a mais velha, cuidava deles e lia histórias de adultos. Histórias de terror.

Laura desceu a escada e o viu, silencioso e na expectativa, agarrado a sua mochila e à sacola de brinquedos, prestes a sair em disparada assim que ouvisse a campainha. Sentiu ternura por ele. Estava no mesmo lugar de quando esperava o pai, que com seu costume de cancelar os planos no último momento evidentemente estava criando buracos na autoestima de Walter. Mais uma razão para detestar seu ex, pensou Laura.

— Ela vai vir, mamãe?

Ela se aproximou e se sentou ao lado dele. Acariciou o rosto do filho.

— Claro que vai.

Walter assentiu, mais relaxado. Bem nesse momento pareceu perceber o modo como sua mãe estava vestida; além disso, tinha se maquiado. Olhou para ela de cima a baixo.

— O Marcus é seu namorado?

Laura achou graça na pergunta, mas, ao ver a expressão de seriedade de Walter, manteve a compostura. Esboçou um leve sorriso.

— O Marcus é meu amigo. Nós trabalhamos juntos e temos muitas coisas em comum.

O menino concordou. O barulho de um carro o fez ficar alerta, mas, ao perceber que não tinha parado na frente da casa, voltou sua atenção para a sala.

— Você está de vestido.

— Gostou?

— Gostei. — Walter meditou por alguns segundos sobre o que ia falar a seguir. — O papai tem namoradas. O Marcus poderia ser seu namorado. A Grace também tem namorado, mas é segredo. A tia Dedee não sabe.

— Por enquanto a mamãe não tem namorado. Se isso acontecer, eu vou te contar, está bem?

O menino fez um gesto afirmativo.

Dedee chegou nesse momento. Walter pulou da poltrona e, sem soltar suas tralhas, correu até a porta. Surpreendeu a tia quando ela ia apertar a campainha.

— Como vai o meu sobrinho preferido?

Dedee abraçou Walter com força.

— Achei que você não vinha. E as minhas primas?

— Estão em casa, te esperando. Eu tive que resolver umas coisas antes, por isso me atrasei.

Dedee observou por cima da cabeça de Walter, ainda o abraçando. Ao ver como Laura estava vestida, soprou um *uau* que sua irmã mais velha captou perfeitamente.

— A Jessica Rabbit pediu o vestido de volta — brincou.

Laura fez uma careta.

— Quem é Jessica Rabbit? — Walter se interessou.

— Ninguém — Laura respondeu. — A sua tia é muito engraçadinha.

— É, sim — o pequeno replicou, sem entender as indiretas entre as irmãs.

— Bom, Walt, é melhor a gente ir. A Michelle não parou de perguntar de você o dia todo.

— Tchau, mamãe. — Walter não conseguia parar de sorrir. Aproximou-se de Laura e ela se agachou para beijá-lo.

Dedee aproveitou que o menino não podia vê-la para apontar para o vestido mais uma vez e levantar o polegar.

— Dê um beijo nas meninas — Laura disse. — Divirtam-se.

— Você também — Dedee respondeu quando cruzava a porta.

Laura se despediu deles no jardim. Continuou ali mesmo quando o carro já tinha desaparecido havia mais de um minuto pela Embers Street.

Quando entrou em casa, foi verificar como estava a carne. Tinha decidido preparar costeletas de vitela com beterraba e rabanete, que praticamente não exigiam preparação. O único inconveniente era que exigiam quase três horas de forno, mas estavam quase prontas.

Marcus foi pontual. Entregou o vinho que tinha insistido em levar e elogiou seu vestido. Ele também estava muito elegante, de calça social, jaqueta de linho e um moderno chapéu cinza que Laura nunca tinha visto.

— Que cheiro maravilhoso!

— Você sabe que cozinhar não é o meu forte, mas eu tenho minhas especialidades. Venha, vamos tomar uma taça de vinho enquanto a carne termina de assar.

A mesa estava posta, mas, em vez de ir para lá, ocuparam o sofá da sala e falaram durante um tempo de banalidades, de Walter, do hospital. A conversa derivou naturalmente para o cinema, assunto no qual sabiam de antemão que seus gostos eram parecidos, quando uma frase aparentemente inofensiva de Marcus provocou um giro para um tema que ele preferiria evitar: sua recentemente extinta relação com Carmen. Depois da pergunta direta de Laura, ele explicou que, agora que não estava com ela, tinha mais tempo para desfrutar de sua pequena sala de projeção. Sabia que precisava falar algo mais, que o tempo disponível para ver filmes não era de modo algum parâmetro para medir uma relação. O problema era que, para expor em profundidade o motivo pelo qual Carmen não era a mulher ideal para ele, teria que falar sobre essa mulher: alguém que não pensasse só em se divertir, que tivesse planos, sonhos, que compreendesse (e valorizasse) o trabalho de Marcus... E, claro, a mulher que preenchia tudo isso estava sentada a seu lado.

Marcus passou pelo desafio de esclarecer o fim de sua relação com Carmen. Além disso, o interesse que sentia por Laura era evidente havia algum tempo, e ela era uma mulher sensível e muito inteligente; não nomear o elefante na sala não o tornava invisível. Além do mais, os dois estavam ali, não? Vestidos elegantemente, tomando uma taça de vinho e esperando o jantar. Era um encontro. Marcus tinha aguardado tanto tempo por um sinal positivo por parte dela que, quando por fim chegou, não sabia exatamente como agir. E que sinal! Laura o havia convidado para jantar na casa dela. Esse convite era o sinal para que Marcus tomasse a iniciativa. O aterrador era que ele não conseguia nem sequer recriar o momento em sua cabeça. Ele se aproximaria e a beijaria, assim, sem mais nem menos? Diria que fazia tempo que pensava nela? Não sabia. Sua mente tinha se dividido; ia num trem no qual as ideias se moviam pesadamente, e do lado de fora tudo passava em alta velocidade.

O jantar foi tranquilo. A carne estava deliciosa, e Marcus se permitiu curtir o momento. Não ia dizer a Laura que pensava constantemente nela enquanto enfiava um pedaço de beterraba na boca.

— Eu li o rascunho do primeiro ciclo — disse, em referência ao arquivo que Laura tinha enviado por e-mail.

Antes de chegar, tinha pensado que talvez pudesse esperar até o dia seguinte para dizer que tinha lido, mas sua boca grande se encarregou de eliminar essa possibilidade. Agora não teria mais jeito a não ser percorrer esse caminho.

— O que achou? — Laura se interessou imediatamente.

— Eu li ontem mesmo, de uma vez só — Marcus continuou. Era incrível como falar de seu campo de conhecimento lhe devolvia imediatamente a autoconfiança. — Me interessou muito. Agora eu entendo um pouco mais a sua...

— Obsessão.

Marcus riu.

— Eu ia falar sua dedicação e entusiasmo, mas é verdade que o caso te deixou um pouco obcecada. Primeiro eu quero dizer que também acho que é a maneira correta de apresentá-lo: do ponto de vista do paciente. É realmente um acerto. Todos os ciclos foram reais para o Ted, substituindo aqueles primeiros meses no hospital, de modo que acaba sendo muito útil ver tudo da perspectiva dele. Na verdade, eu acho que foi exatamente isso que me fez perceber uma coisa interessante.

Laura abriu muito os olhos.

— Que coisa? Espere, espere... me ajude primeiro a levar tudo isso para a cozinha. Vamos preparar um café e depois você me conta. Eu me conheço e sei que não vou conseguir parar.

Marcus temia precisamente isso.

— Parece perfeito.

Fizeram duas viagens até a cozinha em silêncio, cruzando-se no meio do caminho em um ritual mundano de confiança mútua. Marcus se imaginou fazendo isso todos os dias e sentiu um calafrio — era tolo a esse ponto.

Quando o café estava pronto, voltaram para a sala.

— Eu concordo com você que o primeiro é o ciclo perfeito — Marcus disse. — O Wendell representa tudo que o Ted despreza em si mesmo, e se dissociar dele para assassiná-lo acaba sendo razoável. Agora que nós vimos aquele adesivo na casa do Blaine, parece lógico imaginar que todas as sequências desse ciclo têm bases reais.

— É verdade — Laura concordou.

— Me permita repassá-los e ver se concordamos sobre o momento em que cada um deles se desviou da realidade, porque aí podem existir questões muito interessantes para analisar.

Laura ouvia com atenção, as mãos entrelaçadas ao redor da xícara de café.

— Vamos começar pelo suicídio em si — Marcus disse —, com a interrupção por parte do jovem Lynch e a sua eloquente proposta. Aqui é simples: o Ted quis se matar em algum momento, por motivos que desconhecemos, e, quando ia fazer isso, alguma coisa ou alguém o interrompeu. Talvez tenha sido o próprio Lynch, embora com um motivo bem diferente do que Ted se lembra.

— Não acho que tenha sido o Lynch, mas concordo que o Ted chegou ao ponto de tentar se matar.

— O evento seguinte foi o assassinato do Blaine. O Ted foi até a casa dele, ficou escondido no armário e viu o adesivo. Claramente não foi até lá para matá-lo, mas esteve lá, porque nós vimos aquele adesivo com nossos próprios olhos. É a peça que não encaixa.

— Eu estive pensando um pouco mais e acho que devemos descartar que o Ted tenha visto esse adesivo há muito tempo, quando a casa pertencia aos donos anteriores, por exemplo. Se tivesse sido assim, como ele saberia que o Blaine viveria ali mais tarde? Não faz sentido.

— Bem pensado. Teria sido impossível conectar o adesivo com as notícias do Blaine no jornal. Portanto, podemos concluir que o Ted esteve na casa recentemente, escondido naquele

armário. A partir daí a realidade diverge, não sabemos em que direção. Você descarta que ele tenha tido a intenção de matá-lo?

— Eu não descarto nenhuma possibilidade. O que ele fez com o Lynch usando o abajur é diferente, pois não houve planejamento.

— Tem razão. Vamos continuar: o episódio seguinte corresponde à visita ao advogado Robichaud, o amigo de infância. Você falou com ele, não foi?

— Falei. Mas ele não contou muito mais do que eu escrevi no rascunho. O Ted foi vê-lo para redigir um testamento, disse que queria um advogado fora do seu círculo habitual, o que é bem razoável pelas circunstâncias.

— De qualquer forma, essa coleção de personagens do passado na casa do Robichaud, os colegas de escola que o Ted não tinha voltado a ver, demonstram como ele se sente em relação àqueles anos, o remorso pela forma como se comportou com alguns deles. Foi um acerto da sua parte voltar ao passado dele, ao xadrez especialmente, para trazê-lo de volta à realidade.

— Obrigada. O xadrez estava ali o tempo todo, em cada um dos sonhos, como um anzol para ser puxado. Eu gostaria de ter visto antes.

— As coisas não teriam mudado muito. Talvez nem tivesse funcionado.

— É possível.

— Continuando com a cronologia, chegamos à visita ao escritório do Lynch — Marcus falou —, e é aqui que eu queria chegar. A chave está em estabelecer onde se encontra a linha entre a realidade e a paranoia do Ted. Nós sabemos que ele foi ao escritório e lá encontrou a secretária, Nina. Mas ela diz que nesse dia chegou tarde... correto?

— Isso mesmo.

— E se ela estiver mentindo? E se, como no resto das sequências do primeiro ciclo, essa primeira parte tiver acontecido realmente?

Laura ficou pensativa.

— Você acha que a polícia verificou isso? — Marcus insistiu.

Ela negou com a cabeça. O detetive que cuidara da breve investigação, um jovem chamado Carl Braughtner, com quem Laura tinha se reunido em duas oportunidades quando Ted foi internado no Lavender, parecia ter se concentrado na questão da autoria do delito. Não havia nenhuma dúvida de que Ted tinha golpeado Lynch até quase matá-lo. A polícia o encontrou na cena do crime com o abajur ensanguentado, e suas impressões digitais estavam por todos os lados. Para que verificar se a secretária tinha mentido em um detalhe de pouca importância?

— O que eu quero dizer — Marcus continuou — é que, se cada sequência do primeiro ciclo tem uma raiz real, como o adesivo faz pensar, então é possível que o Ted tenha visto a Nina nesse dia. Se não fosse assim, para que incluí-la? Não tem nenhum propósito, pelo menos nenhum muito evidente. É diferente do que acontece com os amigos de infância na casa do Robichaud.

Laura nunca tinha se concentrado especialmente no encontro de Ted com Nina, e sim na conversa posterior com Lynch, mas agora compreendia que tinha sido um erro. Marcus tinha

toda a razão. Por que envolver a secretária se nesse dia ela havia chegado mais tarde? Com que propósito? Lembrou de uma coisa que sempre ouvia de seu pai, um ávido leitor de livros policiais: quando um detalhe parece não ter razão de ser, concentre-se nele, porque certamente tem importância substancial. E a presença de Nina parecia ser um desses detalhes.

— Segundo o relato do próprio Ted — Marcus acrescentou —, ele a deixou ir embora quando começou a falar com o Lynch, e foi o Lynch quem pediu que ela não avisasse a polícia. Por que não pensar que é aí que se inicia o delírio do Ted?

Laura começava a sentir a ansiedade de quem vislumbra uma verdade reveladora. As palavras de Marcus faziam perfeito sentido. Levantou-se de um salto.

— O que foi?

— Espere um segundo, por favor.

Voltou depois de um minuto com uma pasta amarela.

— É uma cópia do relatório da polícia — Laura explicou. — Eu disse ao Braugther que podia ser importante para o tratamento, e ele me deu.

— Um pouco imprudente da parte dele.

— Eu posso ser persuasiva quando a situação exige — disse ela, agitando suavemente os cabelos antes de se sentar. Abriu a pasta. — O endereço da Nina deve estar por aqui, com o testemunho dela.

Marcus a observou abertamente, abusando do fato de ela estar concentrada nas páginas do documento. Laura parou quando chegou a algumas fotografias do escritório de Lynch: planos abertos, um close do corpo caído, outro do abajur de bronze com que o advogado foi golpeado, a ferida em sua cabeça, os golpes no rosto... Eram fotocópias, por isso a qualidade era péssima. Uma em particular chamou a atenção de Laura, que ficou olhando para ela. Marcus se inclinou, mas não viu nada especialmente chamativo. Era da antessala, onde ficava a mesa de Nina.

— Aqui — Laura disse, apontando para um dos cantos da mesa.

Era a caixa de papelão do Dunkin Donuts.

— São os donuts que a Nina levou no dia — Laura explicou. — Ela até ofereceu um para o Ted.

— É claro! Outro detalhe peculiar que deveria ter nos alertado. Isso demonstra que a Nina esteve com o Ted! E certamente estava lá quando o Lynch chegou.

Laura voltou a ficar de pé, agora visivelmente impaciente.

— Eu não acredito. Como é possível que ela não tenha dito nada?!

— Bom, se as coisas aconteceram como acreditamos, quando ela foi embora o Ted ainda não tinha golpeado o Lynch. Tratava-se de um assunto pessoal entre amigos.

— Mas ele tinha uma arma!

— Se o Lynch pediu que não avisasse a polícia, é possível que ela tenha seguido as instruções dele. E no dia seguinte, quando a polícia informou que o seu chefe estava em coma e

que tinham prendido o cara que o havia golpeado, talvez ela tenha se convencido de que não fazia sentido confessar que também esteve lá. O que ela falou no depoimento?

— Ela disse que tinha pedido o dia para resolver questões pessoais. Duvido que o Braugter tenha verificado. — Laura procurou entre as páginas. — Aqui está. Ela disse exatamente que tinha uma consulta com o oftalmologista. Eu tenho o telefone e o endereço dela. Amanhã vou vê-la bem cedo, antes de ir ao hospital.

— Quer que eu te acompanhe?

— Não precisa. — Laura se sentou, agora muito perto de Marcus. — Imagine o que isso pode significar. Se a Nina chegou a ouvir uma parte da conversa... da conversa real, então é possível que a gente descubra por que o Ted golpeou o Lynch daquela maneira. Você é um gênio, Marcus!

Laura colocou as mãos no rosto dele, incapaz de esconder a euforia. Por um instante ele teve certeza de que ela ia beijá-lo. Ainda que não fosse produto da paixão, mas da emoção pela descoberta, ele não se importaria. No entanto, depois de uma breve mas intensa contemplação, ela soltou o rosto dele e retrocedeu. Marcus viu algo nos olhos dela; Laura tinha suas próprias inseguranças. Era ele quem deveria tomar a iniciativa.

Mas não tomou.

O resto da noite transcorreu mais ou menos da mesma forma. Falaram do caso e de como poderia ser a visita a Nina no dia seguinte. Marcus continuou batalhando contra a voz interior que dizia que o tempo estava se esgotando, que era necessário fazer algo, que a oportunidade passaria e que seria cada vez mais difícil revelar seus sentimentos. Até a própria Laura parecia confusa, houve vários silêncios incômodos, olhares sutis de incompreensão, e nada parecia dar a Marcus a confiança necessária para se lançar ao vazio. O mais desconcertante era que ele não se comportava assim desde a juventude; sabia falar com uma mulher, tinha feito isso outras vezes. Com Carmen tinha sido muito simples: ele a viu sozinha na mesa de uma doceria e simplesmente se aproximou, perguntou se podia se sentar e em poucos minutos já conversavam como velhos conhecidos. Com Laura era diferente. As desculpas tinham acabado. Ele já usara todas, e agora só sobravam a preocupação e o constrangimento.

Finalmente ela disse que estava um pouco cansada, que no dia seguinte queria visitar Nina bem cedo para pegá-la em casa. Marcus respondeu que também estava um pouco cansado, pediu que Laura ligasse no dia seguinte para contar como tinham sido as coisas com a secretária de Lynch, e ela disse que ligaria. Caminharam em silêncio até a porta da rua. Passaram ao lado do espelho do corredor, onde Marcus pôde captar de soslaio o reflexo de ambos, vestidos para uma ocasião importante, e se sentiu um idiota. Era sua responsabilidade converter aquela noite em inesquecível, e não tinha feito nada. Ia embora deixando escapar a grande chance. Parou ao lado do cabideiro, pegou o chapéu novo que tinha comprado para impressioná-la e o colocou com extrema lentidão, como se meditasse sobre um assunto transcendental (que, no fim, era o que estava fazendo). Era sua última oportunidade.

— Foi uma ótima noite — disse.

Não se moveu. Laura esperou o máximo que pôde. Finalmente se aproximou, apoiou a mão no ombro dele e o beijou no rosto.

— Eu também gostei muito. Te ligo amanhã.

Marcus cruzou o jardim na penumbra, virando-se duas vezes para se despedir de Laura, mastigando o remorso e se censurando a cada passo que dava na direção do carro. Ela era apenas uma silhueta em cujo rosto invisível começava a se formar uma careta de decepção.



LAURA IMAGINAVA QUE NINA NÃO trabalharia no sábado, mas ainda assim não queria arriscar. Às sete e meia tocou a campainha do modesto apartamento da garota, na Merrimack Street. Havia dormido pouco, em parte porque a noite com Marcus não tomara o rumo esperado, mas sobretudo porque tinha certeza de que a secretária de Lynch teria algo para contar. Algo revelador.

Um rosto inchado olhou pela janela e desapareceu. Um segundo depois, uma Nina despenteada e mal-humorada abriu a porta alguns centímetros para falar com raiva:

— Quem é você?

— Nina Jones?

— Quem é você? — a garota repetiu.

— Eu sou a dra. Laura Hill. Ted McKay é meu paciente.

Esperou para ver a reação dela. Os olhos de Nina, duas ranhuras para evitar o sol da manhã, se abriram um pouco.

— Não conheço nenhum...

— O homem que deixou o seu antigo chefe em coma — Laura interrompeu. Exibiu a pasta que tinha na mão esquerda. — O depoimento que você deu ao detetive Braughtler indica que você conheceu McKay. E ele me confirmou. Posso entrar?

A porta se abriu.

— Não são nem oito horas — foram as palavras de boas-vindas. Nina vestia uma camiseta folgada e um short curto. Deu meia-volta e caminhou até uma mesa na qual havia garrafas vazias e vários pratos e copos de plástico. Laura a seguiu. — Como disse que era o seu nome?

— Laura.

A garota assentiu.

— Sabe alguma coisa sobre o sr. Lynch?

— Continua em coma. O prognóstico não é muito promissor.

— Sinto muito, de verdade. — Nina se sentou na cadeira como uma menina, agarrando os joelhos. — Eu trabalhei pouco tempo com ele, não cheguei a conhecê-lo muito bem. Era muito reservado e um pouco estranho, embora fosse uma boa pessoa. O cara que o golpeou não foi preso?

— Ted McKay está internado no hospital Lavender, em um pavilhão de segurança máxima.

Nina assentiu. Parecia verdadeiramente surpresa.

— Eu sei que naquele dia você estava lá, Nina. Eu entendo que não viu necessidade de contar para o detetive Braughton, e também não acho que seja necessário contar agora, mas pode ser importante que fale comigo.

Nina negou sem muita convicção. Laura tinha ido preparada para ser o mais persuasiva possível, ameaçar entregá-la à polícia se fosse preciso, mas encontrou uma garota indefesa e aterrorizada e soube imediatamente que não seria a forma correta de abordar. Nina carregava o peso de ter faltado com a verdade, e isso já parecia ser suficiente para ela. Laura continuou:

— No relatório da polícia há fotografias em que dá para ver a caixa de Dunkin Donuts que você levou naquela manhã. Além disso, o Ted mostrou progressos ultimamente e lembra parte do que aconteceu naquele dia: que te esperou ao lado da porta do escritório e te obrigou a deixá-lo entrar. Vocês esperaram juntos o Lynch e ele te ameaçou com um revólver.

Era suficiente. Nina estava prestes a desabar.

— Não se preocupe. Como eu disse, não sou da polícia, sou médica, e o que você me disser pode ser vital para o tratamento de Ted McKay. Me ajude a entender por que ele fez aquilo. Ele e o Lynch eram amigos desde a universidade, sabia?

— Não.

— Nina, eu preciso que você me conte o que aconteceu naquele dia.

— Você já disse quase tudo.

— Não o que aconteceu quando o Lynch chegou ao escritório. Eu preciso que se lembre de cada detalhe.

Nina cobriu o rosto com as mãos e suspirou.

— Posso fazer um café? Não tive uma boa noite.

Laura assentiu.

— Você quer um?

— Quero, sim. Também não tive uma boa noite.

Enquanto a água esquentava, Nina foi ao banheiro, escovou os dentes e arrumou o cabelo. Quando voltou, já mais desperta, parecia outra pessoa. Serviu o café e colocou as xícaras em um canto. Recolheu com destreza as garrafas e os copos de plástico.

— Desculpe pela bagunça. Foi aniversário da minha companheira de apartamento.

— Não se preocupe. Arranjou outro emprego?

— Sim, também de secretária. Outro advogado.

— Fico feliz. — Laura foi direto ao assunto: — Nina, eu preciso que você me diga o que aconteceu naquele dia.

— Antes de qualquer coisa, eu quero que você saiba que, se não contei para a polícia que estava lá naquela manhã, foi porque o Lynch me pediu e porque, além disso, o detetive falou que já tinham prendido o cara. Para dizer a verdade, ele não parecia muito interessado em me ouvir.

— Entendo.

— Como disse que o cara se chamava?

— Ted McKay. Você nunca o tinha visto no escritório?

— Não, nunca. Ele me esperou em um canto, estava com um revólver e parecia meio perturbado. Eu me assustei muito. Ele disse que não aconteceria nada, perguntou pelos outros escritórios e disse que íamos esperar o Lynch, que precisava falar com ele. Ficamos ali por alguns minutos, não sei quantos. O que eu sei é que esse McKay mudou nesse tempo, pediu desculpa por ter me assustado, prometeu que não aconteceria nada. Eu a princípio não queria nem olhar para o rosto dele.

— O que você quer dizer com *mudou*?

— Por um momento ele pareceu perdido, arrependido de ter aparecido daquele jeito. Agora que você me disse que o cara está louco, eu entendo muito melhor.

— O Ted não ia te machucar.

Nina duvidou.

— Pode ser. Na verdade, ele não fez nada comigo. Nós esperamos o Lynch no escritório dele. Quando ele entrou e me viu sentada na sua mesa, percebeu que alguma coisa estava errada. Mas, quando viu o McKay ao lado de um dos arquivos, o rosto dele se transformou. Ficou duro, como se tivesse visto um fantasma. Eu, que nesse momento tinha conseguido relaxar um pouco, me assustei ainda mais que antes. O Lynch não conseguia parar de olhar para o McKay...

Nina bebeu metade de sua xícara de café. Colocou-a sobre o pires e continuou:

— De repente o Lynch me olhou como se tivesse esquecido que eu estava ali sentada e disse que ele e o Ted eram amigos, que eu não precisava me preocupar. Nesse momento, eu não pensei que fosse verdade, mas que ele estava falando isso para me tranquilizar. Pediu ao McKay que me deixasse ir embora, mas a princípio ele não concordou. Na verdade, parecia que não tinha ouvido. O Lynch tentava acalmá-lo, se aproximando lentamente com as mãos estendidas, dizia que ia ficar tudo bem, que ele não precisava fazer nada de que pudesse se arrepender depois, e que ele e uma tal de Holly iam contar tudo cedo ou tarde, que estavam esperando o momento apropriado.

Laura não pôde ocultar a surpresa.

— É — acrescentou Nina —, eu também entendi imediatamente. O Lynch e a esposa do McKay tinham um caso, e o McKay tinha acabado de descobrir. Não lembro se ele foi mais

específico, mas nesse instante ficou mais que claro. Você concorda, não é?

Na verdade, o que Laura sentia era decepção, porque esperava que o motivo da visita não fosse confrontar Lynch pelo romance com Holly. Ted sabia disso havia semanas... Por que uma reação tão intempestiva naquele momento?

— Mas o McKay disse ao Lynch que não queria falar sobre isso — Nina respondeu.

Aí está!

A garota tomou o resto do café com um gole rápido e continuou:

— O Lynch estava muito nervoso. Eu nunca o tinha visto assim antes. Pediu que o McKay me deixasse ir embora, disse que eu não tinha nada a ver com aquilo, e o McKay concordou. Disse que, se eu avisasse a polícia, tudo seria pior. Eu teria avisado, mas o Lynch me pediu a mesma coisa. Eu não o conhecia havia muito tempo, mas percebi que ele estava pedindo sinceramente, que não era um jogo para que o McKay acreditasse no contrário. Eu não sei se os dois tinham algum negócio escuso ou o que era. Francamente, não quero nem saber. Mas o Lynch me pediu para não chamar a polícia, e eu não chamei. Eu... não tinha como saber o que aconteceria em seguida.

— Você fez o que o Lynch mandou. Se tivesse avisado a polícia, certamente ele estaria morto.

— Foi o que o McKay me disse! Que, se a polícia chegasse, atiraria imediatamente.

— Nina, você tem certeza de que o Ted disse que a visita não tinha nada a ver com a traição da esposa?

— Certeza. Quando eu saí do escritório, fui até a minha mesa pegar a bolsa. Nesse momento ouvi o McKay do outro lado da porta. Ele estava furioso.

— O que ele disse?

— Ele disse: “Você me seguiu até a casa do Blaine. Eu te vi”. Lembro perfeitamente do nome, porque o meu ex-namorado tinha um livro com esse título e ficou gravado na minha memória.



NO SÁBADO, TED JOGOU XADREZ pela primeira vez. Claro que não perdeu nenhuma partida, mesmo moderando os esforços e oferecendo chances a seus companheiros. Nenhum deles tinha um conhecimento estratégico do jogo, sabiam os movimentos básicos e algumas jogadas simples, de modo que Ted precisou se esforçar pouco para vencê-los. Começou com precaução, temendo que sua capacidade superior pudesse gerar neles algum tipo de ressentimento ou desejo de vingança, mas o efeito foi exatamente o contrário. O próprio Sketch, imbatível no pavilhão C, demonstrou admiração e respeito. Entre uma partida e outra, Ted contou que tinha sido jogador quando criança, sobre os torneios, e disse que poderia ensinar se eles estivessem interessados. Todos se animaram, inclusive Lester, que, quando não era refém de seus delírios extraterrestres, podia ser bastante razoável.

No dia seguinte, nas duchas, Sketch revelou que os pacientes do pavilhão B também jogavam xadrez. Tinham competido uma única vez contra eles e perdido feio. O homenzinho, meio ensaboado e com um sorriso de orelha a orelha, disse a Ted que, se competissem novamente e ele estivesse na equipe, poderiam ganhar com facilidade. Uma ereção se apoderou dele enquanto fantasiava essa possibilidade.

Ted se encaixou rapidamente no Lavender. Começava a se familiarizar com os três grupos, bem distintos. Além dos Jogadores de Xadrez havia os Lunáticos, mais velhos e combalidos por anos de medicamentos e internação; alguns padeciam de transtornos severos e passavam a maior parte do tempo na frente da TV ou simplesmente se isolavam em um canto com o olhar perdido. O terceiro grupo era o dos Caminhantes, que preferiam ficar ao ar livre, na quadra de basquete ou em qualquer outra parte do imenso jardim, vagando, normalmente de dois em dois.

Mike não fazia parte de nenhum desses grupos, parecia estar acima do restante. Ted começava a se perguntar por que tinha se aproximado dele em primeiro lugar. O cara nunca tinha dividido o quarto com ninguém, por exemplo, e agora...

Mike o cumprimentou. Estava no lugar de sempre, lendo um livro surrado diferente do que carregava naquela manhã.

— Você é uma máquina de ler.

O homem abaixou o livro. Dobrou a página na parte superior e o deixou de lado. Nunca utilizava marcadores.

— É a única forma de sair daqui — refletiu.

Ted se sentou ao lado dele. Vários dos internos observavam com atenção, atentos ao ritual com o qual começavam a se familiarizar, mas nenhum se aproximou.

— Hoje não tem partidas com os seus amigos do xadrez? — Mike perguntou com seriedade. Ted começava a se acostumar àquele senso de humor peculiar.

— Por enquanto não. O xadrez tem a capacidade de me transportar, de me fazer mergulhar completamente no jogo, e eu preciso me concentrar em outras coisas.

— Continua pensando no seu amigo?

— Exato. — Ted tirou do bolso a fotografia com Lynch junto ao pôster de Uma Thurman. — Eu lembro de tudo: o dormitório, o quarto, o maldito pôster... mas não lembro dele.

— Esse canal vai se abrir mais cedo ou mais tarde, garanto. Eu passei por isso, quase todos aqui passaram. O seu cérebro fecha esse canal porque não consegue suportar a pressão. Quando se cura e está em condições, abre de novo. Vai acontecer de um momento para outro.

— Em parte isso me assusta. O que pode justificar golpear um amigo até deixá-lo em coma? — Ted balançou a cabeça. — Quando eu estava no colégio, gostava de me meter em encrenca; estava confuso, eu acho. Com o tempo esse temperamento ficou para trás. Eu sou uma pessoa tranquila... Não consigo entender o que pode ter acontecido.

— Talvez a sua esposa possa dar alguma luz. Continua de pé a visita de amanhã?

— Continua. Ela e as meninas. É besteira, mas eu estou nervoso. Você tem filhos?

Mike negou com a cabeça, o olhar perdido.

— Eu tinha um afilhado.

Ficaram em silêncio durante alguns minutos.

— Mas você entende o meu ponto, não é? — Ted insistiu. — Como é que a minha própria família pode me deixar nervoso? As minhas filhas! Eu quero vê-las mais que tudo no mundo.

— Não é fácil nos mostrar assim, internados.

— Exato. Eu deveria estar lá fora, vendo as meninas crescerem... protegendo-as.

— Vai dar tudo certo, você vai ver.

Talvez tivesse chegado o momento de se mostrar vulnerável uma vez na vida, pensou Ted.

— Ouça, Mike. Sobre o gambá...

Mike olhou fixamente para ele.

— Você voltou a vê-lo?

— Não.

— Olha, Ted, o que eu acabei de dizer é verdade. A sua cabeça vai ficar boa e vai abrir essa porta quando for o momento. Você vai lembrar do seu amigo e também a razão pela qual deu a surra nele. Todos esses *ciclos* dos quais me falou são a tentativa da sua mente de fabricar uma ilusão para protegê-lo, como esses panos de fundo que colocam no teatro. Mas o pano vai cair mais cedo ou mais tarde, e você vai ver o que tem lá atrás. O gambá poderia te levar para trás desse pano de fundo antes de você estar pronto. E isso poderia ser perigoso.

Capítulo 27

MARCUS TINHA DORMIDO POUCO NA noite anterior, torturando-se com cada detalhe de seu encontro com Laura e se lamentando pela chance desperdiçada. Durante a manhã as coisas não foram muito diferentes. Ele se escondeu em sua sala e evitou todas as ligações que pôde. Na hora do almoço não teve alternativa a não ser ir ao refeitório, mas escolheu uma mesinha para quatro pessoas que quase ninguém usava por ficar muito próxima à cozinha. Para deixar claro que não queria ser incomodado, levou um grosso manual de patologia que não tinha nenhuma intenção de ler. Abriu junto ao prato de salada que se propunha a devorar em tempo recorde.

Laura, que raramente almoçava na mesma hora dos demais, entrou nesse momento no refeitório e olhou em todas as direções. Quando o viu, levantou a mão para cumprimentá-lo e se aproximou rapidamente.

Sentou-se à mesa sem esperar convite.

— Preciso falar com você.

Marcus compreendeu pela animação em seu rosto que não era um assunto pessoal.

Melhor assim.

— Quer que eu pegue alguma coisa para você comer?

— Não, não. Eu estou bem. Não tenho muito tempo. Eu fui ver a Nina...

Nina? Marcus ocultou sua confusão por alguns segundos até que conseguiu se lembrar do nome da secretária de Lynch.

— Ah, é? Ela te contou alguma coisa?

— Contou. — Laura não conseguia esconder o entusiasmo. — Foi simples depois que eu revelei a descoberta sobre a caixa de Dunkin Donuts. Tudo aconteceu como o Ted relata no primeiro ciclo. Ela ficou lá até que a deixaram ir embora. Mas ouça o que aconteceu depois.

Laura tinha se inclinado sobre a mesa, falando a poucos centímetros dele. Marcus teve tempo para dar uma olhada ao redor e perceber que alguns de seus colegas olhavam para eles.

— O que aconteceu?

— Antes de ir embora, ela ouviu do outro lado da porta o Ted dizer ao Lynch que sabia que ele o seguira até a casa do Blaine.

Marcus tentou encaixar essa peça. Reconhecia que pouco a pouco o caso o estava envolvendo também. Aquela simples frase podia esclarecer várias coisas. A primeira, que Lynch também conhecia Blaine; a segunda, que a visita de Ted à casa de Blaine parecia ser o motivo que havia deflagrado o confronto entre os dois amigos e o consequente ataque.

— Em que você está pensando? — Laura questionou.

— Bom, agora não há dúvidas de que o Ted esteve na casa do Blaine. E, se quer saber a minha opinião, eu acho que ele não foi lá com boa intenção. Não digo que foi para matá-lo, mas no mínimo para dar uma surra nele.

— Eu acho que nós estamos perto, Marcus. A razão pela qual o Ted foi visitar o Blaine naquela noite deve ser a chave de tudo. O Ted pensava em se suicidar, mas antes foi ajustar contas com o Blaine. Por quê? O Lynch o seguiu até lá, talvez porque suspeitasse do que podia acontecer, e atrapalhou os planos do Ted. Parece convincente?

— Bastante. Tudo se resume a estabelecer a conexão entre o Ted e o Blaine.

— Eu sinto que estamos muito perto.

Quem dera.

— A família não vem visitá-lo por esses dias?

— Amanhã. Estou um pouco nervosa.

— Vai ficar tudo bem.

Laura assentiu. Um encontro tão emocional poderia ser tremendamente produtivo ou causar importantes retrocessos. Ela se levantou.

— O que você vai fazer com tudo isso, Laura?

— Acho que chegou o momento de usar na próxima sessão, mostrar todas as cartas.

Marcus fez um gesto afirmativo.

— Laura...

— Quê?

— Foi ótimo ontem à noite... — ele disse. Era o mais perto que conseguia chegar de expressar como se envergonhava de sua covardia.

A resposta chegou na forma de um sorriso de pena, o que terminou de empurrá-lo em um abismo de desolação.



TED ESPERAVA SOZINHO EM UMA salinha de recreação decorada com bom gosto. Laura tivera a delicadeza de permitir que a visita de sua família acontecesse ali e não na área de visitas do pavilhão C, um lugar frio e horrível, tão parecido com uma prisão como a mente das duas meninas de sete anos poderia conceber. Ted pediu — suplicou — para ver suas filhas em outro lugar, e ela concordou quase de imediato. Laura assegurou que para tirá-lo do pavilhão precisaria de uma autorização especial, que levaria um pouco de tempo, mas que havia um lugar que poderia servir. Três guardas se encarregariam de vigiar o local, um na porta e dois na janela.

Era agradável olhar através de uma janela sem grades, pensou Ted, nervoso como poucas vezes na vida. Vestia uma calça azul de linho e uma camisa branca folgada; tinha perdido peso nos últimos meses. E sua magreza não era a única prova da passagem do tempo: aquela roupa trivial agora o incomodava. Sentou-se em um sofá de dois lugares, juntou as mãos, se levantou e caminhou pela sala, rodeando a mesa, para se sentar outra vez, agora em uma das cadeiras de madeira. Voltou a se levantar. Em um canto havia uma pequena geladeira, e sobre ela uma prateleira com algumas xícaras. Aproximou-se e inconscientemente alinhou suas asas. Laura tinha saído alguns minutos antes para buscar Holly e as meninas.

A porta se abriu.

Laura entrou sozinha, as mãos nas costas. Escondia algo.

— Sinto muito, Ted. As suas filhas não vêm. Você tinha razão: você as matou, por isso está aqui. Mas pelo menos alguém veio te ver...

Ela exibiu as mãos com um movimento rápido. Uma delas estava vazia. Na outra estava pendurada uma bolsa peluda que não demorou a desenvolver focinho e rabo, e começou a se retorcer. O gambá tentava se libertar, mas Laura o segurava com o braço estendido, firme

como uma estátua. Então o gambá guinchou, um som agudo como o grito de uma criança. A dra. Hill tremeu e se dobrou sobre si mesma. Outra ocupou seu lugar, radiante e feliz.

— Pronto para as visitas?

A voz das meninas foi o prelúdio do trem de gritos e alegria que o atacou e o derrubou no sofá.

— Papaaaaai! — repetiam, em perfeita harmonia.

Cindy e Nadine abraçaram o peito de Ted com força. Ele as envolveu com os dois braços. Não ia soltá-las nunca mais.

Foi Nadine quem primeiro se afastou, preocupada porque estava amassando o desenho que trazia. Das duas ela era a menos carinhosa, mais silenciosa e racional, o mesmo temperamento de Ted. Cindy era a cópia de Holly, sem pudores, barulhenta, quase sempre assumia a liderança.

— Meu desenho! — Nadine disse.

— Não é o *seu* desenho. Papai, nós fizemos um desenho para você... Por que você está chorando?

Ted realmente tinha os olhos úmidos. Enxugou-os com a palma da mão.

— Porque eu estava com muita saudade de vocês.

Cindy o abraçou.

— A gente também!

Nadine ponderou antes de se juntar ao abraço. Observou o desenho que tinha na mão e finalmente esperou. Ted lhe abriu um sorriso por cima do ombro de sua outra filha. Existia uma conexão especial entre eles; podiam falar muitas coisas só com um olhar.

— Nós fizemos um desenho — Cindy explicou quando soltou o pai. — Entregue de uma vez, Nadine... Olha, estamos todos na praia. Aqui está a mamãe, aqui estamos...

— Não precisa explicar — Nadine interrompeu.

Ted contemplava o desenho. Eram eles quatro de pé, de costas para o mar. Ted segurava sua vara de pescar, Holly estava com o biquíni vermelho e as meninas seguravam, cada uma, uma boia em formato de golfinho. Era curioso, porque elas tinham apenas uma; haviam comprado no verão anterior, e o animal tinha se tornado uma fonte constante de brigas. Ted havia sugerido comprar outra, mas Holly insistira que elas deviam aprender a dividir e claro que tinha razão.

— Adorei. Obrigado.

— Onde você vai colocar?

— Eu tenho um quarto muito bonito aqui. Vou pendurar o desenho lá para ver todo dia.

— Quando você vai voltar para casa? — Cindy não gostava de rodeios. Outra qualidade herdada da mãe.

— Não sei quando eu vou voltar para casa, mas tenho certeza de que vai ser logo.

Ela não se deu por vencida.

— A mamãe diz que este hospital não é como o do vovô. Aqui curam coisas da cabeça?

Ted sorriu.

— Isso mesmo. O papai teve dor de cabeça, tontura, e aqui estão me curando. Agora já me sinto muito melhor.

Cindy respirou aliviada.

— A Nadine disse que você estava com tubos na cabeça.

— Disse nada!

Ted abraçou Nadine e a puxou para si. Não queria que se sentisse excluída.

— É normal vocês ficarem curiosas — falou. — Quando se trata da cabeça, as coisas não se resolvem com cirurgias, como quando operaram o quadril do vovô. É preciso tomar remédios... e falar muito.

— Falar?

— Isso mesmo. Se chamam sessões de terapia.

— Como a série de TV da mamãe!

— Isso! Mas aqui as sessões são cara a cara, não pela internet, como na série da mamãe.

— E se nós pedirmos para a dra. Hill fazer as sessões pela internet? Você poderia voltar para casa?

Ted riu.

— Não é tão simples como na TV. O importante é que eu logo vou estar com vocês...

As duas assentiram, esperançosas, e Ted procurou gravar suas expressões, a necessidade de ter o pai por perto expressa nos rostinhos. Realmente tinha tentado se suicidar? Em que estava pensando? Entendia cada vez menos o Ted que tinha dado uma surra no amigo, o suicida que pensara em deixar duas meninas de sete anos sozinhas com a mãe.

Ele não era mais *aquele* Ted, tinha certeza. Sairia do Lavender, retomaria sua empresa e sua vida. Se tivesse sorte, Lynch sairia do coma e ele poderia pedir perdão.

Passaram mais de meia hora juntos. Falaram da escola, dos bonecos que a mamãe tinha comprado — Ariel e Alex — e de uma nova amiga dois anos mais velha que tinham feito no bairro dos avós. O nome dela era Haley e, como tinha uma irmã no ensino médio, sabia um monte de coisas... Sabia se maquiar e tinha ensinado a elas! Mas era segredo, a mamãe não podia saber. Ted prometeu que não contaria. Emocionou-se ao comprovar que certas realidades não tinham mudado, que provavelmente nunca mudariam. Holly sempre fora a policial má.

Por falar nela, por que não tinha entrado com as meninas?

29

LAURA LEVOU AS PEQUENAS EMBORA com a promessa de que poderiam voltar a ver o pai antes de partirem. Holly entrou depois, o olhar esquivo; tinha o cabelo mais curto e alguns tons mais escuro que de costume.

— Oi, Holly. — Ted continuava no sofá. Ao ver que ela não se aproximava, ficou de pé e foi até a mesa.

— Oi, Ted. Fico feliz por te ver bem. — Deu um sorriso frágil e se sentou em uma das cadeiras. Trazia sua bolsa, que deixou sobre a mesa com excessivo cuidado.

— Falou com a dra. Hill? — Ted se sentou, deixando uma cadeira vazia entre eles.

— Falei. Algumas vezes durante esses meses. Hoje também. Ela me disse que ultimamente você progrediu bastante.

— É verdade. Até umas semanas atrás... bom, eu não tenho muita consciência daqueles dias. A minha mente estava um pouco perdida. Mas com a ajuda da doutora eu comecei a lembrar.

Holly assentiu.

— Ela me disse que talvez ajude se conversarmos um pouco. Nós dois. — Holly massageou a testa. — Eu não quero bancar a vítima, mas foi muito difícil para mim. As meninas perguntam por você o tempo todo. Eu não sabia o que dizer.

— Imagino. E sei que é minha culpa. Eu sou responsável pelas más decisões que tomei. Por isso estou aqui. Mas eu vou sair, Holly, e ocupar o papel que me cabe com as meninas. Você teve algum problema de dinheiro?

— Não, não. — Ela fez uma careta, como se dinheiro fosse a coisa menos importante do mundo. — O Travis cuidou de tudo.

Holly o examinou, à espera de sua reação.

— Ah, sim, eu lembro bem do Travis — ele disse.

Ela fez um gesto afirmativo.

Ficaram em silêncio. Mas alguém precisava falar, e Ted pensou que era sua responsabilidade.

— Como está o Lynch?

— É incrível que você não se lembre do Justin. Você nunca o chamou pelo sobrenome.

Ted encolheu os ombros.

— Continua igual — ela informou.

— Você não sabe como eu lamento. Eu... não sei o que aconteceu naquele dia. A minha mente apagou de vez.

— É, foi o que a médica disse.

— Eu quero que você saiba que, no que me diz respeito, você e ele...

— Pare com isso, Ted, por favor. De qualquer forma, eu não preciso da sua permissão.

— Desculpe.

— A dra. Hill me pediu para conversarmos... sobre como estavam as coisas entre nós. Você lembra?

Ted abaixou a cabeça.

— Muito ruins — sussurrou. — Eu... estava um pouco distante.

— Pelo menos você lembra disso. — Holly não usou um tom de censura, mas Ted a conhecia e sabia que estava brava. — Ted, você se trancava no seu escritório, ia para a casa do lago quase o tempo todo, me evitava completamente. Quando eu conseguia falar com você, era um monólogo da minha parte, curto, porque você sabe que eu nunca gostei de fazer rodeios. A minha presença era um estorvo na sua vida. Eu percebi, você percebeu, até as meninas começaram a perceber.

— Infelizmente eu lembrei dessa parte.

— Vou ser franca com você, porque é disso que se trata. Naquele momento eu pensei que houvesse outra mulher, que as suas viagens de negócios, as estadias prolongadas na casa do lago, tudo tinha a ver com alguma aventura. Fazia todo o sentido. E sabe o que mais? Eu até desejei que fosse isso, por mais ridículo que pareça. Eu sabia que você não me amava mais.

— Holly, eu...

— Me deixe terminar, por favor. A princípio eu dava alguns telefonemas para o seu escritório quando você estava viajando, falava com o Travis ou com a sua secretária, conseguia algumas informações e comparava com o que você me dizia. Lugares, horários, clientes, tudo se encaixava. O que não se encaixava era o que *eu* estava fazendo, não era a minha cara. Eu não queria te investigar como um detetive, como você fez comigo mais tarde...

Holly fez uma pausa.

— Eu não sabia o que fazer, Ted. Quando tentava falar com você, era como se você não estivesse nem aí. Eu sabia que precisava pedir o divórcio, estava me acostumando com a ideia, reunindo coragem. Foi então que eu pensei em falar com o Justin. Não que eu acreditasse que

ele saberia se você estivesse com outra mulher, ou que iria contar justamente para mim... Eu fui vê-lo porque ele te conhece quase tanto quanto eu, ou talvez mais, e eu queria comprovar o que estava pensando: que você estava mudado, que tinha acontecido algo com você e eu não sabia. Eu precisava confirmar de algum jeito, porque era isso ou... bom... eu...

— Estava perdendo o juízo — Ted completou, com um sorriso. — Não se preocupe, não é tão grave.

Holly assentiu, mas não sorriu.

— Eu fui falar com o Justin, e ele me disse que vocês dois quase não se viam mais, que você se afastou, da mesma maneira que estava fazendo comigo. Nós nos encontramos algumas vezes mais, sem outro propósito que não fosse falar de você e do que estava acontecendo, e assim nasceu a relação entre nós. Não foi o ideal, claro que não. Quando percebemos que as coisas estavam ficando sérias, você e eu quase nem conversávamos mais, e o seu comportamento esquivo se estendia às meninas. Finalmente tomei coragem e nós conversamos. Eu pedi o divórcio.

— Disso eu lembro. Foi na sala. A partir desse momento, a tensão diminuiu um pouco.

— O que eu não sabia nesse momento era que você estava indo ao médico, nem que tinha pedido para um ex-colega de escola redigir um testamento. Muito menos que no cofre de casa estavam aquelas fotos minhas com o Justin. Você as guardou ali durante quase um mês, Ted! Sabia de tudo e não me disse nada, nem sequer quando eu pedi o divórcio.

Ted abriu os braços.

— Não sei por que eu não falei nada, Holly. Realmente não sei.

Ela assentiu.

— Eu quero acreditar em você.

— Não sei por que eu bati no Lynch... no Justin, mas te garanto que não teve nada a ver com você... com a relação de vocês. Eu sei disso. Eu quero que você seja feliz, Holly, você e as meninas.

Mais uma vez, ela fez um gesto afirmativo.

— A dra. Hill me manteve informada todos esses meses. Eu sei que não foi fácil para você. Ela me disse que você vivia... meio que num mundo irreal, ou algo assim.

— Algo assim. É horrível. É como se alguém tivesse pegado as minhas últimas lembranças antes de eu chegar aqui e tivesse embaralhado tudo. É o mais próximo de um sonho que você pode imaginar. Tem um nome: Wendell... Significa algo para você?

— Não. A dra. Hill também me perguntou e eu não soube o que responder. Quem é Wendell?

— Uma parte de mim, aparentemente. É como se na minha cabeça tivesse um sótão onde foram parar algumas lembranças, e eu não tenho a chave. Esse sótão é o Wendell. Eu vi esse homem esse tempo todo, e no fim sou eu mesmo... Eu sei que parece absurdo. A princípio eu estava preso em uns ciclos que se repetiam sem parar, mas graças à dra. Hill eu fui escapando

deles. Sinto que estou perto de chegar à verdade, de desmascarar de uma vez por todas esse Wendell.

Ted estava consciente da maneira como Holly o observava. Como um louco, claro. De que outra forma iria observá-lo? E claro que ele não tinha a intenção de falar sobre o gambá nem do que tinha visto da porta de vidro...

— O que está acontecendo, Ted?

Ele quase não a ouviu. Levantou-se da cadeira e foi até o sofá. Pegou o desenho de Cindy e Nadine. A praia. O biquíni vermelho. Eram coincidências?

— Por que elas nos desenharam na praia? — perguntou.

Holly enrugou a testa.

— Não sei. Tem alguma importância? Eu falei que seria legal trazer um desenho para você, e elas foram para o quarto desenhar. Suponho que as férias são um momento feliz, por isso escolheram esse cenário.

Ted voltou a se sentar, sem deixar de olhar para o desenho. Havia algum detalhe que dizia alguma coisa? A princípio, não. A vara de pescar, o golfinho inflável... nenhum outro detalhe revelador. Examinou com o dedo as cadeiras dobráveis, outras pessoas tomando sol, algumas palmeiras... nada fora do lugar. Nem gambás escondidos, nem castelos cor-de-rosa. Nada que o fizesse recordar as visões que teve.

— Está se sentindo bem, Ted? Por que a praia te chamou a atenção?

— Não é nada. Eu tive um sonho faz alguns dias, só isso. É uma coincidência. Nele você também usava o biquíni vermelho...

Holly não pareceu totalmente confortável com o fato de seu ex-marido sonhar com ela de biquíni.

Ted deixou o desenho de lado.

Ficaram juntos mais alguns minutos, comentando banalidades da família. Ted não conseguia se concentrar na conversa. Quando as meninas voltaram para se despedir, esqueceu por alguns instantes o desenho, que continuava sobre a mesa. Deu um abraço nas duas e prometeu que logo sairia do Lavender para estar com elas.

Uma promessa que nunca deveria ter feito, claro.



O DESENHO FEITO POR CINDY e Nadine era a única coisa que havia no painel de cortiça sobre a mesa de Ted. Estava preso com quatro pedaços de fita adesiva. Mike, que passava pelo corredor rumo ao pátio, o viu observando o desenho e se aproximou. Limpou a garganta.

— Aqui não permitem tachinhas — disse. — Se está se perguntando o porquê dos painéis de cortiça, não é o primeiro.

Ted se virou com um sorriso fraco. Pensava em tudo menos nas tachinhas.

— Preciso ver o que existe por trás do pano de fundo, Mike.

Ele demorou alguns segundos para entender.

— A visita da sua família te sensibilizou, não foi?

— Não é isso. Quer dizer, não é *só* isso. Eu preciso saber a verdade, sair daqui e ficar com as minhas filhas.

Mike assentiu.

— Como eu faço para encontrar a porra do gambá, Mike?



QUINTA À TARDE. TINHA CHOVIDO durante a manhã, e uma densa camada de nuvens cinza pressagiava que poderia voltar a chover de uma hora para outra. Era um típico dia de inverno em plena primavera.

Quase todos os internos estavam no salão comunitário. Sketch e Lolo duelavam no tabuleiro de xadrez, agora sob a supervisão de Ted, que não era mais visto como um rival, mas como uma espécie de força invencível, uma fonte de sabedoria. Quando acabavam uma partida, Ted a reproduzia integralmente sem cometer um único erro e analisava cada movimento, para deleite de seus companheiros. Eles estavam fascinados com a possibilidade de derrotar os internos do pavilhão B no próximo encontro. Lester, que tinha abandonado completamente a hostilidade, também se uniu à equipe.

Mike chegou em determinado momento e pediu a Ted que o acompanhasse até o lado de fora. Vinha com Espósito, o gorducho que dizia ver animais e quase nunca falava. Ted não fez perguntas e os seguiu. O restante tentou se somar ao trio, mas Mike os impediu, primeiro com um olhar ameaçador e depois diretamente, advertindo que nem pensassem em sair para o pátio. O próprio Ted se surpreendeu com o terror que aquele homem podia transmitir quando mostrava esse lado autoritário e implacável. Sketch, Lolo e Lester concordaram em silêncio e voltaram à mesa. Ted pegou seu casaco de um dos cabides e saíram ao pátio. Espósito os seguia como um balão gigante flutuando rente ao chão.

Além deles três, somente dois internos andavam pelo pátio. Mike os chamou e eles se aproximaram; disse que deviam entrar e eles obedeceram sem nenhuma objeção. Mike olhou para o edifício a fim de se assegurar de que ninguém os observava pelas janelas. Não que fossem fazer algo secreto, explicou a Ted, mas não queria um bando de espectadores grudados nos vidros. Foram ao banco de sempre, e Ted assumiu que se sentariam ali, como tinham feito

tantas vezes. Ele sabia que a operação tinha a ver com o gambá, mas não tinha ideia do que fariam exatamente ou do que Espósito fazia com eles. Este caminhava a passos curtos, balançando o volumoso abdome e lançando a Mike constantes olhares de espanto. Quando chegaram ao banco, Mike pediu a Ted que o pegasse de um lado, pois iam movê-lo.

— Rápido — disse enquanto o levantavam. — Alguém pode ver o que estamos fazendo e avisar um guarda. Continue. Não pare.

Cruzaram o pátio na direção da quadra de basquete. Espósito vinha atrás. De fato, quando estavam quase chegando ao círculo central, a porta principal se abriu e um guarda e um enfermeiro saíram agitando os braços e vociferando.

— Ei! O que acham que estão fazendo?

— Continue — Mike disse. Faltavam poucos metros... — Pronto, solte aqui e se sente. Você também, Espósito.

Os três se sentaram. Mike e Ted nas pontas, Espósito no centro. Estavam de costas para o edifício, de maneira que não viram os dois homens até que estes deram a volta no banco e pararam na frente deles. O enfermeiro era McManus.

— O que estão fazendo aqui? — o guarda perguntou

A cena era surreal. Os três ocupantes do banco permaneciam impassíveis, as mãos nos joelhos, se esquivando do olhar de McManus e do guarda, como se se sentar no meio de uma quadra de basquete fosse a coisa mais normal do mundo.

— E então?

Mike levantou a mão em sinal de paz. *Está bem, vou explicar.* Apontou na direção das árvores e balançou a cabeça lentamente.

— É brutal ali embaixo — disse, consternado. — O vento agita a copa das árvores, e é como se chovesse... Brutal! Não é mesmo, rapazes?

— Mentira, Dawson! — o guarda disse. — Eu estava olhando. Vocês nem se sentaram.

Mike sorriu e assentiu. *Você me pegou!* Voltou a fazer o gesto pacificador enquanto procurava outra resposta. Inclinou-se ligeiramente e ocultou a boca com a mão... *Aqui vai um segredo.*

— Estes dois aqui não estão bem... — Tocou a cabeça com o dedo. — Não sei o que estavam pensando.

— Meu Deus, Dawson. Vamos. Você sabe que não pode mover as coisas para onde quiser. Devolva o banco ao lugar agora mesmo.

— Escuta, Myers, o banco já está aqui — Mike argumentou. Outra vez havia em seu tom de voz algo de ameaça. — Vamos ficar sentados um pouco aqui. Vocês sabem como *nós* somos...

O guarda balançou a cabeça. McManus falou pela primeira vez.

— Que saco. Eu vou entrar — disse, irritado.

Myers suspirou.

— Que seja a última vez, Dawson. Você sabe que faz uma coisa e o resto não demora para te imitar. Não quero um exército de loucos mudando tudo de um lado para o outro.

— Entendido, chefe. Agora, se nos der licença, queremos desfrutar deste sol radiante. Algum de vocês trouxe bronzeador, rapazes?

O guarda se deu por vencido e foi embora. Mike deixou de lado o tom brincalhão e se virou para Ted.

— Espero que isso valha a pena, amigo.

A poucos centímetros de seus pés estava a linha que dividia a quadra em dois.

O limite entre o mundo real e o mundo da loucura, tinha dito Mike.

— O que nós estamos fazendo aqui, Mike?

— Você quer vê-lo, não é mesmo?

Espósito evidentemente sabia do que estavam falando, porque se sacudiu, incomodado, empurrando ligeiramente seus dois companheiros.

— Quietos, Espósito.

— Eu quero vê-lo — Ted disse. — Mas...

— Essa é a linha. — Mike apontou para a linha branca. As poças de água a tornavam quase invisível. — Nós temos mais chance de vê-lo se ficarmos perto da linha... Merda, esqueci de trazer o meu livro!

Ted se encolheu no banco, incapaz de falar qualquer coisa. Durante um segundo, viu com clareza, viu o Mike verdadeiro — não o homem ameaçador que por vezes parecia o cara mais sensato do mundo, com seus livros e suas teorias absurdas, mas um louco completo, membro de honra do Lavender Memorial. Ted olhou ao redor e entendeu que tudo aquilo era ridículo.

— Você precisa acreditar — Espósito disse de repente. Era a primeira vez que Ted escutava a voz dele.

— Cale a boca, Espósito — Mike o repreendeu.

E eles iam ver o gambá assim, sem mais nem menos? Estupidamente, Ted começou a olhar para os fundos do jardim, onde estava o bosque com os bancos, procurando aquele animal hediondo. Não viu nada.

— Mike, me desculpe — Ted insistiu —, mas nós estivemos aqui uma infinidade de vezes, perto inclusive dessa *linha*, e eu nunca vi nada. O que te faz pensar que dessa vez vai ser diferente?

— Este grandão que nós temos aqui — Mike disse, dando tapinhas em Espósito. — Eu não te falei que ele vê animais o tempo todo? O Espósito é como uma luz gigante, só que não atrai insetos. Não é verdade, Espósito?

— Faz m... m... muito tempo que eu não vejo nenhum.

Mike riu alto.

— Essa é uma mentira tão grande quanto a sua bunda. De qualquer forma, nós três já vimos... Quanto mais nós formos, melhor. — Mike se inclinou para a frente a fim de encarar

Ted e lhe lançou um de seus olhares fulminantes. — Escuta, você quer ver ou não? Porque eu estou fazendo tudo isso por você.

Ted assentiu.

— Tem razão. Desculpe.

Que se dane. O que ele tinha a perder? Se ficar sentado no meio daquela quadra de basquete com dois lunáticos podia ajudá-lo a descobrir a verdade, por que não tentar?

— Estou pronto — Ted declarou, convicto. — Vamos, Espósito. Comunique-se com eles com os seus poderes de Aquaman. Mande eles virem...

— Não é assim que funciona — Espósito respondeu, com sua voz aguda.

Ninguém perguntou como funcionava.

Esperaram em silêncio. A cena devia parecer ainda mais extravagante vista do edifício. Três homens sentados em um banco, de costas, no meio de uma quadra de basquete. Woody Allen não poderia pedir mais para o cartaz de um de seus filmes. *Três homens e um gambá*, em breve nos cinemas.

Vinte minutos depois, continuavam na mesma posição, sem ter falado uma única palavra. De repente, Ted deu um sorriso. Não tinha visto o gambá, mas pensava em suas filhas, que às vezes brincavam de vaca amarela, quase sempre por iniciativa de Nadine, que, cansada do fato de sua irmã não parar de falar, a desafiava a ficar quieta durante mais tempo que ela. Ted se perguntou quem dos três falaria primeiro. Não seria Espósito, que brincava de vaca amarela a cada minuto de sua vida, e Dawson parecia submerso em um devaneio difícil de caracterizar. Ted era o único que não conseguia abstrair do que estavam fazendo. Da idiotice que estavam fazendo. Começava a sentir frio, apesar do casaco. Acomodou-se no banco, e ao fazer isso sentiu o peso da ferradura no bolso da calça. Era isso! Nesse instante percebeu com clareza. O gambá nunca se aproximaria se ele tivesse a ferradura. Ficou de pé em um salto e tirou a ferradura do bolso para que seus companheiros pudessem vê-la. Não disse nada, embora eles parecessem entender. Pensou em atirá-la longe, mas não queria que McManus e o outro cara voltassem com mais broncas, então simplesmente caminhou até a lateral da quadra e a deixou ali.

— Você precisa cobri-la — ouviu Espósito dizer.

— Com que droga eu vou cobrir? — perguntou enquanto voltava.

— Com o seu casaco — Mike interveio. — Cubra.

Ted suspirou. Ótimo. Agora ele ia ficar doente. No entanto, tinha que reconhecer que cobrir a ferradura era, por alguma razão absurda, a coisa mais sensata do mundo. Tirou o casaco e o colocou em cima da ferradura. Dessa vez verificou se ninguém estava olhando pelas janelas. Voltou rapidamente, esfregando as mãos.

— Vá mais pra lá, Espósito. Me deixe sentar no meio.

O homenzarrão se deslocou sem reclamar.

— Estão chegando — disse, quase imediatamente. Em sua voz não houve vacilação.

Ted examinou tudo com atenção. Não viu nada estranho. Mas por acaso não percebia também que *algo* tinha mudado? E então viu, em uma das poças de água além da linha divisória, o reflexo de algo se movendo que chamou sua atenção. Algo vermelho.

— Vermelho é a minha cor favorita — Espósito afirmou, do nada. Agora sua voz não só tinha soado firme como muito mais grave que o normal.

— O quê? — Ted perguntou.

Espósito não respondeu.

Outra vez o reflexo, agora inconfundível. O corpo esbelto de Holly com o biquíni vermelho apareceu na poça, tremeu quando uma rajada de vento sacudiu a superfície e então desapareceu. Mas havia estado ali, Ted tinha certeza. Quando levantou a cabeça, congelou.

No canto da quadra de basquete estava o castelo das princesas da Disney. Não se tratava de um reflexo ou de uma aparição translúcida. O castelo estava ali. Ted começou a apontar naquela direção.

— Nós estamos vendo — sentenciou Mike.

— É o castelo das minhas filhas — Ted disse, com a voz trêmula.

Levantou-se e caminhou naquela direção, sozinho. No meio do caminho se virou, viu Mike com a expressão preocupada e Espósito fazendo o esforço de encolher seu volumoso corpo, afundando a cabeça abaixo dos ombros. Pareciam dois ocupantes da montanha-russa mais aterradora do mundo. No entanto, Ted sentiu o desejo, quase a necessidade, de voltar para perto deles, para a segurança do banco.

Mais adiante, no Lavender, viu a silhueta de McManus atrás da porta. Era impossível que dali não visse o castelo. Ted retomou a caminhada.

O castelo estava no limite entre a quadra de basquete e o bosque. Ao chegar a ele, se ajoelhou e observou por uma das janelas laterais. Não tinha a intenção de entrar, nem sequer tocá-lo parecia uma boa ideia. Por alguma razão tinha se convencido de que veria o gambá lá dentro, mas não foi assim. O castelo estava completamente vazio. Afastou-se, coçando a cabeça. Branca de Neve, Cinderela, Ariel e Pocahontas o observavam de uma das paredes laterais. *O que você vai fazer agora?* Deu a volta no castelo. Na parte da frente estava Esmeralda, e a seu lado a Bela Adormecida. Ted não lembrava seu nome. Então uma imagem o golpeou. Viu a si mesmo de mãos dadas com Cindy, dando a volta naquele mesmo castelo em uma loja Toys R Us, a menina contando a história de cada uma das princesas.

Aurora!

A voz de Cindy trouxe a resposta. Aurora era o nome da Bela Adormecida. Sentiu um calafrio. Aquela era a primeira lembrança que roubava de Wendell. Continuou dando a volta no castelo.

— Aquela ali é a Bela... — Cindy dizia.

— Da *Bela e a Fera* — Ted observou.

— Certo! E essa é a Pocahontas, e essa é a Mulan.

Na parte de trás não havia nenhuma princesa, só um muro de tijolos pintados sobre a madeira. Ted ficou olhando. Retrocedeu alguns passos na intenção de ganhar um pouco de perspectiva quando seu pé direito pisou em algo duro. O gambá! Deu um pequeno pulo e se afastou. Mas não era o gambá, e sim uma faca de açougueiro.

— Não está no Lavender, papai. É igual ao castelo.

Ted se inclinou e pegou a faca. Ao movê-la ligeiramente, percebeu que a lâmina estava manchada de vermelho.

Vermelho é a minha cor favorita.

O que aquela faca fazia ali? Olhou para Mike e Espósito, como se os dois pudessem dar alguma resposta a distância. Não só não deram como pareciam congelados na mesma pose de antes. Ted pensou em levantar a mão para que eles fizessem o mesmo, mas nem se incomodou. Sabia que não fariam nada. Além disso, nesse momento, ouviu o mato se mover a alguns metros de onde estava, e dessa vez se tratava do gambá, deslocando-se com seu andar errante. Não parecia interessado em Ted. Não parecia interessado em nada, cheirava aqui e ali, a cada tanto levantava a cabeça. Ted o seguiu, não totalmente consciente de que continuava segurando a faca, como um caçador furtivo.

Entrou no bosque do Lavender, completamente desconhecido para ele, e em poucos minutos tinha perdido contato visual com seus companheiros. Caminhava por uma trilha de terra rodeada de árvores. O gambá ia na frente, guiando-o.

Antes de chegar a uma clareira, o gambá se afastou e o observou com o mais próximo de um sorriso que aquele animal diabólico podia se permitir. O rabo serpenteava atrás de seu corpo rechonchudo. Quando Ted caminhou mais alguns metros, entendeu a razão. Na clareira havia um rapaz morto. Ted *sabia* que ele estava morto. Estava caído de barriga para baixo, com os braços esticados um de cada lado, usando a blusa de moletom e o boné da Universidade de Massachusetts. Ted reconheceu logo a roupa, pela simples razão de que havia usado uma igual muitas vezes, assim como seus colegas de universidade. Não podia ver o rosto do pobre coitado, e francamente não sabia se queria vê-lo.

Então se lembrou da faca em sua mão e instintivamente olhou para o corpo mais detidamente. Viu parte de um corte no pescoço e o sangue que manchava as plantas no chão e escurecia a terra.

Quem é você?

Começou a dar a volta no corpo.

Precisava movê-lo... ver o rosto.

— Ted... — disse uma voz atrás dele.

Virou-se.

Era McManus. Atrás dele estavam Mike e Espósito. Os três pareciam preocupados. Ted se virou apenas um instante para comprovar o que já sabia: que na clareira não havia nenhum rapaz da Universidade de Massachusetts morto, muito menos um gambá sorridente. Mostrou as mãos, em sinal de rendição. Onde tinha ido parar a faca que acabara de encontrar?

Voltaram em silêncio.

— Conseguiu vê-lo? — Mike estava curioso.

Ted apenas assentiu.

— Não tenho muita certeza de ter visto o que está atrás do pano de fundo, Mike. Para ser sincero, não tenho ideia do que eu vi.

A imagem do rapaz morto continuava gravada em sua mente. *Quem era?*



ESTAVAM HAVIA MEIA HORA NA sala de avaliação do Lavender Memorial. Laura descreveu superficialmente sua visita a Nina, a secretária de Lynch. No entanto, guardou por um momento a revelação final da mulher.

— A polícia nunca a interrogou, mas ela estava ali com você, Ted, antes de você entrar no escritório do Lynch.

Ted estava pensando em outra coisa. A visita de sua família e a estranha experiência no pátio do hospital o haviam perturbado.

— Isso tudo tem alguma importância?

— Eu ainda não contei o final. Antes disso, vou dizer que tem, sim, porque confirma que cada evento do primeiro ciclo tem uma base real, e isso pode nos ajudar a reconstruir seus últimos dias.

— Se é assim, por que eu visitaria um cara como o Blaine?

— Era precisamente disso que eu queria falar. Quando a Nina saiu do escritório do Lynch, ouviu você o recriar por ter te seguido até a casa do Blaine.

A frase capturou a atenção de Ted. Ele a repetiu com voz pausada.

— Não entendo que conexão eu poderia ter com esse cara.

— Mas agora nós sabemos com certeza que você e ele se conheciam. É provável que tenha sido um vínculo do qual ninguém sabia, nem mesmo a Holly. Quando você soube que o Lynch te seguiu até lá, ficou furioso com ele.

Laura parecia enigmática. De vez em quando lhe lançava olhares especialmente incisivos, ou foi nisso que Ted acreditou.

— Um momento, Laura. O que você quer dizer com *um vínculo*?

— Nada em particular. Não vamos nos apressar. Mas acho que é importante investigar isso. Ted, tem algo errado com você?

Ele baixou o olhar.

— Na verdade, tem. Eu preciso pedir um favor. Desde que eu vi as meninas...

— Sim?

Ted parecia mal. Pensar em Cindy e Nadine o fez se lembrar da promessa que havia feito antes de irem embora.

— Ted, pode me falar o que quiser. Eu quero que você fale o que sentiu ao ver a Holly e as meninas. É algo de que também devemos tratar aqui.

Ele disse, sem rodeios:

— Eu preciso sair daqui, Laura. Um ou dois dias. Preciso ir à casa do lago, ver as minhas coisas, estar no meu lugar. Eu não posso me conectar com uma realidade que não consigo lembrar... Estar aqui me ajudou, não me interprete mal, mas eu sinto que chegou a hora de me aproximar do lugar onde tudo começou.

— Ted, não sei se é o momento. Nós estamos fazendo progressos importantes.

— Eu sei, e agradeço profundamente. Eu pude ver as minhas filhas, e devo isso a você. Mas tenho que continuar lembrando, e na casa do lago existem respostas. Tenho certeza disso.

— Por que você acha isso?

Ele sabia que, se quisesse convencê-la, precisaria falar do que tinha visto no pátio do hospital.

— Eu tive um sonho bem estranho. Foi... uma visão ou coisa parecida. A primeira coisa que eu lembro é o castelo cor-de-rosa das meninas. Eu me aproximava dele, examinava com atenção, até descobrir que atrás dele havia um caminho. A minha filha Cindy estava comigo, eu acho. Depois ela foi embora. Eu continuei por aquele caminho atrás da casa do lago não sei durante quanto tempo. Mas o importante é o que eu sentia enquanto caminhava, como se soubesse com certeza que o que me esperava no final era uma revelação. A chave de tudo.

Laura tinha pegado uma caderneta e fazia anotações rápidas.

— Então eu encontrei um cadáver. Era um aluno da UMass, estava com o moletom da universidade e um boné. Debaixo do corpo havia uma poça de sangue. Não consegui ver o rosto.

— Quando você sonhou isso?

— Ontem.

Ted não ia revelar que aquilo tinha acontecido quando estava acordado e com Mike e Espósito observando da quadra de basquete. Se tinha alguma remota esperança de sair dali, não ia ser burro a ponto de dizer que havia chegado ao cadáver seguindo um gambá imaginário.

— O que mais aconteceu?

— Isso foi tudo. Não sei o que significam o castelo ou o rapaz morto, certamente alguma coisa que escapa à minha compreensão. Mas eu não tenho dúvidas de que o caminho atrás da

casa do lago esconde respostas importantes. Foi uma sensação tão forte que tem sido impossível pensar em outra coisa.

— Ted, você sabe que às vezes os sonhos têm essa particularidade. Neles nos convencemos de coisas que, quando despertamos, não são verdadeiras.

— Eu sei. Mas esse foi diferente. Em certo sentido, foi como se... como se uma parte de mim falasse comigo e desse a resposta que eu estou procurando.

Ted sabia que estava exagerando, mas precisava ser convincente. Ao ver a expressão de Laura, soube que o relato pelo menos tinha despertado a curiosidade dela.

A médica continuava tomando notas.

— O que você viu no caminho remete de alguma forma à sua passagem pela universidade?

— Não exatamente. Eu acho que o moletom e o boné estavam ali por algum motivo, mas a verdade é que a minha passagem pela universidade é algo meio nebuloso. Eu lembro de muitas coisas com clareza, os meus professores, os jogos de pôquer, os empregos que eu tive. Não sei, detalhes assim. Com outras coisas, parece impossível. Talvez tudo esteja relacionado ao Ly... ao Justin. Se ele era meu companheiro de quarto e ali nós nos tornamos amigos, suponho que seja lógico não me lembrar de muitas coisas que fiz com ele.

Laura assentiu.

— E então, Laura? O que me diz sobre a possibilidade de eu visitar a casa do lago?

Ela negou suavemente com a cabeça. Havia em seus olhos um toque de tristeza.

— Não é o momento, Ted. Sinto muito. Eu não descarto que logo possamos programar uma saída terapêutica. Nós fazemos isso quando acreditamos que pode ser útil.

Ted ficou de pé. Não tinha nenhum tipo de algema nas mãos ou nas pernas. Claro que McManus não o perdia de vista na sala ao lado.

— Laura, eu entendo o que está me dizendo e confio em você. A única coisa que eu peço é que pense melhor. Se esse caminho não existe, ou não conduz a lugar nenhum, nós não vamos perder nada.

Ted parecia um aluno que tinha se levantado para recitar a lição. Laura o observava por cima dos óculos de leitura.

— Prometo que vou pensar. Apesar disso, preciso dizer que a decisão não é minha. Eu não sou a diretora deste pavilhão.

Ted se sentou.

— Entendo. E fico satisfeito por saber que você vai pensar.

— Vou mesmo. Eu prometo.



MARCUS NÃO TINHA VOLTADO A falar com Laura depois do breve almoço no refeitório do hospital, e desde então não conseguia tirá-la da cabeça um só instante. Quando ela ligou para seu escritório e disse que precisava conversar com ele sobre Ted McKay, Marcus aceitou vê-la e imediatamente tomou uma decisão: não ia esperar um segundo mais para dizer o que sentia. Estava cheio de inventar desculpas. Ted McKay teria que esperar. O mundo teria que esperar.

Laura o encontrou sentado em uma das poltronas perto da janela.

— Posso entrar?

— Claro.

Ela ocupou a outra poltrona. Estavam a noventa graus um do outro. Ele observou pela janela, procurando as palavras. Não. Na verdade, procurava forças.

— Você está bem, Marcus?

— A verdade? Não estou muito bem. Estou...

Ela se inclinou um pouco, convidando-o a continuar. Marcus reformulou a frase em sua cabeça. Tomou ar.

— Eu não consigo parar de pensar em você — disse, finalmente.

Ela sorriu com um misto de satisfação e compaixão.

— Aquele dia, na sua casa... eu tive tanta vontade de te beijar.

Laura apoiou a mão no antebraço dele.

— Espere. Vamos fazer isso do jeito certo. Por que você não me convida para ir até a sua casa no sábado? Quando abrir a porta, vai ser a primeira coisa que vamos fazer, sem falar uma palavra.

Ele assentiu.

— Vai ser um encontro — ela disse e se levantou.

— Achei que você quisesse...

Laura saiu do escritório. A porta se fechou e voltou a abrir.

— Dr. Grant? Posso falar com o senhor?

Marcus riu.

Laura ocupou a cadeira na frente da mesa e ele se dirigiu a seu lugar habitual.

— A sua secretária pensa que eu estou louca. — Ela sufocou uma risada.

— Um pouco você está mesmo — respondeu Marcus, e depois de uma pausa apontou para as poltronas onde havia alguns instantes estavam sentados. — E obrigado... por... Você sabe por quê. O que você queria falar comigo?

O semblante de Laura mudou em um segundo.

— O Ted lembrou de algumas coisas do passado dele, e eu acho que chegou o momento de pressionar um pouco mais.

Laura relatou o sonho com o estudante da UMass. Também falou sobre o caminho atrás do castelo cor-de-rosa.

— O Ted quer ir à casa do lago — explicou. — Ele acha que esse percurso pode ajudá-lo a lembrar ou conduzir a algum lugar importante para ele. Eu pensei e quero tentar, Marcus.

Ele meditou por um segundo.

— Tem certeza de que é o momento certo?

— Francamente, não. Mas tudo até aqui foi tão pouco racional. Outro dia vieram as filhas dele... Você não sabe como são encantadoras aquelas meninas. Se é isso o que o Ted precisa para abrir a última porta, acho que eu devo tentar. No máximo não vai funcionar, e a viagem vai ser em vão.

— A decisão é sua, Laura. Você sabe que, como diretor do pavilhão, o que acontece aqui dentro é minha responsabilidade. Mas você é a médica dele. Você faz a solicitação e eu autorizo a saída. Quando quer que seja?

— No sábado?

Marcus arregalou os olhos, horrorizado.

Laura riu.

— Estou com o dia livre — explicou. — O Walter e o pai vão viajar para visitar os avós. Vai ser um dia perfeito para mim. De manhã eu cuido da saída com o Ted e à tarde estou de volta, com tempo mais que suficiente para me arrumar para o nosso encontro. Eu sei que a decisão é minha, mas a sua opinião é importante.

— O seu instinto demonstrou ser essencial nesse caso. Encontrar esse link no passado dele com o xadrez, a ferradura, a transferência para o pavilhão C... foi tudo mérito seu. Eu sei o que o McKay significa para você. Se o seu instinto diz que este é o momento, vá em frente.

— Obrigada.

— Eu posso falar com o Bob, meu amigo na polícia de Boston. Lembra dele?

Laura assentiu e sufocou uma risada com a mão.

— Robert Duvall. Como esquecer?

Marcus riu.

— O próprio. Mas quando encontrar com ele nem pense em chamá-lo pelo nome completo. Vou ver o que ele pode averiguar sobre esse assassinato, se é que se trata de um fato real. Em que ano o McKay entrou na universidade?

— Em 1993. Seria ótimo saber se houve algum caso de assassinato na UMass naquela época.

— Sobre a saída, eu autorizo com medidas de segurança máxima. Algemas nas mãos e nos pés o tempo todo, e um guarda armado.

— Tudo bem.

— Já sei a sua resposta, mas gostaria de te acompanhar...

— Você me conhece bem. Prefiro ir com alguém que seja um rosto conhecido para ele.

— Vou ver qual dos rapazes vai estar de serviço. Qualquer um deles vai gostar de sair para passear.

— São três horas de viagem — Laura respondeu. Tinha reservado essa informação para o final.

Marcus percebeu a manobra sutil.

— Você é incorrigível, Laura Hill.

— Prometo chegar a tempo para o nosso encontro — disse, ficando de pé.

— Me envie o formulário com o pedido de saída e eu preencho hoje mesmo.

— Muito obrigada.

— Certamente vamos nos ver antes, mas, se não, boa sorte.

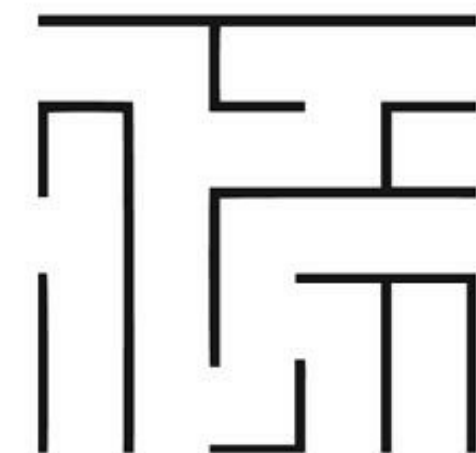
— No sábado não vamos falar do caso — avisou Laura antes de sair. — Você tem a minha palavra.

— Não sei se devo acreditar em você.

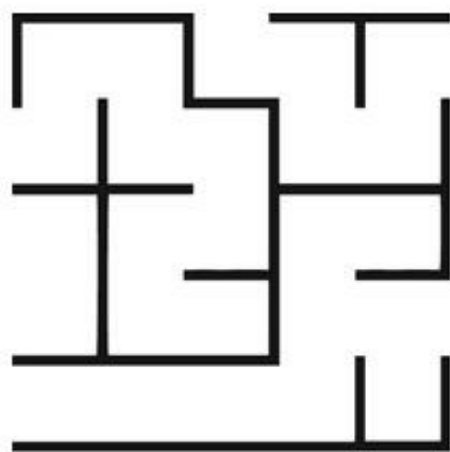
Ela sorriu.

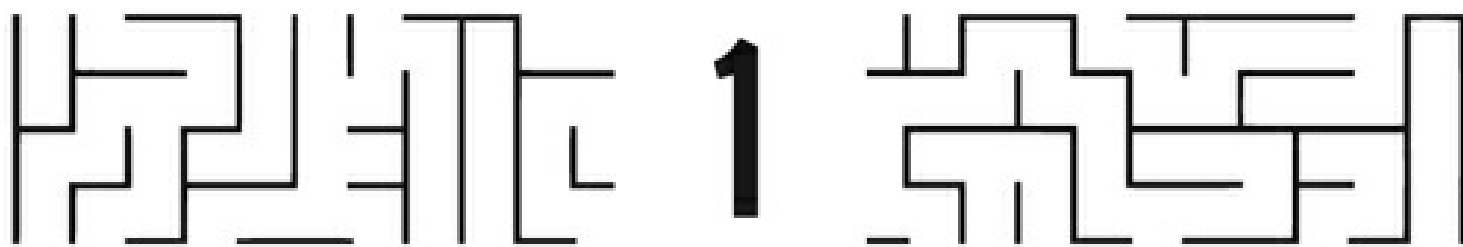
— E lembre-se do que precisa fazer quando abrir a porta...

— Não vou esquecer.



PARTE IV





1993

A Universidade de Massachusetts servia como centro de estudos para mais de vinte mil estudantes em 1993. Muitos deles se hospedavam em alguma das cinquenta residências estudantis, em quartos duplos, distribuídos em um processo que supostamente levava em conta as preferências de cada aluno. Para isso preenchiam um formulário detalhado que disparava um mecanismo de seleção infalível. Até se gabavam disso nos folhetos!

Quando Ted McKay conheceu seu companheiro de quarto, no entanto, a primeira coisa que pensou foi que as pessoas do escritório de admissão não tinham nenhuma ideia do que faziam. De outro modo, não se explicava como alguém havia imaginado que ele e Justin Lynch poderiam se dar bem. Bastava vê-los para saber que suas vidas transcorriam em órbitas diferentes. A favor do pessoal do escritório de admissão: tanto Ted quanto Justin eram beneficiários de um programa de bolsas e de um empréstimo que os obrigava a ter rendimento acadêmico superior ao restante. Em consequência, deviam se alojar em uma das três residências para estudantes na mesma condição — a deles era a Shepherd House, conhecida como O Bloco, por razões óbvias para qualquer um com um mínimo de critério arquitetônico. De maneira que talvez tenha sido somente a precária situação econômica de ambos que os fez dividir o quarto 503 do Bloco. Pobreza, a grande igualadora! A única coisa que pareciam ter em comum era o gosto pelo Nirvana. Mas quem não ouvia Nirvana em 1993?

Justin Lynch era um jovem de beleza excepcional, alto e robusto, grandes olhos azuis e queixo retangular. Seu cabelo, observou Ted ao longo daqueles primeiros dias de tensa convivência, parecia sempre perfeito, e não porque Justin o cortasse com assiduidade, mas porque à medida que crescia parecia adotar uma nova forma, como se tivesse vida própria. A

existência de Lynch não passou despercebida no campus por muito tempo. Alunas de todas as idades faziam de tudo para entrar na Shepherd House e vagar pelo quarto 503 ou pela sala de convivência do quinto andar. Algumas delas interceptavam Ted e faziam todo tipo de pergunta sobre seu colega de quarto. As menos ousadas queriam informações, se tinha namorada, essas coisas; outras eram mais diretas e atrevidas, e entravam no quarto para tirar as dúvidas elas mesmas. Era precisamente a condição de Don Juan que mais irritava Ted, para quem as relações com o sexo oposto não aconteciam com tanta facilidade. No entanto, não era exatamente inveja o que sentia pelo novo companheiro de quarto — bom, talvez um pouco. Mas havia algo mais, porque Ted não desenvolvera essa aversão aos mulherengos de um dia para o outro. Seu pai tinha sido um... O maioral! E por acaso Ted não dissera isso à psicóloga que o entrevistara para a admissão? Claro que sim. Porque a mulher tinha vasculhado o passado de Ted, especialmente interessada na razão pela qual o casamento de seus pais havia terminado. E ele contou. Disse que seu pai tivera uma amante durante anos. Quando a psicóloga perguntou como se sentia a respeito, primeiro Ted pensou que era a pergunta mais idiota do mundo, depois optou por falar a verdade: disse que odiava seu pai e todos os desgraçados que enganam a esposa. E a pergunta obrigatória era: por que o pessoal da universidade o forçava a dividir o quarto com alguém que representava tudo o que ele detestava? Ted estava indignado. Mas tinha certeza de uma coisa: assim que o desfile de garotas começasse a se formar, teria uma conversa com seu companheiro de quarto. E não seria uma conversa agradável, claro que não. Porque o cara dizia que tinha uma namorada em sua cidade natal, inclusive havia pendurado a foto dela em uma das paredes.

A impressão que Lynch teve de Ted não foi muito melhor. E não por causa de seu jeito de bad boy, com suas jaquetas de couro e sua falta de educação, por mais que essas tentativas de remar contra a corrente e gritar aos quatro ventos parecessem patéticas; ele até tinha um Opel Commodore caindo aos pedaços com um adesivo na traseira que dizia “Fora da lei”. Mas isso não era o pior. O pior era que, enquanto Lynch levava a universidade a sério, tinha um emprego de meio período na biblioteca e estudava até os olhos arderem, Ted, uma versão rústica de John Travolta, alternava seu tempo entre uma ou outra aula, o trabalho no refeitório e as maratonas de pôquer no sexto andar. Especialmente as maratonas de pôquer no sexto andar. Lynch estudava até altas horas e via seu companheiro chegar fedendo a cigarro e com os olhos vermelhos por causa da fumaça. Às vezes abria um de seus livros de matemática ou de cálculo financeiro, mas não durava nem meia hora. Dormia com o livro aberto, sem nem tirar a roupa. Lynch sabia que Ted tinha um dos planos de bolsa mais exigentes, e tinha certeza de que seria impossível ele sobreviver à primeira bateria de provas. De certa forma estava só esperando chegarem os exames para lhe designarem um novo companheiro.

Durante os primeiros meses a relação entre eles se limitou ao mínimo indispensável. Os únicos momentos de conexão aconteciam quando o Nirvana ou o Pearl Jam tocava no aparelho de som de Lynch. Tirando essas breves conversas, que sempre giravam em torno de música, não havia nada. Não falavam de seus empregos nem se sentavam à mesma mesa no

refeitório; nem sequer seus círculos de amizade ainda em gestação pareciam destinados a se cruzar.

Foi Ted o primeiro a perceber que talvez os caras do escritório de admissão fossem uns gênios fodidos, e que no mínimo tinha prejudicado Lynch. Porque a verdade é que o desfile de mulheres que ele esperava nunca aconteceu. Aliás, a primeira e única garota que entrou no quarto antes de outubro foi a convite de Ted. Lynch não só não parecia interessado em trair sua namorada como qualquer situação envolvendo desconhecidas que viessem descaradamente procurá-lo parecia incomodá-lo profundamente. Esse magnetismo era o sonho de qualquer um; com muito menos havia outros no campus que faziam a cama ranger a cada cinco minutos. Assim se denominava naquele momento, na UMass, transar com uma garota: as camas tinham colchões velhos de molas, muito cômodos, mas também muito barulhentos. Lynch não fez a cama ranger nenhuma vez durante os primeiros meses, e Deus sabia que poderia ter feito isso até se cansar. Ted chegou a pensar que ele era gay e que a foto na parede seria de uma garota qualquer. Mas várias vezes o ouviu conversar por telefone com ela, e imaginar que inventava todas essas conversas já era demais. O cara era fiel e, apesar de ter charme suficiente para conquistar qualquer garota no campus, não parecia interessado em utilizá-lo. Esse sim era um cara estranho. Ted começava a ficar intrigado.

Quando chegou outubro, e com ele os primeiros exames, Lynch conseguiu um C e três Bs. Estava eufórico. Mas sua surpresa foi maior ao ver as notas de seu indisciplinado companheiro. Todas A. Era impossível. Devia ser algum tipo de fraude, pois ele tinha visto o cara todos os dias e sabia que o tempo que dedicava aos estudos era mínimo, quase sempre menos de uma hora por dia. Lynch duvidava de que durante o trabalho no refeitório ele pudesse se concentrar nos estudos. Se nem mesmo levava os livros! Então, qual era o truque? O truque, descobriria Lynch com o passar das semanas, era que seu companheiro de quarto era muito inteligente, e além disso dotado de uma prodigiosa memória fotográfica. Isso fazia Ted ir bem tanto nas matérias analíticas quanto nas que exigiam exclusivamente memorização. Tinha uma velocidade de leitura assombrosa, três ou quatro vezes a de um estudante normal. Além disso, nada escapava à atenção dele. Lynch soube, também, que as horas dedicadas ao pôquer, que Ted havia estendido a uma série de inferninhos ilegais fora do campus, eram sua forma de sustento. Quando as asperezas entre eles desapareceram por completo, Ted confessou que na verdade odiava pôquer, mas que era suficientemente popular para poder se mover em diversos círculos sem levantar muita suspeita. Um jogador que ganha muito mais do que perde acaba sendo rejeitado, cedo ou tarde. Ted podia memorizar cartas com facilidade ou tomar decisões estatisticamente complexas em questão de segundos, e isso fazia suas armas contra o acaso serem as melhores. Nas mesas estudantis não circulava muito dinheiro, mas mesmo assim Ted se virava para reunir o necessário para os gastos que sua bolsa não cobria e para pagar a internação de sua mãe.

Acabaram percebendo que o escritório de admissão tinha feito bem o seu trabalho, afinal. Ted e Justin não demoraram para se tornar amigos.



1993

A base inicial da amizade foi um profundo respeito um pelo outro. Ted não socializara de fato com ninguém. Seus companheiros de pôquer certamente o consideravam um amigo, mas Ted fingia com eles o tempo todo, dizia e fazia o que eles esperavam, e isso era tudo. Tinha aprendido a funcionar em quase qualquer ambiente, e fazia isso de modo racional, calculado, não sentido. Justin foi a primeira pessoa pela qual teve um interesse legítimo, uma sensação completamente nova para ele, pois no colégio tampouco havia cultivado amizades.

Justin, por outro lado, tinha iniciado algumas relações com certo futuro, mas pouco a pouco foi deixando tudo de lado e se encerrando em seu mundo. Era uma pessoa solitária por natureza, e ter um amigo que o entendesse lhe deu a segurança de que precisava para começar a ser ele mesmo. A repentina aceitação de seu eu interior trouxe mudanças em sua vida que foram se manifestando ao longo do primeiro ano na universidade.

Em uma tarde fria antes do Natal, Justin tentava se concentrar em um ensaio para a aula de redação criativa. Kurt Cobain se esgoelava ao fundo, e Ted já tinha terminado sua jornada de estudos: meia hora esticado na cama com vários livros de cálculo, estatística e sabe-se lá o que mais, passando as páginas de todos ao mesmo tempo, feito um polvo. Vê-lo “estudar” podia desanimar qualquer um. Agora estava se preparando para ir ao sexto andar, onde as jornadas de pôquer iam ficando cada vez mais longas. Segundo dizia, os demais estavam melhorando. Além disso, ele sabia que dois ou três tinham criado um mecanismo para prejudicá-lo, aliando-se entre si e utilizando sinais sutis que ele já havia descoberto. Quando seus ganhos ultrapassam suas perdas, isso é algo que você já espera que aconteça cedo ou tarde. Por enquanto ele podia resolver isso, ou era o que pensava. Sempre existia o recurso de evitar a mesa dos três

trapaceiros, ou procurar outros lugares para jogar, inclusive fora do campus. Mas Ted ainda tinha um pouco de tempo para matar, e quase sem pensar fez a Justin uma pergunta que, tinha a sensação, seu amigo esperava que ele fizesse. Justin sempre falava de sua mãe e nunca de seu pai, e naquela tarde Ted viu que ele pouco conseguia se concentrar nos livros: olhava pela janela, dava voltas pelo quarto, jogava uma bola de tênis contra a parede... então Ted aproveitou e fez a pergunta que tanto havia demorado a fazer. Suspeitava de que o pai dele estivesse morto ou o houvesse abandonado quando era pequeno, mas não era isso.

O pai de Justin estava muito vivo, morava em Deerfield com a sra. Lynch e outro filho, e Justin sentia por ele um desprezo profundo. Mais uma coincidência!

— Quase não conversamos. Ninguém sabe o motivo — Justin disse. Vestiu o moletom da universidade e abriu a janela. Uma rajada de vento esfriou o quarto em um segundo. Sentou-se no parapeito e acendeu um cigarro. Fez tudo mecanicamente, envolto em uma nuvem de fumaça e com o olhar focado no passado. — Nem o meu pai tem ideia do motivo. Acredita nisso, Ted? Eu nunca contei. Talvez conte um dia.

Ted se sentou na cama. A partida de pôquer teria que esperar.

— Eu te entendo. O meu pai também é um imbecil.

Justin assentiu, desafiando o frio, o rosto voltado para o exterior.

— Ele acha que é a idade, que eu estou em uma fase de rebeldia, que já vai passar. Minha mãe pensa o mesmo, embora com ela eu me comporte de um jeito totalmente diferente, ou pelo menos tente. O cara é tão babaca que não consegue ter autocritica. Quando eu era criança, nós éramos inseparáveis. Meu pai era o meu ídolo. Eu queria ser como ele em tudo. Era perfeito.

Justin terminou seu cigarro e se apressou a fechar a janela. Esfregou as mãos e se aproximou do aquecedor para recuperar a temperatura.

— O meu pai e eu somos cara de um, focinho do outro — começou, com resignação. — Parecemos clones. Se eu te mostrar uma foto dele de trinta anos atrás, você vai pensar que sou eu, tirando os óculos gigantes e as calças boca de sino que usavam na época. De qualquer forma, suponho que isso tem a ver com a relação que se formou entre a gente, ou talvez não. Não sei. Existia um laço especial. Com o meu irmão não foi igual, por exemplo. Você tem irmãos?

Ted negou com a cabeça.

— Desculpe por ficar falando na sua orelha. Você tem que sair...

— Cara, não se preocupe. Solte tudo de uma vez.

— O meu pai é eletricitista, trabalha por conta própria. Quando eu era criança, ficava esperando as férias para poder acompanhá-lo. Nós íamos no furgão dele para comprar material e fazer o trabalho. Ele dizia que eu era o ajudante, que algum dia seria como ele. Era tudo o que eu queria, juro. Se me perguntavam o que eu queria ser quando crescesse, eu respondia eletricitista, sem hesitar. Rápido assim.

Justin estalou os dedos.

— O meu pai comprava regularmente em três ou quatro lojas. Em algumas delas havia vendedoras, e ele dava indiretas para elas o tempo todo. Então brincava comigo e dizia que eu não precisava contar nada para a minha mãe, e claro que eu não falava nada, nunca. Quando nós tínhamos algum trabalho contratado por uma mulher, era a mesma coisa. Ele dizia coisas do tipo: “Não diga nada para a mamãe, Justin, porque você sabe que ela vai ficar triste se souber”. Ele dizia que isso não significava que não a amava, que os homens gostam de paquerar outras mulheres e todo tipo de besteira. — Justin sacudiu a cabeça. — Eu sei que parece idiotice agora, mas eu estava convencido de que era verdade, Ted. O meu pai me dizia coisas do tipo: “Viu como a vendedora olhou para os músculos do meu braço? Eu flexionei de propósito, para que ela visse...” Era assim o tempo todo. Se aparecia uma mulher gostosa na televisão, quando a minha mãe não estava prestando atenção, ele fazia caretas ou gestos. E eu tinha oito anos! E era assim o tempo todo. Só que, quando eu fiz doze, não era mais verdade que ele só paquerava... Com várias dessas mulheres ele mantinha casinhos.

Ted escutava com atenção, como poucas vezes tinha feito com outro ser humano. Pensava em muitas coisas, entre elas que quase com certeza aquela era a razão pela qual ele e Justin acabaram no mesmo quarto. Decididamente, tinham feito um trabalho supremo no escritório de admissão.

— Sabe o que é pior?

— O quê?

— Eu tinha feito dezesseis anos e comecei a me comportar da mesma maneira. Porque eu estava convencido de que era isso que os homens fazem. Eu me considero um cara inteligente, Ted... não tanto quanto você — Justin riu —, mas não sou burro. E posso te assegurar que *nunca* questioneei os ensinamentos do meu pai. Era como se as palavras dele fossem as de um deus, como se fossem *a verdade*. Naquele momento eu já estava me dando conta de que a minha mãe, que também não é nenhuma idiota, tinha fortes suspeitas, talvez até certeza, das escapadas do meu pai. E a minha mãe é a pessoa que eu mais amo no mundo. Como era possível que ela não questionasse uma coisa que podia fazer mal a *ela*?

— Bom, você percebeu a tempo. Isso é o mais importante.

— Sim. Acho que sim.

Nevermind tinha terminado em algum momento. Agora reinava todo o silêncio que é possível esperar numa sexta-feira à noite em uma residência estudantil. Havia uma política bastante restrita em relação ao barulho, mas ela se flexibilizava um pouco nos fins de semana.

— Engraçado — Justin refletiu. — Nunca contei isso para ninguém. A psicóloga que me entrevistou no escritório de admissão perguntou sobre o meu pai e eu disse que a nossa relação era desastrosa, e isso foi o mais longe a que eu cheguei. Eu nunca contei para ninguém por que o desprezo.

Ted não soube o que dizer. Estava emocionado, ou era o que achava.

— A princípio ele não entendeu por que eu queria me afastar dele — continuou Justin —, e não é que agora entenda. Ele simplesmente aceitou. Mas continua tentando essas

aproximações patéticas, e sempre escolhe falar sobre mulheres. Acha que desse jeito pode se conectar mais facilmente. É muito triste. No ano passado eu levei a minha namorada para casa. A primeira garota que eu apresentei para a família. Ela se chama Lila, acho que já te falei dela. — Apontou para a foto na parede. — Você pode ver que a Lila não é exatamente... uma beldade. A questão é que...

Justin ficou de pé e agarrou a cabeça com as mãos.

— Meu Deus, o que acontece comigo? Não paro de falar um segundo. Você vai pensar que eu sou um...

Ted se levantou e o segurou pelo ombro.

— Calma. Algum dia você vai ter que me ouvir falar do meu pai — Ted contemporizou, embora não tivesse nenhuma intenção de revelar sua história. — Vai ser uma competição dura de imbecilidade, pode acreditar. Então, o que aconteceu com a Lila?

Justin ficou pensativo.

— Quando ela foi embora — respondeu, depois de um tempo —, ele se aproximou e disse que eu podia conseguir coisa muito melhor. Piscou um olho e sorriu. Você acredita nisso? Eu conheci a Lila por acaso, por intermédio de um amigo, e sabe o que mais? Uma das primeiras coisas que eu pensei quando nos apresentaram foi o que o meu pai diria dela... E foram as mesmas palavras que ele me disse mais tarde. A esse ponto eu sei como o filho da puta pensa.

— Talvez por isso você a tenha escolhido.

— Pode ser. A verdade é que nós dois não temos muita coisa em comum. — Justin riu. — Ultimamente as conversas com ela estão um pouco frias. E, com a distância, eu realmente não sei. — Parou de repente. — Você não precisava estar no sexto andar depenando os otários?

Ted encolheu os ombros.

— Hoje eu posso deixá-los descansar — respondeu. — Ontem foi uma jornada mais que lucrativa. Quer ir tomar umas cervejas? Eu pago.

— Claro!

Ted colocou a jaqueta de couro e um gorro com protetor de orelhas. Justin saiu do quarto 503 do Bloco e Ted o seguiu. Era prematuro, mas ele começava a pensar que com Justin estava iniciando uma amizade verdadeira.

Uma amizade verdadeira pela primeira vez na vida.



1994

O forte inverno de 1994 marcou um ponto de virada na vida de Justin Lynch. Ele terminou com Lila em uma breve conversa telefônica, e seu desempenho acadêmico caiu muito. Uma coisa não foi consequência da outra, embora a origem tenha sido a mesma. Começava a perceber que estava na universidade por não querer ser um bosta de um eletricista como seu pai. Era outra forma de castigá-lo, de se comportar de maneira incompreensível para *ele*. Lila era mais do mesmo, embora mais simples de ver. Tinha ficado com a garota que seu pai, o Casanova de Deerfield, nunca teria escolhido para ele ou para o filho. O mesmo havia feito com seu futuro profissional. Tudo era uma merda. Seu pai tinha se transformado em um buraco negro cujas forças o arrastavam a um vazio inexorável. Não importava se fazia as coisas para satisfazê-lo ou para que o odiasse; o universo continuava girando ao redor dele.

Começou a se perguntar — a seu ver, tarde demais — o que queria fazer da vida. Queria realmente estudar literatura inglesa? A literatura era uma das poucas atividades que conseguiam despertar nele certo vislumbre de redenção, um modo de ver beleza em um mundo escuro. O que não tinha tão claro era se estava disposto a se submeter aos planos de estudos, ao ritmo universitário, aos exames! Um modo de evitar a pergunta foi deixar que o barco de seu desempenho acadêmico naufragasse lentamente e submergir na leitura compulsiva de Kafka, Melville, Borges, Lovecraft. A poesia de Sylvia Plath, uma autora local que vivera grande parte da vida deprimida e se suicidara aos trinta anos, captou sua atenção de forma especial, quase obsessiva. Não era, claro, a leitura ideal para alguém que a cada dia se deixava arrastar um pouco mais para a beira do abismo.

Ted foi testemunha de tudo, e o único que tentou ajudá-lo. Desde os pequenos detalhes, como incentivá-lo a fazer a barba ou tomar banho, até acompanhá-lo às aulas e aconselhá-lo. Não estava tendo muito sucesso.

Justin começou a escrever uma espécie de diário no qual despejava seus pensamentos, poesias meio mastigadas e parágrafos densos em que reinava a desesperança. Levava essa caderneta para todo lado. À noite dava longos passeios pelo campus, deitava em algum canto e às vezes até dormia. Chegou a ter alguns incidentes com a polícia do campus por causa de seus hábitos noturnos. Às vezes Ted, que a cada dia precisava batalhar mais no sexto andar para cobrir os gastos, chegava muito tarde ao quarto e mesmo assim não o encontrava.

Em uma dessas noites, Ted se deitou na cama, exausto, e ficou olhando para a cama vazia do amigo. Não se lembrava de ter feito nada significativo por outra pessoa desde que era criança, e naquela noite decidiu que queria fazer algo. Algo para sacudir Justin e tirá-lo daquela espiral sem fim. Levantou-se e se vestiu rapidamente. Conhecia mais ou menos os percursos de seu companheiro de quarto, e em menos de uma hora conseguiu encontrá-lo. Estava atrás da biblioteca, sentado no banco de um parquinho descuidado e pouco iluminado. Se não fosse pelo cigarro aceso, Ted provavelmente não o teria visto na densa escuridão.

Sentou-se ao lado dele sem falar nada e apertou seu ombro por um instante.

— Acho que me tornei previsível — Justin comentou. Uma nuvenzinha branca saiu de sua boca. O frio era intenso; nevaria a qualquer momento.

Nesse dia, pela primeira vez, Ted se permitiu falar de seu pai. Não foi um relato pormenorizado, só o mínimo indispensável para que Justin soubesse que ele também sabia o que era um pai que ferrava a família. Falou brevemente das viagens à casa de Miller para ter aulas de xadrez e da vida dupla que seu pai mantinha. Justin pareceu bastante impressionado, não com a história em si, mas com o fato de Ted se abrir e falar de assuntos pessoais. Até aquele momento essa parte de sua vida tinha sido um enigma.

— Eu também odeio o meu pai — Ted admitiu —, e não vou tentar te convencer de que o mundo não é uma merda, porque é. E os culpados são caras como o seu pai e o meu, além dos inúteis com quem eu sento toda noite para jogar pôquer, os otários malcriados das fraternidades, todos eles são responsáveis. Sabe como eu sei? Porque eu também sinto. Esse vazio. Eu também sinto.

Ted ficou em silêncio. Os dois ficaram assim por um bom tempo.

— Eles são os culpados por esse buraco... — Ted repetiu, agora em tom sinistro. — A questão, amigo, é o que fazemos com isso...

— Não sei. Estou cansado de mentir para a minha mãe. Estou pensando em largar a universidade.

— Isso é justamente o que você não deve fazer. Porque aí eles ganham. Você não entende? Isso é o que eles querem, te empurrar para a merda. Eu sei que pode ser mais simples ceder, acredite que eu sei. Mas você deve encontrar uma forma de fazer as coisas funcionarem. Eu vou me formar nesta universidade de merda, vou conseguir as melhores qualificações, vou me

casar, vou ter filhos, uma casa gigantesca, talvez também uma casa de fim de semana... Vou ser rico!

Justin sorriu.

— Eu gostaria de ter a sua confiança, Ted McKay.

— Olha, Justin, é verdade, eu tenho facilidade para memorizar todas essas merdas de livros. Isso eu tenho ao meu favor. Cada um tem os seus pontos fortes. E não me diga que não conhece os seus. Você precisa explorá-los, encontrar a forma de alimentar a besta, aprender a conviver com ela.

— Do jeito que você fala, parece simples.

— E é! Acredite que é. Essa escuridão é... como um parasita horrível que vai te acompanhar sempre. Você não pode permitir que te devore.

Justin esmagou o cigarro com a bota.

— E aquela garota de quem você me falou? — Ted perguntou. — A da sua classe de redação criativa...

— Denise Garrett.

— Essa mesma.

— Não sei... Nós conversamos algumas vezes. Mas eu não estou indo muito para esse lado ultimamente.

— Convide a menina para sair, ir ao cinema, algum lugar. Pode ser um começo.

Justin assentiu.

— E agora vamos nessa que eu não estou mais sentindo as orelhas — Ted reclamou. — Esqueci de pegar o gorro, que droga.

Caminharam de volta ao Bloco em tom mais relaxado, rindo e tocando os ombros sem tirar as mãos dos bolsos.

— Então eu sou um retardado — Justin disse. — Menos mal que sou bonito.

— Exato. Eu estava com medo de você não entender isso.

— Otário.

— Mas um otário que se preocupa com você, filho da puta.



1994

Com a chegada da primavera, as coisas pareceram se endireitar um pouco. Justin retomou suas aulas e se obrigou a dedicar um mínimo de horas diárias aos estudos. Também conseguiu um emprego duas vezes por semana na biblioteca. Não convidou Denise Garrett para sair, mas faria isso em algum momento. O próprio Ted estava saindo com uma garota de uma de suas turmas, e isso animou Justin ainda mais, embora tivesse a sensação de que Denise — ela não dissera diretamente, mas insinuava — tinha algum tipo de relacionamento, talvez um namorado em sua cidade ou algo assim. Ela se comportava de modo estranho, especialmente durante as aulas a que iam juntos, como se a presença de Justin a incomodasse de alguma forma. Ted disse para ele não se preocupar, que a lista de garotas interessadas era interminável.

Mas Justin não se sentia a salvo por completo. Continuava lendo Sylvia Plath e enchendo o caderno de ideias apocalípticas; também continuava com seus solitários passeios noturnos, embora pelo menos agora sentisse que tinha tudo sob controle, que de resto estava tocando a vida. Talvez Ted tivesse razão, afinal. O que tinha dito aquela noite no parque? Que ele devia alimentar a besta interior, que se fizesse isso tudo sairia bem. E tinha razão! Claro que tinha! Ted era a porra de um gênio.

Mas então, no dia 9 de abril daquele ano, uma notícia terrível sacudiu o campus da Universidade de Massachusetts e o mundo inteiro.

Ted estava no refeitório. Nesse dia ele fazia parte do grupo de lavadores de louça, tarefa que detestava, claro, embora tivesse a vantagem de poder realizá-la com os fones de ouvido e seu discman novinho. Estava nisso já fazia uma hora, alheio às conversas de seus companheiros, com os quais raramente interagia. Em determinado momento, um grupo alvoroçado se reuniu

em um canto da imensa cozinha, mas Ted não se interessou nem um pouco. Se o supervisor tivesse algo para falar, já viriam chamá-lo. Cantarolava uma música do Soundgarden quando um agitado Justin apareceu a seu lado e o segurou pelo ombro. Justin nunca ia até seu trabalho. Ted tirou os fones e parou de esfregar o copo que tinha na mão. Justin deu a notícia que já circulava por todos os lados... A notícia *confirmada*.

Kurt Cobain tinha se matado com um tiro em sua casa de Seattle.

Como era de esperar, circularam outras versões durante aquelas horas iniciais, mas a do suicídio foi a mais forte de todas. Mais tarde souberam que Kurt tinha fugido de uma clínica de desintoxicação e, depois de alguns dias sem que ninguém soubesse onde estava, tomou a drástica decisão. Deixou para trás uma carta que causaria profundo impacto na UMass e especialmente em Justin Lynch. Kurt cantou mais do que nunca nos quartos do Bloco durante aquela primavera de 1994.

Uma semana depois da trágica notícia, Ted foi ao cinema com Georgia McKenzie, a garota com quem tinha começado a sair algumas semanas antes. As coisas com ela iam bastante bem. Georgia era bonita e desinibida, uma aluna medíocre que não conseguia entender seu namorado e que possivelmente por isso tinha se apaixonado por ele. Não era uma garota exigente, dessas que querem que a vida do namorado gire ao redor da sua. Eles se encontravam por algumas horas no fim de semana — que incluía uma sessão de cama rangendo — e às vezes um dia durante a semana, para se beijar e estudar um pouco. E isso era tudo.

Naquele sábado, Ted a acompanhou até a porta de seu dormitório. Beijou-a com a costureira prontidão desesperada e insistiu para deixá-lo entrar, o que ela permitiu depois de uma leve e estudada resistência. Gostava de desafios e de quebrar as regras, e enfiar seu namorado escondido no quarto preenchia os dois requisitos. Depois de um breve mas intenso encontro, Ted se despediu.

Quando chegou a seu quarto, sentiu um calafrio percorrer seu corpo. Algo não estava bem. A luz do pequeno banheiro estava acesa, a porta aberta... mas o detalhe determinante era o caderninho de Justin aberto sobre a cama. Pensou em Kurt, caído no chão de sua casa... Correu para a cama e viu duas páginas de um extenso texto compacto que à primeira vista não parecia uma nota de suicídio, essencialmente porque não estava dirigida a ninguém. Uma rápida olhada detectou a palavra “Boddah”, e Ted estremeceu. Boddah era a quem Cobain tinha dirigido sua própria carta de suicídio. Ted correu para o banheiro. Preparou-se para ver o corpo de seu amigo na banheira ou pendurado. Foi uma fração de segundo que em sua cabeça viajou a toda a velocidade. Justin era depressivo, mas também seria suicida?

O banheiro estava vazio. Por que Justin tinha deixado a luz acesa?

Esquecimento. Não seria a primeira vez.

E seu caderno?

E quanto a Boddah?!

Antes de começar uma busca pelo restante do Bloco, Ted precisava ler o texto. Voltou à cama do companheiro e permaneceu de pé, apoiando as mãos dos dois lados do caderno, como

se não quisesse tocá-lo. Só encostou nele para virar a página e ler a última parte. Embora fosse um texto extenso, leu em menos de vinte segundos.

Não parecia uma nota de suicídio, mas um relato inconcluso. A temática não o tranquilizou. Nele um homem ia tirar a própria vida e, pouco antes disso, no preciso momento em que se propunha a apertar o gatilho, um estranho se apresentava à sua porta. Seu nome era Boddah, e dizia ter uma proposta; era realmente persuasivo e parecia saber o que o protagonista — cujo nome não era mencionado — estava pensando em fazer. Dizia conhecer outros como ele e que, se colaborassem um com o outro, poderiam não só ajudar suas famílias a suportar a dor, mas fazer do mundo um lugar melhor. Dentro de um retângulo na parte superior estava o título: “Um mundo melhor”. A caligrafia era desengonçada e caótica, com acréscimos e rasuras por todos os lados. Quando Boddah começava a explicar ao homem que o que ele devia fazer era matar um sujeito desprezível, o relato terminou abruptamente.

Ted ficou pensativo por um momento. Aquilo podia ser um conto — muito bem escrito, certamente — no qual Justin estava trabalhando, claro que inspirado pelos fatos recentes, ou podia ser algum tipo de aviso inconcluso que Ted não tinha entendido. Saiu do quarto correndo. No corredor encontrou Irving Prosser, um cara grande e de poucas palavras que ocupava o quarto ao lado. Quando perguntou com urgência se tinha visto Justin, Irving pensou com calma, coçou a cabeça e olhou para o teto, como se precisasse imprimir potência ao cérebro para responder a essa simples pergunta.

— Se eu o vi *ultimamente*? — perguntou.

— Claro!

Se não o conhecesse, Ted teria pensado que ele estava tirando um sarro, mas não era o caso. Prosser era simplesmente estúpido.

— Deixa eu ver... Faz mais ou menos uma hora que eu o vi sair do quarto. Eu ia para...

Ted deixou seu vizinho no meio da frase. Foi até as escadas e formulou a mesma pergunta várias vezes, descendo os degraus de dois em dois. Todos conheciam Justin; era mais uma das vantagens de ser a reencarnação de James Dean. Um estudante que entrava no Bloco bem nesse momento disse a Ted que o tinha visto perto da biblioteca. E foi para lá que ele se dirigiu. Correu durante todo o trajeto, surpreso com a preocupação que sentia por alguém que conhecia havia menos de um ano. Mas era uma preocupação verdadeira, e o sentimento era tão novo para ele que o fazia se sentir diferente.

Encontrou-o no lugar de sempre, o parque atrás da biblioteca, que à luz do dia e com as árvores que começavam a florescer parecia bem menos ameaçador.

— Ted! — Justin se surpreendeu ao vê-lo. Tirou os fones de ouvido. — O que está fazendo aqui?

Ted se sentou ao seu lado.

— Aconteceu alguma coisa? — Justin perguntou.

— Nada. — Ted decidiu nesse instante que não diria o que tinha pensado. Justin parecia estar bem-humorado. — Mais tarde eu pensei em ir um pouco ao sexto andar e queria te

perguntar uma coisa.

— Sou todo ouvidos.

— Ontem à noite eu joguei pôquer com uns imbecis da Phi Sigma Kappa. Um ambiente bastante hostil, mas eu consegui ganhar. De qualquer forma, hoje tem uma festa na fraternidade e me convidaram.

Justin o observou como se de repente ele estivesse cheirando mal.

— Você? Numa festa de fraternidade?

Ted riu.

— Não tenho ideia de quem são esses caras da Phi Sigma Kappa — Justin disse. — Você falou que era do primeiro ano? E por acaso não é preciso pagar uma fortuna para entrar nessas festas?

— Olha, de certo modo eles mesmos vão pagar. — Ted deu umas batidinhas no bolso para indicar onde tinha ido parar o dinheiro. — E é verdade, eu odeio aqueles caras. Mas vai ter bebida, garotas, música... Nós ficamos um pouco, bebemos tudo o que quisermos e vamos embora. O que seria da vida universitária sem essas festas de merda?

— Tem razão. Você realmente veio até aqui por isso? — Justin fez uma pausa e sorriu. — Desculpa, eu sou um ingrato. É que você está ficando mole, McKay, se preocupando com o próximo. Obrigado. A festa parece uma boa ideia. Em algum momento eu teria que ir a uma dessas...

Ficaram em silêncio. A inconfundível guitarra do Nirvana se tornou audível dos pequenos fones que Justin tinha agora ao redor do pescoço. Enfiou a mão no bolso e apertou stop no walkman.

— Olha — disse Ted —, você deixou o caderninho em cima da cama...

Justin deu um pulo, entendendo as possíveis implicações daquilo.

— Você é muito bom, Justin — Ted o tranquilizou.

— Ah, meu Deus, que vergonha. É só um trabalho em andamento.

— É perfeito.

Justin assentiu.

— Obrigado, Ted.

— Estou falando sério.

— Se você gostou tanto, talvez eu coloque o seu nome no personagem principal.

Justin piscou um olho.



ÉPOCA ATUAL

Às nove da manhã do sábado, um furgão saía do Lavender Memorial com destino a Dover, Vermont. Lee Stillwell dirigia, Laura ocupava o banco do passageiro e Ted era o único na parte de trás. Lee, normalmente um guarda intratável que parecia passar seus dias no Lavender contando as horas para chegar à ansiada aposentadoria, dessa vez estava de bom humor e até conversador. Tinha motivos, claro, pois a viagem significava uma diária tripla para ele. Além disso, gostava de dirigir, sem mencionar que a dra. Hill era mais que agradável aos olhos sem o odioso jaleco do hospital.

Ted ficou em silêncio quase todo o trajeto. Comunicar-se através da janelinha que dividia a parte traseira da cabine não era precisamente estimulante, menos ainda quando para isso precisava se inclinar e esticar a corrente que o mantinha preso ao chão de metal. Para ele a viagem pareceu eterna, sem possibilidade de contemplar a paisagem daquele incômodo banco encostado em uma das laterais. Decidiu que o melhor seria pensar no que poderia acontecer ao chegar, porque tinha certeza de que no furgão não haveria nada para fazer a não ser esperar. O guarda tinha monopolizado a conversa. Laura se virou várias vezes para olhar para Ted através da janelinha divisória com um misto de pena e resignação. Não havia nada que ela pudesse ter feito sobre as medidas de segurança, e parecia lembrá-lo com o olhar cada vez que podia.

Avançaram pela Route 202, atravessando o estado na direção oeste. O tráfego era fluido, e as laterais cheias de florestas convidavam à contemplação e à reflexão. Para qualquer funcionário do Lavender, onde as grades, as portas de segurança e as câmeras de observação eram moeda corrente, o imenso céu azul daquela manhã e o colorido das árvores acabavam sendo angustiantes. Lee Stillwell se sentia especialmente extasiado. Com o olhar na estrada,

explicou que seu sonho de toda a vida era comprar uma casa em um lugar afastado como aquele e viver ali os seus últimos dias. Tinha vivido sempre com essa vontade, tanto ele quanto sua esposa, e agora que estava perto de se aposentar compreendia que, na verdade, nunca esteve realmente perto de conseguir, algo que o entristecia profundamente. Poucas vezes conseguira economizar algum dinheiro, e por uma razão ou outra acabou gastando tudo. Tinha vivido os últimos trinta anos acreditando sinceramente que conseguiria realizar seu sonho e nem sequer chegara perto.

— Talvez isso tenha sido o importante — disse, agarrando o volante com força. — Acreditar que algum dia eu conseguiria.

Depois da revelação, ficou em silêncio, talvez com vontade de chorar atrás de seus óculos espelhados. Provavelmente era a primeira vez que dizia algo assim em voz alta.

— Quando se é velho como eu, a verdade é que já não importa tanto.

— Lee, você não é velho.

O homem assentiu.

— Eu sou velho o suficiente para saber que meus sonhos não vão se realizar, mas não o suficiente para esquecer deles.

Estavam viajando havia mais de uma hora quando Ted falou pela primeira vez:

— Eu consegui realizar o sonho da casa de fim de semana e aqui estou, algemado, porque um dia decidi que o melhor a fazer era estourar a minha cabeça.

Lee não respondeu.

— Você ama a sua mulher? — Ted perguntou.

O guarda não parecia totalmente disposto a dialogar com Ted, ou talvez simplesmente pensasse em seu sonho malogrado e em como tinha fracassado com sua mulher, Martha.

— Amo — respondeu, depois de um instante. E não mentia.

— Então você tem tudo de que precisa.

Ted estava olhando para a ponta dos sapatos, os cotovelos apoiados nos joelhos, a cabeça apoiada nas mãos. Uma das correntes pendia na frente de seu rosto, movendo-se com o suave vaivém do veículo. A outra era uma serpente fria entocada a seus pés. Não falou mais nada.

Pegaram a Interstate 91 pouco depois das onze.

— Pelo menos eu tenho minha carpintaria nos fundos de casa. — Lee não se dava por vencido.

— Eu vi a cadeira que você fez de presente para a diretora — Laura disse. — Muito bonita.

— Obrigado. Eu gosto de carpintaria. Acho que vou dedicar muito mais tempo a isso quando me aposentar. Agora falta pouco.

Lee continuou falando de carpintaria, que encontrava no trabalho com a madeira a satisfação que o emprego no hospital não proporcionava. Nesse ponto se desculpou com Laura pelo comentário, mas imediatamente depois explicou que a equipe do Lavender não tinha culpa de nada. Era ele quem acabara em um emprego que não o apaixonava e não soube sair a

tempo. Tinha começado por acaso, com o simples propósito de economizar um pouco e procurar algo melhor... e os meses se transformaram em anos e os anos em décadas.

— E então ficou cada vez mais difícil sair — se justificou. — E de repente você percebe que já está perto da aposentadoria... e não fez nada do que tinha planejado.

Laura o escutava com atenção. Compreendia muito bem a infelicidade daquele homem, para o qual a vida tinha escorrido entre os dedos. Laura amava seu trabalho e não sentia que seu tempo no Lavender era perdido, muito pelo contrário, mas entendia o sentimento, claro que sim. Na verdade, algo parecido havia acontecido com ela depois do divórcio, quando por alguma misteriosa razão assumira que sua vida amorosa havia terminado. Era absurdo que uma mulher que tinha acabado de fazer trinta e cinco pensasse dessa forma, mas foi assim no princípio. Finalmente entendeu; o tempo se encarregou de colocar as coisas no lugar, de abrir seu coração a novas possibilidades... Pensou em Marcus, que veria aquela noite.

O GPS os guiou pelo intrincado trajeto final. Lee tinha se recusado a receber instruções de Ted. Deixaram para trás a interestadual até chegar a uma estrada de terra pouco transitada. Três quilômetros à frente, chegaram à casa do lago. Quando Lee desligou o motor, o silêncio foi angustiante. Ninguém desceu; Lee ficou imóvel atrás do volante, contemplando a imponente propriedade. Estava claro que aquela casa superava em muito sua fantasia mais ambiciosa.

O guarda desceu do furgão. Não vestia o uniforme, mas jeans e um casaco. Debaixo dele levava sua Beretta, e no cinto uma pistola de choque. Abriu a porta dupla e tirou o cadeado para que Ted pudesse sair.

— O que eu disse antes é verdade — Lee explicou. — O meu trabalho não me apaixona, mas eu sou bom no que faço. Não se aproxime da dra. Hill mais de dois metros. Se precisar de alguma coisa, peça para mim. Eu vou atrás e vou estar de olho em você o tempo todo. Só duas vezes tive que aplicar um choque e nunca disparei a minha arma, mas eu te garanto que pratico toda semana e posso romper essa corrente a dez metros. Nada de surpresas. Estamos entendidos?

Ted assentiu.

— Não vamos ter problemas — assegurou.

Nesse momento Laura desceu do furgão.

Ted deu a volta no veículo. A corrente dos pés permitia que avançasse com considerável liberdade; não era suficiente para correr, mas para caminhar com desenvoltura. Quando viu a casa, sentiu uma estranha sensação de familiaridade. Estava diferente de como se lembrava dela, mais descuidada. Tinha certeza de que Holly e as meninas não voltaram ali durante todo esse tempo. Claro que não havia sinal do Lamborghini conversível.

— A Holly me deu as chaves — Laura disse, exibindo um chaveiro. — Acho que seria bom dar uma olhada dentro, não acha?

Ted não respondeu. Observava tudo como uma criança curiosa. As árvores, o chão coberto de agulhas de pinheiro, a superfície do lago oscilando ao compasso da brisa. O ar tinha um

cheiro diferente. Respirou fundo várias vezes, com a sensação de que o oxigênio tinha a capacidade de curá-lo, de trazer as lembranças esquecidas... de fazer o tempo voltar.

Viu o castelo cor-de-rosa ao longe, na entrada do bosque, e a vista ficou cravada ali.

Respostas.

— Vamos, Ted. Eu quero que a gente dê uma olhada dentro da casa primeiro.

Ele concordou e se dirigiu à entrada. Lee o seguiu.

Ted entrou com certa cautela, medindo cada passo que dava sobre o tapete indiano. O tapete no qual, a julgar por suas lembranças, Wendell tinha caído depois que ele atirou. A lembrança era tão real e, no entanto, quando tentava se concentrar no rosto de Wendell, sua mente mostrava um grande ponto de interrogação. Ted caminhou pelo térreo e parou na frente das fotografias. Muitas delas tinham sido tiradas por ele. Foi até a entrada da cozinha, viu o calendário e virou as folhas em busca do mergulhador explorando o recife de coral. Não o encontrou em nenhum dos meses; eram só paisagens.

— Foi aqui que eu esperei por ele — Ted contou. Laura tinha se interessado ao vê-lo examinar a folhinha. — Primeiro eu o vi por essa...

Ele ficou calado.

— Ali havia uma janela — disse, apontando para a parede da cozinha onde estavam a geladeira de porta dupla e a bancada. — Eu observei o Wendell através dessa janela, enquanto ele estava no lago.

Laura percebeu a perplexidade em seu rosto. Era como se uma parte dele ainda quisesse se apegar à possibilidade de tudo aquilo ter acontecido realmente. De Wendell não ser, na verdade, uma criação de sua mente.

— Vamos lá para cima, Ted. Tem uma coisa que eu quero que você veja.

Ele assentiu.

Voltaram à sala e subiram por uma das escadas.

Ao contrário do térreo, cujos painéis fixos de vidro permitiam a passagem da luz natural, no segundo andar a casa estava escura. Lee apertou o interruptor, mas não aconteceu nada.

— Um momento, dra. Hill — ele disse, lá de cima. — Aqui não tem luz. Eu vou abrir uma das janelas.

Ted estava no meio do caminho. Laura ainda não tinha começado a subir.

— O que você quer que eu veja, Laura?

Ela não respondeu.

Depois de um instante o guarda apareceu no alto da escada e fez um sinal para que subissem. Ted se deparou com um corredor completamente desconhecido. Avançou alguns metros e parou ao lado da janela que Lee tinha acabado de abrir. Dali o castelo cor-de-rosa era perfeitamente visível. Ted percebeu que, se o castelo estivesse localizado a poucos metros dali, seria impossível vê-lo por causa da folhagem. Dessa janela, portanto, era possível supervisionar as meninas. Ficou parado, perguntando-se quantas vezes teria dado uma olhada por ali para comprovar que estava tudo bem.

— Abra essa porta — pediu Laura, que acabava de subir.

Ted se virou. Na frente da janela havia uma porta fechada. Abriu.

O que viu o surpreendeu, mas sobretudo o deixou profundamente triste, por ser mais uma prova de que suas lembranças eram pouco confiáveis.

Ele estava em seu escritório. A mesa, a estante de livros, o quadro de Monet que ocultava o cofre. Reconheceu todos os objetos daquele aposento no qual nem sequer se atrevia a entrar.

Laura falou atrás dele:

— A Holly me disse que na casa de vocês na cidade não existe nenhum escritório.

Ted ficou contemplando o lugar por mais de um minuto.

— Era aqui que eu ia fazer, Laura. Sentado nesta cadeira.

— Quer entrar?

— Você acha que pode servir de alguma coisa?

— Não sei. Faça o que achar melhor.

Ted não queria entrar.

— Eu quero ver o caminho atrás do castelo.

— Perfeito. Vamos para lá, então.

Voltaram ao térreo, sempre sob a atenta supervisão de Lee. Deram a volta na casa e caminharam em silêncio até o castelo cor-de-rosa, agora rodeado por um denso colchão de folhas secas.

Atrás do castelo, realmente um caminho se abria entre as árvores.

— Aqui está — Ted anunciou, solene. Seu olhar tinha endurecido, e parecia desafiar aquele estreito caminho.

— Vamos, então — Laura convidou. Dava para notar a ansiedade em sua voz.



1994

Para chegar à festa, deveriam caminhar mais de um quilômetro e se afastar de todos os percursos conhecidos. Era uma sorte que Ted tivesse o mapa do imenso campus na cabeça, e não só isso, mas que seu senso de orientação fosse infalível. Ele garantiu que a serpenteante trilha pela qual caminhavam os conduziria até a fraternidade de um modo muito mais direto e não se enganou. A música confirmou que aquele era o endereço correto, e não demoraram para encontrar uma cerca de madeira nos fundos da casa.

Eram mais de dez horas, e mesmo assim a festa não tinha chegado nem remotamente ao auge. As três letras gregas na parede do térreo tinham sido iluminadas convenientemente. Dois caras maiores que eles — em todos os sentidos da palavra — estavam na porta para recebê-los com cara de poucos amigos. Ted se dirigiu a um deles — o outro nem sequer olhou para os dois — e deu seus nomes. Nesse momento, um carro parou na frente da casa e três garotas desceram. Entraram sem problemas, cumprimentando os seguranças sem nem interromper a conversa e as risadas. Ted olhou para sua jaqueta, depois para a de Justin — um casaco comprido de gabardine, exagerado para uma noite de primavera sob qualquer padrão imaginável —, depois para os minúsculos tops e saias das garotas, e se sentiu deslocado. O segurança que estava com a lista encontrou seus sobrenomes e deu a aprovação ao outro, que mesmo assim não pareceu convencido e pediu as identidades. Justin tirou a sua da carteira imediatamente e a exibiu com pouca vontade.

— Você não — disse o outro, sem olhar para ele. — Seu amigo.

Faltou pouco para que Ted desse meia-volta e fosse embora. E claro que Justin teria ido com ele. Vendo como terminaram as coisas naquela noite, essa teria sido a decisão mais

acertada de sua vida.

Mas eles entraram.

A maioria das pessoas estava dentro da casa, embora houvesse vários grupos dispersos bebendo e conversando aos gritos do lado de fora. Uma melodia repetitiva e pulsante convidava a não entrar. Justin e Ted cruzaram o jardim da frente com rapidez e se obrigaram a dar uma olhada do lado de dentro. Ali um grupo mais ou menos numeroso pulava e se sacudia — chamar aquilo de dança seria demais —, e o restante circulava por ali, todos com seus respectivos copos vermelhos de plástico. Havia um DJ sobre um palco e duas mesas com uma infinidade de bebidas estrategicamente dispostas. Ted contabilizou cinco caixas de isopor com gelo e latas de cerveja Keystone. Fazia calor, por isso se livraram de seus casacos sem saber exatamente o que fazer a seguir. Quase nenhum dos participantes era do primeiro ano, isso estava claro.

Ted reconheceu Dan Norris no grupo que rodeava uma das mesas. Norris, que naquele momento tomava tequila com outros membros da fraternidade, era o idiota que o convidara. Por sorte nem viu Ted, que imediatamente sugeriu que se afastassem. Pegaram uma cerveja cada um e saíram por uma porta lateral para uma varanda onde as coisas estavam muito mais tranquilas. Um casal se beijava loucamente em um canto e outro fazia o mesmo em uma rede. O jardim daquela parte da casa estava iluminado por um único poste de pouca potência.

Em um dos cantos da varanda havia mais uma caixa com latas, e para lá se dirigiram. Sentaram-se no corrimão, olhando para a casa, onde havia uma janela aberta que lhes permitia ver o interior. Terminaram a cerveja e pegaram outra. E depois mais uma. Nenhum dos dois estava acostumado a beber, por isso três latas foram suficientes para que começassem a ficar tontos.

— Devíamos ter comido alguma coisa — Ted observou.

Justin concordou.

— Como vão as coisas com a Denise, a da aula de redação criativa?

Ted se deixou cair do corrimão e, quando estava indo pegar mais cerveja, perdeu o equilíbrio. Abriu os braços para recuperá-lo, movendo-se como um surfista sobre a prancha. Quando a varanda parou de se mover, foi até a caixa de isopor. Pegou duas latas e jogou uma para Justin, que, claro, não conseguiu agarrá-la. A lata bateu em seu peito e caiu no chão. Aquilo provocou um forte ataque de riso neles, que durante mais de um minuto não conseguiram fazer nada a não ser segurar o estômago por causa da dor.

Ted recuperou a lata caída e entregou a Justin. Quando este a abriu, um jato amarelo voou em sua cara, e durante um segundo suas tentativas de capturá-lo com a boca foram em vão. Isso desatou um novo ataque de riso.

— E então? — Ted voltou a se sentar no corrimão, com cuidado para não cair para trás.

— Não vai acontecer nada com a Denise, felizmente — Justin disse. — Ela está *ocupada*.

— Achei que você tivesse dito que ela não tinha namorado.

— Agora tem. Um otário arrogante que parece ser o próximo Michael Jordan. Ela mesma me disse isso, então dá para imaginar por que eu estou dizendo que foi uma sorte não ter ficado com ela.

Subitamente o rosto de Justin ficou sério. Ia perguntar a seu amigo sobre a namorada dele, Georgia... Afinal de contas, era o que pediam as boas maneiras, não? Mas Justin temia não conseguir esconder o que tinha descoberto sobre ela havia algumas semanas. Agora se perguntava se seu silêncio não seria pior. Ted era a inteligência personificada e podia perceber quando algo não estava bem. Não é que falassem das namoradas o tempo todo, mas sua repentina falta de interesse poderia terminar sendo suspeita. Ele sabia disso.

Justin não havia abandonado seus hábitos noturnos e conhecia a rotina do campus quando as janelas dos dormitórios começavam a se apagar uma por uma. Como um observador invisível, via os namorados que fugiam pelas portas traseiras e deslizavam entre as sombras achando que não tinham sido detectados, e também os casais que procuravam privacidade em algum arbusto ou simplesmente passeavam de mãos dadas. Não é que Justin se interessasse especialmente em se intrometer na vida alheia, mas aqueles rituais faziam parte da noite, como o canto das corujas e o caminhar dos guaxinins.

Em uma dessas noites, no parque atrás da biblioteca, pegou Georgia McKenzie com outro cara. Ela estava esperando por ele num canto do edifício, onde a escuridão era quase completa, tanto que Justin no começo não a viu. O cara chegou mais tarde, caminhando apressado. Usava o moletom e o boné da universidade, por isso era impossível identificá-lo. Justin nem sequer soube nessa primeira vez que aquela era Georgia. O mesmo episódio voltou a se repetir dois ou três dias depois, só que dessa vez foi ela quem chegou um pouco mais tarde. Fizeram o mesmo de sempre... se beijaram por um bom tempo, conversaram um pouco e se despediram. Os encontros não duravam mais de dez minutos, e não havia neles indícios do típico frenesi estudantil.

Na terceira vez que os viu, Justin decidiu que seguiria o cara para ver de quem se tratava. Depois contaria a Ted. Não se preocupou muito, afinal seu amigo não parecia tão interessado na garota. E, a julgar pelo que Justin tinha visto atrás da biblioteca, o mesmo acontecia com Georgia, que realmente parecia ter uma conexão com aquele sujeito misterioso. E foi assim que o seguiu a distância, o observou dar a volta no edifício e pegar um caminho que levava ao estacionamento perto do prédio principal. Durante o trajeto, o cara fez a primeira coisa peculiar: tirou o moletom, dobrou, sem parar de caminhar, e o enfiou na mochila que levava no ombro. Fez o mesmo com o boné, e uma cabeleira menos densa que a média do campus deu a primeira pista. Justin confirmou, à medida que se aproximaram das luzes no estacionamento dos professores, que o homem não era um jovem da idade de Georgia, embora seu porte atlético pudesse confundir um observador casual. Ele entrou em seu carro e foi embora.

Justin o reconheceu na hora. Aquele era Thomas Tyler, seu professor de redação criativa.

Já haviam se passado quatro semanas da lamentável descoberta. Justin tinha voltado a vê-los várias vezes, e estava convencido de que existia algo verdadeiro entre eles. Por que se arriscar desse jeito se não houvesse? Durante os últimos dias esperou que Ted contasse que as coisas com Georgia haviam terminado, e então ele concordaria em silêncio e isso seria tudo. Por que ainda não tinha feito isso? Justin sabia que não poderia fugir do assunto por muito tempo. Por que ocultar algo assim? Por que ela não dizia nada?

Agora Ted o observava com uma cômica perspicácia ébria, por sorte interrompida por uma série de gritos femininos da janela na frente deles. Ao se virarem, descobriram duas garotas que gritavam com seus copos no alto, como se conhecessem os dois. Justin e Ted trocaram olhares desconcertados — claramente nenhum dos dois conhecia as garotas — e um instante depois as viram sair pela porta de trás e caminhar na direção deles. Uma das duas arrastava a outra, era baixinha e começou a correr a velocidade suficiente para que seus peitos enormes saltassem de um lado para o outro. Era bonita, tinha o cabelo curto um pouco abaixo das orelhas e sorria o tempo todo. O copo parecia gigante em sua mão.

— Oi, rapazes!

A amiga também era bonita e, ao que parecia, menos desinibida, porque ficou vermelha feito um tomate. Era uma cabeça mais alta, muito magra, e estava usando uma blusa discretamente decotada.

— O meu nome é Tessa. E ela é a Maria... minha prima.

Tanto Ted quanto Justin se apresentaram e trocaram apertos de mãos.

Tessa foi para o lado de Justin, que continuava sentado sobre o corrimão, e se apoiou em uma das pernas dele.

— Vocês são do primeiro ano?

— Somos.

— Legal! A Maria também.

Maria assentiu, confirmando a informação. Ainda não tinham ouvido a voz dela.

— Escuta, Justin — Tessa falou, com total naturalidade —, eu estava dizendo para a minha prima que você é lindo. Não é, Maria? — Ela deslizou e agora estava no meio das pernas de Justin, esfregando sutilmente seus peitos na virilha dele.

Maria, por outro lado, se mantinha a prudente distância de Ted.

— Merda — Tessa xingou ao comprovar que seu copo estava vazio. Amassou-o e o jogou no jardim. Afastou-se por um instante e em dois pulos chegou ao isopor. Voltou com duas latas e entregou uma a Justin.

A quinta...

— Tessa, tem certeza... — Maria começou.

— Claro! Não se preocupe. A sua prima sabe o que faz.

Continuaram bebendo por um tempo, falando da universidade, da cidade natal de cada um e nem uma palavra sobre namoradas ou namorados. De tempos em tempos Tessa pulava na direção da caixa de isopor e voltava com mais cerveja, que distribuía sem perguntar. Fez isso

duzentas vezes. Em determinado momento, puxou o braço de Justin, que continuava sentado na varanda, e este só teve tempo de esticar as pernas e ficar de pé. A varanda se moveu perigosamente durante alguns segundos, como um barco em alto-mar. Justin tomou um gole de sua lata em um ato quase reflexo. Mal percebeu o líquido deslizando por sua garganta e imediatamente voltou a tomar outro gole, dessa vez mais longo. Tessa o arrastou para a escada que levava ao jardim. Quantos degraus havia? Três? Quatro? Oitenta? Justin ia pisar no segundo degrau, mas a porra se deslocou alguns centímetros para baixo e ele quase caiu. Tessa o segurou pelo braço. Um dos peitos dela se esmagou contra a lateral de Justin, que mesmo em sua tontura estava plenamente consciente da sensação deliciosa.

Enfiaram-se no jardim, longe do poste.

— Aonde você está me levando? — ele perguntou. Literalmente sentia que era levado contra a sua vontade, embora não pudesse ser verdade. Aquela garota não tinha mais que um metro e sessenta.

Tessa ria, ainda sem soltar a mão dele.

— Não se preocupe, eu não vou te violentar — disse, entre risadas.

Afastaram-se uns vinte metros, o suficiente para que a música chegasse mais baixa entre as árvores. Outra vez o rugido pulsante. Pararam atrás de uns arbustos, e Tessa entregou sua cerveja a Justin. Ele ficou ali, desconcertado, segurando as duas latas. Um pouco além no terreno havia uma inclinação mais ou menos pronunciada. Tessa se agachou, as pernas abertas em noventa graus e a saia até a cintura. Com total naturalidade, baixou a calcinha e permitiu que um grosso jato de urina descrevesse um arco perfeito.

— A fila do banheiro vai até o térreo. É incrível — disse ela, que emitia um som de relaxamento à medida que o líquido perdia pressão.

Justin também tinha a necessidade imperiosa de mijar, mas naquele momento uma ereção poderosa fez as prioridades de seu *sócio* mudarem radicalmente. Havia algo naquela atitude desinibida de Tessa que catapultou seus hormônios para a lua. Quando o jorro de urina perdeu quase toda a potência, Tessa fez uma série de sacudidas com a pélvis que terminaram de enlouquecer Justin.

Ela arrumou a saia e se deixou cair sobre a camada de agulhas de pinheiro. A urina descrevia um rio metalizado que se perdia inclinação abaixo. Voltou a fazer o mesmo som de relaxamento, uma espécie de gemido longo, e Justin não conseguiu resistir mais. Sentou-se a seu lado e entregou sua cerveja, sabendo perfeitamente o que aconteceria a seguir.

— Posso te dizer uma coisa doentia? — ele perguntou.

— Humm... doentia — ela se interessou de imediato. — Vamos ver...

— Isso foi muito sexy.

Tessa riu. Agora que estavam sentados um ao lado do outro, seus rostos estavam mais perto do que nunca.

— Isso não é doentio, bobinho. Doentio seria nós transarmos ali em cima — ela falou, apontando para o rio fumegante que começava a ser absorvido pela terra.

Justin ficou sem palavras. Lila nunca tinha falado com ele desse jeito. Ela teria se horrorizado só com a ideia de urinar na frente dele.

— Você é muito bonito — Tessa elogiou, enquanto acariciava o rosto dele. Tinha bebido mais que todos eles juntos, e no entanto parecia estar no controle completo de tudo.

Justin conseguiu perceber um toque ácido naqueles dedos que o deixou ainda mais excitado. Eram as agulhas de pinheiro, o incômodo daquele lugar. Havia algo primitivo e violento em tudo aquilo que o deixara em um estado que desconhecia.

— Você é linda — Justin respondeu. E, sem poder se conter mais, agarrou um daqueles peitos com força. Precisou abrir a mão ao máximo, e mesmo assim não conseguiu segurá-lo inteiro. Sua mente estava prestes a explodir.



1994

Ted manteve uma conversa agradável com Maria, que também estava em uma de suas turmas e até já tinha ouvido falar dele. Sabia de seu desempenho acadêmico e se mostrou surpresa por encontrá-lo naquela festa, à qual, claro, tinha sido arrastada pela prima. Ted respondia de forma mais ou menos automática. Prometeu a si mesmo que a cerveja que tinha na mão seria a última e deu pequenos goles enquanto Maria falava de quanto lhe custava tirar um C e de outras questões que algumas horas mais tarde Ted seria incapaz de lembrar, apesar de sua prodigiosa memória. Duas ou três vezes eles foram interrompidos por Tessa, que chegou do meio dos arbustos em busca de mais álcool e desapareceu entre risos e saltinhos com peitos balançando.

A festa estava no auge depois da meia-noite. Ted começou a sentir vontade de ir embora, caminhar até o Bloco na quietude da noite, longe daquele barulho infernal, mas não queria abandonar Justin.

— A minha prima é um pouco ousada — Maria afirmou, quase como uma desculpa.

— O Justin sabe se cuidar.

— Ah, claro. Eu não falei por isso. — Ela ficou vermelha. Pobrezinha, seu rosto era um livro aberto.

Agora a varanda estava muito mais concorrida que no começo. De repente a multidão se abriu e dois estudantes robustos avançaram feito pistoleiros. Um deles era Dan Norris.

— Ei, McKay! — vociferou.

Aproximou-se de Ted sem parar de sorrir, deu-lhe um tapinha nas costas e uma espécie de abraço rápido, ou talvez dois golpes simultâneos no peito e nas costas.

— Que bom que você veio! — Norris disse. Dirigindo-se a seu companheiro, acrescentou: — Escuta, Tim, este cara é um gênio do pôquer.

Tim mantinha o rosto neutro. Era musculoso e tinha o cabelo cortado bem rente.

— Eu vim me divertir um pouco — Ted se obrigou a falar. Pensou em agradecer a Dan pelo convite, mas ficou calado. Já tinha percebido que os gigantes não vinham de forma amistosa e preferia terminar aquilo com um pouco de dignidade.

Maria ficou branca como papel. Dan e Tim eram do terceiro ano. O que faziam ali? Vários rostos estavam virados para eles. Algo ia acontecer.

— Realmente, Tim — Dan continuou. — Você precisava ter visto. Parecia até que estava roubando!

— Ah, é? — Tim se interessou.

— Nunca vi ninguém ganhar tantas mãos seguidas. Trinta paus me custou esse cara!

Ted lutava para manter a compostura. Maria parecia com vontade de chorar.

— Qual é o truque, McKay?

— Não tem truque — Ted disse, encolhendo os ombros. — Prática, eu acho.

Dan começou a rir. Tim assentiu várias vezes.

— Eu vou dizer o que nós vamos fazer, McKay — Dan continuou. — Mais tarde nós vamos subir para jogar um pouco. O que você acha?

— Ah, não sei... Está um pouco tarde.

— Tarde! Qual é, cara! Você me deve uma chance de recuperar o meu dinheiro.

Dan voltou a abraçá-lo com seu braço poderoso. O cheiro de álcool era insuportável, embora o grandalhão não parecesse muito bêbado, pelo menos a julgar por seu modo de falar. Ted, por sua vez, tinha recuperado o controle como por magia; desapareceram a tontura e a forte dor de cabeça, e ele recobrou a agudeza mental de sempre. O poder reparador do medo, pensou, com um pouco de humor. O melhor seria ficar para o jogo de Dan, refletiu. Se fosse obrigado a jogar, não teria problema em deixar que ele ganhasse algumas mãos. Se necessário, podia até devolver a Dan os seus ridículos trinta paus. Aprenderia a lição para a próxima vez: não depenar os caras do terceiro ano com tanta facilidade.

— Claro, Dan — Ted respondeu.

— Excelente! — Dan lhe deu um soco no ombro que pretendia ser suave. — A gente se vê daqui a pouco, então.

Tim lhe lançou olhares ameaçadores enquanto os dois iam embora. Através da janela, Ted viu quando eles se reuniram com outro grupo e foram até uma das mesas para umas doses de vodca. O grupo, em um semicírculo improvisado, gritava a cada trago, batendo depois os copos na mesa de madeira. Dan bebeu três em menos de um minuto, e Ted disse a si mesmo que não precisava se preocupar: Dan Norris estaria destruído em pouco tempo se continuasse bebendo naquele ritmo. Não haveria partida de pôquer naquela noite.

— Aqueles caras — Maria comentou, ainda morta de medo — pareciam um pouco loucos.

— Um pouco — Ted concordou.

Meia hora depois, Ted conseguiu se livrar de Maria. Continuava sem sinais de Justin nem de Tessa, e começou a pensar na possibilidade de ir embora sem o amigo. Por enquanto, Dan e companhia continuavam no centro da sala, por isso sair sem que eles percebessem não parecia possível. Pensou em dar a volta na casa, mas, depois de uma rápida inspeção, descobriu que não dava: uma cerca fechava o jardim, e a porta de madeira tinha cadeado. Vários caras urinavam naquele canto, e ele se uniu a eles sem hesitar. Enquanto o jato batia na madeira, decidiu que, se a única forma de sair era passar perto de Dan e seus amigos, então esperaria um tempo para que o caminho estivesse mais livre.

A espera foi eterna, e ele finalmente sucumbiu à tentação de tomar mais cerveja. Sentou-se em um dos degraus da varanda e bebeu sozinho. A tontura reapareceu, mas agora acompanhada de uma agradável sensação de leveza e sono que o incentivou a continuar bebendo. Em algum momento enfiou a mão no isopor e navegou por uns vinte centímetros de água gelada sem encontrar nenhuma lata. Tinham acabado, e ninguém havia se preocupado em repor. Ele se levantou. Seus movimentos eram desengonçados, espasmódicos. Esqueceu-se completamente de Dan e entrou na casa. Em alguma das mesas encontraria mais cerveja, raciocinou. Nunca na vida tinha bebido mais que uma ou duas cervejas, no entanto a única coisa que conseguia pensar era em enfiar mais desse líquido no corpo.

A sala estava lotada, e todo mundo parecia disposto a se chocar com ele. Mãos com copos se levantavam para evitar as colisões. Aproximou-se de uma das mesas, onde duas garotas serviam um líquido verde. Ted pegou um copo qualquer da mesa e esticou na direção delas. As garotas acharam engraçado, porque começaram a rir enquanto uma delas enchia um quarto do copo. Ted bebeu um gole e enrugou a boca. Era a coisa mais horrível que tinha provado na vida, mas e daí?

Andou pela sala sem rumo. A música tinha o efeito de brocas perfurando a cabeça, e em um momento de lucidez conseguiu se perguntar o que estava fazendo ali, por que não ia embora, por que estava bebendo aquele coquetel nojento... Mas o momento passou e ele bebeu cada vez mais daquele líquido verde. Uma ânsia o fez se dobrar ao meio e vários dos que passavam por perto se afastaram. Mas Ted não vomitou. Lentamente se ergueu e sorriu para ninguém em especial.

— McKay!

Virou-se. O grito tinha sido tão poderoso que conseguiu abafar a música. Dan estava ali ao lado, com Tim e outro sujeito atrás deles, em perfeita formação.

— Oi! — Ted disse e tentou dar uma palmada no ombro de Dan, mas não conseguiu. Sua mão descreveu um arco completo e terminou em seu próprio joelho. Tentou de novo e apenas roçou a camiseta de Dan.

— Aproveitando a festa?

Ted assentiu.

— Por que ele está tão sério? — apontou para Tim.

— Olha, McKay. — Dan falava agora com uma leve pastosidade, mas nada mais. Ted se distraiu com o decote de uma garota que dançava perto. — McKay... Aqui, olha para mim. Os caras e eu vamos jogar umas partidas... Você precisa vir.

Ted achou a ideia muito engraçada. Começou a rir de modo frenético.

— Pôquer? — repetiu várias vezes, como se a palavra fosse uma piada.

— É, pôquer. Você me deve essa. Vamos lá para cima. — Dan o segurou por um braço e Tim pelo outro. Entre os dois, o levantaram do chão e subiram a escada. Ted não sentiu isso como uma atitude hostil, ao contrário.

— Obrigado, caras, mas acho que eu consigo sozinho.

A verdade é que não conseguia. Mais dois se somaram ao grupo, de modo que agora eram seis, incluindo Ted, que abriam caminho pela escada. Quantas pessoas havia ali?

— Parece um vagão de trem — Ted disse, e só ele riu da piada.

Olhavam para ele como para o sobrevivente de uma tragédia resgatado por um grupo de bombeiros. Ted começava a se sentir cada vez mais perdido.

O segundo andar estava tão cheio quanto o térreo, mas, quando chegaram ao terceiro, a tranquilidade era contrastante.

— Você me deve essa, McKay — Dan repetiu. Agora sua voz era pausada e perfeitamente audível. A música tinha se reduzido a uma distante queixa gutural. Foram até o fim do corredor. Tim abriu a porta com uma chave, e Dan o fez entrar com um empurrão. Os outros três entraram atrás.

Ali não havia nenhuma mesa de pôquer.

Ted recebeu um golpe descomunal nas costelas e desabou. A partir daí, uma chuva de chutes caiu sobre ele.



1994

Um membro caridoso da fraternidade o levou em seu carro até o Bloco. Ted lembrava partes de sua saída da casa e de ter sido enfiado em um carro vermelho pequeno. Do trajeto em si não lembrava nada. Acordou em sua cama sem saber como, completamente vestido e dolorido.

Justin, por outro lado, tinha decidido ir embora da festa quando a possibilidade de vomitar em cima de Tessa começou a adquirir em sua cabeça proporções de certeza. Ela o fez prometer que voltariam a se encontrar logo — algo que Justin fez imediatamente —, e ele disse, em um ato de ébria sinceridade, que nunca tinha se divertido tanto com uma mulher, o que era verdade. Antes de ir embora, procurou Ted por todos os lados, sem saber que naquele momento ele estava sendo atacado ferozmente por cinco membros da prestigiosa Phi Sigma Kappa. Justin assumiu que Ted não estava mais na festa e voltou ao Bloco caminhando sozinho. Vomitou uma vez pelo caminho e outra ao chegar. Seu companheiro de quarto não estava na cama, mas ele não se preocupou.

Quando Justin acordou e viu Ted deitado na cama ao lado, aí sim se preocupou. A princípio pensou que estivesse morto. Seu rosto era uma massa inchada e tinha sangue por todos os lados. Ao comprovar que o amigo respirava, Justin começou a se tranquilizar.

Ted não quis ir à enfermaria. Ficou três dias trancado no quarto, praticamente sem sair da cama. Nesse tempo seu rosto desinchou consideravelmente, e, usando óculos escuros, pôde retomar suas obrigações. Pouco a pouco deixou de mancar também. Ninguém, a não ser seu colega de quarto (e, claro, os cinco covardes que bateram nele), soube o que aconteceu aquela noite no terceiro andar da Phi Sigma Kappa.



1994

A surra foi o início de uma série de acontecimentos nefastos, alguns consequência direta dela e outros, não. Por causa deles, Ted foi ficando menos comunicativo e mais apático que de costume, o que afetou seu desempenho no salão de jogos, onde o carisma e a manipulação eram armas essenciais, e também na relação com Georgia, de quem pouco a pouco começou a se distanciar sem que nenhum dos dois fizesse nada para evitar. Justin foi sensível o suficiente para não atormentá-lo com perguntas; começava a conhecê-lo bem, e isso incluía saber quando era preferível não incomodar com questionamentos inúteis.

O pior chegou cinco dias depois, quando recebeu no campus a ligação de tia Audrey, a irmã de seu pai. Era a única pessoa dessa parte da família com quem mantinha uma relação esporádica, e mesmo assim ela nunca ligava para o campus. Quando Ted escutou sua voz baixa do outro lado da linha, a primeira coisa em que pensou foi que algo tinha acontecido com seu pai. E a verdade é que não conseguiu evitar sentir-se alegre; havia uns cinco anos que não encontrava o pai, e não via nenhum problema em continuar assim para sempre. No entanto, Frank McKay não tinha morrido — nem sofrido um acidente grave —, mas simplesmente precisava falar com Ted, por isso tinha recorrido a Audrey. Na última década, Frank tinha se tornado um próspero vendedor de colheitadeiras, e ao que parecia estava de volta com suas patéticas tentativas de contato.

Por alguma razão idiota, Ted ligou para ele.

Acontece que seu pai estaria na cidade por causa de uma convenção e tinha o firme propósito de ir vê-lo no campus. Ted se opôs categoricamente, claro, e disse que passaria para vê-lo no hotel. A ideia de encontrá-lo na universidade fazia seu estômago revirar. Iria vê-lo e

acabaria de uma vez por todas com essas lamentáveis tentativas de se transformar no pai do ano.

Estacionou seu carro na porta do modesto Lonely Pine e nem passou pela recepção. Através das cortinas do quarto 108, reconheceu o andar do pai, que ia e vinha de um lado para o outro com pacotes que ia empilhando. Ficou ali um tempo, na frente da janela, com o canto dos pássaros como prelúdio do erro que estava prestes a cometer. A porta se abriu de repente.

— Ted! Filho! Que bom te ver.

— Oi.

Estava com o cabelo grisalho, não totalmente, mas bem mais que da última vez em que Ted o vira. Mesmo assim, aparentava uns dez anos a menos; continuava com o rosto esculpido e não tinha engordado um grama. O bronzeado era o mesmo que em seus dias de vendedor de rua. Mas, além do aspecto físico, Ted se fixou em seus olhos, porque, se havia aprendido algo durante a adolescência, era que, não importava o que seu pai falasse ou fizesse, eram somente as duas íris pequenas de um azul intenso que transmitiam a verdade. E nesse momento o que diziam era muito simples: *Eu sou mais esperto que você.*

Frank se aproximou com a clara intenção de abraçá-lo. Ted o conteve com a mão e retrocedeu um passo.

— Por favor, pai.

Ele exibiu as palmas, em sinal de rendição. Assentiu em silêncio.

— Entre, por favor.

Ted tinha previsto que seria uma visita breve.

O quarto era pequeno, e o que tinha visto através da janela era apenas seu pai desfazendo as malas. No centro da cama havia uma mala praticamente vazia. Debaixo da televisão presa à parede havia uma mesinha com duas cadeiras. Frank se sentou em uma delas e convidou o filho a fazer o mesmo com um gesto de mão.

— Vamos, Ted, nós temos que conversar em algum momento.

Pelo menos isso era verdade.

Ted se sentou e ficou olhando para um quadro horrível.

— Não quero que você vá ao campus me ver. Nunca.

Frank não respondeu imediatamente.

— Se você não quer que eu vá, eu não vou.

— Perfeito.

Um novo silêncio incômodo se interpôs entre ambos. Ted não queria perguntar o que o pai tinha a dizer, queria que ele falasse por iniciativa própria. Era ridículo sentir que cada palavra que saía de sua boca era uma espécie de competição. Mas era assim.

— O que aconteceu com o seu rosto? Alguma briga de faculdade?

Ted levou instintivamente a mão ao rosto. Não havia rastro da surra, exceto por uma mancha quase imperceptível na maçã do rosto esquerda. Tentou lembrar se havia mencionado algo do incidente para tia Audrey, mas achava que não.

— Nada de brigas — disse, seco.

— A tia Audrey me disse que as suas notas são muito boas, e também me mostrou uma fotografia da Georgia, a sua namorada...

Frank parou de falar ao ver a reação de Ted.

— Eu sou seu pai... é normal que eu queira...

— Se você continuar perguntando sobre mim para a tia, a única coisa que vai conseguir é que eu não fale com ela nunca mais.

Frank suspirou, resignado.

— O que aconteceu conosco, Ted? — perguntou, inclinando-se ligeiramente. Uma mão se deteve no meio do caminho. — Nós éramos um time, lembra?

Ted sentiu vontade de dar uma gargalhada. Negou com a cabeça.

— Lembra quando nós viajávamos para os torneios de xaxi...?

— Chega. Não me interessa conversar com você sobre o passado. Eu sei perfeitamente como foram as coisas e o que você fez. E não me refiro a trair a mamãe com aquela mulher, porque, embora tenha sido isso que a destruiu no fim, eu acho que você fez um favor para a gente.

— Eu acho que nós precisamos sim falar sobre o passado, porque de outro modo não vamos conseguir reconstruir o presente.

— Genial. Você leu isso num saquinho de açúcar? Não existe nenhum presente para reconstruir. A única coisa que temos que esclarecer, você e eu, é que de agora em diante não vamos mais falar um com o outro. Está claro?

Frank abaixou a cabeça.

— Você precisa deixar o passado para trás em algum momento — respondeu, com o olhar fixo no chão. — Você já é adulto e eu não vou te dar conselhos, mas eu sei o que estou dizendo.

— Você não entende, não é mesmo? Não é questão de te perdoar ou não. O que você quer que eu perdoe? O modo como batia na mamãe ou em mim? Qual das duas coisas?

— Não fale assim.

— Não existe outra forma de falar, desculpe. Então, não é questão de te perdoar, é só que eu não tenho nenhuma vontade de ver o cara que batia na minha mãe por derrubar sal na cozinha ou por guardar os sapatos na geladeira quando a doença dela não lhe permitia mais entender o que estava fazendo.

— Você sabe muito bem que era mais do que isso... — Frank murmurou, levantando o rosto. Em seus olhos havia um misto de súplica e ira contida.

— Sim, claro que era mais do que isso. Ela estava doente!

Frank apertou os lábios. Levou a unha à boca e começou a roer.

— Eu já pedi desculpa por isso. Não posso fazer mais nada. Ela estava doente e eu... eu não soube lidar com isso. Claramente eu fiz tudo errado. As coisas eram assim na minha casa, e foi assim que eu aprendi. Não conhecia outra forma de resolver a situação.

Ted balançou a cabeça. Seu pai sempre conseguia se colocar no papel de vítima.

— Pai, não me interessa por que as coisas aconteceram assim. Nem me interessa tentar te compreender. Fui eu que tive que conviver com a mamãe por todos esses anos, vendo-a piorar a cada dia, enquanto você preferiu ir embora. E, se quiser acreditar que abandoná-la não a afetou, eu digo que afetou bastante. E, se quiser acreditar que cada surra e cada grito não a fez piorar, lamento dizer que não foi assim. Você foi o responsável por isso.

Frank engoliu em seco.

— Com certeza você tem razão.

— Com certeza.

Um brilho de esperança apareceu nos olhos de Frank.

— Mas com você... com você eu tentei...

— Eu tinha sete anos quando ouvi você batendo nela pela primeira vez! — Ted explodiu. — Sabe de uma coisa? Eu nunca disse isso, mas talvez seja bom você saber. — Apontou um dedo acusador. — Talvez seja bom eu falar do bem que você me fez. Dizer que, quando você foi embora de casa, eu quase não conseguia dormir por causa dos pesadelos. Pesadelos que eu tenho até hoje. Quer saber o que acontece neles?

— Ted, por favor, acho que isso não vai levar a...

— Claro que vai. Claro que vai!

Frank o observava agora com aquele olhar impiedoso que Ted conhecera tão bem durante a infância. Porque, no fundo, Frank McKay não gostava de ser contrariado. Podia vestir a pele de cordeiro por um tempo e suplicar perdão, mas nada o perturbava mais do que o fato de as coisas não serem feitas do seu jeito, de não ser *ele* a dizer o que devia ou não ser feito.

— Em cada um desses sonhos você aparece, sentado como está agora, fumando um cigarro, tranquilamente. E me diz que eu devo ir até o seu Mustang vermelho. Lembra dele?

Algo no rosto de Frank se transformou.

— Claro que eu lembro do meu Mustang vermelho.

— Eu não quero me aproximar do porta-malas, porque sei o que vou encontrar lá dentro. Mas você insiste e insiste que eu veja. E finalmente eu me aproximo, e antes de chegar ele se abre como num passe de mágica. E ali está a mamãe, com os pulsos amarrados e o rosto desfigurado, cheio de insetos.

— Ted... — Frank murmurou.

— Nos sonhos eu não consigo desviar o olhar do cadáver até acordar. E o som que eu ouço ao fundo é a sua risada, porque você está se divertindo com aquilo.

Ted falou sem tirar os olhos do pai um segundo. Assim que terminou, sentiu-se cansado. Nunca havia contado isso para ninguém, e jamais imaginou contar precisamente para ele. No entanto, agora se sentia muito melhor, não só sem um peso nos ombros, mas satisfeito porque o filho da puta do seu pai merecia saber que tinha feito seu filho pequeno sofrer.

— Às vezes a mulher não é a mamãe, mas a garota por quem eu estou apaixonado ou alguma mulher que eu conheço circunstancialmente. Elas estão enfiadas no porta-malas e de

repente revivem e me seguram pelo braço, me observando com olhos suplicantes, como se quisessem me dizer alguma coisa. Todo o resto é igual: o Mustang vermelho, você fumando e rindo. É sempre a mesma coisa.

Ted se levantou de repente, afastou a cadeira com um chute e xingou baixinho.

— Eu não consigo ver uma mulher sem pensar no que você fez com a mamãe — disse, quase com lágrimas nos olhos. — Entende agora por que eu não quero que você faça parte da minha vida?

Frank permaneceu imperturbável. Não parecia disposto a continuar brigando. Foi até o criado-mudo e pegou um livro do qual saía uma fotografia. Tirou-a e a depositou sobre a mesa. Ted continuava de pé e precisou se aproximar para ver em primeiro plano um menino de uns doze anos. Seus próprios traços, que reconheceu no garoto, somados a dois minúsculos olhos azuis, disseram tudo.

— É seu irmão — Frank revelou. Não havia mais nada do tom suplicante de antes.

Ted levantou o rosto e o olhou com expressão perdida. Depois voltou a observar o menino, lindo e sorridente. Não tinha palavras.

— É seu irmão — Frank repetiu. — Se chama Edward e tem o sobrenome da mãe: Blaine. Acho que não importa o que pensa de mim... você devia conhecê-lo. Foi por isso que eu quis te ver hoje.

Ted nunca conheceu Edward, mas anos mais tarde reconheceria seu rosto no noticiário quando foi acusado pelo assassinato de sua namorada, Amanda Herdman.



ÉPOCA ATUAL

Ted ficou parado na frente do caminho, como um pistoleiro prestes a enfrentar um duelo. Laura e Lee estavam atrás dele.

— Eu percorri esse caminho muitas vezes — disse em voz baixa.

Lee se afastou alguns metros. Embora a doutora tivesse assegurado que Ted não era perigoso, ele sabia que McKay tinha deixado um homem em coma. Mesmo isso tendo acontecido no meio de um colapso nervoso ou algo parecido, não importava para Lee. Se tinha acontecido uma vez, poderia acontecer duas, não é mesmo? McKay era sua responsabilidade enquanto estivesse fora do hospital, e Lee não ia confiar nele. Se tentasse atacar a dra. Hill, o guarda só teria que correr alguns metros e atirar com a pistola de choque. Se, por outro lado, ele tentasse fugir, seria até mais simples, porque com as correntes não chegaria muito longe.

Cem metros depois, Ted continuava imerso em uma espécie de sonho. De repente abaixava a cabeça e parecia seguir um rastro invisível. Laura tentou dialogar com ele, mas recebeu monossílabos como resposta e preferiu deixá-lo. Uma coisa estava clara: aquele caminho tinha alguma importância para Ted, e percorrê-lo parecia estar ajudando a entender a razão. Laura aproveitou para pegar o celular e verificar se havia sinal.

Só uma bolinha.

Em alguns momentos, Ted parecia um desses médiuns das séries de TV. Parava, olhava ao redor, baixava a cabeça como se esperasse uma revelação que indicasse o caminho correto.

— Aconteceu alguma coisa?

Ted tinha parado. Mordia a ponta do polegar, olhando para a folhagem.

— Eu lembro de uma bicicleta — disse, em tom misterioso.

— Você vinha por aqui de bicicleta?

— Não, eu não. Nem tenho uma.

Laura não voltou a perguntar. No entanto, se entusiasmou, porque a lembrança dessa bicicleta, por insignificante ou intrascendente que pudesse ser, era algo *novo*. A primeira coisa que passava pelo filtro. Podia ser o começo de tudo.

— De que cor é a bicicleta, Ted?

— Vermelha — ele respondeu, quase sem pensar.

Assim que disse em voz alta, pesou a nova informação.

— Uma bicicleta vermelha — repetiu, assentindo lentamente várias vezes.

Voltou a baixar o olhar. Depois continuou a se movimentar em silêncio, e os três avançaram por um caminho que àquela altura praticamente havia desaparecido. Precisaram afastar galhos e pular troncos caídos até chegar a um caminho de terra abandonado. O mato tinha se apropriado dele... e ali viram, de lado, quase invisível entre a erva amarela, os restos de uma bicicleta vermelha. Faltava uma roda, e a ferrugem não a poupava, mas em algumas partes era visível a pintura original.

— A bicicleta abandonada — declarou Ted enquanto se aproximava. Ficou olhando para ela.

— Ted, isso é fantástico!

— Parece que sim — ele disse, sem entusiasmo.

— Anime-se. — Laura colocou a mão no ombro dele para reconfortá-lo. Lee olhou para ela, desaprovando, mas não fez nada. O guarda se aproximou da bicicleta e a examinou com a sobancelha levantada.

— Essa bicicleta ficou assim por causa de um acidente. O quadro está quebrado. A roda que falta deve estar em algum lugar por aqui.

A palavra *acidente* flutuou entre eles.

— Você sabe alguma coisa sobre isso, Ted? — Laura perguntou.

— Acho que não. Eu... só a vi aqui.

Do outro lado do caminho havia mais árvores. Ted hesitou por um segundo.

— Nós podemos cortar caminho pelo bosque — explicou, com voz de autômato — ou seguir por aqui e dar a volta. As duas coisas são possíveis, e nós vamos chegar ao mesmo lugar.

Filtros.

— Aonde vamos chegar, Ted? — Laura perguntou, com a voz trêmula.

— À verdade.

E começou a caminhar por aquela trilha de terra, arrastando os pés e a corrente que os unia. Tinha as mãos na região do colo. Laura e Lee não podiam ver o rosto dele, e foi por sorte, porque nesse momento começava a se transformar pelo peso de uma revelação.

No total tinham percorrido uns dois quilômetros quando chegaram.



ÉPOCA ATUAL

Marcus não se lembrava de ter se sentido tão feliz como naquele sábado. Naquele dia se sentia capaz de qualquer coisa.

Quando foi pegar o jornal, ficou por um instante segurando a maçaneta da porta da rua, sorrindo feito um bobo enquanto pensava que em algumas horas, quando abrisse essa mesma porta, Laura estaria do outro lado.

Lembre-se do que precisa fazer...

Tinha falado com Bob, seu amigo da polícia de Boston, e ele havia assegurado que naquele mesmo dia daria uma olhada nos casos de assassinato de 1993.

Ocupou a manhã fazendo compras. Primeiro foi ao mercado e comprou tudo o que era necessário para seu molho especial. Marcus não era um bom cozinheiro. Sua dieta se baseava principalmente em pratos congelados, pizza e comida chinesa, embora tivesse aprendido a preparar algumas receitas com qualidade aceitável. O macarrão com molho funghi e cebola era sua especialidade. Mas antes de ir ao mercado foi ao shopping e gastou uma pequena fortuna em roupas novas. Vinha adiando a compra fazia semanas, e, se havia um dia perfeito para renovar seu guarda-roupa, era precisamente esse.

Lá pelo meio-dia, voltou para casa carregando uma dúzia de sacolas. Tinha tudo o que era necessário. Quando fechou a porta, teve outra vez a sensação de vertigem. Marcus sorriu. Tinha algumas horas para matar antes de começar a preparar o molho, e decidiu que iria até a sala de projeção para ver alguns dos filmes que tinha pendentes. Colocou um saco de pipoca no micro-ondas, e, quando ainda não tinha escutado o primeiro estalido do milho, a campainha da casa tocou com insistência.

Foi até a janela e viu Bob de pé na porta. Tinha uma pasta na mão direita, usava óculos escuros. Por que não havia ligado antes?

Marcus abriu a porta. O destino era mesmo irônico. Supostamente, ao abrir a porta, iria encontrar a mulher da sua vida, não um policial com nome de ator.

— Bob, que surpresa... Descobriu alguma coisa?

— Descobri.

Algo o inquietava, isso estava claro.

— Entre, por favor.

Foram até a sala com o barulho da pipoca vindo da cozinha.

Iam se sentar quando Bob se virou e olhou para o amigo:

— Você sabia que o McKay é irmão do Edward Blaine, o cara que acusaram de matar a namorada?

Marcus congelou.

— Não sabia.

— Mesmo pai. Mãe diferente — Bob disse enquanto se sentava. — Mas essa não é a razão pela qual eu vim. Eu poderia ter contado isso por telefone...

Marcus se sentou.



1994

O campus da UMass amanheceu convulsionado com a notícia do assassinato. Um aluno, disseram primeiro, tinha aparecido morto nas proximidades da biblioteca. As autoridades da universidade pediram aos estudantes que, na medida do possível, ficassem nos dormitórios, e todas as atividades acadêmicas foram suspensas. Vários canais de notícias divulgaram o acontecido. Todas as TVs do Bloco estavam ligadas, embora as informações chegassem mais rápido do próprio campus. Quando na televisão ainda diziam que a vítima era um aluno e não havia sido divulgado seu nome, os estudantes já sabiam que isso não era verdade. Tratava-se de Thomas Tyler, um prestigioso professor de literatura inglesa que dava aulas na UMass havia quase dez anos. A identificação tardia aconteceu porque o professor vestia, inexplicavelmente, um moletom e um boné da universidade sobre a roupa habitual, o que confundiu as duas garotas que descobriram o cadáver na manhã daquela sexta-feira.

Dentro do Bloco as informações eram confusas. Um rapaz chamado Mark Manganiello, que também morava no quinto andar e que todos conheciam como Marman, se tornou a principal fonte de dados confiáveis. Sua namorada morava quase ao lado do quarto de Jules Loughlin, a garota que tinha encontrado o corpo com uma amiga. Segundo Marman, o cadáver do professor estava de bruços, por isso elas não o reconheceram. A princípio pensaram que fosse um rapaz dormindo depois de uma bebedeira ou algo assim, mas quando se aproximaram um pouco viram a poça de sangue ao redor do corpo. Tinham cortado seu pescoço. Durante aquelas primeiras horas de desconcerto, disseram que o motivo do assassinato era o roubo de um caro isqueiro de ouro que o professor sempre levava com ele.

Quando finalmente foi divulgada a identidade da vítima, os canais de notícias se concentraram no mistério que começava a despertar a atenção de todos. Por que o professor usava um moletom da universidade? Thomas Tyler tinha cinquenta e um anos, esposa e duas filhas adolescentes. Unidades de TV estacionaram na porta de sua casa à espera de alguma aparição da família.

A UMass atraiu considerável atenção da mídia em nível nacional. Era o moletom que não se encaixava. Mas havia algo mais, um rumor que circulava com força pelos corredores de todos os dormitórios e que possivelmente a polícia já conhecia. E, se a polícia já sabia, então era razoável supor que algum jornalista também soubesse. Ao que parecia, Tyler tinha um caso com uma aluna. Era o tipo de detalhe que acrescentava ao crime um tempero irresistível para o grande público.

Ted voltava do sexto andar, onde o pôquer tinha se transformado para muitos em uma forma de matar o tempo, quando Justin se aproximou dele, o olhar perdido. Ted se alarmou e praticamente o empurrou para o quarto 503, que os dois dividiam, fechando a porta atrás de si.

— Qual é o seu problema, Justin? Você não pode andar pelo campus com essa cara. Não num dia como hoje.

— Desculpa, desculpa. É que eu não aguento mais, Ted. — Justin dava voltas pelo quarto.

— Sente aqui por um segundo.

Justin se sentou na cama.

— Você não fez nada — Ted disse, olhando-o fixamente. — Fez?

— Claro que não!

— Então não precisa se preocupar. Nem existe motivo para andar com essa cara.

— Você não falou com o Marman, falou?

— Não. Estou vindo do sexto andar.

— A garota com quem o Tyler tinha um caso... é a Georgia.

Ted levantou uma sobrancelha, sem perder a calma.

— Onde você ouviu isso?

— Eu já te falei: o Marman. Você não parece muito surpreso.

Ted se sentou na cama.

— Estou pensando — confessou. — A polícia vai vir atrás de mim. Não se preocupe, tudo vai terminar bem.

— Você... sabia? Do caso, quero dizer.

— Não. As coisas entre nós não estão bem. Acho que tecnicamente já tínhamos terminado, não sei. Mas não importa muito, a polícia vai querer fazer perguntas. Fique tranquilo, Justin. E pare de fazer essa cara. Nós temos que agir com naturalidade.

— É que... Ted, eu preciso te contar uma coisa.

— Diga.

Justin olhou para a porta fechada, como se alguém pudesse entrar e surpreendê-lo no meio da frase. Engoliu em seco.

— Eu sabia sobre a Georgia e o professor, Ted. Eu vi os dois várias vezes no parque atrás da biblioteca. Eu não te contei nada porque...

— Justin, não continue. Eu entendo por que você não me contou. O problema é se a polícia vai acreditar que você não me contou.

— Não vai acreditar.

— E você não tem por que contar. — Ted o encarava.

— Era o que eu pensava em fazer, Ted. Mas muitos alunos me viram no parque à noite. E se eu não disser nada pode ser pior.

Ted ficou de pé e caminhou pelo quarto. Refletiu em voz alta:

— O fato de você ter visto os dois certamente complica as coisas.

Ficou em silêncio por um bom tempo.

— Onde você esteve ontem? — Ted perguntou a seu colega de quarto.

— Estudando na sala comunitária até as dez e meia.

— Então você tem um álibi.

— Não sei. Como nós podemos saber em que horário ele morreu?

— O cara estava usando o moletom e o boné, e a única razão para isso é porque estava com... a Georgia. A que horas você via os dois?

— Nunca depois das oito.

— Aí está. Além disso, ela vai confirmar.

— E se eles também se encontravam mais tarde e eu nunca vi?

— Justin, é pouco provável que a Georgia ande sozinha pelo campus mais tarde do que essa hora. O mais provável é que tudo tenha acontecido como das outras vezes. Ela foi embora e o cara ficou ali um tempo, deu algumas voltas para despistar antes de entrar no carro e ir embora. Foi o que aconteceu. Nesse período ele foi atacado e morto. E você estava estudando na sala comunitária, com várias testemunhas. Não saiu da sala em nenhum momento?

— Não.

— Perfeito. Isso é o que você vai contar à polícia se perguntarem. Você costumava ir ao parque, mas nunca viu nada. Nunca. E por causa disso nunca falou deles para mim, porque não sabia.

Ted enfatizou as últimas palavras, pronunciando-as com bastante lentidão. Justin assentiu. Seu rosto começava a relaxar, mas só um pouco.

— Não sei... A polícia não tem detector de mentira e essas coisas?

— Ouça, Justin, olhe para mim. — Ted o agarrou pelos ombros. — Você simplesmente vai omitir que viu os dois em algumas ocasiões, apenas para que a investigação não se desvie para você e para mim, e para que possam prender o verdadeiro assassino. — Justin negava com a cabeça. — Me escute. Nós estamos pensando no pior cenário. Na melhor das hipóteses, a polícia tem um suspeito ou alguma coisa sólida, e você está se preocupando à toa.

— É. Pode ser.

— Claro que sim. E lembre que você tem um álibi. Com o pouco tempo que dedica aos estudos ultimamente, foi um golpe de sorte que justo ontem à noite você tenha feito uma sessão de leitura, não acha?

Justin exibiu pela primeira vez um sorriso nervoso.

— É verdade. Se eu estivesse batendo perna pelo campus ontem à noite, agora estaria me mijando de medo.

— Exato. Então não precisa se preocupar. Se alguém contar à polícia que você gosta de andar pelo parque, diga que é verdade, mas que nunca viu nada nem sabia desse romance. E, sobre a noite de ontem, simplesmente descreva o que fez. Vai ficar tudo bem.

Quando Ted falava dessa forma, tudo parecia simples. E não era mesmo? Justin não tinha matado o professor Tyler nem contara nada a seu amigo, portanto ele tampouco podia ter feito aquilo.

— E você, Ted, onde estava ontem à noite? Imagino que no sexto andar, não é?

O rosto de Ted mudou.

— É, eu estava no sexto andar. Mas fui embora umas seis horas.

Um pesado silêncio se interpôs entre eles.

— E depois? — perguntou Justin, com um tom preocupado.

— Eu vim estudar aqui... então acho que não tenho nenhum álibi sólido.

Ted começou a rir.

HALT 13

1994

No dia seguinte foi noticiado oficialmente que Tyler mantinha um romance com uma estudante chamada Georgia McKenzie, e a atenção sobre o caso aumentou exponencialmente. A cobertura era constante. Dois helicópteros da imprensa sobrevoavam o campus. A universidade suspendeu todas as atividades durante três dias (que terminariam sendo cinco). O professor casado, com uma família bem constituída, que, apesar disso, mantém um caso com uma aluna era uma história muito boa. Os jornalistas mais ousados e antiéticos apresentaram a hipótese de que Georgia havia matado o amante em um ataque de ciúme. “Garota perdidamente apaixonada pelo professor perde a cabeça quando ele tenta deixá-la.”

As atenções não demoraram a recair sobre Ted.

14

1994

Os rumores se adiantaram aos fatos no campus da universidade. Nem bem Ted soube que a aventura de Georgia com o professor tinha sido revelada, foi falar com ela em seu dormitório, onde a garota tinha se refugiado em um ataque de pânico. Ted não perdeu tempo com formalidades e foi direto ao assunto: queria saber o que sua namorada tinha visto aquela noite, se é que tinha visto alguma coisa. Georgia disse que seus pais estavam a caminho com um advogado, por isso não havia muito tempo. Ele ficou chocado quando ela revelou, tremendo e com lágrimas nos olhos, que não só havia estado com Tyler naquela noite como tinha visto o exato momento em que fora assassinado. Ted ficou petrificado. O relato entrecortado da garota confirmou que ela havia estado com o professor em um dos bancos do parque, que o propósito daquele encontro (jurou a Ted que seria o último) era romper com ele, e a conversa não se desenvolveu em termos muito amigáveis. Tiveram uma discussão, o professor disse alguma coisa que a magoou (Georgia não quis revelar o que foi), e então ela começou a chorar. Ele tentou abraçá-la, mas Georgia o impediu. Depois de um tempo ela ficou de pé e disse ao professor algo que, segundo suas próprias palavras, não tinha a intenção de dizer. Falou que, se ele não a deixasse em paz, contaria tudo à esposa dele. Levantou-se e foi embora. Afastou-se alguns metros, mas foi tomada pela culpa, então voltou, não para pedir desculpas, mas porque Tyler não merecia ouvir algo assim. Quando estava a alguns metros, viu tudo. Uma sombra surgiu dos arbustos e, a uma velocidade assombrosa, fez um talho no pescoço dele. Tyler caiu morto, sem nem conseguir gritar. O assassino não se moveu durante um segundo, apenas um contorno nas sombras, e antes de ir embora fez algo peculiar: se inclinou e procurou algo no

corpo do professor. Georgia não conseguiu ver o que era. Imediatamente depois desapareceu com a velocidade de um raio.

Ted acompanhou o relato em completo silêncio. Ela estava sentada na cama, e ele, numa das cadeiras. Não se aproximou em nenhum momento para consolá-la. Não acreditou que seria o melhor.

— Conseguiu ver quem era? — perguntou.

— Quando ele se agachou, quase que a luz do poste iluminou o rosto, mas eu não consegui ver.

— Você vai contar isso à polícia?

— Não sei, Ted. Estou muito assustada. Ontem à noite eu tomei um monte de remédios para dormir. Não achei que o Tyler poderia ter sobrevivido, por isso eu fugi. Achei melhor. Você não imagina o jato de sangue que saiu do pescoço dele e o modo como ele caiu no chão. Foi...

Georgia chorava compulsivamente. Frágil e trêmula, suplicava um abraço de redenção, que nunca chegou.

— Era como se o assassino soubesse o que estava fazendo — ela concluiu.

Ted assentiu.

— Eu preciso que você me perdoe — Georgia pediu.

Antes que Ted pudesse responder, a porta do quarto se abriu e ali apareceu nada menos que o detetive responsável pelo caso, um homem de sobrenome Segarra, com outros dois policiais.

Georgia prestou depoimento no dia seguinte, e Ted, logo depois. Não permitiram que voltassem a se ver. Quanto a ele, se manteve firme no que tinha dito a Justin no quarto: na noite do crime tinha estado na sala de pôquer do sexto andar e depois fora estudar. Fizeram todo tipo de perguntas, não só sobre aquele dia, mas sobre os anteriores, pulando de um ponto no tempo a outro com a clara intenção de confundi-lo. Ted não entrou em contradição em nenhum momento.

De alguma forma os jornalistas ficaram sabendo das declarações de Georgia, e sua versão dos fatos se transformou na história oficial. Dezenas de repórteres, alguns parados no parque fora da área restrita, relataram o encontro entre aluna e professor e contaram que ela tinha voltado instantes depois para vê-lo morrer. Muitos (inclusive Ted) acreditavam que o vazamento dessa declaração tinha sido cuidadosamente orquestrado pelo detetive Segarra. Apesar de a jovem não ter conseguido identificar o assassino, podia garantir que não se tratava de seu namorado, Ted, pois o teria reconhecido mesmo com pouca luz. As especulações não paravam, e todo tipo de hipótese foi sendo criado. Havia aqueles que duvidavam da história de Georgia e a acusavam de ser a autora do crime, e também os que especulavam um possível complô entre ela e seu namorado. Outros apontavam a esposa de Tyler como a assassina vingativa.

A situação de Ted se complicou quando os advogados de Georgia sugeriram que ela aprofundasse o depoimento. A garota já estava, por si só, implicada: tinha motivo para matar o

professor e, além disso, havia fugido da cena do crime. Claro que a seu favor estava o fato de ter sido ela quem havia declarado tudo isso, mas era suficiente? Pelo menos duas de suas amigas sabiam do romance clandestino, e também existia a possibilidade de alguém ter visto os dois, de maneira que expor isso poderia ser só uma tentativa de desviar o foco. O certo é que, com o tempo, os olhares se voltavam cada vez mais para Georgia. Seus advogados recomendaram que ela retificasse o depoimento sobre o que tinha visto naquela noite. A realidade era que havia pouca luz, e a jovem não podia descartar ninguém, nem mesmo Ted. Os advogados disseram que a visita de McKay ao quarto no dia seguinte (algo de que o próprio Segarra fora testemunha casual) havia intimidado Georgia, e, embora ela não acreditasse que seu namorado fosse capaz de fazer aquilo e por isso o houvesse descartado a princípio, a verdade era que não podia dizer nada da pessoa que havia matado Tyler. Nem sequer assegurar que tinha sido um homem.



ÉPOCA ATUAL

Laura, Ted e Lee estavam na frente de um extenso muro do qual era impossível adivinhar a cor original, exceto no metro superior, que era um anexo cinza adicionado para alcançar a nada desprezível altura de três metros. Na parte baixa havia grandes zonas descascadas onde eram visíveis alguns antigos tijolos de argila, e o resto estava descolorido ou coberto de grafite. Era coroadado por uma fileira dupla de arame farpado, e no centro havia um portão com uma grossa corrente e um cadeado enorme.

— É a fábrica de máquinas de escrever abandonada — Laura disse. Não foi uma pergunta.

— Isso mesmo. — Ted se aproximou do muro e apoiou as mãos nele, como se esperasse receber algum tipo de vibração. Em certo sentido, aconteceu exatamente isso. — A minha empresa a adquiriu há mais de dez anos.

— Em uma das nossas sessões, você disse que o Wendell a tinha comprado — Laura revelou, aguardando a reação dele.

Parecia difícil para Ted entender de quem ela estava falando.

— Eu a comprei por intermédio da minha empresa — ele repetiu, agora caminhando paralelamente ao muro, sem deixar de tocá-lo. — As chaves estão ali.

Apontou para um dos tijolos, praticamente na base do muro, atrás do mato e de um estranho arbusto com espinhos.

Lee se aproximou imediatamente e pediu a Ted que se afastasse. Com alguma dificuldade, o guarda se agachou e enfiou o braço entre as plantas até tocar a parede. Um dos tijolos se moveu um pouco quando ele sacudiu. Precisou usar as duas mãos para puxá-lo. Na cavidade havia um molho de chaves.

— Nós precisamos entrar — disse Ted —, mas só a Laura e eu.

— Impossível — Lee respondeu.

— Ted — Laura interveio —, você sabe que nós não podemos fazer desse jeito. Tem alguma coisa que você queira me contar? O Lee pode nos dar um pouco de privacidade, mas não pode nos deixar entrar sozinhos. Você entende, não é?

Ted massageava a testa. Não estava convencido. Os outros dois esperavam.

— A questão é simples, McKay — o guarda alegou, sem rodeios. — Ou entramos os três, ou voltamos por esse caminho agora mesmo. Não existe uma terceira alternativa.

— Está bem.

Lee foi até o portão.

— É a maior chave de todas.

Laura se aproximou de Ted.

— Você está indo muito bem. Eu vou pedir ao Lee que nos deixe conversar com um pouco de privacidade. Você sabe o que vamos encontrar aqui? Lembrou de alguma coisa?

Ted ficou em silêncio. Havia algo estranho em seu olhar.

— Não, não sei.

Mas ele sabia.

Entraram em um grande estacionamento que mostrava o mesmo grau de abandono que o lado exterior. A erva e alguns arbustos tinham crescido sem controle. Alguns caminhos de cimento deteriorados eram as únicas áreas transitáveis. À direita havia um edifício de dois andares com as janelas e vários acessos fechados com placas de madeira. A exceção era uma porta de uma folha em um dos cantos. Para lá se dirigiram os três.

Durante a travessia do bosque, não notaram que o vento sul tinha trazido uma grossa camada de nuvens, não especialmente ameaçadoras, mas suficientes para ocultar totalmente o sol.

Lee usou outra das chaves para abrir um segundo cadeado e uma chave menor para a porta, que se fechou atrás deles com um clique suave. Entraram em uma sala pequena completamente vazia e mal conservada; evidentemente não era a entrada principal. Ted os levou por uma porta lateral até um corredor que os conduziu à área de escritórios. Lee havia acendido uma lanterna, porque a luz que entrava pelas fendas entre as tábuas nas janelas não era suficiente. Os escritórios não estavam totalmente vazios: havia algumas mesas, arquivos e coisas assim. No meio do caminho, Ted parou e olhou para uma porta lateral, como se não se lembrasse dela ou, pelo contrário, como se sua presença significasse algo especial. Finalmente continuou caminhando até uma porta dupla no fim daquela área. Chegaram a um espaço enorme onde antes ficavam as oficinas e as linhas de montagem, algumas ainda em pé. O teto ali tinha a altura completa do edifício e contava com claraboias que, embora cinzentas pelo pó acumulado, permitiam a passagem de um pouco de luz.

Lee guardou a lanterna. O que precisava era ter a pistola de choque à mão, ou até mesmo a Beretta. Não gostava nada daquele lugar: pouca luz e muito espaço para se esconder.

Foi então que o celular de Laura começou a tocar, e os três deram um pulo.

— Marcus?

A recepção era péssima.

— ...ola ...gência ... hospital.

Laura se afastou instintivamente. Pediu a Lee o molho de chaves, e o guarda entregou sem objeções.

— Marcus, não estou entendendo nada. Uma emergência no Lavender?

— ...ute ...aste...

Não tinha jeito. Laura percorreu de volta o labirinto que os levara até ali. Precisou testar três das chaves pequenas até conseguir sair do edifício e voltou a testar o sinal.

— Agora está me ouvindo? — perguntou.

— Estou. Você me ouve bem?

— Agora sim. Eu saí do prédio.

— Que prédio?

Marcus parecia alarmado.

— O caminho atrás da casa do Ted leva a uma antiga fábrica. É a mesma que...

— Laura, me escute bem. O McKay está com o Lee?

— Está.

— Preso pelos pés e pelas mãos e bem vigiado?

— Sim. Por quê?

— Tem certeza de que ele não pode te ouvir?

— Tenho! Marcus, você está me deixando preocupada. O que aconteceu?

— Eu preciso que você me escute com atenção. Estou neste momento com o Bob Duvall. Ele fez a pesquisa que eu pedi. Realmente houve um assassinato na UMass em 1994, quando o Ted estava no primeiro ano. Um professor chamado Thomas Tyler foi degolado. Um caso bastante famoso. A polícia investigou vários alunos, entre eles Ted McKay e Justin Lynch, mas não encontrou nada. O caso ficou sem solução e foi arquivado. Eu estou com o arquivo nas minhas mãos. E adivinhe.

Laura não poderia adivinhar nada, porque a duras penas conseguia processar a informação. Um professor assassinado? A urgência de Marcus não podia significar outra coisa a não ser...

— Me conte o resto, por favor.

De repente, suas pernas enfraqueceram e ela se deixou cair até estar sentada no chão.



1994

Cinco dias depois do assassinato de Thomas Tyler, o campus continuava abalado. As atividades acadêmicas tinham voltado ao normal, no entanto o assassinato do professor parecia ser o único tema de conversa possível. As unidades externas dos canais de TV não estavam mais estacionadas em frente à UMass, nem havia helicópteros sobrevoando o tempo todo, mas a mídia não tinha esquecido o caso. O triângulo amoroso era agora o foco de atenção. As notícias vinham acompanhadas de fotos de Tyler e sua família, de Georgia McKenzie e duas ou três de Ted (uma delas a de seu anuário do colégio). Georgia tinha voltado para casa por recomendação médica, embora a polícia tenha emitido um comunicado informando que a garota não estava sendo investigada pelo assassinato de Tyler. Quase ninguém acreditou.

Eram seis da manhã quando uma voz foi ouvida pelos intercomunicadores do Bloco. A porta dos quartos se abriu. Estudantes recém-acordados, com o rosto inchado, olhos semicerrados e ainda de pijama, se entreolhavam tentando assimilar as palavras. Quem falava era nada menos que o reitor. Ele pedia que descessem no prazo máximo de dez minutos. Um anúncio importante seria feito no térreo.

Aquela situação era bastante incomum. Que anúncio seria feito às seis da manhã sem nenhum tipo de preparação?

No quarto 503, foi Ted quem acordou primeiro. Seu amigo tinha o sono mais pesado que ele já vira na vida, por isso foram necessários dois minutos para se obter um mínimo de atividade cerebral nele. Quando Justin suspeitou de que o tumulto tinha a ver com o crime, imediatamente ficou alerta.

— Não vamos nos precipitar, Justin, por favor. Vista-se e vamos descer logo.

O restante dos vizinhos do quinto andar caminhava semiadormecido pelo corredor.

Ao chegarem ao térreo, as dúvidas sobre o anúncio desapareceram completamente. Um grupo de dez policiais subia aos quartos quando alguns ainda estavam descendo. O salão comunitário estava lotado. Ao lado da porta estavam o reitor e o detetive Segarra, que todos reconheceram das sucintas aparições na televisão relacionadas ao caso. Junto deles havia mais alguns policiais e dois assistentes do reitor.

— Que merda é tudo isso? — Justin murmurou.

— Certamente algum procedimento de rotina — Ted respondeu, em tom despreocupado.

— Bom dia — o reitor começou. — Vou ser breve. Como vocês já podem imaginar, nós precisamos da colaboração de todos na investigação que o departamento de polícia de Massachusetts está realizando neste momento. O detetive Segarra e seus homens vão revistar o edifício, e o que nós precisamos é que vocês permaneçam aqui enquanto isso acontece.

Uma mistura de murmúrios e protestos se espalhou pelo recinto. Segarra tomou a palavra.

— Se algum de vocês precisar de alguma coisa indispensável para as próximas duas ou três horas, levante a mão e um oficial vai acompanhá-lo até o quarto para pegar. — Fez uma pausa. — Quando digo indispensável, estou me referindo a remédios.

— Eles podem fazer isso? — alguém perguntou.

O reitor respondeu:

— Os advogados da universidade estão aqui para que tudo seja feito de acordo com a lei.

Ninguém levantou a mão nem formulou mais nenhuma reclamação. Segarra e seus homens subiram as escadas. Só dois deles permaneceram embaixo, guardando a porta.

O que estava acontecendo?

De todos os dormitórios da universidade, o Bloco era o primeiro no qual faziam algo assim. Podia ser coincidência, mas a lógica indicava que a escolha do edifício não fora aleatória. A partir dali, o restante dos alunos ficaria alerta. Se estivessem escondendo no quarto alguma coisa relevante para a investigação, teriam tempo para se livrar daquilo. Não, aquela revista não se estenderia aos demais edifícios do campus. O que quer que interessasse a eles, devia estar no Bloco.

Justin, Ted e outros formaram um grupo. Marman e Irving Prosser estavam entre eles, assim como um rapaz chamado Joe Stiwell, que de repente ficara branco como papel e parecia ter esquecido como piscar. Ted agradeceu o fato de Stiwell estar entre eles, porque desse modo o terror de Justin não seria tão evidente.

— Vocês acham que eles estão buscando o isqueiro? — Marman sugeriu.

Ted tinha se esquecido do tal isqueiro, uma lenda urbana que nascera do fato de alguns alunos terem visto o professor com um caro isqueiro de ouro.

— Não existe isqueiro nenhum — Irving comentou.

— Então, o que estão procurando?

Ted não se interessava tanto pelo que estavam procurando, mas pelo motivo disso. Revistar um complexo habitacional de seis andares em uma universidade não era algo simples, isso era

evidente, nem sequer se tratando de um caso importante de assassinato. Embora o reitor tivesse se mostrado cooperativo na conversa um momento antes, certamente ele e os advogados tinham colocado todo tipo de objeção. Um juiz devia estar respaldando todo o processo. Era uma operação muito grande para não se basear em algo concreto. O que podia ser?

Pouco mais de uma hora depois, Segarra e sua equipe voltaram ao térreo. Ted contou. No total, eram quinze. A primeira conclusão a que chegou foi que todos eram policiais ou detetives; não havia membros da polícia científica, o que tornava muito provável que a autorização do juiz se limitasse à busca de algo específico e não à coleta de impressões digitais ou de amostras de DNA. Isso dizia algo sobre o provável avanço da investigação, raciocinou. A segunda conclusão, e a mais importante, era que em uma hora seria impossível aquela quantidade de pessoas revistar todos os quartos com um mínimo de cuidado.

Quando Ted subiu as escadas, assim que os alunos foram autorizados a voltar a seus respectivos andares, se demorou dando uma olhada nos quartos e viu que muitos deles mostravam sinais de ter sido vasculhados. Mas isso não era possível, claro. Ele soube imediatamente o que tinha acontecido: dois ou três policiais se ocuparam de desorganizar um pouco todos os quartos, alguns mais que outros, e o grosso da equipe tinha feito uma inspeção minuciosa no quarto que interessava a eles. Não havia outra possibilidade. Porque, se quinze pessoas revistaram o Bloco em uma hora, era impossível que tivessem feito um trabalho decente... Então, para que se incomodar?

Ao chegar ao quarto 503, ele comprovou suas suspeitas. A desordem era absoluta: colchões fora das camas, gavetas abertas, roupa espalhada por toda parte... Não tinham feito o mínimo esforço para não deixar rastros. Claro que aquele caos podia ter sido provocado por uma única pessoa. Ted procurou aspectos mais sutis, e bastou dar uma olhada na biblioteca para perceber que ali havia acontecido um exame minucioso. Com sua memória fotográfica, Ted imediatamente percebeu que seus livros estavam no lugar correto, mas colocados em profundidades diferentes de antes. Alguém tinha se dado o trabalho de examinar um por um.

— O que chamou tanto a sua atenção? — Justin perguntou, atrás dele.

— Nada — Ted respondeu, sem tirar os olhos dos livros. — Logo vamos ter notícias do Segarra.

— Do que você está falando?

— Disso — respondeu, com total seriedade. — Você precisa se controlar, Justin, lembrar do que eu te falei. Esse detetive vai querer falar com você. Talvez também comigo outra vez, embora saiba que não vai conseguir nada de novo de mim.

Ted sabia que Segarra não tinha encontrado nada. O detetive estaria nesse momento se lamentando pelo passo em falso.

17

1994

Foi Marman quem chegou ao Bloco com a notícia. Durante os últimos dias o cara não fazia outra coisa além de passear pelo campus em busca de informações. Parecia desfrutar muito de seu novo papel de porta-voz oficial. Não só se encarregava de espalhar rumores — inclusive os mais inverossímeis — como acompanhava as notícias de perto, de maneira que, se algum estudante queria ficar em dia, sempre recorria a ele.

— O que eu tenho para vocês é informação valiosa — Marman disse no corredor do quinto andar. — Não são boatos, pessoal.

Irving Prosser e Justin ouviam com atenção.

— Vamos entrar no quarto — Ted convidou. Era o quarto componente daquele minúsculo grupo.

Marman não estava totalmente convencido; ali eles poderiam reunir mais ouvintes.

— Vamos, Marman — Ted insistiu. — É melhor contar para as pessoas separadamente, não acha?

— Sim, claro.

Entraram no quarto 504, vizinho ao deles, e se sentaram nas camas, dois de cada lado.

— É uma coisa incrível. Eu comprovei com três fontes diferentes — Marman relatou, em seu papel de jornalista especializado. — A Fiona Smith, que estuda com a minha namorada, ouviu o pai dela falando. Ele é policial e está trabalhando no caso. Também a Meredith Malone, que é irmã da secretária do reitor e escutou ele falando com o Segarra por telefone. E por último...

— Você pode contar do que se trata de uma vez por todas, por favor? — Ted interrompeu.

— É — Irving concordou. — Vá direto ao ponto.

— Está bem. A polícia tem uma testemunha ocular — Marman disse e parou para avaliar a reação dos outros três.

— Alguém viu o que aconteceu? — Justin perguntou.

— Que parte de testemunha ocular você não entendeu? — Irving ironizou.

Se alguém costumava andar pelo parque à noite, Justin pensou, podia tê-lo visto alguma vez e contado à polícia.

— Sim, alguém viu o que aconteceu — Marman confirmou. — Eu sei até o nome. É um tal de Wendell.

— O que mais? — Irving não parecia impressionado.

— A Fiona disse que o pai dela estava falando desse Wendell como se fosse a chave de tudo, que ele estava fornecendo dados importantes, reveladores, que não só estava presente no momento do assassinato, mas também sabe como levá-los até o assassino. O Segarra prometeu ao reitor que o caso estaria resolvido em menos de uma semana.

— Nossa... e quem é esse Wendell? Um aluno?

— Eu tenho um amigo que trabalha na secretaria e está checando justamente isso. Por enquanto parece que eles não conhecem ninguém com esse nome.

— Se não for aluno, deve ser alguém da manutenção, um vigilante, um guarda ou coisa parecida.

Ted falou calmamente:

— Nós precisamos saber quem é esse tal de Wendell. Você consegue descobrir?

— Se for um aluno, é provável. Embora eu não ache que seja, para dizer a verdade. A gente saberia antes.

— Eu penso o mesmo — Justin disse.

Ted voltou ao quarto 503. Precisava pensar.

18

1994

O assassinato de Thomas Tyler nunca foi resolvido. O relatório foi parar em um depósito da polícia estadual, assim como as poucas evidências reunidas, e ali permaneceria durante anos. Ninguém no Bloco jamais soube quem era Wendell ou que informação-chave ele teria dado para jogar um pouco de luz sobre o caso.

O assassino de Tyler voltou a matar — não uma, mas várias vezes.

19

ÉPOCA ATUAL

Laura continuava sentada no chão, as costas apoiadas na fachada suja. Por cima do muro, as árvores se moviam cadenciadamente, as nuvens tinham escurecido e a brisa se transformara em um vento intenso. Folhas secas redemoinhavam na frente dela, riscando o asfalto daquele estacionamento vazio. A voz metálica de Marcus saindo do diminuto alto-falante do celular era a única coisa que a mantinha razoavelmente concentrada.

— Laura, você está aí?

— Estou. O sinal não está bom. Estou tremendo, Marcus.

— Calma. Se o McKay está algemado e não se lembra de nada... não é preciso se preocupar. Mas, se ele lembra, por que levou vocês até aí?

— Não sei. De qualquer modo, tem uma coisa que eu não consigo compreender. Você falou que no relatório consta uma testemunha ocular chamada Wendell.

— Exato, mas não é uma pessoa real. A polícia inventou e fez correr o boato de que tinha essa testemunha. Faz sentido quando o assassino pode ser um universitário assustado propenso a cometer algum erro. Quando eu vi o nome no relatório, entendi tudo...

— Eu não vejo as coisas tão claramente assim.

— Laura, escute, por favor. O McKay assassinou esse professor porque ele estava saindo com a namorada dele. O Wendell era o único que podia desmascará-lo, por isso o Ted precisava dele morto, como acontece nos ciclos. Está vendo?

— Estou tentando pensar.

— Laura, o Bob e eu estamos indo para aí. Eu preciso que você me mande as coordenadas exatas. O Bob entrou em contato com o FBI, e uma equipe está a caminho. Eu entendo que,

como você está no meio de tudo isso, não é tão simples pensar com clareza, mas confie em mim. Pense no que eu falei. O McKay e o Blaine são irmãos. O Blaine tinha um álibi perfeito quando assassinaram a namorada dele... mas e o McKay? Ele pode ter matado a garota. Nós não sabemos nada sobre a relação entre eles.

Laura não conseguia se acostumar à ideia de que Ted e Blaine eram irmãos. Como essa peça se encaixava no quebra-cabeça?

— Marcus, eu vou desligar. Eles vão suspeitar de que algo não está certo se eu não voltar logo. Te passo as coordenadas por mensagem.

— Está bem. Laura, tome cuidado. Se o McKay matou esse professor e provavelmente a namorada do irmão, existe uma realidade, e é que se passou muito tempo entre uma morte e outra. O Bob acha que pode haver mais.

Ela não respondeu.

— Estou dizendo isso porque preciso que você me prometa que vai tomar cuidado.

— Pode deixar. Tchau.

Laura desligou e continuou pressionando o telefone contra a orelha. A surpresa e o choque começavam a diminuir, e o medo a ganhar terreno. Subitamente, a fábrica pareceu ameaçadora. Ela pouco conhecia Lee Stillwell, um guarda que nem sequer trabalhava em seu pavilhão, mas era tão forte a necessidade de se sentir acompanhada e protegida que só conseguia pensar em entrar e voltar a ficar perto dele.

Ativou o GPS do celular e enviou as coordenadas para Marcus.

Pode haver mais.

Entrou na fábrica repassando mentalmente tudo o que sabia do caso. Continuava confusa pelo que Marcus acabara de revelar, mas começava a enxergar além disso e a entender os fios invisíveis que Ted tinha manejado esse tempo todo. A pergunta vital era quanto ele sabia daquilo no momento. Laura cruzou a área de escritórios e parou no mesmo lugar em que Ted tinha parado minutos antes, contemplando a mesma porta lateral. Por que haveria um cadeado em uma porta interior? Sem pensar duas vezes, correu até a porta e testou as chaves maiores até encontrar a que abria aquele cadeado. O que viu foi um escritório mobiliado e desorganizado. Tentou acender a luz, sem sorte. Ativou a lanterna do celular e explorou o lugar. Havia uma mesa de madeira, uma cadeira muito mal conservada e vários arquivos. Apesar da sujeira e da decadência generalizada, era evidente que aquele escritório tinha sido visitado com certa assiduidade. Laura se aproximou da mesa e abriu uma das gavetas. Ao contrário do que esperava, ela cedeu com facilidade. No interior havia uma série de pastas de cartolina que não se atreveu a tocar. Abriu a outra gaveta, a esquerda, e encontrou mais pastas. Ela sabia o que havia nelas... tinha certeza.

Pegou a primeira e abriu. Havia algumas folhas, que ela começou a passar com uma mão enquanto, com a outra, segurava o celular. Não tinha se equivocado. O que tinha à sua frente era uma série de recortes de jornal sobre o assassinato de uma mulher chamada Elizabeth Garth.

Degolada.

Sem conseguir evitar, leu três ou quatro matérias sobre o caso.

Depois folheou as pastas seguintes, umas dez no total. Todas mulheres.

Pode haver mais.



ÉPOCA ATUAL

Laura tinha saído havia menos de cinco minutos, e Lee começou a se incomodar. McKay o observava com um sorriso plácido e enigmático.

— O que é este lugar? — o guarda perguntou.

Ted olhou para cima, para os lados, como se procurasse uma resposta no ar.

— Uma espécie de refúgio, suponho. Um lugar de retiro.

Lee não se surpreendeu muito. No Lavender tinha ouvido histórias muito mais aterrorizantes que a de um cara rico que gosta de passar seu tempo numa fábrica abandonada.

— Então você se lembrou — Lee disse, sem muito entusiasmo. — Quando a doutora voltar, nós podemos ir embora de uma vez por todas.

— Eu acho que ela não vai voltar.

Lee o estudou.

— Eu acho que ela não vai voltar logo — Ted continuou. — Parecia uma emergência bastante séria.

— Ela só disse duas ou três frases antes de sair.

— Pode ser.

Ted se apoiou em uma mesa de aço. Em cima dela havia alguns pedaços de metal enferrujado, latas de tinta e mais algumas coisas. Suas mãos estavam algemadas na frente, mas mesmo assim Lee se manteve alerta. O cara podia ter avisado alguém de fora para ajudá-lo a escapar. A dra. Hill confiava nele, embora na opinião de Lee ela estivesse agindo de maneira muito pouco segura.

— Antes de me trancarem no Lavender, eu ia me suicidar. — A repentina mudança de tema foi acompanhada por uma notável transformação no rosto de Ted.

— Você tem algum tipo de doença?

— Não.

Outra vez a expressão sonhadora...

— Eu ainda quero me matar, Lee. — Ted abriu bastante os olhos. Havia neles um misto de loucura e súplica. — Eu desejo isso mais que tudo no mundo.

Lee ficou imediatamente alerta. Colocou a mão na pistola, mas não a tirou.

Ted sorriu, sem se mover um milímetro de onde estava.

— Calma, Lee. Eu quero te propor uma coisa.

— O quê?

— Quando a doutora voltar, eu vou tentar fugir. Você me manda parar, tudo de acordo com o protocolo, me avisa que se eu não parar você vai atirar e eu simplesmente desobedeço. *Bam, bam*. Assunto resolvido.

— Eu não vou te matar, McKay. Se você tentar dar uma de esperto, vai terminar com um tiro na perna.

— Vamos, Lee... Acompanhe o jogo por um momento. A dra. Hill vai ser testemunha. Ninguém vai conseguir provar se você apontou para a perna ou para a cabeça. Eu consigo correr bem rápido, essas correntes não são tão curtas. Não vai ser um tiro fácil.

— Eu não vou te matar — Lee repetiu. — A única coisa que eu quero é voltar para o Lavender antes das três e ir para casa ficar com a minha mulher.

— Agora que você falou... sobre a sua mulher. É Martha o nome dela, certo? Imagine se você pudesse realizar o sonho da cabana perto do lago. Não seria ótimo?

Lee enrugou a testa e ficou em silêncio.

— Imagine, Lee, se além disso você pudesse comprar uma caminhonete com tração nas quatro rodas e ir com a Martha para a sua casa no meio do nada, fazer compras e passar dois ou três dias com ela. Imagine se, quando se aposentar, você pudesse viajar com a Martha para a Europa por dois ou três meses. Vocês conhecem a Europa? Imagine conhecer tudo por lá sem se preocupar com os gastos...

— Está bem, John Lennon. Do que você está falando?

— A questão, Lee, é que podemos fazer isso se tornar realidade agora mesmo.

— Como?

— Esta fábrica tem um porão imenso. Lá tem um milhão em dinheiro escondido. É seu.

Lee sorriu.

— Um milhão escondido no porão?

— Vamos, Lee. Você acabou de ver a minha casa de fim de semana. Eu sou dono desta propriedade, entre outras. Você realmente duvida de que eu tenho esse dinheiro guardado para emergências?

— Ah, não. É claro que eu não duvido. O que eu duvido é de que esteja convenientemente escondido no porão.

— E para que você acha que nós viemos até aqui?

Lee estudou Ted durante um tempo. Depois olhou para a porta a fim de comprovar que continuavam sozinhos. Ele não queria que a dra. Hill ouvisse aquela conversa.

— Achei que você não se lembrasse de nada.

— E era verdade... mas algumas coisas estão voltando. Olha, Lee, o milhão está lá. Nós só precisamos descer um minuto até o porão e verificar. Simples assim. Que importância tem o que está fazendo ali ou de onde veio?

O guarda duvidava, Ted conseguia ver claramente.

— Todos nós ganhamos com isso, Lee. Eu não estou te pedindo para matar outra pessoa, mas para me matar. Acredite: o melhor para todo mundo é que essa bala me acerte bem no meio da cabeça.

— Eu não posso atirar assim só porque você está tentando fugir...

Ted entendeu o que o guarda estava dizendo.

— Talvez... não se trate só de fugir. Eu posso atacar a dra. Hill, agarrá-la pelo pescoço, assim. Se você gritar para eu soltá-la, então eu posso me afastar um pouco e tentar pegar alguma coisa para bater nela. Qualquer objeto desta mesa vai servir.

— Eu não estou dizendo que vou fazer isso.

— Eu entendo. Nós só estamos especulando. Você atira em mim na frente da Laura. Quem vai duvidar de que a sua reação foi em legítima defesa e perfeitamente justificada? Com certeza você vai ter que responder algumas perguntas da polícia, e isso vai ser tudo. Mais tarde você volta aqui e leva o dinheiro.

— Onde está? Eu quero ver.

Ted sorriu.

— Aquela é a porta do porão. A chave não está com as outras, mas escondida naquele buraco no canto.

A porta que levava ao porão era metálica e de aspecto robusto. Lee procurou a chave onde Ted havia indicado e a encontrou.

— Se a dra. Hill voltar, eu digo que escutei ruídos no porão. Não faça nenhuma besteira. Antes de enfiar a chave na fechadura, Lee se virou.

— Espere. Antes de ver o dinheiro e tomar uma decisão, eu preciso saber o que você fez.

— O que eu fiz é melhor que morra comigo.

— O dinheiro...

— O dinheiro era uma precaução. E é meu, se é disso que você está falando.

— Então vamos de uma vez.

Desceram por uma escada estreita até um patamar onde havia um painel elétrico.

— O interruptor de cima — Ted indicou.

Lee o observou com incredulidade e, depois de um instante de hesitação, apertou. As luzes se acenderam. Os dois continuaram descendo pela escada, Ted primeiro, pisando nos degraus com cuidado para não se enrolar com a corrente. Lee o seguia a uma distância prudente.

Lá embaixo, a desordem era total. Havia máquinas antigas, grandes caixas de madeira, arquivos, móveis. Tudo aquilo que não fora transportado na última mudança parecia ter ido parar naquele mundo subterrâneo e esquecido. Se em cima já havia muitos lugares para se esconder, a situação era bem pior naquele labirinto de lixo e trastes ignorados. As janelas no alto das paredes tinham sido bloqueadas com tijolos, e a iluminação artificial não era suficiente. Uma cidade de sombras alongadas parecia surgir de cada canto.

Ted se moveu com desenvoltura pelas passagens do labirinto. Lee o seguiu em silêncio. Que sentido tinha fazer advertências? Aquele maldito queria que atirasse nele.

Ou não?

Em duas ou três oportunidades, eles ouviram o inconfundível andar de roedores. Lee sentia profunda aversão por ratos, mas não disse nada. Pararam na frente de uma estante alta onde havia uma série de máquinas de escrever muito velhas, cobertas por uma camada de pó. Ao lado dela havia um sofá decrepito de veludo verde cujos dias de glória em uma recepção com ares de opulência havia muito tinham ficado para trás. Ted empurrou o sofá para o lado. Lee o observava a uma distância segura quando, de canto de olho, captou um rato cruzando de um lado para o outro a toda a velocidade. Pelo menos teria uma boa desculpa para se justificar com a dra. Hill, pensou. Ali realmente havia ruídos estranhos.

Debaixo do sofá havia um alçapão sem maçaneta. Ted disse ao guarda que precisaria de algo pontudo para abrir, e Lee teve que conter o riso.

— Eu não vou te dar nada pontudo — zombou. — Afaste-se e fique parado.

Lee se valeu de uma de suas chaves para levantar o alçapão. Começava a sentir uma súbita animação, não podia negar. E se realmente pudesse ficar com o dinheiro? Um plano começou a se formar em sua mente. Não tinha por que disparar contra McKay. Assim que a dra. Hill voltasse, insistiria para que fossem embora dali o mais rápido possível. Ele era o responsável pela segurança do paciente, e ela não poderia ser contra. McKay não abriria a boca, agora que Lee sabia demais. E mais tarde ele voltaria para pegar o dinheiro. Esboçou um sorriso.

Se é que existe dinheiro.

Debaixo do chão havia uma grande caixa de metal com dois mecanismos de fecho, que Lee deslizou com os polegares. A tampa cedeu com um clique suave, e ao levantá-la ali estavam, envolvidos em sacos plásticos transparentes, os maços de notas de cem perfeitamente organizados. Lee nunca tinha visto tanto dinheiro junto. Poderia fazer uma viagem com Martha, pensou, emocionado. McKay devia ter alguma espécie de poder telepático, porque havia sugerido o plano perfeito — Martha sempre se lamentava por não conhecer outros países. O mais distante que havia chegado em toda a sua vida tinha sido a Carolina do Norte, para visitar a irmã. Agora poderia...

Então algo rastejou por baixo do chão e surgiu de repente ao lado da caixa de metal. Era grande e cinza, com a cara enorme e dentes pontudos. Os olhos brilharam quando a luz refletiu neles, e Lee, que estava agachado o tempo todo, retrocedeu e perdeu o equilíbrio. O animal enfiou a cabeça pelo buraco e foi a última coisa que Lee viu, com um movimento veloz por parte de Ted. Então uma sombra o envolveu e sua cabeça explodiu.

Ele deu um grito abafado.

Uma chuva de máquinas de escrever o atingiu quando a estante inteira caiu em cima dele.



ÉPOCA ATUAL

Quando Laura voltava à área das linhas de montagem, imaginou muitas coisas, mas nunca que o guarda não estaria ali.

Ted a esperava no centro do amplo recinto, os braços soltos ao longo do corpo. Não tinha mais as correntes.

— Onde está o Lee?

— No porão.

Laura se perguntou se aquilo significava que estava vivo. Não se atreveu a perguntar.

Mantenha a calma.

— Eu o algemei — Ted disse, exibindo os pulsos. — Vou soltá-lo mais tarde. Você, por outro lado, precisa ir embora agora mesmo, Laura.

— Ir embora? Por quê? Eu achei que estivéssemos avançando. Me deixe te levar de volta para o Lavender. O que quer que esteja te perturbando neste momento, nós podemos superar. Pense na sua família, pense em...

— Laura, eu agradeço tudo o que você fez por mim. Mas nem tudo se soluciona com terapia. Existem realidades que são *irreversíveis*.

Laura não se aproximava.

— Vá, volte pelo caminho até a minha casa. E não avise ninguém.

— O que você vai fazer?

Houve um instante de dúvida, uma expressão de conflito que apareceu e desapareceu logo.

— Eu não vou fazer nada de ruim.

Laura começava a entender o que acontecia na cabeça de Ted. Ele estava confuso e ela precisava usar essa informação a seu favor.

— Quem te ligou? — Ted perguntou de repente. Aproximou-se alguns passos.

— Marcus Grant, o diretor do pavilhão C. Houve uma emergência com um dos internos.

— Ah, é?

— Isso mesmo.

— Que tipo de emergência? Vocês conversaram bastante tempo...

Já se encontravam suficientemente perto para que ele, com dois ou três passos, a alcançasse.

— Vocês já sabem, Laura?

Ela franziu a testa. Tinha que recuperar o controle de alguma forma.

— Acabei de sair da sala onde você guarda as pastas. Fiquei lendo, por isso demorei.

— Então você já sabe o que eu fiz — ele murmurou.

Ted levantou a cabeça, como se tivesse sido alertado por um barulho. Depois baixou o olhar e ficou um bom tempo contemplando um canto. Parecia ter se esquecido de onde se encontrava.

— Ted, por favor. Eu temo que as coisas sejam um pouco mais complicadas do que você pensa...

— Vá embora — ele disse. Deu meia-volta e se encaminhou até o porão.

— Eu vou com você — ela anunciou.

Ele falou sem se virar:

— Você sabe perfeitamente o que vai acontecer se fizer isso.

Mesmo assim ela o seguiu, e no meio da escada que descia ao porão percebeu o inconfundível cheiro de gasolina.



ÉPOCA ATUAL

Laura viu pelo menos cinco tambores de gasolina perto da entrada. Avançaram por um corredor cheio de destroços até chegar a um velho sofá. Ao lado dele havia um alçapão e um monte de máquinas de escrever antigas espalhadas no chão. A estante vazia deu a Laura uma ideia bastante precisa do que havia acontecido ali. Olhando com um pouco mais de atenção, detectou uma mancha de sangue fresco perto da abertura, mas o guarda não estava ali.

— Onde está o Lee?

— Ali atrás — Ted respondeu, despreocupado. Apontou para um móvel de escritório a poucos metros de onde estavam. Tinha um metro de altura e portas corrediças. Como tudo ali embaixo, não ostentava as qualidades do design moderno e devia pesar uma tonelada. Em um dos cantos dava para ver as botas do guarda.

Ted se agachou e procurou algo na abertura. Laura conseguiu ver uma caixa de metal.

— O que você vai fazer, Ted?

Ele não respondeu. Ela aproveitou aquela pausa reflexiva para aproximar duas cadeiras cheias de pó e se sentou em uma delas.

— Eu quero fazer a nossa última sessão — anunciou.

Ted se virou e contemplou a cadeira vazia, depois se fixou em Laura.

— Eles estão vindo?

Ela assentiu.

— Quanto tempo nós temos?

— Não sei. Talvez uma hora.

Ted se sentou.

— Tudo bem. Eu quero que você fale com a Holly. Muitas coisas horríveis vão ser ditas, quase todas verdadeiras, e eu não a culparia se decidisse me odiar...

— Eu vou falar com ela, prometo.

— Se você quiser escrever sobre tudo isso, tem a minha autorização. Não que precise dela, eu sei.

Laura não achava que tinha falado sobre isso com Ted.

— Eu percebi que o meu caso é importante para você — ele continuou, esboçando um sorriso triste. — Você fez bem o seu trabalho, senão não estaríamos aqui e todo esse lixo do meu passado continuaria enterrado.

— Ted... como eu te disse antes, acho que as coisas não são tão simples.

— São, sim. Eu matei aquelas mulheres... — Ted submergiu em uma espécie de sonho.

Um rato cruzou na frente deles em velocidade cortante e fez Laura dar um pulo. Havia ratos por todos os lados; evidentemente a gasolina perturbara os animais.

— Ted, eu quero falar sobre o Blaine.

Ele assentiu.

— Lembrou dele?

— O Blaine é meu irmão. Mas eu não tinha pensado nele até que você o mencionou. Tudo está voltando, Laura. É como se eu pudesse olhar dentro da minha cabeça com uma lanterna... Onde antes havia escuridão, agora eu consigo ver.

— Isso é muito bom.

Ted não estava de acordo.

— Você sempre soube? Que o Blaine era meu irmão, quero dizer.

— Não. A polícia fez a conexão.

— A polícia... — Ted disse para si mesmo.

Laura se arrependeu de ter dito isso. Precisava manter Ted no âmbito da terapia. Já tinha muitas complicações com aquele ambiente pouco convencional e não precisava lidar com autoridades e o futuro do caso.

— Eu soube quando estava no primeiro ano da universidade — Ted contou. — Naquela época o meu pai fazia tentativas esporádicas de se aproximar de mim. Ele usava a tia Audrey, que sempre se preocupou comigo e não merecia o irmão que tinha. Eu fui vê-lo mesmo não querendo e ele me falou sobre o Blaine. Até me mostrou uma foto.

— Por que ele fez isso? Naquele momento, quero dizer.

Ted encolheu os ombros.

— Ele disse alguma bobagem sobre a importância de nos conhecermos, que nós tínhamos o mesmo sangue e o menino não devia pagar pela relação ruim que nós dois tínhamos.

— Parece bastante sensato.

— Claro. O meu pai sempre parecia o sacana mais sensato do universo. Mas você tem razão: por que naquele momento? Eu estava na universidade, e o Blaine no colégio. A

realidade, Laura, é que o meu pai decidiu me ferrar naquele dia e usou a primeira coisa que tinha à mão. Simples assim. A única coisa que importava para aquele sacana era ele mesmo. Não estava nem aí se os filhos tinham uma boa relação. Pode ter certeza.

— E vocês tiveram?

— Uma boa relação? Claro que não. Naquele dia eu discuti com o meu pai, como de costume, e fui embora. Não tinha a mínima intenção de conhecer o meu irmão.

— Mas você pensou nisso? O seu pai tinha razão quando disse que o menino não tinha culpa de nada. Nem você. Por que você não quis conhecê-lo?

— Eu não analisei muito a situação. Foi um ano complicado na universidade. Eu suponho que me aproximar do Blaine teria significado não romper os laços com o meu pai, uma forma a mais de permitir que ele entrasse na minha vida. E, vendo o que aconteceu depois, foi o melhor. O Blaine se revelou tão filho da puta quanto o nosso pai...

Ted ficou em silêncio e baixou a vista. Laura soube o que ele estava pensando. Esticou o braço e levantou o queixo dele.

— Olhe para mim, Ted.

— Suponho que eu também não tenha conseguido escapar — ele disse.

Laura não soltou o queixo dele.

— Eu não quero falar de você. Ainda não. Também não quero falar do seu pai. Quero falar do Blaine.

Laura recolheu o braço e se recostou suavemente na cadeira.

— O que você quer saber?

— Nós sabemos que você esteve na casa dele. Lembra o motivo?

Ted não parecia lembrar totalmente.

— Quando eu vi a notícia do assassinato da namorada dele, soube que era o meu irmão. Eu tinha visto a foto dele por alguns minutos vários anos antes, mas o rosto ficou gravado. Ele tinha alguns traços do meu pai, especialmente esta região aqui... — Ted apontou para a testa.

— Eu tive certeza quando o vi na TV fugindo de um repórter na rua. O seu jeito de andar era idêntico ao do meu pai, inclinado ligeiramente para a frente, com os braços parados na lateral. Nunca vi ninguém andar assim... sem balançar os braços.

— O que você pensou quando o viu?

— Não sei. Que ele era culpado, acho. Realmente não lembro.

— Diga o que você está pensando agora. Em relação ao Blaine.

— É necessário?

Laura assentiu.

— O Blaine é meu irmão... Acho que tem alguma coisa no nosso DNA. Algo que não está bem dentro de nós.

— E isso te tranquiliza?

— Para falar a verdade, sim.

— Você disse que ficou sabendo da existência do Blaine no primeiro ano da universidade e que não teve muito tempo para pensar nele, que foi um ano complicado. A que você estava se referindo?

Laura já sabia, mas preferiu que Ted contasse.

— Naquele ano eu matei um homem. Ele se chamava Thomas Tyler e era professor na UMass. O cara tinha um caso com a minha namorada da época, a Georgia. É o homem que eu vi no pátio do Lavender.

O grito agudo de um rato sublinhou as últimas palavras. Outro respondeu de um canto.

— Como você o matou? — Laura quis saber.

— Eles se encontravam à noite em um parque perto da biblioteca. Esperei a Georgia ir embora e me aproximei por trás. Cortei o pescoço do cara com uma faca e fui embora. Houve uma investigação, mas não levou a nada.

Era curioso o modo mecânico como Ted relatava cada acontecimento daquele ano.

— Que estranho... Nas pastas que você guarda lá em cima, eu só vi mulheres.

— Essa era uma questão... pessoal.

— Vocês dois eram muito próximos? A Georgia e você?

A pergunta pegou Ted de surpresa. Ele tinha pensado muitas vezes em Georgia ao longo dos anos, mas sempre como uma personagem secundária, nunca como alguém propriamente importante. O certo é que quase não conseguia se lembrar do rosto dela.

— Nós não tínhamos muita coisa em comum. Acho que estávamos um pouco distantes, e na verdade nunca mais nos vimos.

Agora foi a vez de Laura assentir.

— E mesmo assim você matou o professor.

— Laura, qual é o objetivo de tudo isso?

— Durante todo esse tempo nós tentamos desatar um nó complexo. Quando conseguíamos soltá-lo um pouco, puxávamos mais do que devíamos e tínhamos o efeito oposto. Chegou o momento de puxar todas as pontas soltas, Ted. O seu irmão é uma ponta solta, assim como o assassinato do Tyler, e também todas essas mulheres mortas. Tem algo que nós não conseguimos enxergar... um fio condutor. E a única forma de enxergá-lo é continuar mergulhando no seu passado e expor a raiz.

— Eu entendo o que você diz... Mas realmente importa? O resultado vai continuar sendo o mesmo.

— Para a Holly e as meninas, pode representar uma grande diferença.

— O que mais você quer saber?

— Eu quero que você me conte como matou a primeira mulher, Ted — Laura disse, olhando nos olhos dele —, e quero que faça isso com riqueza de detalhes, que me conte tudo que lembrar. O nome dela era Elizabeth Garth, não era?

— Se é isso que você quer.

Ted meditou por um segundo; seus olhos ficaram vidrados. Mais uma vez surgiu o tom monocórdio de antes.

— Elizabeth Garth era uma mãe solteira muito jovem. Tinha só vinte anos e trabalhava no cinema de Harperfield, uma cidadezinha não muito longe de onde eu cresci. O filho dela tinha dois anos e morava com os avós em alguma cidade de New Hampshire, mas eu só fiquei sabendo disso depois. Não era uma mãe desleixada, tinha a ambição de progredir e pegar o menino de volta. Não que os pais dela a proibissem de ver o filho nem nada, mas não a consideravam capaz de criá-lo, por isso levaram o menino. O pai dele era quem exercia a maior oposição, praticamente não se falavam. O cara sempre a culpou pela gravidez, e, mesmo depois do assassinato, quando ainda procuravam o responsável, havia um tom acusatório nele, como se Elizabeth tivesse pedido aquilo. Ou, pior ainda, como se merecesse.

Ted balançou a cabeça.

— Mas ela não pediu. Era loira, muito magra. Frágil. Como as outras. Estava no lugar errado na hora errada. Morava com outras duas garotas que trabalhavam com ela; não eram amigas, e a relação não era boa. Nem em sonho ela poderia ter levado o menino para viver naquele apartamento minúsculo, então naquele momento só pensava em se mudar. Espalhou pequenos anúncios escritos à mão no cinema e nas lojas da região. Diziam: “Mulher bem-educada e responsável se oferece para limpeza, tarefas domésticas ou cuidados com idosos, em troca de um salário aceitável e um quarto para mim e meu filho pequeno”. Embaixo estava o nome dela: Elly.

— Então você ligou e ofereceu um lugar para ela morar.

— Exato. Foi muito simples. Porque a garota estava desesperada para sair do apartamento e trazer o filho para morar com ela. Em outras circunstâncias, provavelmente ela não teria aceitado se encontrar com um desconhecido em um lugar tão distante. Eu marquei em uma área pouco frequentada longe do centro, uma região cheia de ricos criadores de cavalos. Deixei meu carro estacionado ali perto e ela chegou em um carrinho caindo aos pedaços quando já estava anoitecendo. O caminho a partir dali era um pouco intrincado, por isso nós precisaríamos ir juntos. Claro que não era verdade, não havia nada ali. Ela deixou o carro e nós seguimos no meu. Nesse dia, tinha feito turno duplo no cinema e estava exausta. Eu falei que era viúvo, tinha um filho de sete anos e uma casa muito grande e vazia. Ela me falou do pai do filho dela, um garoto vagabundo que nunca dava as caras, e eu rapidamente ganhei sua confiança. Em determinado momento, a Elizabeth percebeu que não havia nenhuma casa ali, nem oportunidade alguma para ela e o filho. Ela saltou do carro e correu o máximo possível pelo bosque. Eu fui atrás e a alcancei sem muito esforço em uma clareira. Ela estava fraca e praticamente não ofereceu resistência.

— Você a matou com uma faca? — Laura perguntou, como se fosse a pergunta mais normal do mundo. — Cortou o pescoço dela, como fez com o Tyler?

Ted parecia realmente arrependido; com vontade de chorar, na verdade.

Ele concordou em silêncio.

— Nos recortes que eu vi antes de descer aqui, dizia que ela foi apunhalada no peito umas dez vezes. Você também a apunhalou no peito umas dez vezes, Ted?

Mais uma vez ele assentiu.

— Posso te fazer outra pergunta? — Laura disparou, sem rodeios. — Se você chegou a ela através de um anúncio e por telefone, como sabia qual era a aparência dela e que seguia o padrão?

Ted balançou a cabeça várias vezes, cada vez mais perturbado.

— Eu não sei, Laura... talvez a tenha visto pendurando um dos anúncios. Você acha que é importante?

— Sim, Ted, é importante. Porque muitas das coisas que você me disse sobre Elizabeth Garth são conclusões tiradas das matérias de jornal que eu li lá em cima, antes de vir aqui.

— Foi o que aconteceu.

— O que tem naquele escritório — Laura disse, apontando para cima — não é um santuário de lembranças, Ted... É uma investigação.

Ele a encarou, contrariado. Laura continuou:

— Elizabeth Garth morreu em 1983. Você tinha sete anos, Ted. Sete.

Até os ratos pararam de fazer ruído durante aqueles segundos.

— Você não matou Elizabeth Garth, nem as outras mulheres. Também não matou Thomas Tyler. Você não matou ninguém! Consegue ver o fio condutor agora?



1983

Ted estava deitado sobre o velho carpete de seu quarto com um pequeno tabuleiro portátil de xadrez quando escutou sua mãe gritando pela primeira vez. Ficou muito quieto, à espera de que o grito se repetisse, e, quase sem pensar, deslizou até ficar embaixo da cama, de onde podia ver a fresta iluminada por baixo da porta. Se a mamãe se aproximasse, ele poderia vê-la. O papai não estava em casa.

Ao lado do tabuleiro havia um velho livrinho de partidas de Bobby Fischer, presente de um vizinho, que tinha se transformado em sua única fonte de conhecimento. Em pouco tempo saberia as partidas de cor, mas por enquanto estava tudo bem. O tabuleiro e suas trinta e uma peças também eram um presente, dessa vez de algum anônimo da igreja. A mamãe tinha feito um peão de papel-alumínio para repor a peça que faltava. Ela era capaz de fazer coisas incríveis... desde que tomasse o remédio dela.

E nesse dia não havia tomado, Ted tinha certeza. Ultimamente era o papai que precisava obrigá-la a tomar os remédios. Se ele não estava, ela esquecia, ou preferia não tomar, e então sua cabeça começava a enganá-la. Como Bobby, quando fazia jogadas para enganar os adversários e esconder seus verdadeiros planos.

Ted estava assustado. Tinha passado o dia trancado no quarto, matando o tempo com as partidas de Bobby, e agora entendia que talvez tivesse cometido um erro grave. A mamãe não tinha preparado a comida, não havia falado com ele nenhuma vez, e ele nem sequer tinha descido para tomar água. Não tinha ido ao banheiro o dia todo! E, se a mamãe não havia se preocupado com ele, era porque a cabeça dela a estava enganando. Talvez, se ele tivesse tentado falar com ela mais cedo, pudesse tê-la convencido a tomar o remédio. Mas agora ele sabia que

isso seria impossível. O pior de tudo era que o único que poderia resolver as coisas — como ele mesmo tinha explicado várias vezes — era o papai. O problema era que, nos últimos tempos, as discussões eram cada vez piores. O papai precisou até bater nela para que entendesse.

— Teddy!

O grito inconfundível da mãe.

O que fazer? E se tivesse acontecido alguma coisa com ela? A avó do seu amigo Richie tinha caído na banheira e demoraram dois dias para encontrá-la. A mamãe não era idosa, mas podia ter tropeçado, pensou Ted. Indignou-se consigo mesmo por não ir vê-la imediatamente. Saiu de debaixo da cama com toda a resolução que foi capaz de reunir, sem saber se queria que sua mãe voltasse a chamá-lo ou não. Não queria que ela quebrasse a cabeça como a avó do Richie, claro que não, mas também sabia que sua mãe podia ficar confusa às vezes. Segurou a maçaneta e girou com suavidade.

O grito não voltou a se repetir, e no silêncio do corredor do segundo andar isso foi definitivamente pior.

Ted desceu os primeiros degraus da escada e se inclinou no corrimão. Observou a sala entre as barras de madeira e rapidamente viu os cabelos meio grisalhos de Kristen McKay atrás do sofá. Não era a primeira vez que Ted a via sentada no chão, as costas apoiadas na traseira do sofá, as pernas esticadas tocando a parede. Por alguma razão, aquele espaço a reconfortava. Aproximou-se dela bem devagar.

— Mamãe?

Kristen se virou. Em seus olhos Ted viu tudo o que precisava saber. Havia neles um misto de desespero e confusão.

— Esconda-se! — Kristen agarrou a mão dele e puxou até fazê-lo cair. Ted se sentou ao lado dela.

— O que foi, mamãe?

— Tem estranhos na casa — ela sussurrou.

Meses antes, Ted teria feito todo o possível para acreditar nela. *É a minha mãe!* Algo dentro dele dizia que *tinha* que acreditar. Mas no fundo ele sabia que estavam sozinhos em casa.

— Tomou o seu remédio, mamãe?

Ela o observou com uma sobrancelha erguida. Acariciou seu cabelo.

— Você precisa ficar em silêncio, Teddy.

— Quem está na casa? — perguntou, em voz baixa. — Você viu quem era?

Kristen assentiu.

— Os Homens Antena.

Ted nunca tinha ouvido falar deles na vida. E certamente o nome o assustou. Kristen se virou e apontou por cima do sofá.

— Um deles está na cozinha. Cruzou a sala agora há pouco e eu consegui ver daqui. Eles são muito altos, Teddy. Ele precisou se agachar para não bater no batente da porta. São magros, têm cabeça de formiga e umas antenas muito compridas...

— Talvez já tenham ido embora. Eu vou ver...

— Não! — Kristen cravou as unhas afiadas no antebraço do pequeno Ted. — É perigoso. Estou dizendo que acabei de vê-lo.

— Mas o que eles estão querendo, mamãe?

Ela hesitou por um segundo.

— Você é um menino inteligente, Teddy. Esse remédio que você está dizendo não é um remédio... não está me ajudando. O seu pai me obriga a tomar essas pílulas para se livrar de mim. Ele quer que eu fique o dia todo na cama, dopada.

— O papai ama a gente — Ted disse, embora aos sete anos já começasse a ter dúvidas a respeito.

— Eu joguei os remédios na pia da cozinha. Por isso os Homens Antena vieram.

— Todos?!

Os remédios eram caríssimos. O pai dele se queixava disso o tempo todo. Às vezes Kristen jogava um ou dois no vaso sanitário, e isso era motivo para uma discussão interminável. Agora tinham sido... *todos*.

— Os Homens Antena sabem. Eles percebem com as antenas. Foi por isso que vieram.

Ted não suportou mais e saiu correndo para a cozinha. A mamãe tentou capturá-lo, mas ele foi mais rápido.

— Não! — Kristen gritou. Virou-se e, ajoelhada, observou por cima do sofá o seu único filho entrar na cozinha correndo.

— Aqui não tem na...! — Ted se aproximou da pia. De um lado havia uma pilha de caixas de papelão e cartelas, todas vazias. A mamãe não tinha mentido... todas as pílulas haviam ido parar no encanamento. Sentiu um calafrio. Não podia nem imaginar as consequências daquela destruição total de remédios. Só de pensar...

Voltou à sala com a mesma prontidão. A mamãe continuava atrás do sofá.

— Na cozinha não tem nenhum Homem Antena, mamãe! Os Homens Antena não existem. Você jogou fora todas as pílulas!

Ela se arrastou e tentou pegá-lo pelo braço. Ted se livrou da mão dela e retrocedeu.

— O papai vai ficar bravo!

— O seu pai nos odeia, Teddy. Ele tem outra mulher. Por isso quer se livrar de mim, e depois vai ser a sua vez. Ele vai te colocar num orfanato e...

— Cala a boca!

Kristen ignorou a explosão de raiva do filho e voltou a se arrastar, agora para fora da proteção do sofá, e outra vez tentou capturar o braço dele. Também sem sucesso.

— Isso tudo é culpa sua. Eu odeio você! — Ted gritou.

Algo mudou na expressão de Kristen. Ela voltou para a segurança do sofá e baixou o tom de voz.

— Você não é o meu Teddy... É um deles. — Apontou para a cozinha. — Vocês o prenderam ali, não é mesmo?

Ted soluçou. Não conseguiu evitar.

— Você não me engana. Afaste-se de mim!

— Mamãe...

Ela negou com a cabeça várias vezes, os olhos bem abertos por cima do sofá. Ted sabia que não havia nada que pudesse fazer, tanto quanto sabia que as coisas piorariam de alguma forma. Correu até seu quarto com um suspiro. Fechou a porta atrás de si e se enfiou debaixo da cama. O tabuleiro de xadrez e o livro de Bobby Fischer continuavam ali. Afastou-os com um tapa e enterrou o rosto no antebraço. Chorou desconsoladamente.

Depois de meia hora interminável, ouviu o que tanto temia. O carro de Frank McKay parou na entrada da casa. Ted saiu de seu esconderijo como se tivesse sido acionado por uma mola. Seus olhos vermelhos demoraram para se acostumar com a claridade do quarto. Foi até a janela e realmente ali estava seu pai, descendo do carro. O detalhe da janela aberta do carro não chamou especialmente sua atenção. Papai sempre a deixava aberta quando tinha a intenção de voltar a sair.

O vozeirão de Frank ecoou na casa como um trovão. Ted poderia ter optado por se esconder de novo debaixo da cama — claro que isso não o teria impedido de ouvir tudo o que acontecia no térreo —, mas por alguma razão abriu a porta e foi até a escada. Algo ruim podia acontecer. Ted estava com medo.

Frank não demorou a descobrir os restos na pia, e isso o fez perder as estribeiras.

— Eu não acredito! — gritou várias vezes. — Maldita puta inútil!

Os xingamentos eram a especialidade de Frank.

Kristen não dizia nada. Ted não se animava a olhar, mas podia imaginá-la sentada atrás do sofá. Algo se quebrou no chão, um vaso ou uma jarra, talvez um dos abajures da sala.

— Eu vou embora desta casa, está me ouvindo? A única coisa que você precisa fazer é engolir duas merdas de pílulas. E nem isso você consegue fazer direito! É uma completa inútil.

— Afaste-se de mim! — Kristen falou pela primeira vez.

— Não vou me afastar merda nenhuma.

— Não me toque!

— Cala a boca, filha da puta.

— De on...?

Um sonoro golpe fez Kristen ficar em silêncio imediatamente. Como brinde, vieram mais dois. Além de criativo com os insultos, Frank era um homem generoso com os golpes.

— Engole, biscate!

— De onde...? — Kristen tinha dificuldade para falar.

— De onde eu tirei essas? De onde eu tirei essas? Eu escondi... porque sabia que um dia você ia fazer isso. Veja só como eu te conheço, cadela. Sempre procurando um jeito de me foder. Engole de uma vez por todas! Me deixa ver... Levanta a língua! Não me morde, filha da puta!

Mais um golpe. Certamente com a palma aberta no rosto, porque pareceu uma chicotada.

— Vai tomar mais uma... e nem pense em cuspir, estou avisando.

A mamãe nunca tomava duas pílulas seguidas. Tomava uma a cada oito horas, Ted sabia perfeitamente.

— E dessa vez vão ser três — Frank disse, com fúria, deleitando-se com cada palavra.

Três! Ted ficou horrorizado. Podia ser lógico tomar duas se ela tinha pulado uma. Mas três? Que sentido teria a mamãe tomar três dessas pílulas gigantes?

— Eu vou embora, Kristen. Está me ouvindo? Talvez eu não volte nunca mais, e o Estado vai acabar cuidando de você... Seria ótimo, não é mesmo?

Não havia mais resposta por parte da mamãe. Talvez ela tivesse dormido mais rápido que de costume. Três pílulas podiam ser capazes disso, não?

O Estado vai acabar cuidando de você.

Ted se assustou quando ouviu Frank na base da escada. Correu até o quarto e fechou a porta atrás de si. Enfiou-se na cama e fingiu estar dormindo. Depois de alguns segundos, ouviu a porta do quarto se abrir e fechar. Esperava que seu pai realmente acreditasse que ele não havia escutado nada daquilo, embora fosse difícil de acreditar.

A seguir ouviu o chuveiro e saiu da cama.

Seu pai costumava tomar banho de manhã. Se repetia o ritual, era porque tinha a intenção de sair. E então entendeu. Frank ia embora! Ele não tinha acabado de falar isso?

Eu vou embora, Kristen.

Ted decidiu nesse instante o que faria a seguir. Colocou travesseiros na cama para que parecesse que continuava ali, pegou uma mochila e guardou dentro dela algumas roupas. Deixou-a sobre a cama e verificou se seria prudente descer. Sabia que teria que fazer isso. Papai continuava no chuveiro, e isso o tranquilizou. Chegou ao térreo e encontrou mamãe sentada atrás do sofá, as pernas abertas e a cabeça de lado, cochilando.

— Teddy... — ela murmurou, mal abrindo os olhos.

Ele deu um beijo na testa dela.

— Eu não te odeio, mamãe.

O Estado vai acabar cuidando de você.

Um sorriso fraco despontou nos lábios de Kristen McKay.

Ted voltou a seu quarto. Pegou o tabuleiro de xadrez e o livro de Bobby. Saiu pela janela e deslizou pelo telhado até um muro lateral que tinha escalado muitas vezes. O Mustang de Frank o esperava. Ted não tinha a chave para entrar no porta-malas, mas conhecia o truque que permitia que entrasse. Penetrou facilmente pela janela aberta e foi até o banco traseiro. Puxou e... *voilà!*

Ia embora com o papai. Agora ele estava furioso, mas, quando passasse a raiva, entenderia.

E a mamãe estaria melhor sem eles. Ted não conseguia entender quem era o Estado e como ele cuidaria da mamãe, mas com certeza ela estaria melhor do que com Frank McKay.

Acomodou-se no porta-malas e esperou.



1983

O porta-malas era confortável para um menino do tamanho dele, de maneira que, milagrosamente, adormeceu. Foi uma sorte, porque desse modo não pensou na possibilidade de papai decidir levar uma mala consigo. Não seria algo perfeitamente razoável, afinal? Essa ideia cruzou sua mente quando o carro começou a andar, e a essa altura não fazia sentido se preocupar. Papai tinha dinheiro e poderia comprar tudo o que precisassem.

Ted não podia imaginar aonde iriam. Depois de um tempo de percurso, descobriu que, se exercesse pressão para cima no canto da tampa traseira, abria-se um espacinho por onde ele podia observar o interior do carro. Conseguiu ver a silhueta de Frank, imóvel e silenciosa, e mais além a estrada. Tinham saído da cidade.

Viajaram por mais de uma hora, ou foi o que achou Ted, que em determinado momento estava apertando o tabuleiro de xadrez contra o peito, como um escudo protetor, e prestes a ser pego pelo sono outra vez. Começava a se acostumar com a ideia de que aquela poderia ser uma viagem muito longa quando o Mustang diminuiu a velocidade e parou. Ted esperou alguns segundos com os olhos bem abertos naquela escuridão impenetrável, girou, deixou o tabuleiro de lado e levantou a tampa traseira com muito cuidado. Um raio de luz perfurou sua retina, e ele precisou fechar os olhos. Não conseguiu ver Frank descer do carro, mas ouviu a porta se abrir e fechar.

Do lado de fora vieram vozes. Uma era de Frank, claro... e a outra pertencia a uma mulher. E então as portas se abriram e o carro balançou para um lado e para o outro, naquele movimento característico de quando duas pessoas entram quase ao mesmo tempo. Ted recorreu a seu olho mágico especial, mas não conseguia ver o banco do passageiro.

E se tentasse empurrar do outro lado? Tentou, mas sem sorte. A tampa estava perfeitamente encaixada naquele extremo.

— Desculpe por não poder vir antes — a mulher disse. — Hoje eu fiz turno duplo no cinema.

Ted ficou petrificado. Não esperava ter companhia. O papai sempre dizia que não gostava de gente que pede carona e que, em seu trabalho de vendedor, encontrava muitos deles por aí e os conhecia como ninguém. Mas aquela garota (Ted a imaginou muito mais jovem que o papai) não estava pedindo carona. *Desculpe por não poder vir antes.*

— Não se preocupe — Frank respondeu. — Eu também tive um dia complicado no escritório.

Escritório?

— É muito longe daqui?

— Não muito. Mas não faz sentido ir em dois carros... E assim nós podemos nos conhecer um pouco melhor.

Ted não espiava mais. Ouvia com a orelha encostada no assento.

E se a mamãe tivesse razão? Aquela podia ser a outra mulher à qual tinha se referido naquela tarde. Pensar na mamãe sentada na sala, atrás do sofá, fez Ted sentir uma pontada dolorida. Ela havia tomado três pílulas...

Ela não tomou. Papai a obrigou a tomar.

Fosse como fosse, o mais provável era que ela continuasse por muito tempo onde a tinham deixado, mesmo quando anoitecesse. Acordaria ali, desconcertada e rodeada de escuridão... confusa e sozinha. O Estado poderia não encontrá-la a tempo.

Ted sentiu um calafrio. Sua mente mostrou a sala de casa na penumbra, com a mamãe sentada inconsciente no chão, a cabeça de lado, rodeada por quatro Homens Antena de pé, examinando-a como uma junta médica, seus rostos de formiga encarando-se alternadamente.

No carro, Frank começou a chamar a garota de Elizabeth. Falavam do filho pequeno dela, que vivia com os avós em algum lugar. Mas Ted estava muito absorto em seus pensamentos para prestar atenção neles. Não estava pronto para reconhecer, mas talvez tivesse cometido um erro ao deixar sua mãe.

Um erro grave.

— ... o pai dele não o conhece — dizia Elizabeth. — Ele sabe que o filho existe, eu contei, claro. Mas ele nunca se interessou. E você?

— Eu fiquei viúvo e a casa ficou grande — Frank McKay contou. — O Teddy tem sete anos e às vezes eu acho que é sozinho demais.

Viúvo? Teddy? O seu pai nunca o chamava de Teddy.

O que estava acontecendo?

Ted se viu obrigado a levantar a tampa traseira e observar. Não tinha dúvidas do que ouvira, mas não podia acreditar. Ted não estava sendo criado sozinho, tinha sua mãe! E a casa na qual viviam era relativamente pequena em comparação com as outras do bairro. Nada do

que o papai dizia fazia sentido. Tentou ficar de lado para ver Elizabeth, mas foi impossível. O máximo que conseguia ver dali era o espelho retrovisor... e quando chegou até ele viu os olhos do papai, fixos nos dele. O papai estava olhando para ele!

Deixou cair a tampa, que golpeou o assento com um ruído seco, e deitou no porta-malas.

O papai não te viu. Só estava olhando para trás. É para isso que serve o retrovisor, não é mesmo?

— O que foi isso? — Elizabeth perguntou.

— O quê?

— Acho que ouvi alguma coisa... No teto, provavelmente.

— Não foi nada.

— Falta muito?

— Não muito.

Ninguém disse nada durante um longo momento. Ted havia perdido completamente a noção das horas; não sabia há quanto tempo estavam viajando.

— Podemos parar um segundo? — Elizabeth disse, de repente. — É uma emergência.

— Já estamos chegando. Meio quilômetro e você vai ter um banheiro confortável.

— Não dá para esperar.

— Claro que dá — Frank retrucou. Ted conhecia muito bem aquele tom. Era o tom que não deixava margem a questionamentos.

O Mustang avançava cada vez mais rápido.

— E nem pense em abrir a porta, está ouvindo?

Elizabeth gritou de modo assustador.

— Me solta!

Ted prendeu a respiração.

Segundos depois, pararam em algum lugar.

— Está vendo isso aqui? — Frank disse, com tranquilidade. — Se abrir a porta, eu te enfio na perna.

Ted não olhou. Não entedia o que estava acontecendo, mas conhecia aquela faceta autoritária e inflexível de seu pai.

— Não me machuque — Elizabeth implorou. — Eu tenho um filho.

— Não tem, não.

Frank pegou as chaves do carro e por alguma razão fez barulho com elas. Abriu a porta e saiu. Segundos depois, abriu a porta do passageiro.

— Eu não quero sujar o carro. Você entende, não é?

— Não me machuque. — A garota desabou. Sua voz trêmula se transformou em um choro constante.

— Saia.

— Não, por favor.

— Está assustada?

Elizabeth soluçava sem controle. Frank estava fazendo algo com ela, e Ted não se atrevia a olhar.

— Tudo bem, tudo bem... Eu vou com você — Elizabeth disse, no meio de um ataque histérico.

Ela saiu do carro e segundos depois deu um grito penetrante. Ted nunca tinha ouvido algo tão perturbador em sua curta vida. Os gritos não pararam, e ele não podia fazer nada a não ser cobrir os ouvidos, mas nem isso foi suficiente.

Algun tempo depois, Frank voltou ao carro, deu partida e começou a assobiar sua melodia favorita.

25

ÉPOCA ATUAL

No porão da antiga fábrica de máquinas de escrever, os ratos tinham retomado seu atordoador caminho. Inquietos pelos vapores da gasolina, não prestavam mais atenção no percurso e cruzavam muito perto de Laura e Ted. Às vezes se aproximavam e observavam os dois.

— Você não matou aquelas mulheres — Laura disse. — Foi o seu pai. O seu pai as matou. Ele a observou, perplexo.

— Provavelmente você sempre suspeitou disso — ela continuou —, e quando o Frank morreu essas suspeitas se transformaram em certezas.

— O sonho da mulher no porta-malas... — Ted disse, mais para si mesmo do que para Laura. Enquanto refletia, uma verdade forte como um punho o golpeou. Levantou a cabeça, os olhos bem abertos.

— O quê?

— O meu pai tentou me matar — ele disse, perplexo.

Laura tinha chegado à mesma conclusão.

— Uma das últimas vezes que falei com ele — Ted explicou — foi na universidade, quando ele me contou que o Blaine era meu irmão. Nesse dia eu estava tão bravo com ele pela maneira como tinha se comportado com a minha mãe e comigo que falei pela primeira vez dos sonhos nos quais eu via a mulher no porta-malas do Mustang.

Ele fez uma pausa.

Ted recorreu a seu olho mágico especial, mas não conseguia ver o banco do passageiro.

— Quando eu falei do sonho, ele deve ter percebido que cedo ou tarde eu ia me lembrar de tudo. O filho da puta foi atrás de mim na universidade na mesma noite.

— O Tyler estava com a sua namorada — Laura disse. — Além disso, ele estava usando o moletom da universidade.

Ted se levantou de repente. Um rato que o observava da abertura no chão voltou a se esconder.

— O canalha teve sorte até para morrer. Se eu tivesse lembrado antes... Agora não serve mais para nada.

— Sente-se, Ted, por favor. E não diga isso. Muitas famílias terão respostas.

— Sim, claro. Que um maníaco aterrorizou e esquartejou suas filhas. Bela resposta. O cara está morto, Laura. Morreu de câncer enquanto dormia. Consegue pensar em uma injustiça maior?

— Na verdade não. Mas nada disso é culpa sua.

Silêncio.

— Se eu tivesse lembrado antes...

— Nós chegamos até aqui com muito esforço, Ted. O tratamento e a medicação foram importantes, mas no fundo foi você que conseguiu. Você fez isso pela Holly, pelas meninas.

Ele assentiu. Sua família parecia parte de uma galáxia distante.

— Você lembra como soube de tudo isso, Ted? Foi a partir dos sonhos?

— Acho que não. — Ele não parecia totalmente convencido. — Os sonhos sempre estiveram ali. Acho que foi por causa do Blaine... Quando eu o vi na televisão e o reconheci como meu irmão, achei que talvez o meu pai tivesse assassinado a namorada dele, que tivesse feito isso como um favor ou algo assim. Foi um pensamento... inconsciente, acho... Não sei. Eu pensei que o meu pai tinha sido diagnosticado com um câncer terminal e que poderia ter feito aquilo.

— Entendo. E isso levantou suas suspeitas... esse pensamento.

— É, acho que sim. Por isso eu segui o Blaine. Precisava investigá-lo, saber se ele tinha algo a ver. Mas naquele momento eu já sabia o que o meu pai tinha feito... Foram os torneios de xadrez, Laura. Foi assim que eu descobri muitos dos assassinatos daquela época. Ele aproveitava as nossas viagens para matar mulheres indefesas.

— Olhe para mim, Ted. Nós já sabemos de tudo. O seu pai morreu e a sua família está te esperando. Olhe para mim.

— Você sabe que não é tão simples. Eu machuquei muito a minha família... — Os olhos de Ted se encheram de lágrimas. — Como está o Justin?

— Acho que continua em coma. Mas os médicos estão otimistas.

— Eu bati no meu amigo até quase matá-lo.

— Você estava confuso naquele momento. O peso da culpa pelos assassinatos te dominou, Ted. Você achava que era responsável e reagiu de modo irracional. Porque o Justin de alguma maneira descobriu tudo, não é?

— É, acho que sim. Eu soube que ele estava me seguindo. Eu o vi uma noite quando fugi da casa do Blaine. Ele estava do lado de fora, no carro dele. Contratei um detetive para segui-lo

e foi assim que eu soube que ele e a Holly estavam saindo. — Ted sorriu com resignação. — O pobre detetive deve ter acreditado que tinha descoberto algo grande, mas o caso entre eles não foi um problema para mim. O problema é que o Justin também me seguiu até aqui, e talvez tenha visto o que eu guardava naquela sala de cima, aquela onde você entrou.

— O Justin te chamou ao escritório dele para falar dos assassinatos?

— Na verdade eu não sei. Talvez ele quisesse falar de outra coisa. Mas já era tarde demais... Eu não estava enxergando as coisas com clareza; agora eu entendo.

— O Justin vai ficar bem e vai entender, tenho certeza. O seu quadro era severo naquele momento, Ted.

— É, eu sei. Eu já tinha tomado a decisão de me matar. Tinha ido ver o Robichaud por causa do testamento e achava que um tumor no cérebro estava me matando.

— Não acha que as coisas estão muito melhores agora?

Ted sabia que isso só seria verdade se o seu amigo se recuperasse.

— Acho que sim.

Laura ficou de pé. Ted a encarou com incredulidade, sem entender o que a doutora estava propondo. Nem sequer quando ela esticou a mão ele soube exatamente o que fazer.

— Você foi muito bem, Ted.

Ele se levantou um pouco desengonçado e apertou a mão dela.

— Obrigado por tudo, Laura — sussurrou. Sua voz estava quase sumindo.

Então ouviram um forte ruído nos fundos do porão, muito potente para ser causado por ratos. Laura deu um salto. Ted, por outro lado, sentiu um calafrio ao lembrar que tinha deixado o guarda amarrado ali. Meu Deus, tinha deixado cair um monte de máquinas de escrever em cima dele! Antes de abandoná-lo, Ted tinha comprovado que o homem respirava, mas podia ter sofrido alguma hemorragia interna ou algo parecido. Ele estava pensando nisso quando a figura de Lee Stillwell se ergueu como um totem cinza distante do cone de luz que iluminava apenas Ted e Laura.

Uma voz grave surgiu das sombras. Laura se virou e tomou um grande susto ao ver Lee de pé; quase tinha esquecido de sua existência.

— Deixe a gente ir embora agora mesmo, seu filho da puta — Lee falou.

O guarda tinha as mãos algemadas na altura do peito e segurava um objeto pequeno. Não era possível ver o que era àquela distância, até que uma chama minúscula surgiu com um estalo suave.



ÉPOCA ATUAL

Marcus estava no banco do passageiro. Bob dirigia. Falaram durante a primeira meia hora, mas depois a viagem transcorreu em silêncio, interrompido unicamente pelas comunicações com a equipe do FBI que tinha partido simultaneamente de Albany e chegaria antes deles.

Quando se encontravam a meia hora da propriedade, ocorreu o último contato com o FBI. Bob ouviu o que diziam do outro lado da linha; não parecia nada bom.

— Houve um incêndio, aparentemente criminoso — disse, depois de desligar. — Usaram algum acelerador, porque a propagação das chamas foi muito veloz.

— Um incêndio? — Marcus não entendia. Não queria fazer a pergunta que tanto temia.

— A unidade de Albany chegou e encontrou os bombeiros trabalhando. Alguém viu a fumaça e avisou, mas eles chegaram tarde.

— Como assim, chegaram tarde? — Marcus não conseguia se conter. — O que significa isso?

— Eles encontraram dois corpos. Só há um sobrevivente.

Marcus cobriu o rosto.

— Quem? — perguntou, da escuridão de suas mãos.



ÉPOCA ATUAL

Por alguma razão, Lee achou que ameaçar Ted com o isqueiro podia ser uma boa ideia. Ou o golpe impediu que pensasse com clareza, ou Lee nunca tinha ouvido falar dos vapores da gasolina, porque, assim que a pequena chama azul se transformou em uma grande bola de fogo, seu rosto se desfigurou pela surpresa. Seus olhos se arregalaram antes que o guarda começasse a se sacudir em uma dança frenética, gritando de dor, preso em uma esfera de chamas.

Laura e Ted não tiveram muito tempo para reagir. Uma parede de fogo avançou até eles, e os tentáculos azuis das chamas subiram por todos os lados. Afastaram-se o mais rápido que puderam, em direções opostas. Os gritos de Lee se tornaram cada vez mais aterrorizantes. O cheiro de carne queimada preenchia o ar.

O porão se dividiu em dois, e Laura ficou presa do lado oposto à porta. Enquanto o guarda dava os últimos gritos agonizantes, ela tentava encontrar um modo de passar para o outro lado, mas o fogo tinha formado uma barreira que avançava em sua direção, e a fumaça era cada vez mais densa. As lâmpadas explodiram uma por uma, pintando uma nova realidade laranja e pulsante. Os ratos guinchavam.

Ted gritou para ela que fosse até os fundos enquanto ele tentava mover o sofá verde, que ainda não tinha sido alcançado pelas chamas, para fazer uma ponte entre uma mesa e uns móveis empilhados. Não funcionou. As chamas lambeiram sua camisa, e ele precisou tirá-la e colocá-la na frente da boca para conseguir respirar. Gritou algo ininteligível.

— O quê?! — Laura se encontrava a uns dez metros de distância, mas, em vez de avançar, estava sendo obrigada a retroceder. Também tirou a camisa e respirava através dela, mas

mesmo assim começava a sentir que era cada vez mais difícil pensar.

Ted voltou a gritar, agora tirando a camisa da boca.

— O alçapão, Laura! Entre e feche a tampa.

Dessa vez Laura entendeu. No entanto, sabia que seria impossível obedecer. As chamas se interpunham entre ela e a abertura no chão.

— Ted, eu não consigo chegar!

Ele gritou mais alguma coisa, mas sua voz foi abafada pelo crepitar do fogo. A fumaça tinha se tornado muito densa, e respirar através do tecido da camisa já era quase impossível. Laura não aguentou mais e a tirou da boca. Um ataque de tosse a fez cair de joelhos. Não estava totalmente consciente do ardor nos olhos, até descobrir que rente ao chão o ar era um pouco mais respirável. Voltou a cobrir o rosto com a camisa e rastejou até a parede lateral. Pensou que a única chance que teria de escapar seria se arrastar pelo chão. Havia uma série de mesas de aço alinhadas que formavam uma espécie de túnel, pelo qual era possível avançar com relativa facilidade. O fogo interrompeu seu avanço em duas ou três oportunidades, e ela precisou se encostar ao máximo na parede ou até sair do túnel improvisado. À medida que se aproximava da saída, a fumaça se tornava mais densa, até mesmo ali embaixo.

No total, teria que percorrer cerca de oito metros. Parecia simples, mas no meio do caminho começou a pensar que não conseguiria. Uma cortina vermelha bloqueava totalmente a passagem. Se quisesse continuar, teria que sair do túnel, mas a situação não era muito melhor para os lados. Quando olhou para trás, viu que não podia mais voltar.

Laura gritou para Ted e não obteve resposta. Ele teria saído do porão ou estaria inconsciente? A polícia estava a caminho e poderia chegar a qualquer momento. Se ela alcançasse o alçapão e resistisse ali dentro por tempo suficiente, poderia gritar até alguém do lado de fora ouvir.

Mas para isso tinha que chegar ao alçapão, e não havia mais muito tempo. Ou tentava sair do túnel e chegar até a abertura, dando uma volta, ou continuava pelo caminho mais curto e cruzava aquela cortina de fogo. Tinha que tentar, por Walter.

Laura enrolou a camisa na cabeça, levantou o braço como um escudo e cruzou a toda a velocidade.

EPÍLOGO

DOIS ANOS DEPOIS

Randall Forster foi recebido com muitos aplausos. Havia três anos era a cara dos assuntos policiais do Channel 4, e isso o havia tornado muito popular. O caso de Frank McKay tinha sido determinante para sua ascensão meteórica. Ele era jovem, carismático e, o mais importante, sabia transitar pelo estreito limite entre o interesse popular, a morbidez e os tecnicismos de uma história escabrosa.

No telão localizado na lateral do palco se projetou o olhar penetrante que todos reconheceram. Embaixo, a seguinte legenda:

O ESQUARTEJADOR DE HAMHERSTVILLE
Frank Edmund McKay
1951-2011

O auditório ficou em silêncio. A voz do jornalista surgiu com gravidade pelo sistema de alto-falantes.

— Um lar de classe média na minúscula cidade de Hamherstville. Um pai que trabalhava turnos muito longos em uma metalúrgica e uma mãe que foi cozinheira, costureira, vendedora e faxineira. O pequeno Frank foi criado praticamente sozinho até os doze anos, quando nasceu sua irmã, Audrey.

Randall se movia pelo palco com a convicção de um grande orador. Com uma mão no bolso, o olhar alternando entre o público e o ar sobre as cabeças, era como se procurasse

vislumbrar um passado distante e revelador.

— É o pouco que sabemos desses primeiros anos. O que aconteceu no seio da família McKay é, e possivelmente vai continuar sendo, um mistério. Em 1964, Ralph e Teresa McKay se mudaram com os filhos para a capital, deixando para trás muito pouco para ser reconstruído tantos anos depois.

Na tela apareceu uma fotografia em preto e branco de um grupo de crianças na escola. Dois rostos estavam marcados com círculos, um deles de inconfundíveis olhos grandes e profundos.

— Frank aprendeu muito cedo a esconder seu verdadeiro caráter, a manipular as pessoas. Foi um aluno exemplar, com uma inteligência muito acima da média, que não causava problemas e era capaz de passar despercebido. Andrew Dobbins, talvez seu único amigo durante aqueles anos em Hamherstville, forneceu aquela que é, com total segurança, a única descrição de Frank McKay que reflete a verdadeira essência desse prolífico assassino em série.

Randall fez uma pausa premeditada. Tinha feito a mesma palestra um punhado de vezes — embora em circunstâncias diferentes — e sabia como despertar o interesse da plateia.

— Quando a verdade apareceu, todos aqueles que conheceram Frank McKay se mostraram horrorizados e surpresos, inclusive sua irmã, sua ex-esposa, seus vizinhos, seu sócio, todos... exceto Andrew Dobbins. Andrew Dobbins, que viu McKay pela última vez aos dez anos, porque sua família também se mudou da cidade, foi o único que acreditou que as notícias que percorriam o país poderiam ser verdadeiras. Na verdade, no fundo, ele *sabia* que eram verdadeiras. Porque Andrew Dobbins foi o primeiro e, como eu disse, talvez o único que olhou para o abismo e viu a verdadeira face deste homem.

Em algum momento a imagem na tela havia mudado. Agora aparecia um jovem Frank posando junto a um carro vermelho. Devia ter uns vinte anos, e à primeira vista seu rosto sorridente não chamava atenção. À medida que a imagem se aproximava, no entanto, algo em seus olhos parecia ultrapassar a barreira do tempo e do espaço, pousando em cada um dos presentes para revelar suas verdadeiras intenções.

— Frank McKay não foi um modelo de marido, nem um vizinho exemplar, muito menos um bom pai... mas aos olhos daqueles que o conheceram não era um assassino. *Não podia* ser um assassino. Era um homem temperamental, sim; um homem impulsivo, talvez. Mas assassino? Não, impossível. Quantas vezes ouvimos o mesmo de outros como ele? Porque, quando pessoas como McKay aprendem a se esconder debaixo dessa máscara de sanidade, tornam-se indetectáveis, caminham impunes entre nós. E é precisamente isso, essa habilidade de conseguir o que quer várias vezes, de se sentir superior aos outros, que os impulsiona a continuar. Não é só o desejo irrefreável de matar e causar danos, é também o ego de quem se acha todo-poderoso. Andrew Dobbins vivia a poucas casas de Frank. Iam juntos à escola, voltavam juntos, se tornaram amigos. Um dia Frank convidou Andrew para ir até sua casa. Era verão e seus pais estavam trabalhando, por isso estavam sozinhos. Disse que nesse dia não queria andar de bicicleta nem fazer as coisas que faziam normalmente. Levou Andrew até o

quintal e lhe mostrou uma série de frascos com aranhas, besouros e outros insetos grandes. Frank tinha uma navalha dobrável, que havia comprado de um menino mais velho e ninguém sabia que ele tinha, exceto Andrew. Era um segredo dos dois. Naquele dia, no jardim de sua casa, Frank pediu ao amigo que escolhesse um dos insetos presos. Andrew escolheu uma aranha média que parecia um pouco confusa. Imaginou que Frank fosse matar a aranha com sua navalha, nesse momento já sabia que ele era capaz de fazer isso, e a verdade é que não se inquietou muito. Quem nunca matou uma aranha? Andrew estava disposto a participar daquele jogo, sem imaginar que, na verdade, estava sendo posto à prova.

Apesar de o caso do esquartejador de Hamherstville ter sido objeto de análises exaustivas, a maioria dos comentaristas tinha se concentrado nas mortes que viriam depois. A imprensa gosta de caracterizar o monstro, mas muitas vezes se esquece da pessoa. Randall tinha descoberto que certos detalhes, como os que estava prestes a revelar, eram capazes de causar um impacto muito mais profundo que o assassinato mais aberrante. A plateia estava em total silêncio.

— Frank não matou a aranha com sua navalha, não a princípio. Cortou quatro patas e, com Andrew, observou enquanto ela tentava escapar, rindo ao comprovar que só conseguia dar voltas em círculos. Então Frank cortou outra pata, depois mais uma, enquanto explicava que não podia cortar muito perto do corpo porque senão a aranha morreria muito rápido. No fim, a pobre aranha tinha uma única pata, com a qual só conseguia se arrastar e girar ao redor de si mesma até morrer. Não foi só um jogo perverso, mas, como eu disse, um teste. No final daquele verão, Frank pediu a Andrew que fosse até a casa dele. Disse que tinha pensado em fazer uns testes *especiais*. Era como Frank se referia às mutilações de insetos, que os dois já tinham realizado três ou quatro vezes. Andrew ficou muito feliz, começava a sentir por seu amigo uma espécie de fascínio reverencial. Frank o levou até o jardim, mas dessa vez não estavam ali seus frascos com insetos, e sim uma cesta com um gato pequeno, de três ou quatro meses, como Andrew Dobbins estimaria muito tempo depois, quando com certa tristeza reconheceria que, apesar de ter intuído naquele momento as intenções de Frank, não se sentiu especialmente afetado. Não gostava muito de gatos... Frank amarrou as patas do gato usando cordas finas e o imobilizou e, enquanto o animal gritava desesperado, arrancou os olhos dele com a navalha, depois queimou com um isqueiro a barriga, as orelhas, o focinho... até que o gato não resistiu mais e morreu. Andrew parou de ir à casa de Frank quase de imediato, e possivelmente esse foi um aviso para o pequeno McKay. Um aviso do que podia acontecer se deixasse as pessoas verem sua verdadeira natureza.

O telão agora não projetava nenhuma imagem. Randall esperou alguns segundos até que apareceu o rosto de uma garota de uns vinte anos.

— Dificilmente Elizabeth Garth foi a primeira de suas vítimas, mas sem dúvida foi uma das primeiras, porque McKay não cometia seus assassinatos tão perto de Boston...

Randall fez uma pausa reflexiva, balançou lentamente a cabeça e acrescentou:

— Isso não é totalmente verdade, claro... mas já vamos chegar lá. No fim das contas, é o motivo principal pelo qual estamos reunidos hoje aqui. A forma como Frank McKay matou Elizabeth Garth, uma jovem mãe solteira, mostra que ele ainda estava em sua curva de aprendizagem. É provável até mesmo que tenha agido de modo precipitado. Não só a matou relativamente perto de sua casa como estabeleceu um contato com ela que poderia ter sido determinante para sua captura. Além disso, apesar de o corpo de Elizabeth apresentar alguns ferimentos de faca nos braços e nas pernas, um corte profundo na garganta provocou a morte em poucos segundos, algo muito diferente do sadismo e da tortura dos assassinatos que viriam depois. Em que pensou McKay depois de assassinar Elizabeth Garth? Eu apostaria no seguinte: um, que tinha experimentado um prazer extremo ao torturar e finalmente matar uma jovem indefesa, por isso sabia que faria aquilo de novo; e, dois, que se continuasse sendo imprudente terminaria preso, por isso teria que elaborar um sistema que lhe assegurasse poder continuar indefinidamente. Aconteceram no mínimo sete mortes entre 1983 e 1989, todas fora do estado. As vítimas eram mulheres jovens, mas aí terminam as coincidências. Frank matou com uma faca, com um martelo, até com as mãos. Escolhia suas vítimas ao acaso, restringindo ao mínimo o contato com elas. Durante aqueles anos, aproveitou os torneios de xadrez do filho, Ted, para justificar suas ausências. Viajava por mais de uma hora do lugar onde acontecia o torneio, escolhia sua vítima e a torturava e mutilava durante duas ou três horas. Poucas vezes vimos semelhante nível de crueldade, e, no entanto, encontrar um padrão que conectasse os crimes teria sido praticamente impossível.

Na tela apareceram os rostos das vítimas.

— Frank McKay morreu sem ser descoberto. Matou dezenove mulheres e dois homens, mas há suspeitas de que outros quinze assassinatos tenham sido de sua autoria. Nem sequer com sistemas atuais, como o ViCAP seria possível estabelecer um padrão.

Nesse momento foi projetado um labirinto circular no telão.

— Eu disse antes que possivelmente ninguém viu o verdadeiro Frank McKay, exceto seu amigo de infância Andrew Dobbins, mas talvez isso não seja totalmente correto. É possível que sua primeira esposa, Kristen McKay, que sofreu com suas surras e maus-tratos durante anos, tenha imaginado a maldade que habitava o íntimo do marido. Mas Kristen tinha problemas mentais, e sua situação era crítica durante aqueles anos de convivência. Ted, o filho mais velho de McKay, no entanto, foi testemunha do comportamento instável do pai. O pequeno Ted, um prodígio do xadrez que se tornaria um empresário de sucesso, era quem tinha a resposta.

Randall apontou para o centro do labirinto.

— Uma resposta que permaneceria oculta por anos, e cujo fascinante percurso vocês vão ter a oportunidade de conhecer em primeira mão.

A imagem do labirinto se afastou lentamente até mostrar que na verdade era a capa de um livro. *A última saída* era o título. Embaixo, em grandes letras vermelhas, estava o nome da autora.

— Senhoras e senhores, sem mais delongas, apresento a vocês a mulher que conseguiu fazer essa verdade finalmente vir à tona. Com vocês, a dra. Laura Hill.

Um aplauso acompanhou Laura, que caminhou com certa pressa até uma mesinha alta ao lado da tela. Era o terceiro evento de lançamento do livro, no entanto estava tão nervosa como na primeira vez. Procurou Dedee na primeira fileira, e só o fato de vê-la ali, aplaudindo com gosto, já lhe deu forças. Sua irmã sempre fora importante para ela, mas nos últimos tempos, com a demissão do Lavender e a consequente ruptura com Marcus, tinha se convertido em seu único pilar. Ela e Walter, claro, mas Dedee foi a única que a animou a terminar o livro quando as coisas no Lavender ficaram difíceis. “O manuscrito é excelente. Se os caras do hospital te deram um ultimato, eles que se ferrem. Quanto a esse seu namorado, não me surpreende que ele lave as mãos. Você sabe que eu nunca gostei dele.”

Dedee não havia se enganado.

— Bem-vinda!

— Obrigada, Randall.

Laura tinha escolhido para essa noite uma saia mostarda e uma blusa branca de manga comprida. *Sempre manga comprida*. Era justa, e, quando se sentou e cruzou as mãos no colo, olhou para ter certeza de que o pulso direito não tinha ficado exposto. Apenas uma faixa fina de pele queimada apareceu por baixo do punho.

— Antes de tudo — Randall continuou —, eu quero dizer que ter sido convidado esta noite é para mim um imenso prazer.

Laura assentiu.

— Foi uma introdução muito interessante.

— Obrigado.

O jornalista observou o telão, em que continuava projetada a capa do livro, e, como se acabasse de pensar naquilo, perguntou:

— Por que um labirinto, Laura?

— Ah... labirintos sempre me fascinaram. Eu cresci em Hawkmoon, na Carolina do Norte, e ali havia um pequeno parque de diversões. O dono, um homem encantador chamado Adams, manteve o parque aberto por muitos anos, contra todos os prognósticos, e a atração principal era um grande labirinto circular.

— Era um labirinto vegetal?

— Não era vegetal, mas tinha a particularidade de poder mudar de configuração. Havia uma série de portas que se abriam e fechavam, e os percursos eram diferentes a cada vez. O sr. Adams dizia que eram mais de mil, mas possivelmente estava exagerando. Um homem fantasiado de minotauro andava por ali e dificultava ainda mais a tarefa de sair. Nós, os menores, tínhamos muito medo. E a verdade é que poucas vezes eu vi alguém conseguir sair do labirinto. Eu e a minha irmã, que está comigo esta noite, costumávamos ir durante o verão, quase todos os dias. Havia um menino de que nós gostávamos que trabalhava ali.

Dedee apontou da plateia, formando palavras com os lábios: *Você é que gostava...*

Laura não pôde evitar um sorriso.

— Eu sempre me senti atraída por labirintos — continuou. — Tem alguma coisa na nossa forma de pensar que se parece com escapar de um labirinto.

— Ou ficar preso nele, eu acho.

— Exato! Por exemplo, nós entrávamos no labirinto de Hawkmoon por uma passagem que levava direto para o centro, e por algum motivo eu achava que, se escolhesse sempre o caminho que se afastava desse ponto, conseguiria sair. Claro que eu nunca consegui.

— Porque para sair às vezes é preciso retroceder. É isso?

— Isso mesmo. Quando Ted McKay chegou ao Lavender Memorial, era como se estivesse preso em um labirinto concebido pela própria mente dele.

— Sendo ele um homem brilhante, eu imagino que você tenha ficado bastante intrigada.

— Com certeza. Ele passava semanas preso em ciclos, dando voltas em círculos, sem chegar a lugar nenhum. Quando eu tentava forçar um pouco as coisas, guiá-lo para fora pelo caminho errado, como quando eu era menina no labirinto de Hawkmoon, ele voltava a se perder. Era preciso começar de novo.

— Ted McKay morreu no incêndio na fábrica abandonada — Randall disse, dotando a voz de certa gravidade. — Um incêndio do qual você, Laura, teve a sorte de escapar. Em certo sentido, essa história também foi o seu próprio labirinto. Concorde?

— É possível. Mas foi o Ted quem sofreu a pior parte, não só por ter perdido a vida, mas por ter que carregar um fardo pesado durante tantos anos. Este livro, Randall, fala desse percurso traumático e da maneira como ele escapou de uma armadilha montada por sua própria mente. Se não fosse pela força dele, eu não estaria aqui e nenhum desses crimes abomináveis teria sido esclarecido.

Um aplauso tímido foi se multiplicando no auditório até ocupar todo o lugar. Laura e Randall também aplaudiram.

— Uma das últimas coisas que o Ted me disse antes de morrer — Laura relatou — foi que para ele nada disso fazia sentido, agora que o pai estava morto. Mas você e eu sabemos da importância de conhecer a verdade...

— Ah, com certeza. Eu tive a oportunidade de falar com familiares das vítimas, e para muitos deles saber que o responsável não está mais entre nós significou um alívio.

— Também para a ex-mulher e as filhas do Ted, que tiveram que enfrentar a perda de um ente querido, e eu não posso nem imaginar o que isso significa. Mas pelo menos elas puderam vê-lo como ele realmente era: um homem com um grande coração que precisou carregar uma cruz que não lhe pertencia.

A apresentação se estendeu por mais meia hora. Randall era um excelente entrevistador, e a conversa entre os dois se desenvolveu com naturalidade.

Em seguida aconteceu a sessão de autógrafos, durante a qual Laura finalmente conseguiu relaxar e desfrutar das manifestações de afeto. Alguns olhavam dissimuladamente para a cicatriz que aparecia pelo punho de sua blusa, outros faziam comentários e formulavam perguntas. A

mais recorrente tinha a ver com Justin Lynch, de quem sabiam pelas notícias que havia saído do coma e nada mais. Ela dizia educadamente que não tinha contato com ele e que a autorização que a família dera para revelar informações terminara com a última página do livro.

Em determinado momento, Laura viu ao longe um homenzinho de óculos que não estava na fila. Devia ter uns cinquenta anos, talvez menos, e aguardava com o livro debaixo do braço e um meio sorriso no rosto.

A cada livro que entregava, Laura desviava a vista disfarçadamente e ali continuava o desconhecido, de pé, sempre no mesmo lugar. O salão começava a esvaziar quando um dos organizadores, um homem de quase dois metros de altura chamado Matthews, foi até a mesa onde estava Laura e ela perguntou se ele poderia se sentar ali com ela por um momento. Matthews concordou. Foi quando Óculos deixou seu canto e entrou na fila. O último.

Uma mulher enorme parou na frente da mesa e Laura perdeu contato visual com Óculos. A mulher era dessas pessoas que sorriem o tempo todo, transbordando energia.

— Estou tããããão feliz de estar aqui, gostei taaaaanto do seu livro.

Laura se obrigou a se concentrar nela, porque realmente parecia uma mulher encantadora e era evidente que tinha feito um esforço para chegar até ali.

— Eu vim de Vermont... Tenho família aqui, mas vim especialmente para o lançamento, srta. Hill. Você tem um grande talento.

Laura assentiu e escreveu algumas palavras na primeira página. Levantou a cabeça em busca do homem, mas não via mais que o abdome da mulher.

— Muito, muuuuito obrigada... Continue escrevendo, por favor. Posso falar uma coisa?

Laura sorria, mas temia que o sorriso estivesse se transformando em uma careta de incômodo. Onde estava Óculos? Imaginou-o com uma faca surgindo de trás da mulher. Por que achava que algo assim poderia acontecer com ela? Não era como se os assassinos em série tivessem um clube e estivessem bravos com ela. No entanto, não era a primeira vez que uma ideia desse tipo lhe passava pela cabeça.

— Eu me apaixonei um pouco pelo Ted. — A mulher falava e seu rosto ficava vermelho como brasa. — Ah, você vai pensar que eu sou uma tonta. Não estou falando de me apaixonar de verdade... É que a gente se apaixona pelos bons personagens.

Laura disse que entendia perfeitamente e agradeceu a presença. Entregou o livro e a mulher finalmente foi embora. Óculos continuava no fim da fila.

Dez minutos depois, Laura autografou dois exemplares para um casal e foi a vez do homenzinho.

— Não está me reconhecendo?

A voz dele era musical e contida. Se aquele homem era um assassino em série, era o mais encantador do mundo. Laura relaxou.

— Não, desculpe — ela disse. Mas nem bem pronunciou as palavras e seu cérebro fez a conexão.

— O meu nome é Arthur Robichaud — o homem de óculos revelou.

Laura tinha encontrado uma foto do advogado na internet, mas nunca o vira pessoalmente. Tiveram uma conversa breve por telefone, não totalmente agradável.

Robichaud olhou para os lados. Havia alguns grupos de pessoas no salão, mas estavam longe deles. O único que podia ouvi-los era Matthews, e Laura pediu que eles os deixasse sozinhos por um momento.

— Obrigado por mudar o meu nome — o advogado disse e se sentou.

— Foi você que pediu.

— Sim, claro, mas mesmo assim você poderia ter mantido. Eu peço desculpas se fui um pouco grosso quando nos falamos por telefone aquela vez, mas você deve entender que uma coisa assim poderia prejudicar o meu escritório.

— Não se preocupe.

Robichaud parecia inquieto. Ainda não tinha entregado o livro que trazia embaixo do braço.

— Eu não quis interromper você antes. Li o seu livro e achei muito bom. Parabéns.

Deixou o exemplar sobre a mesa.

— Obrigada. Apesar disso, eu tenho a sensação de que você veio por algo mais. Estou errada?

Robichaud negou com a cabeça, em silêncio. Olhou para o teto, como se as palavras que procurava estivessem escritas ali.

— Eu pensei muitas vezes no que vou contar, mas continua sendo extremamente difícil...

Laura não entendia. No livro ela havia reduzido a participação de Robichaud ao mínimo, em parte por causa do pedido expresso dele mesmo. O que ele teria para contar de tão importante?

— Eu não contei nem para a minha esposa — o advogado disse, agora com verdadeiro pesar. — Não falei para ninguém, mas você vai entender, ou espero que entenda.

— Estou ouvindo.

— O Ted foi à minha casa uma tarde, como você descreveu no livro. Era meu aniversário, algo que ele, claro, não sabia. Não é verdade que todos os nossos colegas de escola estavam ali, mas havia alguns. Quer dizer, o que você descreve no livro é bem parecido com o que aconteceu naquele dia. Ele e eu... nos reunimos no meu escritório para discutir assuntos relacionados ao testamento.

Laura o estudava.

— Todos os ciclos do Ted tinham base em episódios reais — explicou. — Eu falei com outras pessoas e comprovei.

Robichaud assentiu.

— Desculpe não ter falado com você antes. Eu... se eu soubesse... — Ele apoiou uma mão sobre o livro, como se estivesse prestando juramento.

— Não se preocupe.

— No livro, você fala de um gambá... O que significa exatamente?

Laura se remexeu na cadeira, surpreendida. Não tinha se aprofundado muito no gambá. Ted falara pouco dele, e a maior parte das referências vinha do que ela havia conversado com Mike Dawson, que tampouco tinha sido muito generoso ao fornecer detalhes.

— Por alguma razão, o Ted tinha medo dele — Laura contou, esboçando um sorriso compreensivo. — Deve ter sofrido algum incidente traumático, pelo menos é o que eu penso. Nunca perguntei.

Robichaud assentiu.

— Mas, nesses *ciclos*, que papel tinha o animal exatamente?

— Sr. Robichaud, tudo isso tem alguma importância para você?

— Tem.

— Posso saber qual?

— Naquele dia, no jardim da minha casa, o Ted pensou ter visto um gambá, como você descreve no livro. Bom, não exatamente igual. Ele não o viu num pneu velho, mas entre uns vasos da minha esposa.

Laura não pôde ocultar a perplexidade. Tinha assumido que a parte do relato em que aparecia o gambá não era real, mas fazia parte dos ciclos.

— Estou surpresa.

— Posso imaginar. Então, qual é o papel do gambá?

— Eu não sei com certeza, sr. Robichaud, mas acho que era o modo que o Ted tinha de se manter dentro dos ciclos... Cada vez que as coisas escapavam ao controle, o gambá estava ali. Eu sei que o Ted sonhava com ele de vez em quando, e é possível que a representação dele durante os ciclos fosse como uma espécie de guardião.

Robichaud fez uma pausa, refletindo.

— Como o minotauro do labirinto na sua cidade natal.

Nada mau para um advogado.

— Algo assim, suponho.

A sala agora estava completamente vazia.

— Eu vi o gambá naquele dia — Robichaud admitiu, de repente.

Laura ficou em silêncio.

— O Ted começou a gritar que havia um gambá no jardim, e vários dos meus amigos foram capturá-lo. Não encontraram nada. Mas eu estava no meu escritório, observando pela janela... e vi. Vi perfeitamente o momento em que ele se enfiou entre os vasos.

— Não sei o que dizer... Gambás existem. Certamente ele escapou.

— Tinha umas trinta pessoas ali, e ninguém viu o gambá sair. Os vasos ficam no meio do jardim, é impossível um animal sair dali sem ser visto. O Ted viu. Eu vi. Ninguém mais.

Robichaud ficou de pé, e Laura não soube o que fazer a não ser olhar para ele. O homem estendeu a mão e Laura a apertou.

— Agora você entende por que eu não consegui falar com você antes, não é?

Arthur Robichaud não esperou a resposta, pegou o livro que tinha deixado sobre a mesa, sorriu e foi embora, caminhando como alguém que havia tirado um grande peso das costas.

AGRADECIMENTOS

Este livro não foi escrito de um dia para o outro. Ted McKay ficou muito tempo em seu escritório esperando que o autor conseguisse vislumbrar as verdadeiras razões por trás de sua decisão. Felizmente, contou com a ajuda de várias pessoas.

A minha mãe, Luz, que ouviu com atenção as ideias preliminares deste livro, embora muitas delas não fizessem sentido. Ela e meu pai, Raúl Axat, me acompanham desde sempre em minha carreira de escritor.

A Patricia Sánchez, que conheceu esta história quando ela começava a tomar forma e que, com sua confiança e amizade, construiu as pontes necessárias para que ela chegasse à realidade.

A Maria Cardona, minha agente na Pontas Agency, que leu o manuscrito original e propôs mudanças vitais na trama. Obrigado, Maria, por me empurrar na direção certa!

A Anna Soler-Pont, a capitã do barco literário mais incrível, e a toda a sua equipe, por conseguir o impossível com este livro.

A Anna Soldevila e à equipe editorial da Destino, por trabalharem incansavelmente no manuscrito.

A meus irmãos, Ana Laura Axat e Gerónimo Axat, e a meu sobrinho, Ezequiel Sánchez Axat.

A Ariel Bosi e María Pia Garavaglia, pela leitura do manuscrito e por suas opiniões.

Aos colegas que admiro e respeito, e que me ajudaram com seus conselhos e exemplos: Raúl Ansola, Paul Pen, Montse de Paz e Dolores Redondo.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S.A.